

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Maria José Saenz Surita Pires de Almeida

Procedimentos rejuvenescedores no Brasil (1889-1940)

São Paulo
2023

MARIA JOSÉ SAENZ SURITA PIRES DE ALMEIDA

Procedimentos rejuvenescedores no Brasil (1889-1940)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Profa. Dra. Nanci Leonzo

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A447p Almeida, Maria José Saenz Surita Pires de
Procedimentos rejuvenescedores no Brasil
(1889-1940) / Maria José Saenz Surita Pires de
Almeida; orientadora Nanci Leonzo - São Paulo, 2023.
215 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Rejuvenescimento. 2. Estigma. 3. Velhice. I.
Leonzo, Nanci, orient. II. Título.

RESUMO

Procedimentos rejuvenescedores no Brasil (1889-1940)

Esta tese trata sobre os estigmas vividos por pessoas idosas no período entre 1889 e 1940, quando diversos processos rejuvenescedores foram divulgados pela imprensa brasileira abrindo a possibilidade de recuperar a juventude pela opoterapia e por procedimentos que se diversificaram com o passar do tempo. Injeções testiculares, dietas com produtos específicos, operações de vasoligadura, enxertos glandulares e injeções de parafina foram alguns tratamentos propagados até chegar às cirurgias plásticas. Documentos contidos em livros, teses e periódicos revelam como alguns médicos e a sociedade em geral reforçaram a pressão estética imposta às mulheres e aos homens, ressaltando-se os estereótipos negativos que associaram a velhice à fealdade e ao declínio físico e intelectual. A pesquisa inicia-se em 1889, quando o fisiologista francês Charles Edouard Brown-Séquard (1817-1894) anunciou ter descoberto um tratamento rejuvenescedor por meio de injeções contendo substância à base de trituração de testículos de cães ou porcos-da-índia. O término dá-se na década de 1940, quando substâncias sintéticas, a exemplo da progesterona e do estradiol, já eram desenvolvidas em laboratório e quando a cirurgia plástica com finalidade estética se firmava como especialidade no Brasil após o esforço dos cirurgiões pioneiros nesse campo da medicina.

Palavras-chave: Rejuvenescimento, estigma, velhice.

ABSTRACT

Rejuvenation procedures in Brazil (1889-1940)

This thesis discusses the stigma suffered by elderly people between 1889 and 1940, when various rejuvenating processes were reported in the Brazilian press, providing a possibility of regaining youth through opotherapy and other procedures which were diversified over time. Testicular injections, diets based on specific products, vasoligation surgeries, glandular grafts and paraffin injections were some of the widespread treatments before the development of plastic surgery. Documents found in periodicals, theses and books reveal how doctors and the society in general increased the esthetical pressure on both women and men, especially concerning the negative stereotype associated with oldness, ugliness as well as physical and mental decline at this stage of life. The research starts investigating 1889, when the French physiologist Edouard Brown-Séquard (1817-1894) announced that he had discovered a rejuvenation treatment using injections containing a substance made through the trituration of dog and Guinea pig testicles. It finishes in 1940, when synthetic substances such as progesterone and estradiol were already produced in laboratories and when aesthetic plastic surgery was recognized as a medical specialty in Brazil, after the effort of pioneer surgeons in this medical field.

Keywords: Rejuvenation, stigma, old age.

*Para Paulo, Pedro, João Guilherme e Luiza,
com amor.*

AGRADECIMENTOS

À Professora Nanci Leonzo, por sua preciosa orientação, generosidade e paciência durante os momentos mais difíceis deste trabalho.

Aos professores Gildo Magalhães dos Santos Filho, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, Sara Albieri e Francisco Queiroz.

Ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

À equipe da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional e a todas as pessoas que trabalham para tornar possível o acesso a documentos raros pela internet.

Aos meus alunos da Escola Municipal Antonio José Paniago, a quem tenho o privilégio de acompanhar na jornada transformadora que é a busca pelo conhecimento em todas as fases da vida.

Ao Paulo, companheiro de uma vida que tornou este trabalho possível. Aos meus filhos Pedro, João Guilherme e Luiza.

A juventude eterna é impossível; ainda que não houvesse nenhum outro impedimento, a auto-observação a tornaria impossível. (KAFKA, 1922)

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Propaganda para atrair potenciais clientes..... | 49 |
| Figura 2 – Como combater diariamente a velhice..... | 57 |
| Figura 3 - Anúncios oferecendo o tratamento com o método Brown-Séquard..... | 71 |
| Figura 4 - Anúncios oferecendo o tratamento com o método Brown-Séquard..... | 71 |
| Figura 5 - Anúncio do comércio farmacêutico da década de 1920..... | 90 |
| Figura 6 - Cirurgia de transplante de enxerto realizada por Voronoff no Hospital Evangélico, Rio de Janeiro..... | 98 |
| Figura 7 – Propaganda do remédio Vanadiol..... | 111 |
| Figura 8 – Propaganda do tratamento antissenil com injeções de rejuvenescimento.. | 112 |
| Figura 9 - A aplicação do método Voronoff, em Niterói..... | 114 |
| Figura 10 - Propaganda da drágea W-5 do dr. Kapp na segunda página do jornal carioca <i>A Noite</i> | 120 |
| Figura 11 - Propaganda de Silvino Pacheco de Araújo no <i>Jornal A União</i> | 124 |
| Figura 12 - Propaganda de Silvino Pacheco de Araújo no <i>Correio da Manhã</i> | 124 |
| Figura 13 – Propaganda do Dr. Roberto Freire..... | 137 |
| Figura 14 – Propaganda do Dr. Jayme Poggi de Figueiredo..... | 138 |
| Figura 15 – Entrevista de Egas Duarte no <i>Jornal A Manhã</i> | 139 |
| Figura 16 - Clínica da Dra. Maria Julia de Lara em Havana..... | 142 |
| Figura 17 – Instrumentos da Clínica da Dra. Maria Julia de Lara em Havana..... | 142 |
| Figura 18 – Propagando do Dr. Antônio Pires Rebello..... | 145 |
| Figura 19 - Cupom para as leitoras interessadas em ter esclarecidas suas dúvidas sobre cirurgias estéticas enviarem ao Dr. Pires..... | 146 |
| Figura 20 - Dr. Pires Rebello, um dos primeiros cirurgiões da beleza do Brasil, em pleno trabalho..... | 146 |
| Figura 21 – Propaganda sobre cirurgia estética realizada pelo Dr. Pires Rebello..... | 147 |
| Figura 22 – Dermo vitalizador sugerido pelo Dr. Pires para evitar o surgimento de rugas e papadas..... | 158 |
| Figura 23 – Anúncio do instituto de beleza de Inácia Camila de Oliveira Campos..... | 165 |
| Figura 24 - Procedimento de repuxamento realizado pelo Dr. Pires..... | 166 |
| Figura 25 – Anúncio de cirurgias plásticas estéticas realizadas por José Rebello Netto..... | 168 |
| Figura 26 - Anúncio de Suzanne Noel no Rio de Janeiro, RJ..... | 171 |
| Figura 27 - Anúncio da Clínica de Beleza CEDIB..... | 172 |
| Figura 28 - Publicidade na imprensa leiga da Dra. Suzanne Noel..... | 173 |
| Figura 29 – Retorno do anúncio da Dra. Suzanne Noel, em 1931..... | 174 |
| Figura 30 – Propaganda do Dr. David Adle..... | 176 |
| Figura 31 – Anúncio do Dr. Desidério Stapler..... | 177 |

| | |
|--|-----|
| Figura 32 – Propaganda do Dr. Antonio Prudente Meirelles de Moraes concorrente do Dr. Pires, que atuava em São Paulo e também fazia propaganda nos periódicos cariocas..... | 179 |
| Figura 33 – Propaganda do Dr. Fausto Campos..... | 190 |
| Figura 34 – O médico Fausto e Eduardo Campos, filhos da Madame Campos, entre as funcionárias da Academia Científica de Beleza Madame Campos..... | 190 |
| Figura 35 – Madame Campos..... | 191 |
| Figura 36 - Festa de inauguração das novas instalações da Academia Científica de Beleza Madame Campos, com a presença do embaixador de Portugal no Brasil, Nobre de Mello..... | 191 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1.1 REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: HIPÓTESES E PROBLEMAS..... | 16 |
| 1.2 NOTAS SOBRE OS CAPÍTULOS..... | 26 |
| 2 DEBATES SOBRE A VELHICE..... | 30 |
| 2.1 CONFLITOS DE GERAÇÕES..... | 30 |
| 2.2 LONGEVIDADE E CAPACIDADE MENTAL; MACRÓBIOS; SUICÍDIOS E OUTRAS QUESTÕES..... | 38 |
| 2.3 VELHICE E FEALDADE..... | 50 |
| 2.4 A BELA ILUSÃO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE DOIS MÉDICOS..... | 58 |
| 3 OS MODERNOS PROCESSOS REJUVENESCEDORES NO BRASIL..... | 64 |
| 3.1 A REPERCUSSÃO DO MÉTODO BROWN-SÈQUARD NO BRASIL..... | 64 |
| 3.2 A POLÊMICA VIAGEM DE ESTUDOS DE JOÃO MARCOLINO FRAGOSO..... | 72 |
| 3.3 ULYSSES PARANHOS: DO ELIXIR DA LONGA VIDA AO BIOINTER..... | 73 |
| 3.4 O GUARANÁ DE PEREIRA BARRETO..... | 80 |
| 3.5 IRABUSSU ROCHA, AUGUSTO LEITE E OUTROS ADEPTOS DO MÉTODO DE STEINACH..... | 85 |
| 3.6 OS ENXERTOS DE VORONOFF..... | 91 |
| 3.6.1 Opiniões e leituras de um admirador de Voronoff no Brasil..... | 101 |
| 3.6.2 Primeiras experiências..... | 107 |
| 3.6.3 A cirurgia de rejuvenescimento que acabou em queixa-crime..... | 113 |
| 3.7 OS TRATAMENTOS REJUVENESCEDORES: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DA ENDOCRINOLOGIA..... | 117 |
| 3.8 PÍLULA W-5, HEMOTERAPIA E SUPER RESPIRAÇÃO..... | 120 |
| 4 ESCULPINDO A CARNE VIVA..... | 126 |
| 4.1 VÍTIMAS DA PARAFINA..... | 129 |
| 4.2 PRIMEIRAS CIRURGIAS PLÁSTICAS NO BRASIL..... | 135 |
| 4.3 ANTONIO PIRES REBELLO, O <i>FABRICANTE DE MULHERES BELAS</i> , E OUTROS CIRURGIÕES DE SEU TEMPO..... | 144 |
| 4.4 JOSÉ PIRES REBELLO NETO: DE MÉDICO LEGISTA A PAI DA CIRURGIA PLÁSTICA BRASILEIRA..... | 166 |
| 4.5 ACUSAÇÕES, INSEGURANÇAS E OUTROS PERCALÇOS NA VIDA DOS PRIMEIROS CIRURGIÕES PLÁSTICOS BRASILEIROS..... | 170 |
| 4.6 INSTITUTOS DE BELEZA..... | 184 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 193 |
| FONTES..... | 198 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 205 |

1 INTRODUÇÃO

Em 1968, Nelson Rodrigues (1912-1980) escreveu um artigo criticando a imprensa brasileira por acusar a atriz estadunidense Joan Crawford (1904-1977) de estar envelhecida.¹ O jornalista relacionou esse fato a dois fenômenos que se retroalimentariam: a supervalorização da juventude e o desprezo pela velhice. Em seu texto, comentou ainda a situação de anciões que, na tentativa de rejuvenescer, estariam procurando conviver com pessoas mais jovens. O comportamento das mulheres também esteve na mira do polêmico intelectual ao registrar a suposta frase de uma jovem senhora: *Tenho mais medo da velhice que da morte*. Diante desse cenário, em que a fase final da vida estaria associada a uma condição de vergonha – e nostálgico com o Brasil de sua infância –, Nelson Rodrigues lembrou episódios vividos no final da década de 1910, quando, em sua opinião, a velhice era admirada como *utopia fascinante*, enquanto a juventude estaria mais voltada à *humilhação*. Para tentar ilustrar como seriam diferentes os valores do passado, contou que costumava espiar, por cima do muro, seu vizinho de oitenta anos, portador de uma hemiplegia (paralisia). E revelou: *Eu achava linda essa hemiplegia. Com meus sete anos, gostaria de tremer como ele e de ter a mão entrevada, os dedos recurvos*.²

As opiniões de Nelson Rodrigues devem ser compreendidas dentro das complexas relações entre memória e história. É preciso ainda ressaltar que, em seus escritos da década de 1960, o autor abordou uma questão que nos dias atuais é classificada como desafio global pela Organização das Nações Unidas (ONU). Eu me refiro ao ageísmo, ou seja, a toda forma de discriminação, estereótipos e preconceito etário que atingem especialmente as pessoas idosas. O período entre os anos de 2021 a 2030 foi declarado como a *Década do Envelhecimento Saudável*, conforme a ONU. A proposta seria unir governos, sociedades e setores privados em um esforço mundial no sentido de promover a longevidade de forma saudável, inclusive por meio do aumento em investimentos na saúde pública. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), pessoas a partir de 60 anos são consideradas idosas.³

O enfrentamento aos preconceitos contra os idosos se intensificou na época em que Nelson Rodrigues escreveu os excertos aqui apresentados, na segunda metade da década de 1960. Nesse período, o médico estadunidense Robert Butler (1927-2010) cunhou o termo ageísmo para se referir

¹RODRIGUES, N. O septuagenário nato. In: RODRIGUES, N. **O óbvio ululante**: as primeiras confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007. 147-151. Sobre as críticas da imprensa à aparência de Joan Crawford ver: JOAN Crawford está em cena no Rio como mulher de negócios. **O Jornal**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 14163, p. 11, 28 nov. 1967.

²RODRIGUES, op. cit., p. 149.

³ONU. Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável. Nações Unidas Brasil, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento-saudavel> Acesso em: 25 nov. 2021.

às práticas discriminatórias contra os idosos.⁴ Foi ainda nessa época que no Brasil passou a ser inadequado socialmente ser chamado de velho, na opinião de Alda Britto da Motta.⁵ Na década seguinte, a temática viria a ser explorada por Mário Filizzola ao denunciar o *etarismo descontrolado e cruel* exposto com a situação de desassistência vivida pelos idosos brasileiros.⁶ Apesar das evidentes tentativas de enfrentamento, tudo indica que o problema persistiu com o passar do tempo.

No Brasil, a população de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos saltou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, no período de 2012 a 2021, conforme o IBGE.⁷ Dados sobre o envelhecimento populacional são acompanhados atentamente pela indústria da beleza, inclusive os setores que se dedicam a camuflar ou retardar os sinais característicos da velhice por meio de intervenções estéticas, procedimentos nas áreas da dermatologia, endocrinologia e cirurgia plástica.⁸ A demanda por padrões estéticos associados à juventude deveria ser mais estudada do ponto de vista histórico, sobretudo por seus potenciais danos à saúde. Eu me refiro aos tratamentos invasivos e eventuais riscos de complicações, mutilações e até mortes fartamente divulgados pela imprensa e que frequentemente terminam em litígio – seja em ações judiciais de pacientes contra seus médicos ou então envolvendo profissionais de diferentes áreas, violadores da lei que dispõe sobre o exercício da medicina no Brasil.⁹ Diante do aumento da expectativa de vida, portanto, a busca pelo rejuvenescimento é um dos temas relacionados à velhice que precisam ser discutidos. Conforme pesquisa sobre o assunto, o medo de se sentir feio e rejeitado seria a maior preocupação das pessoas com mais de 50 anos no Brasil.¹⁰

Desde o início do século XXI, a relação entre a bioética e a importância cada vez maior atribuída à aparência física vem merecendo estudos na área da psicologia e da medicina. Um desses trabalhos, de autoria de Paulo P. Neto e Sandra Caponi, destacou a *medicalização da aparência* para se referir à forma como a medicina da beleza avaliaria seu objeto. Nesse sentido, a aparência física estaria colocada em termos de patologia e normalidade a partir de variações estéticas

⁴BUTLER, R. N. Ageism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, v. 9, n. 4, Part 1, p. 243–246, Winter, 1969. Disponível em: https://doi.org/10.1093/geront/9.4_Part_1.243. Acesso em: 29 dez. 2021.

⁵BRITTO DA MOTTA, A. Mulheres velhas: elas começam a aparecer. In: PINSK, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 92.

⁶FILIZZOLA, M. *A velhice no Brasil: etarismo e civilização*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1972. p. 15.

⁷CABRAL, U. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021**. Disponível em <http://www.agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 jun. 2023.

⁸VELOSO, A. **Envelhecimento da população brasileira abre oportunidade para a indústria de cosméticos**. 2016. Disponível em: <https://www.brazilbeautynews.com/envelhecimento-da-populacao-brasileira-abre,1591>. Acesso em: 28 nov. 2019.

⁹Conforme a Lei 18.842/13, somente médicos podem indicar ou executar tratamentos procedimentos invasivos, sejam diagnósticos, terapêuticos ou estéticos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12842.htm. Acesso em: 28 out. 2018.

¹⁰PREITE SOBRINHO, W. **Brasileiro com mais de 50 tem mais medo de ficar feio que pobre, diz estudo**. Disponível em: <https://www.ilocomotiva.com.br/single-post/2019/04/25/UOL-Brasileiro-com-mais-de-50-tem-mais-medo-de-ficar-feio-que-pobre-diz-estudo>. Acesso em: 27 fev. 2020.

indesejáveis ou não. O referido estudo apontou para a necessidade de reflexão sobre a forma como tais variações passaram a ser consideradas como anomalias, incluindo o processo histórico em que se deu a construção de determinadas normas e de padrões de beleza a serem seguidos.¹¹

O ageísmo é definido pela OMS como *estereótipo, preconceito e discriminação de pessoas com base na idade. O preconceito de idade atravessa o curso da vida e decorre da percepção de que uma pessoa pode ser muito velha ou jovem demais para ser ou fazer algo*. Conforme pesquisa feita com mais de 83 mil pessoas em 57 países, concluiu-se que uma em cada duas pessoas demonstraram algum grau de discriminação relacionada à idade, indicando que se trata de uma condição incontestável e ainda aceita socialmente.¹²

O preconceito de idade fundamenta-se em estereótipos negativos relacionados à velhice, frequentemente caracterizada como uma fase de dependência, declínio físico e intelectual. Para A. Officer e Vania de la Fuente-Nunez, esse fato contribuiu para *explicar por que as pessoas mais velhas costumam tentar permanecer jovens, sentem vergonha de envelhecer e limitam o que pensam que podem fazer em vez de se orgulhar das conquistas do envelhecimento*.¹³

Em seu clássico *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, a psicóloga Ecléa Bosi (1936-2017) escreveu as memórias biográficas de oito idosos. Embora os relatos tenham ressaltado questões ligadas ao espaço urbano, política e sociedade, pelo menos dois trechos revelaram alguma percepção do envelhecimento. Uma das entrevistadas, ao explicar por que as mulheres da geração de sua mãe, que viveu no século XIX, envelheciam mais precocemente, atribuiu tal fato às vestimentas, à mentalidade e ao estilo de vida determinado por normas sociais muito rígidas.¹⁴ Outro idoso, morador de um asilo, revelou que o ato de recordar e contar fatos passados à autora do livro seria uma ação benéfica a ponto de fazê-lo sentir rejuvenescido.¹⁵ Parece-me uma exceção.

A dificuldade de encontrar uma documentação sistemática sobre as mulheres brasileiras, *eternas prisioneiras da vida privada e do cotidiano*, tanto no século XIX quanto na primeira década do século XX foi, também, uma questão apontada pela socióloga Alda Britto da Motta. Com as mulheres idosas, esse problema seria ainda maior.¹⁶ Nesse sentido, os jornais leigos e textos de autoria de médicos são fontes valiosas porque revelam os preconceitos que rondavam a vida das

¹¹POLI NETO, P.; CAPONI, S. N. C. **A medicalização da beleza**. set./dez. 2007. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-32832007000300012&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2020.

¹²OFFICER A. de la F-N. V. Uma campanha global para combater o preconceito de idade. **Bull World Health Organ**, v. 96, n. 4, p. 295-296. 1 abr. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29695887/>. Acesso em: 19 dez. 2021.

¹³Idem, op. cit.

¹⁴BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo. Companhia das Letras, 1994. p. 320.

¹⁵Idem, op. cit., p. 39, 479.

¹⁶BRITTO DA MOTTA, op. cit., p. 84.

idosas no passado e permitem investigar a forma como as mulheres com condição social mais privilegiada lutavam para ocultar as marcas do tempo, inclusive por meio de procedimentos arriscados.

Por acreditar, com base em renomados historiadores, que o estudo do passado só faz sentido quando parte de inquietações sobre o presente, e, diante de meu inconformismo com essa questão, investiguei terapias e tratamentos rejuvenescedores desenvolvidos no Brasil, no período entre o final do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Em minhas pesquisas, guiei-me pela implacável vontade de compreender de que tratou o historiador francês Ivan Jablonka e com quem compartilho a certeza de que quanto mais se avança, mais o horizonte recua.¹⁷

Para a historiadora inglesa Pat Thane (1945-) e outros, o trabalho do fisiologista francês Charles Edouard Brown-Séquard (1817-1894) estabeleceu a base para a endocrinologia moderna. Sucessor de Claude Bernard (1813-1878) no cargo de professor de medicina experimental no *Collège de France*, em Paris, Brown-Séquard causou grande controvérsia em 1889, quando, aos 72 anos, afirmou ter alcançado o rejuvenescimento após ter aplicado injeções em si mesmo com extrato de testículos de cobaias.¹⁸

O tema dos processos rejuvenescedores mereceu destaque dentro de uma investigação mais ampla sobre velhice e longevidade feita pelo pesquisador Ilia Stambler, da Universidade Ben-Gurion, em Israel. Para ele, diversos campos na área da medicina nasceram em decorrência dos trabalhos desenvolvidos por médicos e cientistas europeus ligados às pesquisas sobre rejuvenescimento no período entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse sentido, a terapia de reposição hormonal teria sua origem com Brown-Séquard e seus extratos de glândulas animais. Da mesma forma, as dietas probióticas teriam sido originadas pelo bacteriologista russo Elie Metchnikoff (1845-1916). As cirurgias de mudança de sexo e a disseminação de controle cirúrgico por meio de vasectomia e ligadura de trompas de falópio seriam procedimentos que deveram muito às operações de rejuvenescimento por meio dos procedimentos do fisiologista austríaco Eugen Steinach (1861-1944). Stambler ainda associou o cirurgião russo Serge Abrahamovitch Voronoff (1866-1951) com o posterior desenvolvimento de técnicas para transplantes de órgãos entre duas espécies diferentes e que vêm avançando na atualidade.¹⁹

¹⁷JABLONKA, I. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas ciências sociais. Tradução Verónica Galíndez. Brasília: Editora UnB, 2020. p. 240.

¹⁸THANE, P. Geriatrics. In: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 2, p. 1092-1115. Ver também: TANSEY, E. M. The physiological tradition. In: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 1, p. 120-152.

¹⁹STAMBLER, I. The unexpected outcomes of anti-aging, rejuvenation, and life extension studies: an origin of modern therapies. **Rejuvenation Research**, v. 17, n. 3, p. 297-305, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ilia-Stambler/publication/260193384_The_Unexpected_Outcomes_of_

Com relação às cirurgias plásticas, que constituem outro tema relacionado com os processos rejuvenescedores abordados nesta tese, uma teoria interessante para explicar por que as pessoas recorreriam a essas intervenções na tentativa de dissimular os sinais característicos da velhice foi desenvolvida por Sander Gilman (1944 -), um historiador estadunidense pouco citado no Brasil. Para ele, por meio das cirurgias plásticas, as pessoas estigmatizadas desejariam passar *despercebidas* dentro de uma determinada comunidade da qual se sentiriam excluídas por razões ligadas ao aspecto físico. Nesse caso, a cirurgia plástica seria um mecanismo que lhes possibilitaria serem vistas como parte de um grupo com o qual desejariam se identificar. Segundo, ainda, Gilman, as categorias médicas possuem suas respectivas antíteses, sendo que todas são definidas socialmente em positivas ou negativas. Assim, as pessoas estigmatizadas buscariam mover-se de uma categoria negativa (velhice) para outra positiva (juventude).²⁰

1.1 REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS, HIPÓTESES E PROBLEMAS

A proposta de Gilman vai ao encontro das ideias do filósofo e sociólogo canadense doutorado pela Universidade de Chicago, Erwin Goffman (1922-1982), que acredito ser a melhor abordagem para compreender a forma como os idosos foram afetados pelos processos rejuvenescedores tratados nesta tese. Em artigo publicado por ocasião da morte de Goffman, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) intitulou-o como *o descobridor do infinitamente pequeno*, referindo-se à maneira atenta com que tratou detalhes nem sempre óbvios e que passaram despercebidos por outros autores. Destacou a relevância de sua obra para especialistas de várias áreas, como psicologia, psiquiatria e linguística, entre outros campos.²¹ Erving Goffman escreveu onze livros sobre sociologia da interação social, publicados de 1959 a 1982. No Brasil, um dos primeiros a se interessar por sua perspectiva no que se refere ao estigma foi o pioneiro da Antropologia urbana Gilberto Velho (1945-2012). A influência de Goffman o acompanhou desde

Anti-Aging_Rejuvenation_and_Life_Extension_Studies_An_Origin_of_Modern_Therapies/links/58d3a7cdaca2723c0a78fdf7/The-Unexpected-Outcomes-of-Anti-Aging-Rejuvenation-and-Life-Extension-Studies-An-Origin-of-Modern-Therapies.pdf . Acesso em: 23 jul. 2022.

²⁰GILMAN, S. **Making the body beautiful**: a cultural history of Aesthetic Surgery. Princeton University Press, 1999. p. 22 -24.

²¹BOURDIEU, P. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, E. (Org.). Erving Goffman: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. p. 11-12.

sua dissertação de mestrado, concluída em 1971.²² Na atualidade, o sociólogo canadense continua sendo referência para pesquisadores de vários campos do conhecimento.²³

A obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* foi publicada em 1963 nos Estados Unidos e somente em 1975 no Brasil. O termo *estigma* foi conceituado pelo autor como *um atributo profundamente depreciativo* que impediria uma pessoa de ser aceita por um grupo social. Goffman abordou três tipos de estigmas referentes às seguintes situações: as *abominações do corpo*, categoria que engloba as deformidades físicas; as *culpas de caráter individual*, percebidas em casos de distúrbios mentais, vícios e crimes, entre outros; e, *por último, os estigmas tribais de raça, nação e religião*. Os *desacreditados* seriam aqueles cujo atributo negativo é identificado no momento exato em que outras pessoas lhe dirigem o olhar, enquanto os *desacreditáveis* poderiam manter essa característica inicialmente oculta.²⁴

Seguindo esses pressupostos, as pessoas idosas estigmatizadas por seu aspecto físico, no período entre os séculos XIX e XX, estariam na categoria dos *desacreditados* devido aos traços característicos da velhice marcadamente notados por meio da pele fina, enrugada e flácida, cabelos ralos, falta de dentes, seios caídos e andar arqueado. Esses foram alguns elementos descritos por jornalistas e médicos no período por mim pesquisado. Seguindo a complexa teoria de Goffman, ainda dependente de estudos especializados, acredito que além de serem considerados desacreditados em virtude das *abominações do corpo* associadas à aparência física característica desta fase da vida, os velhos não estariam totalmente livres das *culpas de caráter individual*. A razão para tal afirmação se justifica porque, embora em pouca quantidade, encontrei textos publicados em periódicos associando aspectos da aparência na fase da velhice com a moral da pessoa idosa, conforme será tratado nesta tese.

O estigma é imputado por pessoas que Goffman denominou de “normais”, referindo-se a *nós e os que não se afastam negativamente de determinadas expectativas particulares*.²⁵ Os normais seriam as pessoas jovens. Contudo, ao tratar do conceito de *ser humano normal*, o autor não apontou com exatidão a sua origem, mas afirmou que ela passa pela *abordagem médica da*

²²VELHO, G. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. In: GASTALDO, E. (Org.). **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. p. 37-45.

²³Ver, por exemplo, MORANDO, E. M. G.; SCHMITT, J. C., FERREIRA, M. E. C.; MÁRMORA, C. H. C. O conceito de estigma de Goffman aplicado à velhice. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. **Revista INFAD de Psicologia**, Badajoz: INFAD, v. 12, n. 2, p. 21-32, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3498/349857778002/349857778002.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

²⁴GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013 [1963] p. 13-14.

²⁵Idem, op. cit., p. 14-15.

humanidade ou pelas tendências das organizações burocráticas ao tratar todos os seus membros como iguais em determinados aspectos.²⁶

Os tratamentos rejuvenescedores podem ser compreendidos como uma tentativa de resistência por parte dos velhos estigmatizados ao tentarem corrigir sua condição, por exemplo, por meio da cirurgia plástica. No entanto, é importante observar que, após ter se submetido à cirurgia plástica, a pessoa estigmatizada não atingiria um *status* considerado absolutamente normal, mas passaria a ser vista como alguém que tentou corrigir seu *defeito*. Ainda à luz da interpretação de Goffman, a busca pelo rejuvenescimento - não apenas por meio das cirurgias plásticas, mas também com o uso de tinturas para cabelos, procedimentos estéticos e outros artifícios - pode ser interpretada como uma estratégia de *acobertamento*. As pessoas desacreditadas, ou seja, aquelas com *abominações do corpo* imediatamente visíveis, como o caso dos velhos, frequentemente se esforçariam para que estes não fossem tão aparentes. Através dessas dissimulações, a intenção seria alcançar a aceitação, ou seja, *reduzir as tensões em suas interações*.²⁷ A teoria de Goffman permite supor que devido aos estigmas sofridos, os velhos que viveram no período estudado podem ter sido impedidos de serem reconhecidas ou valorizadas quaisquer qualidades que eventualmente possuíssem.

Embora os estigmas atribuídos à velhice sejam meu principal objetivo nessa tese, recorro também à obra do médico polonês Ludwic Fleck (1896-1961).²⁸ Partindo do pressuposto de que os fatos científicos se constroem de forma coletiva, Fleck compreendeu a atuação dos médicos inserida em um processo determinado pelo contexto histórico e cultural de cada época. Para Mauro L. Condé, a obra de Fleck não pressupõe a ciência a partir de eventos revolucionários, mas sim como uma *mutação continuada*.²⁹ No caso dos médicos que se dedicaram aos procedimentos rejuvenescedores, acredito que esta seja a melhor abordagem.

Um conceituado autor que pesquisou o tema velhice no período da Antiguidade até o Renascimento foi o historiador francês George Minois (1946-). Ele notou que, em diversas sociedades, houve uma tendência por parte das pessoas velhas de reclamar da idade avançada, mas ao mesmo tempo de tentar prolongar suas vidas.³⁰ Observou em pessoas de diferentes idades a

²⁶GOFFMAN, op. cit., p. 16.

²⁷Idem., op. cit., p. 14-19, 113.

²⁸FLECK, Ludwick. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**: introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento. Tradução de Georg Ott e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].

²⁹CONDÉ, M. L. Paradigmas versus Estilo de Pensamento na História da Ciência. In: Figueiredo, B. G.; CONDÉ, M. L. (Orgs.). **Ciência, história e teoria**. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2005.

³⁰MINOIS, G. **History of old age**. Translated by Sarah Hanbury Tenison. Chicago: University of Chicago Press, 1989. p. 18.

predileção pela juventude ao invés da velhice, o que me pareceu, à primeira vista, óbvio. Todavia, optei por inserir algumas linhas sobre suas justificativas. Desde os primórdios da história, os idosos de modo geral lamentaram pela juventude perdida enquanto os jovens temeram a chegada da velhice porque no mundo ocidental cristão, esta seria encarada como *um mal, uma enfermidade e um triste tempo de preparação para a morte*. Aliás, em determinadas circunstâncias, a morte muitas vezes seria encarada com mais simpatia do que a própria velhice porque significaria a *libertação*. Diante desse quadro, concluiu que a ideia de alcançar a *fonte da juventude* foi sempre considerada a esperança mais irracional do homem no Ocidente. Assim, o rejuvenescimento como um antigo sonho da humanidade surgiu por diversas vezes na mitologia.³¹ Essa observação encontra sintonia na teoria de Goffman, que, por sua vez, atribuiu aos gregos a criação do termo *estigma* para se referir a sinais corporais com que se destacava algo negativo sobre uma pessoa. O certo é que a ideia de estigma vem sendo construída em função de contextos históricos e culturais.³²

Vale lembrar, ainda, que uma das explicações de Minois para se preferir a juventude à velhice estaria no fato de que as sociedades por ele estudadas, da Antiguidade à Renascença, valorizaram predominantemente dois atributos próprios da juventude: a força e o vigor físico. Ao analisar fontes históricas referentes à Grécia Antiga, marcadamente caracterizada pela busca de ideais de beleza e perfeição, observou que a velhice seria um tema geralmente tratado no nível dos *grandes mistérios*, demandando questionamentos comuns a questões como a dor e o sofrimento, sendo associada às maldições divinas. Nesse sentido, a decrepitude poderia ser considerada uma *maldição* pior do que a morte porque em tal fase da vida, fragilidades físicas impediriam os homens de ir à guerra, que era um dos elementos mais valorizados na época.³³ Outro ponto fundamental em suas pesquisas foi a identificação do Renascimento como uma fase em que se enfatizou a *luta contra a velhice*, quando diversos meios disponíveis parecem ter sido usados na tentativa de prolongar a juventude e evitar o envelhecimento por meio da medicina, da magia e das feitiçarias.³⁴

A importância que a beleza foi adquirindo com o passar do tempo chamou a atenção de Minois. Em sua opinião, o que determinaria o *status* das pessoas velhas na sociedade seria resultado de três fatores. Um deles, que mais interessa a esta pesquisa, é relacionado às características físicas. Assim, sociedades que se entregaram ao culto da beleza física tenderam a depreciar a velhice, como foi o caso da Europa durante a Renascença. Por outro lado, no decorrer da Idade Média, quando os ideais de beleza espiritual foram extremamente valorizados, o rosto enrugado não representaria uma

³¹MINOIS, op. cit., p. 98.

³²GOFFMAN, op. cit., p. 11.

³³MINOIS, 1989, p. 43-44.

³⁴Idem, op. cit., p. 250-251.

preocupação para as pessoas.³⁵ Além da importância atribuída às características físicas, outros fatores determinaram o *status* dos idosos no âmbito da sociedade, conforme Minois. Um deles seria a fragilidade física própria desta fase da vida. Isto explicaria por que a condição dos velhos seria pior em sociedades mais anárquicas onde prevaleceria a lei do mais forte. Como exemplo, citou especificamente a realidade dos francos do século V ao VIII, durante a dinastia Merovíngia. Mais um fator determinante na construção da condição social do idoso seriam o conhecimento e a sabedoria atribuídos à longevidade. A valorização desses atributos explicaria por que as civilizações que se fundaram na memória foram mais simpáticas com seus idosos, já que nessas condições as pessoas velhas teriam importância ao representarem um elo entre as gerações mais novas e a memória coletiva. Por esse motivo, os livros impressos foram considerados, durante algum tempo, *inimigos dos velhos*. Outro apontamento interessante foi com relação à forte exigência sobre os velhos no sentido de que, para serem aceitos socialmente, deveriam ser perfeitos quanto à sabedoria infalível, sem erros nem fragilidades. Assim, sentimentos comuns aos seres humanos, como amor e ciúmes, pareceriam repugnantes quando partissem de uma pessoa idosa.³⁶

O sentimento negativo com relação à velhice, que esteve em grande medida presente no período pesquisado por George Minois, prevaleceu com o passar do tempo e contribuiu para perpetuar preconceitos e estigmas contra as pessoas de idade avançada. Para ele, as pessoas que chegaram à velhice foram julgadas pelo modelo imposto por diferentes sociedades e quanto mais esse modelo fosse idealizado, mais cruel e exigente seria a sociedade e mais difícil a integração dos idosos.³⁷

Quando tinha 62 anos de idade, a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) escreveu *A velhice*. A primeira edição foi publicada em 1970 e denunciou uma série de problemas vividos por pessoas dessa faixa etária naquela época. A autora cobrou políticas para o aumento das pensões, melhores moradias e acesso ao lazer, entre outras reivindicações para melhorar as condições de vida dos idosos. Para compreender questões contemporâneas, investigou a forma como os velhos foram tratados em diferentes sociedades desde a Antiguidade. Simone de Beauvoir admitiu que a idade avançada tinha *papel honorífico* na Grécia Antiga, mas observou que o poder estaria concretamente nas mãos dos jovens. Citou trechos dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia* e em um deles, por exemplo, estaria escrito que *os deuses também odeiam a velhice*. Em sua análise sobre diferentes momentos da história da humanidade, merece destaque a análise com relação ao século XIX, onde apontou a forma como os operários envelhecidos foram explorados durante o

³⁵MINOIS, 1989, p. 305.

³⁶Idem, op. cit., p. 303-304.

³⁷Idem, op. cit., 307.

nascente capitalismo da Inglaterra. Não eram explorados diretamente porque já não podiam trabalhar, mas eram *abandonados com as mãos vazias*.³⁸

A velhice do ponto de vista estético mereceu considerações do historiador francês Georges Vigarello (1941-) em sua pesquisa sobre a influência do contexto cultural, social e político no conceito de beleza, do Renascimento aos dias atuais.³⁹ Ao analisar um romance escrito no século XV, o autor identificou uma curiosa hierarquia entre as mulheres, com relação à beleza e idade, a partir do olhar masculino. Assim, a expressão *em melhor ponto a cada dia* foi usada em referência a uma moça. Já uma mulher jovem foi descrita no texto como *muito bela e em bom ponto*. Por último, *em mau ponto*, foram palavras usadas para qualificar a mulher já envelhecida.⁴⁰

Com relação ao século XVI, Vigarello destacou escritos abordando a necessidade de prolongar a *aparência de adolescente*, relatando que esses procedimentos seriam *investimentos socialmente diferenciados* por serem mais caros. Talvez por esse motivo os efeitos da velhice e do envelhecimento da pele foram pouco estudados no período, embora tenham sido *definitivamente discriminadores*, de acordo com o autor.⁴¹ Ao analisar a representação feminina por meio de pinturas da mesma época, outro historiador francês, Jean Delumeau (1923-2020), analisou uma estampa popular parisiense da segunda metade do século XVI, na qual o sentimento da inveja foi representado concretamente por uma mulher velha com aparência assustadora e nua, sendo mordida por serpentes.⁴² Enfim, como ser maligno.

Ao analisar tratados de beleza e novelas escritos no século XVII, Vigarello identificou a existência de *expurgadores para rejuvenescer a tez*. Nesse período, as mulheres já usavam artifícios para ressaltar os atributos naturais, por meio de penteados, maquiagens e espartilhos. Ainda no século XVII, a rainha da França Marie Thérèse (1638-1683) parou de vestir roupas vermelhas aos 39 anos com a justificativa de ser considerada muito velha, enquanto um tratado de beleza da época atribuiu o uso de enfeites apenas para a fase da juventude. No decorrer do século XVIII, Vigarello notou haver uma separação entre a beleza divina e ideal e a beleza humana do indivíduo, sendo que a segunda estaria fortemente atrelada à volúpia. Identificou ainda o fascínio pela diversidade da beleza individualizada presente em grande quantidade de documentos por ele analisados – desde artigos da *Encyclopédia*, de Denis Diderot (1713-1784) e Jean le Rond d'Alambert (1717-1783),

³⁸BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Tradução Maria H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 13, 122, 663.

³⁹VIGARELLO, G. **História da beleza**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

⁴⁰Les Cent Nouvelles nouvelles (1462), *Counteurs français du XVI^e*. Paris: Gallimard, 1956, p. 328 apud VIGARELLO, op. cit., p. 16-17.

⁴¹VIGARELLO, op. cit., p. 41.

⁴²DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 517.

passando pela análise de inventários contendo retratos pessoais de membros da elite parisiense e tratados de fisiognomia associando a personalidade aos traços e expressões faciais das pessoas. Cumpre ressaltar que, ao analisar textos da *Enciclopédia*, destacou a importância dada ao investimento na beleza diante da *degeneração* da espécie humana na Europa, atribuída aos costumes e à ociosidade.⁴³

A beleza por volta do século XVIII foi objeto de estudo do filósofo italiano Umberto Eco (1932-2016), que notou algumas inovações com relação ao debate estético em comparação ao Renascimento. Em sua perspectiva, o período precisaria ser compreendido a partir da consolidação da indústria editorial e da difusão dos livros. Foi nesse contexto que as mulheres passaram a ser retratadas em pinturas sob novos cenários artísticos, como os salões femininos e de forma cada mais livre inclusive na maneira de se adornarem, tendência que foi se reforçando com o passar dos anos.⁴⁴ Quando tinha 82 anos de idade, Umberto Eco também abordou a velhice por meio de pesquisa iconográfica e compilação de textos antológicos. Em sua *História da feiura*, a associação entre velhice e fealdade foi observada em diferentes épocas. Na Idade Média, por exemplo, destacou um soneto intitulado Anti-Beatriz, de Cecco Angiolieri (c.1260-c.1312), em que uma mulher idosa foi retratada como bruxa, com a pele murcha e exalando mau cheiro. São da mesma época os poemas *Velha pestilente*, de Rustico de Filippo, ressaltando o mal hálito de uma mulher velha e *Velha daninha*, de Burchiello (1404-1449), que se dedicou a associar a velhice feminina com ideias de decadência moral. A velhice também esteve representada na *Caricatura da cabeça de um velho*, de Leonardo da Vinci. Já no século XIX, mereceu destaque o poema *As velhinhas*, em que Charles Baudelaire (1821-1867) se referiu às idosas como monstros que um dia já foram mulheres.⁴⁵

Penso ser importante compreender a pressão estética, ao longo dos séculos, para que as mulheres idosas se enquadrassem dentro de padrões difíceis de serem alcançados. Eu me refiro aos ideais de beleza característicos da juventude que predominaram na Europa desde a Antiguidade, conforme destaquei brevemente pelos autores aqui apresentados. Em minhas leituras, procuro partir do pressuposto do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993), no sentido de que o conhecimento histórico é *provisório, incompleto, seletivo e definido pelos questionamentos feitos às evidências, e, portanto, só verdadeiro dentro do campo assim definido*.⁴⁶ Esta pesquisa procura

⁴³VIGARELLO, op. cit., p. 59-99.

⁴⁴ECO, U. (Org.) **História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004 [2002]. p. 252.

⁴⁵Idem, **História da feiura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2022. p. 153, 163, 304.

⁴⁶THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica da história. In: THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 47-61.

investigar a forma como os idosos eram enxergados pela sociedade brasileira com relação às transformações naturais ocorridas do ponto de vista estético durante o processo de envelhecimento.

O recorte temporal escolhido teve início em 1889 porque observei que os experimentos feitos naquele ano pelo fisiologista Brown-Séguard tiveram impacto e repercussão entre o público letrado no Brasil, conforme notícias veiculadas em periódicos analisados. Foi a partir desse ano que uma série de procedimentos passaram a ser reproduzidos e oportunamente desenvolvidos buscando o rejuvenescimento. Esta última palavra passou a ser usada com grande frequência nos jornais da época.

Minha pesquisa avança com o advento das cirurgias plásticas com finalidade estética, que tiveram início no Brasil após o retorno, em 1919, dos participantes da Missão Médico-Militar (1918-1919), que consistiu no envio de médicos brasileiros para colaborar com os Aliados durante a Primeira Guerra Mundial por meio da instalação de um hospital na França destinado a atender os soldados feridos. É importante observar que os primeiros cirurgiões plásticos brasileiros também fizeram uso de tratamentos inspirados na opoterapia em seus pacientes. Encerrei o referido recorte temporal na década de 1940 porque, por volta de 1936, o hormônio estradiol e a progesterona, bem como outras substâncias sintéticas, passaram a ser usadas para o rejuvenescimento, iniciando-se aí uma nova fase nos tratamentos.⁴⁷ Outra justificativa para adotar esse recorte temporal foi porque pretendi investigar os desafios vividos pelos primeiros cirurgiões plásticos que se dedicaram a procedimentos estéticos anteriormente à institucionalização da cirurgia plástica no Brasil, ocorrida a partir do final da década de 1930 e durante a década de 1940. Três fatores foram importantes nessa nova fase da história da cirurgia plástica: a criação de uma seção de plástica no Hospital Municipal intitulada Serviço de Otorrinolaringologia e Cirurgia Plástica, em 1936, na cidade de São Paulo, tendo José Rebello Netto, considerado o *pai da cirurgia plástica brasileira*, à frente desta iniciativa; a criação da Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica, em São Paulo, em 1941, sendo que o Brasil sediou sua fundação; e a criação da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, em São Paulo, em 1949.⁴⁸

Cabe ressaltar que nesse recorte temporal, a medicina, em sentido amplo e geral, passou por notáveis transformações. Uma delas foi o surgimento de medicamentos feitos a partir de substâncias orgânicas. De acordo com o farmacologista britânico Milles Weatherall (1920-2007), a partir do final do século XIX os fisiologistas começaram a identificar e criar hipóteses sobre o efeito de

⁴⁷WELBOURN, R. B. Endocrine diseases. In: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York: Routledge, 1977. v. 1, p. 484-510.

⁴⁸LOEB, R. **História da cirurgia plástica brasileira**. Rio de Janeiro: Medsi Editora Médica e Científica Ltda, 1993. p. 69.

substâncias liberadas por determinados órgãos e células, firmando as bases do que posteriormente viria a ser denominado hormônio.⁴⁹ As *secreções internas* investigadas por Brown-Séguard, de acordo com o médico brasileiro Ulysses Paranhos (1885-1954), seriam substâncias secretadas por órgãos e que agiriam de forma específica em virtude de seus efeitos fisiológicos, atuando de maneira semelhante a medicamentos posteriormente desenvolvidos com finalidade terapêutica.⁵⁰

A década de 1880 é identificada como o ponto de partida para o advento das especializações médicas, conforme o historiador da medicina húngaro George Weisz (1929-2020). Este processo começou na cidade de Paris, na França, e se disseminou por toda a Europa, com enfoque para a Alemanha. Em 1905, 35% dos médicos franceses se anunciaram como especialistas em algum campo. No mesmo ano, na Alemanha, eram 30%. Este fenômeno não deve ser compreendido apenas dentro da tendência à divisão do trabalho própria da sociedade capitalista, mas foi justificado pelo autor em virtude de diversos motivos, inclusive o impulso pela competição entre os cientistas em suas carreiras conforme o conhecimento médico avançava. Importante ressaltar que estes profissionais se viam e se relacionavam como integrantes de comunidades de pesquisadores, principalmente durante os congressos médicos. No final dessa década, as especialidades se atrelaram cada vez mais às faculdades de medicina francesas e alemãs. Outros países que resistiam às especializações, como a Inglaterra, acabaram por aceitar a tendência que se tornou inevitável no século XX.⁵¹

Serão abordados nesta tese alguns tratamentos usados como possibilidade (ou tentativas) de modificar a aparência típica da velhice, sobretudo no que se refere às rugas e outras manifestações comuns a essa fase da vida. Não enfatizei a questão do emagrecimento, com exceção de alguns anúncios e menções ao assunto feitas pelo cirurgião Antonio Pires Rebello (1909-1977). Privilegiei a face porque esta apareceu com maior predominância nos documentos pesquisados. Outras questões dependem de estudos específicos, por exemplo, o de Georges Vigarello, que investigou o corpo trabalhado de ginastas e esportistas no século XIX.⁵²

Entre o final do século XIX e início do século XX, o conceito de velhice sofreu transformações. As artérias aos poucos deixaram de ser vistas como o ponto central para classificar a idade de uma pessoa, conforme preconizava o médico francês Henri Cazalis (1840-1909). Ao mesmo tempo, o avanço da idade passou a ser compreendido em sua relação com o metabolismo.

⁴⁹WEATHERALL, M. Drug therapies. In: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York: Routledge, 1977. v. 2, p. 915-938.

⁵⁰PARANHOS, U. **Elementos da terapêutica médica**. São Paulo: O Pensamento, 1923. p. 367.

⁵¹ WEISZ, George. The emergence of medical specialization in the nineteenth century. In: **Bulletin of the history of medicine**, v. 77, n. 3, p. 536-575, 2003.

⁵²VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. v. 2, p. 393-478.

Como escreveu o médico austríaco Arnold Lorand (1865-1943), frequentemente citado por profissionais brasileiros do período estudado, uma causa muito frequente do envelhecimento seria a *degenerescência das glândulas genitais*.⁵³ Já o francês Victor Pauchet (1869-1936), igualmente lido e mencionado por especialistas nacionais, escreveu que *é do dia que as endócrinas funcionam mal que data a velhice*.⁵⁴

A elaboração desta tese deu-se por meio de pesquisas documentais e bibliográficas. A primeira etapa consistiu na leitura de jornais voltados ao público leigo disponíveis no portal de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Identifiquei uma quantidade maior de periódicos entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Nesse período, notei que inicialmente os tratamentos à base de extratos de glândulas tiveram mais repercussão na imprensa, seguido por um período em que as cirurgias plásticas passaram a predominar em anúncios e reportagens.

Vale registrar que os redatores eram protagonistas no sentido de instruir o público com informações sobre tratamentos rejuvenescedores, mas os próprios médicos, ao dar entrevistas e escrever artigos para o público em geral, também contribuíam para a vulgarização de questões sobre o assunto. No Brasil, alguns deles chegaram até mesmo a realizar cirurgias com a presença de jornalistas. Por esse motivo, passei a me aprofundar no tema buscando variadas fontes: publicações médicas, livros e teses sobre a velhice. Ao fazer o levantamento, minha preocupação foi levar em conta a qualidade dos registros. Conforme o conjunto documental foi aumentando, identifiquei com mais segurança quem eram os médicos brasileiros envolvidos com procedimentos estéticos no passado, bem como os autores estrangeiros por eles lidos e citados. Diante da recente situação de pandemia, tive pouco tempo para visitar os arquivos, porém recorri, com relativo sucesso, aos sebos virtuais na tentativa de conseguir acesso a obras desses autores.

Entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, constatei a existência de livros orientando o público sobre cuidados preconizados pela medicina social voltada para a higiene, com relação aos idosos. De acordo com o médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1882), a higiene foi definida como:

[...] a parte da ciência médica que ensina a conservar a saúde; dá aos doentes e aos homens sãos os preceitos necessários para a escolha dos alimentos e bebidas; as regras que se devem seguir no exercício, banhos, sono, paixões, trabalhos intelectuais, etc.; ensina a evitar as coisas nocivas e a fazer bom uso das úteis.⁵⁵

⁵³LORAND, A. **Arte de prolongar a mocidade e a vida**. Tradução Dr. José Bacelar. Lisboa: Bertrand: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves, 1933. p. 7.

⁵⁴PAUCHET, V. **Conservai a mocidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929. p. 16.

⁵⁵CHERNOVIZ, P. L. N. **Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias**. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. v. 2, p. 173.

A higiene voltada aos idosos de camada social privilegiada consistia em regras e cuidados com a intenção de poupar ao máximo a saúde. Destacava-se a sobriedade, a proibição de alimentos indigestos, a mastigação correta e, na falta de dentes, os alimentos pastosos. Ambientes arejados, exercícios físicos moderados, a proibição de afrodisíacos e as distrações agradáveis foram conselhos frequentes na época.⁵⁶ Tais regras e cuidados exigiam restrições, levando em conta sobretudo a condições de saúde e a condição social do indivíduo.

Em grande parte, as obras orientando o bom envelhecimento foram traduzidas por médicos e intelectuais europeus, sendo algumas para o idioma português. Ocorreu uma tendência a reedições de trabalhos anteriores. Este foi o caso de *A vida aos oitenta anos*, de autoria do médico espanhol, Santiago Ramon y Cajal (1852-1934), discípulo de Claude Bernard, e publicado na Espanha em 1934, mas que teve uma edição brasileira em 1946, com tradução de Hélion de Menezes Póvoa (1889-1944). Igualmente traduzido para o português em 1933 pelo médico José Bacelar (1900-1960) foi a obra *Arte de prolongar a mocidade e a vida*, de autoria do austríaco Arnold Lorand (1865-1943), já citado. Ainda com relação a essa obra, pude perceber que o conteúdo da edição traduzida para o português é discutível porque vários trechos foram omitidos, não correspondendo em sua totalidade a uma publicação francesa que tive a oportunidade de pesquisar.⁵⁷ Um livro que também circulou em português pelo Brasil foi *O elogio da velhice*, escrito no final do século XIX pelo médico italiano Paolo Mantegazza (1831-1910) e depois traduzido por Arlindo Varela, em 1925.

Nesta tese, optei por utilizar as palavras *velha* e *velho* ao me referir às pessoas idosas porque esta era a denominação mais frequente nos jornais e textos escritos por médicos coetâneos ao período estudado. Na atualidade, nota-se que as palavras *véio* e *véia* são utilizadas por jovens e adolescentes em duas situações distintas: para se referir às pessoas idosas de forma pejorativa⁵⁸; e ainda como forma de tratamento amistoso entre amigos próximos.⁵⁹

1.2 NOTAS SOBRE OS CAPÍTULOS

Esta tese divide-se em quatro capítulos. Após o capítulo introdutório, o seguinte apresenta os principais debates sobre a velhice de modo geral, envolvendo homens e mulheres a partir do

⁵⁶CHERNOVIZ, 1890, p. 198-199.

⁵⁷Eu me refiro às seguintes obras: LORAND, 1933; LORAND, A. **La vieillesse**: moyens de la prevenir et de la combattre. Edition Française par le D`Bory. Paris: Librairie J-B. Baillière et fils, 1911.

⁵⁸STEIN, T. **Véio da Havan**. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/veio-da-havan/>. Acesso em: 1 set. 2022.

⁵⁹DIFERENÇA entre palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/v%C3%A9ia/v%C3%A9io/>. Acesso em: 1 set. 2022.

século XIX. Um deles se refere a conflitos geracionais, com destaque para o relacionamento no ambiente de trabalho entre médicos jovens e idosos. Abordo ainda a forma como os estigmas voltados à questão estética das mulheres idosas aparece explicitamente nas páginas dos jornais da época, inclusive por meio de piadas e fortes críticas. Um importante periódico trazendo grande quantidade de material a este respeito foi o *Jornal das Moças*, que circulou no Rio de Janeiro no período entre 1914 e 1965.⁶⁰ O suicídio na velhice e a relação entre longevidade e capacidade intelectual também foram discutidos, ainda que sem a importância merecida e desejável, no recorte temporal pesquisado. Outro texto contido nesse capítulo se refere a dois médicos dedicados a explicar suas visões relacionadas à estética feminina sob diferentes perspectivas.

Os dois últimos capítulos tratam das questões relacionadas a diferentes tipos de processos rejuvenescedores que aconteceram de forma quase simultânea no Brasil, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. No capítulo terceiro, o tema central alimenta-se dos principais procedimentos surgidos desde o nascimento da opoterapia, com Brown Séquard, até Voronoff e seus enxertos de glândulas de macacos transplantadas em seres humanos, inclusive com experimentos realizados no Brasil durante a segunda metade da década de 1920. Abordei ainda uma cirurgia de rejuvenescimento feita em um homem com mais de 80 anos que acabou resultando em queixa-crime porque a família do idoso não teria consentido com tal procedimento, de acordo com a imprensa. Ainda neste capítulo, o brasileiro Francisco Xavier de Almeida Júnior (1877-1936) foi mencionado em razão de sua obra com o sugestivo título de *A luta contra a velhice* e que serviu de guia para a escolha dos tratamentos rejuvenescedores discutidos nesta tese. Embora sejam raros os relatos de pacientes, um interessante documento revelador de como um homem doente ficou esperançoso com a possibilidade de ser operado com finalidade de recuperar a saúde e não apenas rejuvenescer encontra-se no diário pessoal do escritor Humberto de Campos (1886-1934).

Um tratamento efêmero em moda no início do século XX foi propagado pelo médico e empresário Ulysses de Freitas Paranhos (1885-1954), que fez divulgar em jornais de diferentes cidades brasileiras uma coalhada vendida no Instituto Pasteur com o nome de *elixir da longa vida*. Na mesma época, o guaraná foi apontado como o verdadeiro *elixir da longa vida* pelo médico Luiz Pereira Barreto (1840-1923) em associação com um engenheiro agrimensor suíço e radicado no Brasil chamado João Alberto Masô. Para além do tema central da busca pelo rejuvenescimento

⁶⁰Sobre o *Jornal das moças*, ver: ALMEIDA, N. M. A. de. **Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação feminina (1932-1945)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Ver também: BORBA, B. L. de. **Práticas corporais de mulheres em revista: representações de saúde e beleza no Jornal Moças (décadas de 1940 e 1950)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

na velhice, alguns assuntos subjacentes também estão presentes no decorrer do terceiro capítulo. Este foi o caso do jovem médico João Marcolino Fragoso, que viajou para a Europa com a finalidade de estudar o rejuvenescimento com renomados médicos franceses. Foi criticado pelo professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o médico sanitarista Antônio Augusto de Azevedo Sodré (1864-1929), indignado com o privilégio dado pelo governo federal ao conceder tal oportunidade a um médico recém-formado que sequer era funcionário público.

O terceiro capítulo trata ainda sobre uma cirurgia praticada na Europa que ganhou adeptos no Brasil, no início da década de 1920. Possivelmente homens idosos de várias cidades se submeteram a esta operação rejuvenescedora, pois um dos médicos que preconizava tal prática, Irabussu Rocha, revelou a troca de correspondências mantidas entre a equipe da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, onde atuava, com especialistas de outras regiões, como Augusto Leite (1886-1978), chefe do Hospital Santa Izabel, em Aracaju. O método poderia ser aplicado de duas formas: tanto no ligamento dos dois canais deferentes (condutos excretores do esperma) resultando na completa esterilização; como em apenas em um, conservando a fertilidade e garantindo o suposto rejuvenescimento em pacientes homens, conforme acreditava-se à época. A facilidade do procedimento era o que mais encantava Irabussu Rocha.

O quarto capítulo inicia-se com os desafios e problemas envolvendo os primeiros cirurgiões plásticos brasileiros que ofereceram seus serviços por meio de anúncios em jornais. A relação entre esses procedimentos pioneiros e a restauração de cicatrizes causadas por injeções de parafina que causaram muitas vítimas surge nesse cenário no final da década de 1910. Quando a primeira geração de cirurgiões ainda tentava se firmar no campo das cirurgias plásticas, em 1930, desembarcou no Brasil o médico Antonio Pires Rebello (1909-1977), após viagem de estudos à Europa. Curiosamente, embora tenha publicado diversos livros e marcado forte presença nos jornais da época, Pires foi praticamente esquecido e a ele foram atribuídas informações equivocadas que serão esclarecidas nesta tese. Já o caso do médico Antonio Pires foi interessante por revelar alguns desafios enfrentados por um profissional que ousou investir fortemente em publicidade desde o momento em que abriu sua clínica, no Rio de Janeiro, em 1930. Indo na contramão da postura mais conservadora de médicos conceituados de seu tempo, não escreveu artigos científicos em periódicos especializados como *O Brasil-Médico*. Para finalizar, surgem em cena, a partir de 1920, no Rio de Janeiro, os institutos de beleza comandados por mulheres. A despeito de serem acusados de charlatanismo, alguns deles atuaram em parceria com médicos. Recorriam a esses espaços principalmente as mulheres de idade madura e avançada na tentativa de disfarçar os sinais do tempo.

Os estigmas que rondam a velhice são milenares. O pensador renascentista Erasmo de Roterdã (1466-1536), em sua obra-prima *O elogio da loucura*, criticou veementemente homens e

mulheres que ousaram se apaixonar na fase final da vida. Quanto ao sexo masculino, caracterizou-o como *velhotes insensatos, enrugados, corcundas, desdentados, calvos e sem nenhum resto de virilidade*. Afirmou que para imitar a juventude, eles costumavam pintar os cabelos brancos e usar perucas. Ao procurar mocinhas sem dote para se casarem agiriam mais para o deleite de outros homens do que para o próprio uso. Já as mulheres apaixonadas durante a velhice, comentou tratar-se de um quadro *divertido*. Elas seriam cadáveres semivivos, que embora fedessem à carniça, ainda sentiam arder o coração. *Essas velhas cabras ainda fazem o amor [...] e costumam remunerar generosamente a repugnância que causam*. E completou:

Então, mais do que nunca, se esmeram na pintura do rosto, passam a vida diante do espelho, arrancam fios brancos de barba, ostentam dois seios flácidos e enrugados, cantam com voz rouquenha e hesitante para despertar a lânguida concupiscência, bebem à grande, intrometem-se nas danças das moças, escrevem cartas amorosas, - eis os meios que essas velhas raposas empregam para dar coragem aos seus custosos campeões. Enquanto isso, a sociedade exclama: - Que velhas malucas! Que velhas malucas!⁶¹

⁶¹ROTTERDAM, E. **Elogio da loucura**: *encomium moriae*. Tradução Paulo M. Oliveira. Versão para eBook: eBooksBrasil.com. Atena. 1511.

2 DEBATES SOBRE A VELHICE

2.1 CONFLITO DE GERAÇÕES

Quando tinha 62 anos, o orador romano Marco Túlio Cícero (106-44 a.C.) escreveu uma obra dedicada a enaltecer a velhice. Embora tenha ressaltado a existência de aspectos positivos na idade avançada, deixou transparecer nas entrelinhas o quão estigmatizados eram os idosos naquela sociedade. Na dedicatória feita ao seu amigo e contemporâneo Tito Ático (110-32 a.C.), Cícero afirmou: *Com efeito, gostaria que fôssemos aliviados, tu e eu, desse fardo que já nos pesa ou – fatalmente – nos pesará.*⁶² O texto foi escrito em forma de diálogos travados entre três políticos, sendo o principal personagem Marco Pórcio Catão (234-149 a.C.), de 84 anos, que respondeu aos questionamentos de dois jovens, Lélcio e Cipião. Logo na primeira pergunta feita por Cipião ao velho Catão, a imagem negativa da velhice ficou explícita:

Gaio Lélcio e eu admiramos tua imensa sabedoria em muitos domínios, Catão! Mas uma coisa nos espanta acima de tudo: jamais pareceste achar a velhice penosa. No entanto, a maior parte dos velhos diz que ela é mais pesada de suportar que o Etna!⁶³

Conforme essa metáfora, associando a velhice à imagem do vulcão Etna, nota-se que os idosos consideravam terrível a sua condição. Aliás, a própria iniciativa de Cícero em fazer uma apologia à fase final da vida pressupõe que essa faixa etária seria bastante indesejável. Sempre se referindo ao gênero masculino, Cícero se dedicou a rebater quatro argumentos apontados como problemas que fariam com que a velhice fosse uma fase detestável. Primeiramente, a saída definitiva do mundo do trabalho. Em segundo lugar, o declínio da força física, seguida pelas dificuldades no âmbito sexual e a proximidade da morte. No decorrer do texto, o autor se empenhou por justificar as vantagens do final da vida, entretanto, em muitos trechos permaneceu implícita a ideia de negatividade. Em determinada passagem, por exemplo, Catão afirmou: *com frequência escutei os lamentos das pessoas de minha idade.*⁶⁴ Quanto à existência de um possível conflito de gerações, esta foi uma questão negada pelo autor, ao escrever que os adolescentes apreciavam a convivência dos idosos e vice-versa. Todavia, mais uma vez, deixou transparecer o contrário, ao recriminar a seguinte frase atribuída a um autor de nome Cecílio: *Pior, na velhice, é sentir que desagradamos a todo mundo.*⁶⁵ Na interpretação do historiador George Minois, o orador romano se ateuve mais a diferentes exemplos de idosos do que à velhice propriamente dita. Dessa forma,

⁶²CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer e a amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 10. Esta contradição apresentada na dedicatória também foi apontada em: MINOIS, op. cit., p. 105.

⁶³Idem, op. cit., p. 11.

⁶⁴Idem., op. cit., p. 13.

⁶⁵Idem, op. cit., p. 26.

criticou determinadas atitudes de algumas pessoas nessa faixa etária, sem fazer generalizações.⁶⁶ Em determinado trecho, por exemplo, observou que comportamentos como avareza, rbugice e mau humor não deveriam ser atribuídos à velhice, mas sim a determinadas pessoas mais vulneráveis a tais defeitos nessa faixa etária em virtude de seus corpos estarem debilitados.⁶⁷

Algumas questões tratadas no diálogo de Cícero foram retomadas no século XIX. *O elixir da longa vida* foi o título dado a um conto escrito em 1830 pelo consagrado autor francês Honoré de Balzac (1799-1850). Por meio de uma releitura de D. Juan, personagem da literatura espanhola, a obra abordou conflitos envolvendo jovens e idosos em diferentes gerações de uma mesma família na Itália renascentista. De acordo com a narrativa, um rico viúvo nonagenário estava em seu leito de morte quando fez um pedido ao filho, instantes antes de morrer. Atendendo a esse último desejo, o jovem imediatamente começou a aplicar no cadáver do pai um elixir capaz de lhe restituir a vida e juventude, porém interrompeu o processo ao perceber que um dos olhos do cadáver ganhava vida. Decidiu então esmagar o órgão, evitando que o idoso renascesse. Dessa forma, ele se beneficiou com a tão sonhada herança e guardou consigo o precioso elixir da longa vida. Quando D. Juan tornou-se velho, doente e acamado, em situação semelhante à de seu progenitor, a cena se repetiu e ele pediu ao filho que passasse em seu cadáver, no instante da morte, o misterioso líquido que um dia havia ganhado de seu velho pai. Enquanto o produto era aplicado, o braço do defunto reviveu com grande vigor e tentou estrangular o rapaz.⁶⁸ Nesse conto, Balzac explicou a ânsia pelo renascimento e pelo rejuvenescimento como algo demoníaco. Fez ainda críticas interessantes nesse sentido, a começar pelo fato de que o vilão D. Juan teria sido fruto de um amor tardio, pois o pai já era velho quando se apaixonou pela mãe, um *anjo de beleza e inocência*. O conto traz diversos trechos tratando sobre parricídios e apontando a existência de jovens aproveitadores ou *espíões da morte* que calculavam a probabilidade de vida de seus pais e sogros à espera de heranças. Balzac descreveu ainda as moças que se lisonjeavam de possuir encantos capazes de aquecer o coração gelado dos homens já idosos.⁶⁹

Conflitos entre jovens e idosos estiveram presentes em vários documentos do século XIX. Em 1841, aos 23 anos de idade, o médico brasileiro José Maria de Noronha Feital (1818-1873) revoltou-se com o prestígio atribuído aos velhos, especialmente no ambiente de trabalho. Ao criticá-los, lamentou que os mais novos fossem obrigados a se calar caso tivessem opinião contrária a um profissional de idade avançada. Em sua opinião, os médicos jovens tinham mais chances de chegar

⁶⁶MINOIS, op. cit., p. 112.

⁶⁷CÍCERO, op. cit., p. 54.

⁶⁸BALZAC, H. **O elixir da longa vida**. Tradução e revisão: Departamento Editorial de Globus Editora. São Paulo: Globus, 2011.

⁶⁹Idem, op. cit., p. 8,9.

ao diagnóstico e tratamento corretos porque seriam mais propensos a examinar as doenças em suas diferentes fases. Enquanto isso, os idosos estariam limitados aos aprendizados do passado.⁷⁰ Em sua observação, talvez estivesse levando em conta a imensa e complexa trajetória da medicina ocidental, desde os tempos de Hipócrates. Conforme, ainda, Noronha Feital, isso seria injusto porque *os moços pautariam suas análises na verdade, exatidão e método* que seriam bem mais úteis à medicina do que *um amontoado de histórias de moléstias, que de nada valeriam e com que se procuraria esmagar a razão e o raciocínio*. As críticas desse médico foram proferidas no ano seguinte após seu ingresso na carreira militar, quando assumiu o posto de segundo cirurgião do Corpo de Saúde da Armada no Hospital da Marinha na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro.⁷¹

David Gomes Jardim (1801-1872) foi outro médico brasileiro do período a compartilhar da opinião de Noronha Feital quanto à superioridade dos jovens sobre os velhos do ponto de vista intelectual. Em sua tese, denunciou a *vida desgraçada* dos recém-formados ao suportarem injúrias vindas de homens que teriam maior respeito, veneração e estima por sua idade avançada. Para David Jardim, uma pessoa, apenas por ser idosa, não estaria habilitada a pensar melhor do que outra jovem e que tivesse mais inteligência.⁷²

O brasileiro Pedro José Virciani Filho (1815- ?) também participou do debate, porém sua opinião foi favorável aos idosos. Qualificando as acusações feitas aos velhos como injustas por parte dos moços, advertiu que, enquanto se ocupavam em satirizar e censurar os profissionais de idade avançada, os jovens também estariam inevitavelmente se aproximando da velhice. Em diferentes trechos de sua tese, Virciani justificou seu interesse pelo tema da velhice, afirmando ter inexplicável e particular predileção sobre o assunto. Escreveu que esta questão deveria receber mais atenção por parte de todos, pois a fase final da vida seria a *imagem da fraqueza humana*. Em outro trecho, afirmou que a preocupação com a conservação dos velhos sempre estaria na mente de homens se estes realmente se guiassem pelo *amor à existência*. Como outros autores de seu tempo, Virciani aceitou a divisão da *velhice* em três etapas: período inicial, dos 60 aos 70 anos; segundo período, dos 70 aos 80; e terceiro, também chamado *decrepitude*, dos 80 aos 100 anos ou até a morte. Sobre essa divisão, no entanto, observou que no Brasil a *velhice* geralmente começaria aos 50 anos, mais cedo do que na Europa. Referindo-se às condições climáticas, afirmou que haveria ainda variações de acordo com a região: quanto mais ao norte do país, mais cedo o homem

⁷⁰FEITAL, J. M. de N. A experiência em medicina. **Revista Médica Brasileira**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 6, v. 11, p. 613-616, 1841.

⁷¹Idem, op. cit., p. 613-616.

⁷²JARDIM, D. G. **Algumas considerações sobre a higiene dos escravos**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ: Tip. Universal de Laemmert, 13 dez 1847. p. 19. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/849/1/273549.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

envelheceria. Uma observação importante de Virciani foi ter lamentado que poucos médicos de sua época estariam se ocupando da patologia e terapêutica dos velhos. Ele também criticou a falta de um hospital com condições ideais para observar doenças comuns nessa fase da vida, tais como congestões, varizes, apoplexias e gota.⁷³

De acordo com os conhecimentos da época, congestão seria uma doença causada pelo acúmulo de sangue no baço, ocasionando o inchaço desse órgão. Já apoplexia se referia a uma congestão de sangue no cérebro, variando de leve à grave e podendo até mesmo causar a morte do paciente. Nas pessoas idosas, acreditava-se que uma das causas que predisporia à apoplexia seriam os abusos dos prazeres venéreos.⁷⁴ A gota seria uma moléstia caracterizada pela inflação das articulações que se manifestaria em acessos de violentas dores noturnas. Muitos autores acreditavam haver uma associação entre a posição social do doente e a gota, que também era chamada de *moléstia dos ricos*.⁷⁵

Viriciani apresentou sua própria definição da higiene como sendo a ciência que tem por *objeto conservar a saúde, aperfeiçoar o homem e prestar auxílio à terapêutica, prescrevendo o modo de usar convenientemente os agentes funcionais indispensáveis à vida*. Já a palavra gerocomia foi definida por ele como a *higiene da velhice*. Ao mesmo tempo em que valorizou as virtudes do pensamento como atributos da velhice, ressaltou diversas desvantagens inerentes a essa etapa da vida e neste tópico particular apontou o fator estético. Sempre se referindo ao gênero masculino, mencionou o embranquecimento dos cabelos, a calvície, a pele seca, flácida e rugosa e a falta dos dentes. Observou ainda que nessa fase, se perdem as *formas graciosas e o colorido da puberdade que tanta beleza e majestade davam ao rei dos animais [...]*.⁷⁶

Outro médico do período formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, José Cupertino de Oliveira S. Pano, escreveu sua tese de doutorado intitulada *Dissertação sobre as idades em geral e sobre a velhice do homem em particular*. Nesse trabalho, diversas desvantagens da velhice com relação à mocidade foram apresentadas, inclusive quanto à fisionomia, que passaria de delicada e rica de encantos até a fase da vida em que ganharia aspecto grave, carrancudo e triste. Na segunda parte da tese, subdividiu a velhice em três etapas: a *começante*, que também era chamada de *caducidade*; em seguida, a *confirmada* e, por último, a *decrepitude*. Para caracterizar a oposição entre juventude e velhice, citou a seguinte frase atribuída à aristocrata francesa Marie de Rabutin-Chantal (1626-1696), conhecida como Madame de Sévigné: *se vissemos em um espelho o*

⁷³VIRCIANI, P. J. **Dissertação sobre a higiene da velhice**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (TJ): Tip. Imparcial de Francisco de Paula Brito, 19 dez. 1845. p. 3-7, 11, 20.

⁷⁴CHERNOVIZ, 1890, p. 199, 263.

⁷⁵Idem, op. cit., v. 2, p. 80-81.

⁷⁶Idem, op. cit., p. 4, 19.

semblante que havemos de ter aos sessenta, cairíamos para trás horrorizados da nossa própria imagem. O autor, por outro lado, reconheceu que aos 40 anos de idade os homens teriam o mérito de ser mais confiáveis para ocupar cargos públicos, pois não seriam tão suscetíveis a certas paixões que deslumbrariam os jovens.⁷⁷

Na revista *O Cruzeiro*, um artigo assinado com o pseudônimo de *Paracelso* retomou o interesse pela delimitação das diferentes etapas que comporiam a última fase da vida. A *velhice verde* seria de 60 a 70 anos, enquanto a *caducidade* se estenderia até os 80 anos, seguida pela *decrepitude*. O autor mencionou ser comum que o egoísmo aumentasse à medida que os órgãos se debilitavam, fazendo com que os velhos sentissem indiferença por tudo que não tivesse relação com si mesmos. E concluiu afirmando que somente a higiene poderia modificar essa *triste condição* por meio de alimentação simples, um bom vinho tinto, exercícios moderados e vida tranquila.⁷⁸

Em 1926, o médico francês Pierre Mauriac (1882-1963) se posicionou sobre o antigo dilema em estipular um marco para o início da velhice. A este respeito foi categórico ao afirmar que essa data seria indeterminada, já que a idade avançada frequentemente se mascarava por uma série de doenças e com elas era frequentemente confundida. Para embasar seu ponto de vista, recorreu ao filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592), com quem concordou no sentido de que morrer de velhice seria uma situação rara, singular e extraordinária.⁷⁹ Por ter feito diversas considerações sobre a velhice e a morte, Montaigne foi constantemente citado por médicos e intelectuais do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Um aspecto curioso desse filósofo foi ter discordado da velhice como causa de morte natural. Julgou insensato o uso dessa expressão aos falecimentos envolvendo pessoas idosas que pretensamente teriam perdido a vida em consequência do enfraquecimento decorrente da velhice. Em sua opinião, esses casos seriam extremamente raros porque poucos homens de seu tempo atingiam uma idade avançada. Portanto, nada haveria de natural nesse tipo de morte. O mais usual, e, portanto, natural, seriam os óbitos decorrentes de quedas, afogamentos, doenças, entre outras intercorrências.⁸⁰

Retorno às ideias negativas da idade avançada propagadas pela imprensa. Um texto apócrifo publicado em um jornal paraense, em 1881, descreveu a velhice como a fase que só consta de *tristes recordações do passado*, como sendo uma espécie de *árvore destruída pelo furacão e quase extinta pelos anos*. Após descrever todas as fases da vida – e tendo comparado as crianças a anjos e

⁷⁷PANO, J. C.; OLIVEIRA, S. **Dissertação sobre as idades em geral e a velhice do homem em particular**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1841, p. 19, 20, 23. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/688/1/272472.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

⁷⁸PARACELSUS. *Ciência: higiene*. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro (RJ) ed. 202, 22 jul. 1878, p. 3.

⁷⁹MAURIAC, P. **Aux Confins de la médecine**. Paris: Bernard Grasset, 1926. p. 83.

⁸⁰MONTAIGNE, M. de. **Ensaíos**. Tradução e notas de Sérgio Millet. Revisão técnica e notas adicionais de Edson Querubini. Apresentação de André Scoralick. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 347-349. Edição integral.

enaltecido os jovens no auge das forças, inteligência e força aos 20 anos – descreveu os quarenta anos como *folhas amareladas do outono, quando já vão se apagando os traços da formosura*. Já as pessoas aos 50 anos teriam suas forças abatidas, especialmente aqueles que lutaram com uma série de infortúnios. Os velhos foram descritos da seguinte forma: *o corpo decrepito e abatido curva-se com o peso dos anos; a fronte rugosa e cadavérica declina-se, e os olhos enuviados fitam-se para o chão, olhando para a porta do túmulo*.⁸¹ Na mesma linha, um jornal de Minas Gerais selecionou duas frases indicando o quanto a mocidade era valorizada em detrimento da velhice: *A mocidade deveria ser uma caixa econômica. Os anos não dão juízo, dão velhice*.⁸²

Em seu famoso Dicionário de Medicina Popular, Chernoviz não foi indiferente aos estigmas da velhice quando escreveu que os idosos frequentemente se queixavam de ser tratados com indiferença e aversão. Essa falta de indulgência seria mais comum caso as pessoas de idade avançada fossem *intolerantes, ralhadores, de humor sombrio e egoístas*. Ao mesmo tempo, relativizou sua opinião ao admitir que, *sem dúvidas, os homens são às vezes injustos para com uma idade que merece alguma indulgência e exige todo respeito*. Aos velhos, recomendou que temperassem a gravidade de seu caráter e seus preconceitos com o tempo presente.⁸³

Ideias semelhantes foram fartamente divulgadas pela imprensa nas primeiras décadas do século XX. Juventude e velhice frequentemente foram descritas como dois opostos. Em 1922, um leitor do *Jornal das Moças* descreveu a primeira como sinônimo de felicidade e gozo; e a segunda, como o peso da decrepitude a chorar os dias felizes que ficaram no passado.⁸⁴ Na mesma época, uma suposta leitora do mesmo periódico explicou que elas seriam fases antagônicas porque a juventude seria a idade da beleza, dos risos e sonhos, enquanto a idade avançada seria repleta de desilusões e mágoas.⁸⁵ Ainda no *Jornal das Moças*, uma mulher de nome Irene Ribeiro assinou um registro por mim considerado como exceção. Ela criticou os literatos e poetas idosos que só sabiam lastimar a velhice e exaltar a mocidade em seus textos. Em sua opinião, não haveria razão em temer a velhice, pois esta seria uma lei natural da vida.⁸⁶ Enquanto isso, a velhice continuaria a ser retratada mais frequentemente de forma negativa. Em 1928, o periódico trouxe o seguinte pensamento de autoria de um tal Julio Sereno: *A infância é um jardim, a mocidade um campo e a velhice um túmulo*.⁸⁷ Para outro leitor que se identificou como D`Argonther, a juventude foi

⁸¹A VIDA humana. **A Constituição: Órgão do Partido Conservador**. Belém, PA, ed. 96, 1881, p. 2.

⁸²EXTERIOR. **Correio Oficial de Minas**. Ouro Preto (MG), ed. 217, 10 fev. 1859, p. 4.

⁸³CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 199.

⁸⁴D`ASSUMPCÃO, F. Pereira. A mocidade. **Jornal das Moças**: Revista feminina, ed. 350, 2 mar. 1922.

⁸⁵DEUSA DA FÚRIA. “A mocidade e a velhice.” **Jornal das Moças**: Revista Feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 414, 24 maio 1923, p. 19.

⁸⁶RIBEIRO, Irene. “Mocidade e velhice.” **Jornal das Moças**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 653, 22 dez. 1927, s/p.

⁸⁷SERENO, Julio. Pensamento. **Jornal das Moças**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 665, 15 mar. 1928, n.p.

associada às *paisagens mais lindas*, enquanto a velhice foi descrita como um sudário capaz de ocultar à vida os encantos do mundo.⁸⁸ Visão semelhante foi compartilhada por uma mulher de nome Neyde, para quem a idade avançada era como um abismo de que não nos é permitido fugir, em oposição à mocidade curta e cheia de encantos.⁸⁹

Reflexões sobre os aspectos negativos da velhice foram feitas com frequência no *Jornal das Moças*. Em 1930, um leitor observou que haveria mais alegria e franqueza no pranto de uma criança do que no sorriso de um velho. Afirmou ainda que o único consolo para a velhice seria a morte.⁹⁰ Outro escreveu ser terrível e desoladora a última fase da vida, que vinha junto com as rugas, os cabelos brancos e a esperança de poder viver mais um dia. Tudo muito diferente da fase dos sonhos e ilusões da adolescência. Revoltado, questionou a vida por trazer primeiro a felicidade e o prazer, seguida do desconforto e da ruína.⁹¹ Um homem jovem morador da cidade do Rio de Janeiro relatou seu sentimento de horror ao conversar com um velho mendigo. Ao explicar como chegou àquela condição, o segundo garantiu já ter sido moço e feliz como seu interlocutor. A cena foi descrita realçando as lágrimas que escorreram pela face enrugada.⁹²

O tema sobre as desavenças entre jovens e velhos também foi abordado pelo médico já mencionado, Santiago Ramon y Cajal, quando ele tinha oitenta anos, em 1932. Um dos capítulos de seu livro foi dedicado a abordar o julgamento que as novas gerações faziam dos anciões e vice-versa. Em sua opinião, haveria certo exagero daqueles que criticavam a postura das pessoas mais novas. Os adversários dos velhos não seriam propriamente as pessoas muito jovens, mas sim aqueles pertencentes à geração imediatamente anterior. Em tom revelador de suas relações no ambiente acadêmico que precisariam ser mais aprofundadas por meio de pesquisas sobre sua vida, citou alguns episódios nesse sentido, inclusive envolvendo um antigo assistente. Referiu-se particularmente às rivalidades de professores com idade entre cinquenta e sessenta e cinco anos que desejariam o seu posto de trabalho. Sobre esse assunto, destacou algumas frases e expressões grosseiras que teria ouvido, tais como: *velho caduco, quando nos deixarás em paz com suas decrepitudes? Ronda-te a degeneração senil [...]. Já que foste superado e vegetas onerosamente sobre o corpo social, ceda lugar aos jovens [...]*.⁹³ Ramon y Cajal fez questão de confessar profunda mágoa com esses jovens arrogantes da geração anterior à sua, que prometiam *obras estupendas*,

⁸⁸D'ARGONOTHER. Gotas de fel. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 710, 24 jan. 1929, s/p.

⁸⁹NEYDE. Página de um álbum. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 724, 2 maio 1929, s/p.

⁹⁰PEDRA C. O pranto de uma criança e o sorriso de um velho. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 800, 16 out. 1930, s/p.

⁹¹CARVALHO, A. M. de. Recordando a vida. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 735, 18 jul. 1929, s/p.

⁹²ESCRAVO da nostalgia. O tempo. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 735, 18 jul. 1929, s/p.

⁹³RAMON, Y.; CAJAL, S. *A vida aos oitenta anos*. Tradução Hélon Póvoa. Rio de Janeiro: Edições Científicas, 1946 [1932]. p. 98.

mas estariam verdadeiramente interessados apenas em prestígio social e melhores salários. Contra essas pessoas, o médico de oitenta anos revelou sua impotência. Afirmou que o melhor a fazer seria abandonar o invejado cargo.⁹⁴

O filósofo Norbert Elias (1897-1990) observou, quando tinha 85 anos, que as modificações sofridas com a idade avançada contribuem para que o envelhecimento seja visto como se fosse um desvio da norma social. Outro fato que dificultaria a empatia dos moços com relação aos velhos é que eles não possuíam experiência própria sobre a vivência dos corpos na velhice. Assim, os grupos de idade *normal* desconheciam sensações como ter os músculos flácidos, as juntas endurecidas e outras ocorrências comuns à vivência do envelhecimento. Na mocidade, os jovens possuíam corpos cheios de vitalidade e frescor, fazendo com que seja complexo se imaginarem vivenciando o envelhecimento, com um corpo frágil e desajeitado. Recorrendo à memória, o filósofo comentou sobre um episódio vivido em sua infância, enquanto acompanhava a entrada de um velho físico famoso, em Cambridge, que iria proferir uma palestra. Naquele momento, seu pensamento teria sido envolto em indagações: *Por que ele arrasta os pés assim? Por que não pode caminhar como um ser humano normal?* Em seguida, corrigiu-se, ao perceber: *Não pode evitar. É muito velho.*⁹⁵

Outro episódio bastante elucidativo quanto à não identificação dos jovens em relação aos velhos se deu quando o referido filósofo já estava idoso. O fato aconteceu no momento em que ele se levantava de uma poltrona baixa, durante visita a um jovem professor que lhe lançou um olhar de surpresa, talvez um tanto decepcionado ao acompanhar os seus lentos movimentos. Naquele instante, o anfitrião *se sacodiu de rir* ao comentar sobre um velho conhecido que não teve a mesma facilidade ao se erguer daquela cadeira.⁹⁶ Com relação ao ocorrido, Norbert Elias escreveu:

A sensação “talvez eu fique velho um dia” pode estar inteiramente ausente. Tudo o que sobra é o gozo espontâneo de nossa superioridade, e do poder dos jovens em relação aos velhos. A crueldade que se expressa na zombaria dos velhos desvalidos, e também da feiura de alguns velhos e velhas, era provavelmente maior antigamente do que hoje. Mas decerto não apareceu.⁹⁷

Aos 87 anos, o filósofo italiano Norberto Bobbio (1909-2004) deu um depoimento pessoal ao comentar o que distinguiria a velhice da juventude: a lentidão de movimentos do corpo e da mente. Entre as dificuldades apontadas na fase final de sua vida, destacou a falta de agilidade nos dedos para digitar no computador, a vagarosidade nas breves caminhadas dadas em companhia de uma pessoa mais jovem e a demora para que as ideias surgissem. Revelou que a lentidão do velho

⁹⁴RAMON; CAJAL, op. cit., p. 98-99.

⁹⁵ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 1ª edição 1982. p. 79-80.

⁹⁶Idem, op. cit., p. 80-81.

⁹⁷ELIAS, op. cit., p. 82.

seria penosa para si mesmo e para os outros, suscitando compaixão. E foi além em suas reflexões ao descrever a cena de um idoso que, ao caminhar, precisa parar e se sentar em um banco, enquanto se vê sendo ultrapassado pelos transeuntes. *Ele gostaria de apressar o passo, mas não pode. Quando fala, procurando as palavras, talvez o escutem com respeito, mas também com certo sinal de impaciência.* Bobbio declarou que a convivência com os jovens o ajudava a não envelhecer mais do que o inevitável do ponto de vista fisiológico. Entretanto, confessou não invejar essa fase inicial da vida por conhecer bem as ansiedades daqueles que deixavam o aconchego do lar para enfrentar a vida.⁹⁸

Longe de representarem uma particularidade exclusiva do período estudado ou dos dias atuais, os conflitos geracionais representam um problema presente em todos os tempos e em todas as sociedades, conforme o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), para quem as relações entre idade biológica e idade social são muito complexas por se tratarem de construções sociais. O autor ainda destacou que nem todos os idosos eram antijovens e este parece ter sido o caso de Santiago Ramon y Cajal, mencionado anteriormente, que fez questão de isentar seus alunos de qualquer culpa nesse sentido, diferentemente das pessoas com quem o médico de 80 anos estaria rivalizando, ou seja, com aqueles pertencentes à geração que o antecedeu. Bourdieu também destacou que juventude e velhice são conceitos construídos por meio da luta entre jovens e velhos. Uma observação importante desse autor e que precisaria ser levada em consideração seria o fato de que na velhice estaria implícito um declínio social, uma perda de poder social. Seria por esse duplo viés que se daria a relação entre velhos e jovens.⁹⁹

Além da estigmatização por parte dos jovens no sentido de apontar as características físicas dos velhos, outras formas de preconceitos imputados às pessoas idosas estiveram presentes no século XIX, conforme a documentação apresentada a seguir.

2.2 LONGEVIDADE E CAPACIDADE MENTAL; MACRÓBIOS; SUICÍDIOS E OUTRAS QUESTÕES

A partir da segunda metade do século XIX, a questão da longevidade continuou ganhando destaque nos jornais. Um artigo publicado em 1862 e assinado pelo médico brasileiro Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) forneceu indícios de que esse interesse pode ter se impulsionado com a publicação, em 1855, da obra *De la longévité humaine*, escrita pelo fisiologista

⁹⁸BOBBIO, N. **O tempo de memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 46-47, 82.

⁹⁹BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Entrevista a Anne-Marie Métailié. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 137-138,145.

francês Jean-Marie Pierre Flourens (1794-1867) e que por sua vez teria sido um entre muitos autores a se deixar influenciar por outra obra bem mais antiga – o *Discorsi della vita sobria*, impresso pela primeira vez em 1558.¹⁰⁰ De autoria do veneziano Luigi Cornaro (1464-1566) e escrito quando o autor tinha por volta de 80 anos, este livro teve cerca de cinquenta edições entre os séculos XVII e XIX, difundindo a ideia de que as pessoas poderiam viver até 120 anos desde que levassem uma vida moderada e sem exageros.¹⁰¹

Retomando a menção feita no parágrafo anterior sobre Domingos José Gonçalves de Magalhães, é importante notar que esse médico recomendou a prática de determinados preceitos morais e regras de higiene como o melhor meio de remoçar, sendo que a força de vontade bastaria para corrigir vícios e paixões. *Esta é a verdadeira macrobiótica, ou a arte de prolongar a vida*, resumiu.¹⁰² Muito difundida entre os médicos da época, a macrobiótica, cuja origem é atribuída aos chineses, havia sido defendida desde o século XVIII como um excelente tratamento para combater o envelhecimento. O médico alemão Christoph Wilhelm Hufeland (1762-1836) a retomou. Para ele, seria uma ciência particular que não se confundiria com a medicina ordinária porque *enquanto a primeira teria a saúde como objetivo, a segunda teria como finalidade a longa vida*.¹⁰³

Um debate muito presente nos jornais do século XIX dizia respeito aos limites ou à duração da vida humana. Para o médico chamado Manoel da Silveira Rodrigues, a explicação porque algumas pessoas chegariam a idades muito mais avançadas do que outras seria em virtude de terem pais longevos. Além da questão hereditária, a longevidade também dependeria de outros fatores. Um homem que se lançasse muito precocemente, entre 12 e 14 anos, aos estímulos do amor e excessos na alimentação, chegaria aos 50 anos já muito *alquebrado*.¹⁰⁴ Em 1855, *O Liberal Pernambucano* publicou um texto extraído de jornal estrangeiro associando diversas pessoas a hábitos que justificariam uma suposta vida longa. Entre eles, um homem chamado João Laflith teria desde muito novo o costume de tomar dois ou três banhos por semana e se alimentaria quase exclusivamente de leite, tendo por esses motivos falecido aos 157 anos.¹⁰⁵ Em 1894, a *Pacotilha do Maranhão* divulgou que em Varginha, na província de Minas Gerais, viveria o homem mais velho do mundo. Tratava-se do africano Paulo Xindá, vindo para o Brasil em 1792 e que

¹⁰⁰MAGALHAENS, D. J. G. de. A velhice. **Revista Popular. Jornal ilustrado**. Rio de Janeiro, RJ, ed. 14, abr./jun. 1862, p. 27.

¹⁰¹THANE, *op. cit.*, p. 1095.

¹⁰²MAGALHAENS, *op. cit.*, p. 27, 29.

¹⁰³LORAND, 1911.

¹⁰⁴SILVEIRA RODRIGUES, Manoel da. **Algumas considerações sobre a energia e tenacidade vitais dos corpos organizados, e principalmente do homem**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada a 15 dez. 1848. Niterói: Tip. Niteroiense de MG/S. Rego, 1848. p. 5-6.

¹⁰⁵MACRÓBIOS. **O Liberal Pernambucano**. Recife (PE), ed. 776, 12 maio 1855, p. 3.

supostamente teria 162 anos.¹⁰⁶ Na mesma época, divulgou-se o falecimento de um homem preto, aos 120 anos, e que teria chegado ao Brasil em companhia de D. João VI, sendo muito popular na cidade de Mococa, em Minas Gerais.¹⁰⁷ É possível crer que esse tipo de notícia, bastante recorrente nos periódicos da época, seria usada para preencher pequenos espaços vazios nos jornais. O certo é que o fato de haver, durante décadas, notícias sobre pessoas pretensamente longevas – então chamadas de *macróbios*, palavra que caiu em desuso – revelou um grande interesse por parte do público leigo nessa temática.

Em 1895, o fisiologista italiano Paolo Mantegazza, mencionado anteriormente nesta tese, tinha 63 anos quando escreveu *Elogio da velhice*, que posteriormente seria publicado em português. Tinha uma visão positiva sobre a velhice, desde que as pessoas seguissem os preceitos da higiene. Acreditava que os velhos despertariam basicamente dois tipos de sentimentos nas pessoas a sua volta: piedade, por sua fragilidade; e respeito, pela experiência acumulada. Tais sentimentos desapareceriam, entretanto, em caso de extrema pobreza e fome, resultando no que chamou de *homicídios pensados, mas não executados*. Já entre as famílias ricas ou de condição remediada, a responsabilidade pela situação de exclusão social caberia ao idoso e não propriamente à sociedade, pois todos envelheceriam bem se seguissem os preceitos da higiene desde a infância, evitando assim o envelhecimento antes dos 50 anos ao não abusar de *excitantes físicos e morais*, especialmente da voluptuosidade. Dirigindo-se ao público masculino, Mantegazza não via mal em que o velho se apaixonasse, porém tomando o cuidado de fazer sempre metade do que desejaria. É importante registrar que tal condição seria privilégio apenas daqueles que tivessem a sorte de se conservarem belos ainda aos 60 ou 70 anos. Ainda com relação às opiniões médicas no século XIX, o autor recomendou aos velhos afastar pensamentos sobre a morte como se afugentassem mosquitos. Demonstrando serenidade nesses assuntos, garantiu encarar a possibilidade de morrer como se esta fosse um sono depois do trabalho ou uma espécie de renovação.¹⁰⁸

Entre o final do século XIX e início do século XX, o medo de envelhecer possivelmente foi maior entre as mulheres. Pressionadas para se casarem ainda jovens, com o passar do tempo elas se afastariam dos atributos da noiva ideal dentro dos padrões impostos pela moral doméstica. Assim, a idade avançada poderia representar um entrave para o casamento. De acordo com o *Jornal das Moças*, a data de aniversário seria normalmente um motivo de tristeza para as mulheres ao verem se aproximar os sinais da velhice ao mesmo tempo em que se afastariam da beleza e das

¹⁰⁶MACRÓBIO. *Pacotilha*. São Luís (MA), ed. 215, 11 set. 1894, p. 3.

¹⁰⁷TELEGRAMAS: S. Paulo, 22. *O País*, Rio de Janeiro (RJ), ed. 4465, 23 dez. 1896, p. 1.

¹⁰⁸MANTEGAZZA, P. *Elogio da velhice*. Tradução Arlindo Varela. 2. ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925. p. 29-30, 46-47, 210, 216.

probabilidades de um matrimônio. Nessa situação, elas lançariam mão de meios artificiais para aparentar beleza.¹⁰⁹ Conforme analisou a historiadora Nanci Leonzo, a diferença de idade entre os cônjuges não seria empecilho caso o homem velho se casasse com uma mulher jovem. Como exemplo, a autora citou diversos casos, como o do conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira (1834-1917), que aos 36 anos de idade se casou com uma moça de 19 anos; e também do escritor Joaquim Nabuco (1849- 1910), que se casou aos 40 anos com uma moça de 24 anos.¹¹⁰

Em sua tese defendida em 1848 e apontada anteriormente, o médico Manoel da Silveira Rodrigues desaconselhou casamentos entre pessoas jovens demais ou extremamente velhas. Dessa forma, os descendentes de um decrépito com uma moça poderiam se ressentir da fraqueza paterna. Outra informação relevante desse profissional foi a associação entre longevidade e hereditariedade, quando afirmou que um indivíduo provavelmente seria longo caso seus pais também o fossem.¹¹¹

Ao opinar sobre a diferença de idade entre os cônjuges, em *O problema do casamento*, Paolo Mantegazza se manifestou contrário apenas em uma situação: quando homens novos se casassem com mulheres mais velhas. Em sua opinião, este seria um *acontecimento repugnante*, por violar as *regras da natureza*. Ao contrário do homem, a mulher, depois dos 45 ou 50 anos *já não seria mais mulher porque nela sua faculdade de reprodução estaria extinta*. Entre os empecilhos nas uniões desse tipo, citou as exigências estéticas do homem e a rápida decadência da mulher. Considerou ainda que um casamento entre homem jovem e mulher velha seria um ato envolvendo comércio de lascívia por parte da esposa, e de vileza, por parte do marido.¹¹² Após condenar duramente o homem que vendia sua juventude e virilidade em troca de dinheiro, foi extremamente cruel em seu juízo sobre a mulher velha que se unisse a homens mais novos:

A mulher, por seu lado, quase sempre desejaria essa união por ter a vaidade de proclamar à face do mundo que apesar dos seus muitos anos, das suas muitíssimas rugas e da sua deformação física, pôde achar para torná-la feliz, um companheiro de cama e mesa. Não insisto nesse ponto porque espero que os maridos novos de mulheres velhas não leiam este livro, que eles manchariam com suas mãos imundas, e porque me anima a ideia de que eles são todos analfabetos.¹¹³

No referido trecho, o autor fez questão de demonstrar de maneira bem enfática sua desaprovção. Ainda com relação à questão dos casamentos, Mantegazza fez uma curiosa ressalva ao afirmar que os raros casos de união entre mulheres velhas e homens jovens somente seriam aceitáveis se envolvessem intelectuais. Esses deveriam ser respeitados porque não ofenderiam a

¹⁰⁹CRÔNICA. **Jornal das Moças**: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 257, 20 maio 1920, s/p.

¹¹⁰LEONZO, N. O casamento e a moral doméstica. In: PERARO, M.; BORGES, F. (Orgs.). **Mulheres e famílias no Brasil**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005. p.202-203.

¹¹¹SILVEIRA RODRIGUES, op. cit., p. 5, 6.

¹¹²MANTEGAZZA, P. **O problema do casamento**: arte de escolher esposa e arte de escolher marido. Tradução Cândido de Figueiredo. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925 [1894]. p.67.

¹¹³Idem, op. cit., p. 67-68.

natureza, devendo até mesmo ser estudados como fenômenos do coração muito raros e nobres. Comentou ainda sobre um amigo seu, que era muito jovem e costumava se apaixonar somente por mulheres velhas. O rapaz, no entanto, não assumia publicamente seus romances por medo de ser ridicularizado. Julgava o comportamento desse amigo uma *aberração do instinto sexual* equivalente à sodomia e ao lesbianismo, embora admitisse que o moço possuía um *cérebro normal e perfeito*.¹¹⁴

Um caso que ganhou forte repercussão no Brasil foi o assassinato cometido pelo desembargador José Cândido de Pontes Visgueiro (1811-?). Alagoano com 61 anos e solteiro, foi acometido de *violenta paixão senil por uma infeliz decaída*, conforme relatou o Conselheiro Albino Barbosa de Oliveira (1809-1899) em suas memórias. Com o auxílio de seu capanga, Pontes Visgueiro teria matado a jovem amante. Em seguida, colocou o corpo em um caixão forrado de zinco por ele encomendado a fim de remeter o cadáver a Alagoas. Demonstrando frieza, compareceu a uma recepção logo após cometer o crime, tendo sido preso e julgado pelo Supremo Tribunal de Justiça. O réu se livrou da condenação à morte por determinação de Pedro II, que comutou a pena em prisão perpétua.¹¹⁵ Pela imprensa maranhense, em tom de elogio, Pontes Visgueiro foi retratado como um homem *alto, magro e com fisionomia máscula, parecendo menos velho do que é e gozando ainda de alguns cabelos pretos*.¹¹⁶

Um debate interessante diz respeito aos suicídios cometidos em decorrência do temor ao envelhecimento. Esta é uma questão que remonta à Antiguidade, de acordo com Georges Minois. Ao analisar cartas do político romano Plínio o Jovem (62-114), o historiador observou que velhos patrícios frequentemente colocavam fim à própria vida. Entre os motivos, citou o desejo de deixar a vida com dignidade, evitando as dores decorrentes de doenças incuráveis. Os relatos de Plínio também apontaram suicídios cometidos por casais, sendo que as esposas de homens doentes se matavam primeiro para incentivar seus maridos a fazer o mesmo. A origem dos suicídios na Antiguidade, conforme esse autor, estaria associada à influência da filosofia estoica. Nesse contexto, o filósofo Sêneca, que viveu no século I a.C., condenava a opção de viver em estado de decrepitude por causa dos sofrimentos da idade avançada.¹¹⁷

¹¹⁴MANTEGAZZA, op. cit., p. 69.

¹¹⁵BARBOSA DE OLIVEIRA, A. J. **Memórias de um magistrado do Império**. Revistas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Baía, Porto Alegre: Brasiliense Biblioteca Pedagógica Brasileira; Companhia Editora Nacional: 1943. p. 80-81.

¹¹⁶PROCESSO crime do desembargador Pontes de Visgueiro. **O Domingo**. São Luís (MA), ed. 40, 18 out. 1873, p. 1.

¹¹⁷MINOIS, G. **História do suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Unesp, 2018. p. 63-64.

Até o final do século XIX, casos de suicídio tiveram pouca repercussão nos periódicos brasileiros. Em 1834, o *Jornal do Comércio* divulgou no Rio de Janeiro uma tabela estatística de 1.000 suicídios cometidos na cidade de Paris, França, no período de 1796 a 1830. Segundo o levantamento, as pessoas que se mataram na fase mais adiantada da vida preferiram o enforcamento a outros métodos. Na faixa etária entre 50 e 60 anos, 256 indivíduos optaram por se enforcar, enquanto 161 utilizaram armas de fogo. Já os idosos de 60 a 70 anos totalizaram 235 enforcados contra 126 que usaram armas. Quanto àqueles de 70 a 90 anos, 108 interromperam a própria existência se enforcando e apenas 37 usaram armamentos.¹¹⁸

Em 1868, um jornal carioca anunciou a suposta morte da alemã Charlotte Buff (1753-?), descrevendo-a como uma mulher de 95 anos curvada, debilitada e com os cabelos brancos.¹¹⁹ Quando era jovem, esta mulher inspirou Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) a escrever, em 1774, o famoso romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, que marcou profundamente a literatura alemã por meio da história de um jovem que deu um tiro de pistola na própria cabeça, inconformado com o desfecho de um amor impossível.¹²⁰ No Brasil, anúncios dessa obra constaram nos jornais a partir de 1844.¹²¹ Na década seguinte, um artigo criticou o fato de que este livro estaria influenciando pessoas apaixonadas e não correspondidas a se matarem.¹²²

Em 1870, o *Jornal do Recife* noticiou o caso de um colono alemão sexagenário que se suicidou após inutilizar todos os seus mantimentos, bens e uma quantia em dinheiro totalizando mais de quatrocentos mil réis. Atirou tudo em um profundo poço, em seguida se vestiu com trajes domingueiros e sentou-se no meio da casa, disparando um tiro de carabina na cabeça. O jornal atribuiu a atitude ao fato de que ele havia ficado viúvo recentemente e se desesperou com a perspectiva de desamparo em sua velhice.¹²³ Indicando que esse tipo de assunto atraía a atenção dos leitores, casos de suicídios passaram a ser mais noticiados. O mesmo jornal reproduziu a notícia de uma francesa do vale de Ródano, no sudeste da França, que colocou fogo em si mesma ao embeber o vestido em petróleo. Ela teria interrompido a própria vida aos 60 anos por medo de passar necessidades financeiras no final da vida.¹²⁴ Outro registro de provável suicídio foi feito pelo *Diário da Paraíba*, em 1885. Tratou-se de um escravizado com idade superior aos 60 anos. Foi

¹¹⁸SUICÍDIOS em Paris. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 7, 10 jan. 1834, p. 2.

¹¹⁹A CARLOTA de Goethe. *Correio Mercantil e Instrutivo, Político, Universal*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 29, 29 jan. 1868, p. 2.

¹²⁰GOETHE, J. W. G. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução e organização: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2008.

¹²¹VENDAS. *Diário de Pernambuco*. Recife (PE), ed. 32, 8 fev. 1844, p. 4.

¹²²CUNHA, R. da. Estudo literário. *O Atheneu Pernambucano*: periódico científico e literário (PE), ed. 2, ago. 1856, p. 38.

¹²³RIO GRANDE do Sul. *Jornal do Recife* (PE), ed. 242, 24 out. 1870, p. 1.

¹²⁴SUICÍDIO trágico. *Jornal do Recife* (PE), ed. 71, 28 mar. 1875, p. 1.

encontrado enforcado em uma roça em São Lázaro, na Bahia.¹²⁵ Em 1890, Chernoviz criticou o medo da morte como um sentimento que envenenaria a existência de muitas pessoas idosas. Sobre esse assunto, ressaltou as virtudes de Sócrates no momento de sua morte e recomendou aos *velhos medrosos* que acreditassem na imortalidade da alma porque isto bastaria para que passassem a ter paz na consciência e desprezo pelo fim da vida.¹²⁶

Em obra publicada no final do século XIX, o sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) definiu o suicídio da seguinte forma: *todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado.*¹²⁷ Ao analisar taxas de suicídios praticados por pessoas de diferentes idades e regiões da Europa (França, Prússia, Saxônia, Itália e Dinamarca), observou que a prevalência desse tipo de morte aumentaria com o passar da idade, atingindo seu apogeu na velhice e decaindo ligeiramente a partir dos 80 anos de idade. Esse dado foi usado por Durkheim para refutar a possibilidade de que o autoextermínio tivesse qualquer relação com a hereditariedade ou predisposição individual. Em sua opinião, a tendência ao suicídio estaria muito mais relacionada à vida em sociedade do que a qualquer outro fator. Nessa perspectiva, variantes como a religião e o ambiente familiar seriam fundamentais para preservar a pessoa contra essa ação. Durkheim chamou de *suicídio egoísta* aquele motivado por um isolamento exagerado do indivíduo com relação à sociedade, que o transformaria em um solitário, um marginalizado sem laços de solidariedade com o grupo social.¹²⁸ Embora não tenha comentado nada a respeito do estigma da velhice, a ênfase nos aspectos sociais como determinantes para a ocorrência desse tipo de morte vem ao encontro do que é defendido nesta tese, ou seja, a carga do estigma associado à velhice afeta negativamente a pessoa idosa.

No início do século XX, jornais brasileiros fizeram uma importante associação entre velhice e suicídio. Em 1911, o medo de envelhecer ganhou destaque na divulgação da carta de despedida deixada pelo revolucionário socialista de origem cubana e radicado na França, Paul Lafargue (1842-1911), que se matou junto com a esposa Laura, filha de Karl Marx. *Uns acham essa dupla morte admissível; outros são de opinião absolutamente contrária*, escreveu o carioca *O País* sobre a repercussão do episódio.¹²⁹ O conteúdo da carta explicou por que o casal decidiu dar fim à própria vida:

Saudável de corpo e espírito, **mato-me antes que a velhice impiedosa me arrebate**, um por um, os prazeres e alegrias da existência e que me despoje das forças físicas e

¹²⁵BAHIA. **Diário da Paraíba**. Paraíba do Norte (PB), ed. 110, 20 maio 1885, p. 2.

¹²⁶CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 199.

¹²⁷DURKHEIM, É. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 14.

¹²⁸Idem, op. cit., p. XXIV, 97-99, 245.

¹²⁹CARTA de Paris. **O País**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 9934, 18 dez. 1911, p. 3.

intelectuais, paralise minha energia, quebre a minha vontade e faça de mim uma pesada carga para minha própria pessoa e para outrem. **Há anos que resolvi não ultrapassar os setenta anos**; marquei a época do ano para minha saída da vida e preparei o modo da execução da minha decisão: uma injeção hipodérmica de ácido cianídrico. Morro com a alegria suprema de ter a certeza que, num curto porvir, triunfará a causa pela qual lutei, durante 45 anos. Viva o comunismo! Viva o socialismo internacional!¹³⁰

No ano seguinte ao suicídio do casal, um relato beirando a ficção e atrelando o medo de envelhecer ao suicídio foi escrito pelo médico alienista e escritor português Júlio Dantas (1876-1962). Formado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, sua tese intitulada *Pintores e poetas de Rilhafolles* foi apresentada em 1900, tratando de desenhos e escritos de pacientes internados no Hospital Psiquiátrico de Rilhafolles, em Lisboa, conforme a pesquisadora Stefanie Franco. Júlio Dantas escreveu prosa e foi embaixador de Portugal no Brasil, de 1941 a 1949.¹³¹

O relato de Júlio Dantas, mencionado no parágrafo anterior, abordou o drama de uma mulher com idade por volta de 40 anos e que mantinha na gaveta da cômoda um pequeno revólver inglês esperando o momento em que sua beleza acabasse em decorrência do envelhecimento. O caso teria sido relatado por meio de correspondência enviada por uma leitora inconformada com seus *cabelos brancos, a face desbotada e sem frescura e o relevo de veias azuis saliente nas mãos*. Os escritos da suposta mulher traziam lamentos sobre a mocidade perdida, lembranças saudosas do *brilho negro dos próprios olhos e da firmeza antiga do seu perfil de medalha, do traço outrora firme e sinuoso de sua garganta de deusa e de tudo quanto havia sido ritmo, graça, virgindade luminosa [...]*.¹³²

Do ponto de vista científico, foram interessantes as observações sobre a velhice feitas por uma personalidade da época: o bacteriologista russo radicado na França e membro do Instituto Pasteur de Paris, Élie Metchnikoff (1845-1916), que cunhou a palavra *gerontologia*, conceituando-a como o *estudo científico da velhice*.¹³³ Curiosamente, ao mesmo tempo em que era extremamente otimista com a velhice no futuro, tinha uma visão negativa com relação aos velhos de seu tempo. Qualificou essa fase como *repulsiva, cheia de egoísmo, estreiteza de visão, incapacidade e perversidade*. No entanto, sonhava com um futuro melhor para as pessoas de idade avançada, que deixariam de ser um *fardo inútil* para a sociedade e seriam capazes de usar sua experiência para

¹³⁰CARTA de Paris, op. cit., grifos meus.

¹³¹Conf. FRANCO, S. G. The aesthetics of degeneration and expressions of the alienated: readings from Júlio Dantas at the Rilhafoles Hospital. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 727-744, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702017000300727&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

¹³²DANTAS, Ju. Arte de envelhecer. **Jornal de Recife**. Recife (PE), ed. 328, 28 nov. 1915, p. 2.

¹³³METCHNIKOFF, É. **Études sur la nature humaine**: essai de philosophie optimiste. Paris: Masson & Cie Éditeurs, 1903. p. 390.

contribuir especialmente nas áreas da política e justiça – espaços em que os jovens seriam maus gestores em razão da falta de vivência.¹³⁴

Para Metchnikoff, a idade avançada seria um fator de risco para o suicídio. Na velhice, a decisão de acabar com a própria vida seria mais rara entre pessoas provenientes de famílias bem-educadas, que viviam em ambiente refinado. Estas, quando optavam por essa modalidade de morte, seria por medo de ficarem doentes na fase final da vida. Nesse caso, entendo que se enquadraria o genro de Marx, a julgar pelo teor de sua carta de despedida mencionada anteriormente neste capítulo, sobretudo quando justificou o suicídio diante da possibilidade de privar-se dos *prazeres e alegrias da vida*. Entre as famílias necessitadas, a prática do suicídio seria mais frequente, conforme Metchnikoff. A explicação não estaria na falta de desejo de viver, mas sim na dificuldade de ganhar a vida, na falta de oportunidade de trabalho ou meios de manter-se ou ainda diante da possibilidade de ser recusado em abrigos.¹³⁵ As informações dadas por Metchnikoff sobre suicídios na velhice entre pessoas de diferentes camadas sociais, no entanto, precisariam ser relativizadas, pois não foram apresentadas fontes e estatísticas sobre o tema.

Outro duplo suicídio noticiado pela imprensa brasileira ocorreu em fevereiro de 1942. Tratou-se do intelectual austríaco Stefan Zweig, que aos 60 anos se matou com sua companheira trinta anos mais jovem, Charlotte Elizabeth Zweig. Eles eram judeus e refugiados da Segunda Guerra Mundial e viviam em Petrópolis, onde se estabeleceram com a ajuda da comunidade judaica. Os dois corpos foram encontrados na residência do casal poucos dias após o Brasil ter rompido relações diplomáticas com os países do Eixo, sinalizando claramente os motivos que os levaram a interromper a vida. Em um dos trechos de sua mensagem póstuma, Zweig escreveu que *depois dos 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de novo*.¹³⁶ Pelo menos dois jornais da época associaram a morte de Stefan Sweig, ainda que indiretamente, à velhice. Em artigo publicado no jornal *A Noite*, um escritor austríaco e amigo próximo do falecido comentou que o sentimento de velhice foi agravado pela ideia de que ele jamais voltaria a Viena.¹³⁷ O *Correio Paulistano* escreveu que ele queria “morrer de pé porque horrorizava-o a velhice inválida que inspira mais compaixão do que amor”.¹³⁸

A relação entre longevidade e vigor intelectual despertou o interesse de uma parcela letrada da sociedade, no decorrer do século XIX. Contrário ao absolutismo e à vitaliciedade senatorial, o

¹³⁴METCHNIKOFF, op. cit., p. 294-295.

¹³⁵METCHNIKOFF, É. *The nature of man: studies in optimistic philosophy*. Tradução P. Charmers Mitchell. New York and London: G. P. Putnam`s sons, 1905. p. 131-134.

¹³⁶Apud DINES, A. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. 4. ed., ampl. Rio de Janeiro: ROCCO, 2012. p. 252.

¹³⁷FRISCHAUER, P. S. Z. *A Noite*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10791, 25 fev. 1942, p. 2.

¹³⁸NEW York via rádio. *Correio Paulistano*. São Paulo (SP), ed. 28244, 4 maio 1948, p. 4.

jornal carioca *Opinião Liberal* chamou os membros do Senado de *inutilizados* por causa da idade avançada da maioria dos seus membros. Ainda mais: o periódico afirmou que nada mudaria enquanto aqueles homens velhos não *baixassem à sepultura*. A acusação era de que alguns sequer se apresentavam à Corte alegando estarem sempre acometidos por doenças que os impediam de comparecer ao trabalho. Nesse sentido, o jornal não poupou críticas aos velhos: *falta-lhes a virilidade dos anos e a confiança do povo*.¹³⁹

Ainda com relação a esse tema, houve periódicos que publicaram artigos abordando o seguinte questionamento: com a proximidade da velhice, o ser humano estaria mais inclinado a aumentar ou diminuir sua capacidade de trabalho associada ao raciocínio? Em defesa dos mais velhos, um jornal da cidade de São Paulo escreveu que o homem somente conseguiria produzir obras-primas ao entrar na maturidade, ainda na fase da *primeira velhice*. Para fortalecer tal hipótese, o autor citou o escritor francês Émile Zola (1840-1902), que escreveu seu romance *Germinal* quando tinha 45 anos.¹⁴⁰

A relação entre idade avançada e produtividade no trabalho ainda foi apontada em 1914, desta vez tratando da classe política, já que a maior parte dos homens públicos começavam suas carreiras depois dos 50 anos. Conforme destacou *O Imparcial*, desde a proclamação da República, o governante mais moço teria sido Nilo Peçanha (1867-1924), que tinha mais de 40 anos ao assumir seu mandato. Os demais presidentes teriam idade superior a 50 anos. Havia também personalidades como Rui Barbosa (1849-1923), que promoveu, aos 60 anos, a campanha civilista e demonstrou vigor suficiente para viajar por todo o Brasil em busca de votos contra o militar Hermes da Fonseca (1855-1923).¹⁴¹

Tudo indica que o referido debate se intensificou em 1914 porque naquele ano o médico canadense William Osler (1849-1919), professor na Universidade de Oxford, na Inglaterra, afirmou que o homem, quando chegava aos 40 anos, perdia todo o vigor físico e intelectual, passando a *não valer nada* e devendo se retirar para dar lugar aos moços. Essa afirmação repercutiu não apenas na própria Inglaterra, onde os homens públicos – da mesma forma que no Brasil – iniciavam suas carreiras por volta dos 50 anos, como também nos Estados Unidos. Na ocasião, Willian Howard Taft (1857-1930), recém-eleito presidente para o mandato de 1909 a 1913, então com 58 anos de idade, manifestou-se publicamente sobre o assunto. Sustentou que seria aos 60 anos que o homem desenvolveria toda a energia de espírito e atingiria o máximo de suas faculdades mentais.¹⁴²

¹³⁹OPINIÃO liberal. **Opinião Liberal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 20, 28 maio 1870, p. 1.

¹⁴⁰FREI T. De púlpito. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 10134, 19 jun. 1890, p. 1.

¹⁴¹ECOS. O tempo. **O Imparcial**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 479, 23 abr. 1914, p. 2.

¹⁴²PAXECO, F. Os quarentões. **Pacotilha**. São Luís (MA), ed. 109, 11 maio 1914, p. 1.

Independentemente de sua visão negativa sobre as pessoas com mais de 40 anos, William Osler foi considerado generoso e humanista em biografia escrita por autores brasileiros.¹⁴³

As ideias de Osler foram duramente combatidas pelo intelectual polonês naturalizado francês Jean Finot (1856-1922), que por sua vez teve ampla influência no Brasil nas primeiras décadas do século XX, considerando que pelo menos um de seus livros teve edição publicada em São Paulo, em 1931.¹⁴⁴ Embora não fosse médico, esse autor se interessava tanto pelo assunto que organizou listas com dezenas de pessoas longevas a fim de provar que seria possível viver muito tempo gozando de saúde e disposição. Influenciado pelas pesquisas no campo da hereditariedade, afirmou que a expectativa de vida aumentaria a cada século, desde que as pessoas seguissem os preceitos da higiene. O autor era tão otimista nesse aspecto que fez uma curiosa previsão: viver mais de 100 anos no século XXV seria uma situação corriqueira. Ainda mais: no século XXX haveria mais centenários vivos do que somando-se todos os séculos anteriores.¹⁴⁵

Inspirando-se no naturalista Georges-Louis Leclerc (1707-1788), o conde de Buffon – para quem a longevidade de todas as espécies seria igual a sete vezes o período de seu desenvolvimento até a idade madura –, Finot defendeu que todos poderiam viver tranquilamente até 150 anos, considerando que o ser humano atingiria sua maturidade aos 20 anos e o resultado de 7 x 20 é 140. Para atingir esse número, estabeleceu diversos preceitos higiênicos visando a uma vida metódica e equilibrada. Aconselhou seus leitores a evitarem abusos alimentares a fim de poupar os intestinos; a fazer uso de banhos e fricções para manter a elasticidade da pele; a mastigar bem e beber lentamente e examinar as fezes uma vez ao ano. Defendeu ainda a prática diária de 20 minutos de atividades físicas como meio para postergar a chegada da velhice em mais de trinta anos, tendo chamado de *preconceito nefasto* a crença popular de que o sedentarismo seria benéfico na velhice. Finot demonstrou grande preocupação com o declínio da longevidade relacionada à crise demográfica na França, agravada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em seus escritos, declarou-se angustiado com a morte de futuros pais de família e com o surgimento de milhares de tuberculosos, raquíticos, reumáticos, avariados e gotosos. Posicionou-se contrariamente à seguinte ideia qualificada por ele como absurda: os homens maduros deveriam se retirar dos negócios para dar lugar aos moços.¹⁴⁶

O debate sobre a idade dos quarenta anos como o suposto limite a partir do qual a saúde e utilidade das pessoas se declinaria inspirou o escritor estadunidense Walter B. Pitkin (1878- 1953)

¹⁴³LOPES, A. D.; LICHTENSTEIN, A. William Osler. **Rev. Med.**, Sao Paulo, v. 86, n. 3, p. 185-188, jul./set. 2007. Disponível em: http://medicina.fm.usp.br/gdc/docs/revistadc_118_185-88.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

¹⁴⁴FINOT, J. **Prolonguemos a vida**. Tradução Antonio Vidal. São Paulo: Empresa Editora O Pensamento, 1931.

¹⁴⁵FINOT, op. cit., p. 58.

¹⁴⁶Idem., op. cit., p. 9-20, 75, 97-105.

a escrever o livro *Life begins at forty*, em 1932, no contexto da Grande Depressão. A obra foi traduzida para o português pelo escritor Érico Veríssimo (1905-1975) e publicada no Brasil em 1936. No livro, Pitkin apontou uma série de pessoas de diferentes épocas e áreas de atuação, entre mestres da literatura, música e ciência que foram profissionalmente bem-sucedidos até a idade avançada. Otimista também com relação às mulheres velhas, afirmou que não faltaria oportunidade de trabalho para que elas usassem toda sua *energia, espírito e sabedoria*.¹⁴⁷

A preocupação das pessoas jovens em garantir uma renda extra para enfrentar a velhice esteve presente nos jornais desde o final do século XIX, por meio das companhias de seguros.¹⁴⁸ Em 1932, a Companhia Nacional de Seguros de Vida Sul América utilizou os estigmas da velhice e o medo de envelhecer como chamariz em sua publicidade para atrair potenciais clientes. Na propaganda a seguir (Figura 1), a idade avançada foi retratada como uma espécie de fantasma associado à solidão, ao declínio físico e moral, desânimo e desespero. O seguro de vida não evitaria a velhice nem a decrepitude comum à idade avançada, mas atenuaria seus efeitos, de acordo com o texto.

Figura 1 – Propaganda para atrair potenciais clientes.

**Conhece o ancião
que anda
a seu lado?**

A seu lado vive perpetuamente um velho tropeço e triste. Veio comsigo ao mundo e, cada dia que passa, mais depende de si e mais exigente fica...

Esse velho não é uma sombra. É V. S. mesmo, um seu outro "eu". Nesse outro "eu" encarnam-se o seu declínio physico e moral, a solidão, o desanimo, o desespero...

Um seguro dotal, que V.S. se disponha a fazer com pequenas economias de seus ganhos, reunirá um precioso capital que servirá para satisfazer os reclamos do eterno companheiro, o velho que anda a seu lado. Consulte um Agente da Sul America e V.S. se convencerá de que um seguro de vida não é um sacrificio; ainda que o fosse, seria um benedito sacrificio, porque representaria o sustento e a calma de sua velhice

Sul America
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

FIRME
Companhia Sul de America
SUL AMERICA

Fonte: Jornal das Moças. Rio de Janeiro (RJ), ed. 874, 17 mar. 1932.

¹⁴⁷PITKIN, W. B. **A vida começa aos quarenta**. Tradução Érico Veríssimo. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936. p. 146.

¹⁴⁸INEDITORIAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 151, 31 maio 1892, p. 2.

2.3 VELHICE E FEALDADE

A ridicularização de homens e mulheres idosos é muito anterior ao século XIX. Conforme George Minois, que analisou peças do dramaturgo ateniense Aristófanes (447-386 a.C.), os velhos foram usados como caricaturas para provocar o riso das plateias desde o nascimento do teatro. O referido autor concluiu que as pessoas de idade avançada só deixariam de ser motivo de zombaria caso não fizessem absolutamente nada, pois todas as paixões humanas assumiriam caráter ridículo quando observadas naqueles que estivessem próximos da morte. *Seus vícios ou simples paixões eram automaticamente engraçados; o velho lascivo, o bêbado, o avaro, a velha apaixonada e a alcoviteira eram todos garantia de riso*, escreveu o historiador francês, atento à forma como os poetas gregos exploraram uma visão negativa das pessoas velhas.¹⁴⁹ Com relação a Aristófanes, mencionado por Minois, onze comédias de cunho político e burlesco de sua autoria são conhecidas, conforme Henrique Cairus.¹⁵⁰

Ainda quanto à ridicularização dos idosos na Antiguidade, a obra do sátiro pagão Luciano, de Samósata, que viveu na província romana da Síria no século II, apresentou diversos trechos usando idosos como personagens para fazer rir. No diálogo XXII, por exemplo, um velho pescador causou espanto aos seus interlocutores por manifestar o desejo de continuar vivendo mesmo sendo pobre aos 90 anos de idade. *O mais plausível seria que uma pessoa nessas condições desejasse a morte como um remédio da velhice*, afirmou.¹⁵¹ Em outro trecho, no diálogo XVI, um personagem chamado Térpsion afirmou que os velhos não deveriam viver caso estivessem em situação de decrepitude. Para justificar sua opinião, citou aqueles *a quem sobram os três últimos dentes, quase cegos, apoiados em quatro criados, com as narinas empastadas, os olhos cheios de muco, não conhecendo mais nenhum prazer na vida*. E concluiu, chamando-os de *sepulcros ambulantes, ridicularizados pelos jovens*.¹⁵² Menções desse tipo evidenciam como era negativa a representação da velhice na sociedade romana durante a fase do Império. Quanto ao século XIX, muitos desses estigmas foram perpetuados.

No período em que viveu na América portuguesa, entre 1808 e 1818, o comerciante inglês John Luccock criticou a aparência física e, em especial, a decadência precoce das mulheres da colônia. O viajante observou que as jovens alcançariam o auge da beleza aos 12 ou 13 anos, período

¹⁴⁹MINOIS, **History of old age**, p. 51.

¹⁵⁰Conf. CAIRUS, H. F.; RIBEIRO, J. R.; WILSON, A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 230.

¹⁵¹LUCIANO. **Diálogo dos mortos**. Tradução e organização de Henrique G. Marachco. São Paulo: Edusp, 2008. p. 169-171.

¹⁵²Idem, op. cit., p. 129.

em que frequentemente assumiriam os cuidados do lar. Já a maturidade seria atingida por volta de 18 anos. A partir daí teria início a decadência, quando começariam a engordar, tornando-se corpulentas. Como parte desse processo de envelhecimento que avançaria com o passar dos anos, as mulheres trocariam seu bom humor por uma carranca desagradável. Aos 25 ou 30 anos, elas seriam perfeitas velhas enrugadas, tendo perdido o rosado e o viço da face e adquirido uma corcova, com andar desajeitado e vacilante.¹⁵³ Cabe salientar que se trata de uma opinião sem comprovação científica, mas que encontraria eco. Assim como o relato de John Luccock, as críticas ao aspecto físico das mulheres associando velhice, feiura e críticas à moral foram frequentes no decorrer do século XIX, pela imprensa e em textos escritos por médicos. Em 1842, o *Publicador Maranhense* trouxe um artigo criticando a rotina das mulheres que já tinham netos e ainda assim frequentavam bailes, estudavam francês, acordavam tarde e cuidavam da aparência. Elas foram censuradas por se preocuparem mais em arrancar seus cabelos brancos do que em rezar, cuidar da casa e se ocupar com costuras e outros afazeres domésticos.¹⁵⁴

Luiz Vianna D’Almeida Valle (1821-1877) foi um dos médicos a destacar aspectos negativos da velhice feminina. Em sua tese defendida em 1847, afirmou que era *sombrio, triste e aniquilado* o estado da mulher após a menopausa. Descreveu ainda como os traços do rosto se apagariam, os movimentos vitais cairiam em abatimento, *a pele perderia o brilho* apresentando-se enrugada e com tonalidade opaca. Chamou a atenção também para os cabelos, que perderiam sua cor original, diminuindo de espessura. E completou: *os seios murcham, a voz se altera, as funções do útero se aniquilam e a mulher deixa de viver para a espécie e passa a viver exclusivamente para si*. D’Almeida Valle acreditava que quando perdesse o seu encanto, na idade madura, a mulher passaria a adquirir o gosto e as ideias do homem. A essa altura da vida, algumas teriam o *coração descarnado e seco* pelo desprazer de terem perdido uma juventude *que elas ainda contemplam cheias de desespero*, acrescentou.¹⁵⁵ Durante o período de 1868 a 1876, esse médico ocupou o cargo de diretor da Casa de Correção, criada em 1850, no Rio de Janeiro.¹⁵⁶

Ainda no século XIX, um médico brasileiro chamado Antônio Gonçalves de Lima Torres dedicou sua tese a analisar aspectos físicos e morais das mulheres em diferentes fases da vida. Comentou que, na adolescência, elas possuiriam *pele delicada, lisa e cabelos finos e flexíveis*. Já na

¹⁵³LUCCOCK, J. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Tradução Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975. p. 76.

¹⁵⁴VARIEDADES. As senhoras do grande tom. **Publicador Maranhense**. São Luís (MA), ed. 31, 2 nov. 1842, p. 1.

¹⁵⁵VALLE, L. V. D’A. **Mulher e matrimônio medicamente considerados**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 15 dez. 1847. p. 14, 15.

¹⁵⁶Cf: SILVA, M. R. N. Em foco a galeria dos condenados da casa de correção: diferentes modos de ver. **L’Ordinaire des Amériques [Online]**, n. 219, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ordea/2266>. Acesso em: 29 jan. 2022.

fase adulta, adquiririam uma auréola de majestosa dignidade. Em sua opinião, conforme os encantos da puberdade fossem desaparecendo, a mulher iria adquirindo um novo gênero de beleza. Diferente de outros médicos da sua época, Lima Torres se destacou por ser simpático às idosas, tendo afirmado que comportamentos reprováveis como *egoísmo, rigidez, morosidade e falta de asseio* seriam mais frequentes entre os homens de idade avançada.¹⁵⁷ Ele atendia em Cabo Frio (RJ), onde posteriormente atuou como político, tendo sido vereador de 1857 a 1858.¹⁵⁸

Os estigmas às mulheres de idade avançada continuaram presentes na imprensa leiga, com o passar do tempo. Em 1870, um jornal carioca recorreu à velhice para criticar especialmente as escritoras. Afirmou que a mulher teria como dever *conservar-se o mais formosa possível*, evitando acelerar sua *decrepitude e ruína*. E caso surgissem as rugas e os cabelos brancos, que fosse em decorrência do *legítimo exercício de suas funções de mulher*, ou seja, se elas envelhecessem prematuramente, que fosse por ter tido muitos filhos e não por *haver dado à luz muitos livros*.¹⁵⁹

Ao especular sobre a possibilidade de *impedir ou retardar a aparência de senectude* tão desagradável às mulheres, conservando por mais tempo a *juvenil frescura*, Domingos José Gonçalves de Magalhães, mencionado anteriormente, comentou que algumas causas do escurecimento da pele seriam apoplexia, congestão do fígado ou icterícia. Já as moléstias que apressariam a velhice seriam decorrentes de paixões como inveja, ódio, orgulho, ambição e avareza. Para exemplificar, comentou que uma grande comoção moral seria suficiente para embranquecer os cabelos, enquanto um grande desgosto causaria mais *murchidão no rosto* do que a própria ação do tempo.¹⁶⁰

Muitas estratégias devem ter sido usadas pelas mulheres maduras para acobertar as características da idade avançada. Refletindo sobre essa questão a partir da teoria de Goffman, suponho que elas estariam lutando contra a condição de estigmatizadas na tentativa de passar ao universo dos *normais*. Um entre muitos subterfúgios podem ter sido as *capotas de velhas*, de que tratou Gilberto Freyre para se referir ao traje tipicamente feminino usado como artifício para dissimular os contornos do corpo.¹⁶¹ No decorrer do século XIX e início do século XX, anúncios nos jornais diários sugeriram aumento na demanda por disfarces, começando pelas tinturas para esconder os cabelos brancos e cremes para ocultar as rugas, até procedimentos invasivos surgidos

¹⁵⁷TORRES, A. G. de L. **Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases da sua vida**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira, 1848. p. 10, 19, 27, 28.

¹⁵⁸RELAÇÃO dos vereadores que fizeram parte da Câmara Municipal de Cabo Frio – 1830-2020. Disponível em: https://cabofrio.legislativomunicipal.com/arquivos/25341/EX-VEREADORES__2019_0000001.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

¹⁵⁹VARIÉDADE. A consciência do sexo. **Jornal da Tarde**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 238, 5 ago. 1870, p. 1.

¹⁶⁰MAGALHAENS, D. J. G. de. op. cit., p. 22-29.

¹⁶¹FREYRE, G. **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p. 26.

com os avanços tecnológicos da medicina, sobretudo com a endocrinologia e as cirurgias plásticas, que serão tratados nos próximos capítulos.

Em 1860, um anúncio de tintura prometia transformar cabelos brancos em pretos.¹⁶² Já a propaganda de flor de alecrim para banhos de remoçar foi divulgada em 1862.¹⁶³ Na mesma época, os *velhos e velhas com a cabeça branca* foram informados sobre a descoberta de uma substância para tingir cabelos e barba que ainda tinha a vantagem de impedir a queda dos fios.¹⁶⁴ No ano de 1865, uma preparação mexicana para nutrir, amaciar a remoçar a pele, impedindo as rugas, foi divulgada no Rio de Janeiro.¹⁶⁵ Com o sugestivo nome de *Fênix da formosura*, outro *remédio* que prometia recuperar o viço e a beleza da mocidade foi anunciado na mesma época, prometendo destruir as rugas e conferir à pele o viço e formosura da mocidade.¹⁶⁶ Uma propaganda semelhante divulgou a da *tintura americana*, vendida no Rio de Janeiro com *preço ao alcance de todos* cuja ação duraria de três a quatro meses, transformando cabelos brancos em pretos com a vantagem de *impossibilitar as pessoas de notarem o artifício*.¹⁶⁷

Não foi por acaso que a propaganda mencionada apontou como vantagem o fato de o produto impossibilitar as pessoas de notarem a tintura nos cabelos. Analisando essa questão ainda sob os pressupostos de Goffman é possível considerar que uma das estratégias da pessoa *desacreditada* no trabalho de manipulação de seu próprio estigma seria manter segredo para com as pessoas *normais* porque somente assim seria possível garantir uma boa interação social.¹⁶⁸ Nessa época pode ter havido um aumento na demanda de homens interessados em tingir não apenas os cabelos como também a barba. Um mesmo anúncio de 1867 apresentou ao público uma substância para tingimento de barba e cabelos e outra, para tratamento de rugas. Ilustrando o anúncio, as figuras de uma mulher e de um homem lado a lado indicavam que aqueles produtos se destinavam aos dois sexos.¹⁶⁹ A decisão de recorrer às tinturas para esconder a idade pintando cabelos e barbas era uma atitude arriscada no século XIX. Em *Arte de conservar a beleza e a saúde*, foram relatados diversos casos de pessoas de ambos os sexos que sofreram problemas de saúde em decorrência do uso de substâncias corrosivas e cáusticas contidas nas tinturas. Os mais comuns foram queda de cabelo, enfermidades nos ouvidos e erisipela. Já os cosméticos contendo chumbo, bismuto, mercúrio,

¹⁶²TINTURA imperial do Dr. Brown. **Correio Mercantil e Instrutivo, Político, Universal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4, 4 jan. 1860, p.4.

¹⁶³DIVERSIDADE. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, ed. 70, 12 mar.1862, p. 3.

¹⁶⁴ATENÇÃO. Aviso importante. **O País**. São Luís (MA), ed. 6, 14 jan. 1864, p. 4.

¹⁶⁵GADALAXARA. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 346, 14 dez. 1865, p. 3.

¹⁶⁶O FÊNIX da formosura. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 70, 12 mar. 1866, p. 3.

¹⁶⁷TINTURA americana para os cabelos. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 337, 4 dez. 1867, p. 1.

¹⁶⁸GOFFMAN, op. cit., p. 45, 66,

¹⁶⁹ÁGUA dugente. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 222, 27 ago. 1867, p. 4.

arsênico, diversos ácidos e nitrato de prata resultaram em envenenamentos e queimaduras em mulheres que recorriam aos produtos medicamentosos vendidos em farmácias.¹⁷⁰

Em raro artigo publicado em 1861, uma certa Ignez D’Horta deixou explícito o desejo das mulheres de seu tempo em aparentarem juventude. Em seu primeiro texto como colaboradora da *Revista Popular*, no Rio de Janeiro, a autora justificou a necessidade de manter uma alimentação adequada porque esta afugentaria por muito tempo os sinais externos da velhice, qualificada como *a maior desgraça que sobre nós pode sobrevir*. Explicou ainda que, conforme a fisiologia, uma boa alimentação seria capaz de dar mais brilho aos olhos e mais frescor à pele. Esse cuidado garantiria uma aparência dez anos mais moça por proporcionar elasticidade aos músculos, atuando no combate das rugas, as *temíveis inimigas da beleza*.¹⁷¹

Durante minhas pesquisas, encontrei autores que recorreram ao humor e ao sarcasmo como recursos estilísticos para rebaixar a imagem da mulher madura. Uma obra literária francesa traduzida para o português e publicada em um jornal do século XIX foi especialmente contumaz nas críticas dirigidas às mulheres de setenta anos. *Quanta destruição! Quanta ruína!*, exclamou o autor ao descrever o rosto que teria sido *fresco e encantador* há 50 anos. A pele seca, manchada e as rugas mereceram destaque no texto, bem como os olhos sem expressão. Os lábios foram caracterizados como *beijos murchos e sem cor* que revelariam uma *profunda e negra caverna com algumas palissadas em ruínas*. O porte físico da mulher de setenta anos foi descrito com as costas curvadas e as pernas trêmulas. A voz, semelhante ao ruído de matraca, e a tosse constante também foram retratadas pelo autor, ao descrever o início da velhice como sendo uma passagem entre o fim do outono e a chegada do inverno, conforme alguns trechos destacados a seguir:

Foi-se o outono e aí vem o inverno, **com todo o seu sombrio cortejo de desilusões, da vida, a mulher se transforma, tornando-se disforme** [...]. Debaixo da larga touca de canotilhos, que sem grande esforço contém e segura algumas raras mechas de **cabelos brancos**, quem seria capaz de reconhecer esse fresco e encantador semblante de cinquenta anos atrás? **Quanta destruição, quanto aborrecimento e enfermidades chegando a esse último marco ruína!** Esses contornos já formando ângulos; essa pele seca e salpicada de manchas trigueiras, mostrando rugas por toda a parte; esses olhos sem expressão e quase extintos; esse nariz cheio de tabaco, sobre o qual se vê um enorme par de óculos arredondados; **esses beijos murchos e sem mais cor, que mostram, quando se abrem, uma profunda e negra caverna, onde aparecem aqui e ali algumas palissadas em ruínas**; esse **queixo pontudo**, que parece simpatizar na sua parte inferior com a ponta do nariz; por último, se quisermos acrescentar mais alguma coisa a esse **quadro de devastação**, umas costas que já começam a dobrar-se, **uma voz que perdeu o seu último som harmonioso** [...], umas **pernas trêmulas e uma tosse constante**, como o defluxo perene de um asmático, eis aqui o retrato da **mulher de setenta anos, a mulher próxima à decrepitude**, e que, segundo for o seu caráter meigo e afável ou mau e aborrecido, se acha morfoseada em uma boa mulher ou em uma feiticeira de Macbeth. Em geral temos feito sobre as

¹⁷⁰DEBAY, A. *Arte de conservar a beleza e a saúde e consertar os defeitos físicos*: teoria e prática científica. Tradução A. Leal. Porto: E. Chardron, 1877. p. 184-185, 312-313.

¹⁷¹D’HORTA, I. *Gastrofísica*. *Revista Popular*. Rio de Janeiro, RJ, 10. ed., p. 223-229, 10 mar.–10 jun. 1861.

mulheres a seguinte observação: **a fealdade de uma mulher velha está sempre em relação com a má conduta que ela teve.** É fácil ao vício ocultar, até certo ponto, o seu aspecto hediondo, no meio das rosas de um rosto agradável e interessante; a mocidade de alguma maneira lhe serve de disfarce; mas **quando essa mocidade desaparece para sempre, quando a beleza de artifício e de empréstimo não pode mais voltar, então o vício aparece em toda a sua hediondez.** Pelo que se deve concluir que o rosto de uma mulher velha é para ela ou um pedestal ou um pelourinho. **É esta a razão por que as mulheres de vida duvidosa têm muito medo de ficar velhas.**¹⁷²

O citado texto iniciou-se com uma comparação entre a velhice e o inverno, associação bastante frequente nos jornais do século XIX e início do XX. De acordo com Simone de Beauvoir (1908-1986), Hipócrates teria sido o primeiro a comparar as quatro estações do ano com as etapas da vida humana. Segundo o médico grego, a velhice (o inverno) teria início aos 56 anos de idade.¹⁷³ Ao estudar a condição dos velhos em diversas épocas e culturas, a autora foi bastante negativista, apontando que uma série de vícios teriam sido atribuídos às idosas, desde a Antiguidade. Porém, as marcas físicas da velhice teriam sido ainda mais denunciadas por volta do século XV, com o Renascimento que valorizava o corpo jovem. Já a partir do século XIX, os velhos se tornaram mais numerosos e sua sorte foi *particularmente dura*. Nesse sentido, a pessoa idosa passou a ser tratada como um *ser inferior* que precisaria ser convencido de sua decadência e ao mesmo tempo, certas regras morais passariam a ser impostas em relação ao vestuário, aos modos e à aparência.¹⁷⁴

As regras morais quanto às aparências e vestuário ficaram bem explícitas no artigo de um jornal brasileiro em 1877, questionando o fato de que um sexagenário, *com a cara desfigurada pelos pés de galinha, corcovado, coxo e esquelético* teimasse em usar perucas ou tingir os cabelos, afinal seria tolice negar-se a envelhecer *por cima do crânio*. Nesse texto, as mulheres foram ainda mais ridicularizadas: *Quando vejo uma velha de cabeleira, então não posso comigo. Rio, rio, rio até ficar doente*, escreveu o autor do artigo. Por último, descreveu uma *dama quinquagenária e esgrouvinhada*, com o rosto enrugado e vestida de branco em uma manhã de primavera. Conforme a descrição do autor, aquela mulher tinha o *mísero crânio oprimido* por uma peruca com os fios pretos presos em tranças caídas nas costas, imitando a desordem dos cabelos como se tivesse acabado de acordar. *Só a lembrança da tal cabeleira matinal basta para me fazer rir até as dores de ilharga*, escreveu.¹⁷⁵ Muitos anos depois, em 1929, ao comentar sobre o auge de uma cena cômica, o filósofo francês Félicien Challaye (1875-1967) recorreu à imagem de uma mulher de quarenta anos vestida de noiva cujo vestido fosse enfeitado com flores de laranjeira. E acrescentou

¹⁷²AS METAMORFOSES da mulher. Tradução de Dr. A. M. Monpont. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro (RJ), ed. 72, p. 3, 13 mar. 1875. Grifos meus.

¹⁷³BEAUVOIR, S. de. **op. cit.** p. 23.

¹⁷⁴Idem, *op. cit.*, p. 183, 268-269.

¹⁷⁵A CABELEIRA. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro (RJ), ed. 18, 20 jan. 1877, p. 2.

que, diante dessa cena, alguém certamente diria: *Ela merece laranjas*.¹⁷⁶ Na mesma época, o *Jornal das Moças* publicou: *A vaidade, nas mulheres, prejudica sua juventude e torna sua velhice ridícula*.¹⁷⁷

O livro *Arte de prolongar a mocidade e a vida*, reportado no início desta tese, teve um capítulo exclusivamente dedicado a ensinar muitas dicas para as pessoas de faixa etária mais avançada aparentarem um aspecto juvenil. Os cuidados deveriam seguir as regras de higiene, concentrando-se no rosto, dentes e cabelos, que, de acordo com o autor, seriam as partes do corpo mais reveladoras da idade avançada. Para tanto, o rosto jamais deveria ser lavado com sabonete, mas sim umedecido com toalha úmida várias vezes ao dia para excitar os músculos, mantendo-os firmes. Antes de dormir, o ideal seria friccionar cuidadosamente a face com gordura animal ou glicerina. O uso de laxantes foi preconizado para substituir a palidez pela tez rosada, enquanto as rugas seriam combatidas com extrato obtido a partir da glândula tiroide. Já para a beleza dos dentes, o livro recomendou massagens na gengiva e aplicação de algodão umedecido em água oxigenada e água. O afinamento dos cabelos, outro problema típico da velhice, poderia ser atenuado com aplicação de iodo, além dos já mencionados tratamentos para melhorar o funcionamento da tiroide e aplicação de raios ultravioletas com lâmpada de quartzo. Por último, o livro alertou para o fato de que *a gordura é o sinal característico da velhice*, ensinando diversas maneiras de combatê-la por meio de atividades físicas, banhos de vapor, laxantes e novamente os tratamentos à base de extratos de tiroide, ovários e testículos.¹⁷⁸ Todos os truques e conselhos explicitaram a dicotomia entre a feiura atrelada à idade avançada em oposição à beleza associada à juventude.

Apelando ao medo que as mulheres tinham de envelhecer, um anúncio associou os sinais característicos da velhice com ideias de tristeza, desespero e pesadelo (Figura 2).

No *Jornal das Moças*, o estigma associado à velhice de homens e mulheres esteve evidente em farto material, inclusive poemas e crônicas publicadas na seção de *Bilhetes postais*, em que homens e mulheres assinavam textos dirigidos aos namorados. Um autor que assinou com o pseudônimo “Reflexo do passado” escreveu uma breve mensagem à sua amada indicando claramente que foi por ela preterido e se sentiria vingado futuramente, quando ela envelhecesse. Irônico, aconselhou à *mulher ingrata* que aproveitasse ao máximo a mocidade, pois a *visão horrenda e execrável* tão detestável estaria a aguardando e certamente não a perdoaria por ter sido leviana.¹⁷⁹ Muito semelhante foi o relato assinado por um leitor que

¹⁷⁶CHALLAYE, F. *L'art et la beauté*. Paris: Fernand Nathan, 1929. p. 280.

¹⁷⁷MADAME Flahut. S/t. *Jornal das Moças*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 873, 10 mar. 1932, s/p.

¹⁷⁸LORAND, 1911, p. 232-236.

¹⁷⁹REFLEXO DO PASSADO. A Deus. *Jornal das Moças*: Revista feminina, Rio de Janeiro (RJ), ed. 520, 4 jun. 1925.

assinou com o pseudônimo de Lescaut, ao confessar seu consolo pela constatação de ver as mulheres morrerem sob o cruel peso da velhice. Ele se referia particularmente àquelas que algemavam os homens sob o sorriso do fingimento.¹⁸⁰ A mesma revista publicou um pequeno poema escrito por homem idoso de Recife descrevendo a maneira como chorava de saudade ao lembrar que na mocidade teria se sentido amado por uma mulher.¹⁸¹ Outro homem que assinou como Conde D'Avlis escreveu de Salvador (Bahia) para a senhorita D. G. L. lamentando o fato de a idade avançada alterar-lhe as feições e desfigurar seu rosto, além de desaprumar o andar, enrugar a tez e amortecer os olhos, matando ilusões e esperanças.¹⁸² Já Custódio Matheus, do Rio de Janeiro, ao parabenizar Iracema Alves pelo seu aniversário de 19 anos, alertou-a de que a vida infelizmente estaria passando e, neste intervalo de tempo, a velhice impiedosa estaria a caminho e fatalmente chegaria.¹⁸³ A sensação de estar velho inspirou um tal Ubaldo M. Ribeiro a escrever um soneto lamentando a saudade que sentia da mocidade passada tão rapidamente. Em seu texto, não foi indiferente aos cabelos brancos e ao sentimento de tristeza pela sua condição.¹⁸⁴ O sentimento de saudade frequentemente apareceu nos textos divulgados pelo *Jornal das Moças* que trataram sobre idade avançada.

Figura 2 – Como combater diariamente a velhice.

A palavra ENVELHECER é, para as senhoras, a mais triste do dicionário.

“POLLAH”

CRÈME SCIENTIFICO
— DA —
American Beauty Academy, 1748,
Melville Av. N. Y. City U. S. A.

Combatam diariamente a velhice

Não é possível dizer aqui, em poucas linhas, o que fiz e as torturas a que me sujeitei para recuperar a uniformidade da cutis e fazer desaparecer as rugas. Basta que afirme que desesperada, não pensando mais ver-me livre das rugas e das asperezas que tinha no rosto, fiquei agradavelmente surpreendida vendo, em pouco tempo, com o uso do «POLLAH», única e exclusivamente com esse creme, desaparecerem uma a uma, todas as minhas rugas, as asperezas da cutis, que ficou muito mais clara e unida. Como esse resultado é deveras um benefício inigualável para tantas senhoras que estarão como eu estive, desesperadas pelas imperfeições da cutis, quero publicamente dar-lhes o meio de readquirirem a beleza e ficarem livres do pesadelo das rugas.

ESTHY B. RIENER — B. AYRES.

Fonte: **Jornal das Moças**: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 294, 1921.

¹⁸⁰LESCAUT. S/t. **Jornal das Moças**: Revista feminina, Rio de Janeiro (RJ), ed. 827, 23 mar. 1931.

¹⁸¹CALLAFANGE, A. O velho. **Jornal das Moças**: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 521, 11 jun. 1925.

¹⁸²CONDE D'A. Na torrente dos séculos. A srta. D. L. G. **Jornal das Moças**: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 527, 23 jul. 1925, s/p.

¹⁸³MATHEUS, C. A Srta. Iracema Alves. Bilhetes postais. **Jornal das Moças**: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 661, 16 fev. 1928.

¹⁸⁴RIBEIRO, U. M. Adeus à mocidade. **Jornal das Moças**: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 867, 28 jan. 1932.

O próximo debate sobre a velhice trata do interesse de dois médicos do século XIX que se preocuparam em analisar o aspecto físico das mulheres maduras na fase imediatamente anterior à velhice. Para eles, nessa etapa da vida, elas apresentariam uma suposta aparência rejuvenescida que seria passageira. Meu objetivo ao apresentar esse caso é destacar que, ancorados em diferentes argumentos, os dois médicos tiveram em comum o fato de se preocuparem com a questão estética.

2.4 A BELA ILUSÃO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE DOIS MÉDICOS

As opiniões de dois médicos – o fisiologista britânico Alexander Walker (1779-1852), autor de um livro sobre a beleza da mulher, publicado em 1845; e o brasileiro José Maria Noronha Feital, que escreveu sobre a menopausa em 1853 – serão a seguir comparadas. Eles explicaram de maneiras distintas as causas de um fenômeno relacionado à aparência física da mulher e que se daria pouco antes da chegada da velhice. Ambos escreveram durante a época em que o filósofo francês Émile Littré (1801-1881) estava publicando sua edição de dez volumes traduzidos da *Coleção hipocrática (Corpus hippocraticum)* atribuída ao médico grego Hipócrates (séc.V a.C.), sendo composta de sessenta e seis tratados relacionados ao corpo humano. Bastante lida e citada por médicos do século XIX como uma espécie de modelo da literatura médica, segundo observou o historiador Henrique Cairus. A publicação da edição de Littré se deu no período entre 1839 e 1861.¹⁸⁵ Conforme a doutrina dos humores, o corpo humano seria formado por quatro princípios ou humores (sangue, fleuma, bile e água), que, por sua vez, determinariam todos os fenômenos relacionados à saúde e à doença. Ainda conforme essa teoria, os quatro humores deveriam estar equilibrados no organismo – isto equivale a dizer que estes deveriam estar presentes, nem em excesso nem em quantidade menor do que a ideal – garantindo que a pessoa permanecesse saudável.¹⁸⁶

O fisiologista britânico Walker acreditava que a beleza da mulher seria o resultado de diversas circunstâncias: o cruzamento das raças, a amenidade do clima, as características da dieta ao mesmo tempo generosa e temperada, uma vida sem excessos e boa educação. Mas alertou: a beleza também seria resultado da civilização. Para reforçar sua tese, afirmou que mulheres muito

¹⁸⁵CAIRUS; RIBEIRO, op. cit., p. 31, 37.

¹⁸⁶HIPOCRATES. **Conhecer, amar, curar**: o juramento e outros textos. Tradução Dunia Marinho Silva. São Paulo: Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda., 2002. p. 81-82.

belas seriam encontradas apenas em nações civilizadas.¹⁸⁷ Outra peculiaridade desse médico foi quanto à explicação fisiológica dada à beleza, que ele atribuía à perfeição das formas simétricas de diferentes partes do corpo.

Antes de prosseguir na análise das ideias de Walker, quero registrar que, em seu livro publicado em 1845, ele utilizou a expressão *terceira idade* para se referir ao período de vida que se estenderia dos 40 aos 60 anos, nas mulheres.¹⁸⁸ Existe um consenso entre diversos autores no que diz respeito à referida expressão. Esta teria surgido na década de 1960, conforme a antropóloga brasileira Clarice Peixoto.¹⁸⁹ Aqui demonstro, com base em Walker, que ela estava errada. O mesmo vale para o sociólogo francês Vincent Caradec, que atribuiu a invenção da expressão terceira idade à criação do sistema de aposentadoria em vigor após a Segunda Guerra Mundial na Europa e que permitiu às pessoas de faixa etária avançada passarem a ter uma renda razoável. Retomada na França, durante a década de 1970, Caradec sustenta que a referida expressão era usada para se referir àquelas pessoas nem tão velhas dentro de uma população mais idosa. Recém-saídas do mercado de trabalho e com uma expectativa de vida maior do que no passado, passaram a encarar o período da aposentadoria como algo extremamente positivo e desejável, uma espécie de *nova juventude* da qual teriam direito a usufruir. Sustenta, ainda, que a mesma expressão passou a simbolizar profundas transformações positivas na fase entre a idade adulta e a real velhice.¹⁹⁰ A presença da expressão *terceira idade* nos escritos de Walker indica tratar-se de um resquício do passado e o senso comum a recebeu como oportuna em diferentes países e na gestão de benefícios, inclusive o lazer.

Feitas essas observações, retomo aqui as ideias de Alexander Walker e suas hipóteses sobre as características físicas das mulheres entre 40 e 60 anos de idade. Ele acreditava que caso não houvesse influências negativas, tais como doenças ou estilo de vida reprovável, a mulher de meia idade poderia preservar por alguns anos os encantos da fase referente ao período dos 20 aos 40 anos de idade. Para exemplificar, referiu-se ao fenômeno denominado *bela ilusão*, ocorrido tão logo cessasse a menstruação. Segundo o médico, as mulheres nesta fase da vida costumavam engordar. Tal fato resultaria em um efeito capaz de esconder temporariamente as rugas do rosto por causa da gordura acumulada sob a pele. Assim, embora sem a leveza e o frescor da juventude, a gordura

¹⁸⁷WALKER, A. **Beauty**: illustrated chiefly by an analysis and classification of beauty in woman. New York: Henry G. Langley, 1845. p. 163-164. Disponível em: <https://archive.org/details/beautyillustrate00walk/page/n9/mode/2up?q=wrinkles>. Acesso em: 17 dez. 2021.

¹⁸⁸WALKER, op.cit., p. 163-164.

¹⁸⁹PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1988. p. 76.

¹⁹⁰CARADÉ, V. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 12.

sustentaria temporariamente as formas, conferindo um ar majestoso, porém efêmero, durando apenas alguns anos. Passada essa fase, Walker descreveu de forma negativa a aparência física da mulher. Os primeiros sinais dos efeitos causados pelo tempo na beleza seriam a flacidez do abdômen e dos seios, o encurvamento da clavícula e a flacidez do pescoço, acompanhados por alteração das formas que deixariam de ser redondas e suaves. Em resumo, *a beleza deixaria de existir*, bem como a maciez que sustentava suas antigas formas. Deu destaque ainda à *multiplicação de rugas e sulcos*, enquanto a pele perderia para sempre o viço, a cor e frescor. O pior seria nos casos em que houvesse o surgimento de uma barba, fazendo com que as mulheres se parecessem com homens.¹⁹¹

O fenômeno da *bela ilusão* recebeu outra explicação por parte de José Maria Noronha Feital, que nasceu no Rio de Janeiro e doutorou-se pela Faculdade de Medicina daquela cidade em 1839 com a tese *Algumas proposições em medicina*. Foi redator dos *Anais Brasilienses de Medicina* de 1853 até 1854, quando escreveu artigos sobre diversos temas, inclusive relacionados a sua própria profissão, como *O valor dos médicos* e *O sofrer de um médico*.¹⁹² Por meio da teoria dos humores, o médico explicou o suposto fenômeno da *bela ilusão* da seguinte forma: tão logo cessassem as regras, toda a energia vital que antes era destinada ao útero passaria a ser empregada em outros órgãos, resultando em um período fugaz chamado de *idade do remoçamento*, quando a pele ficaria mais viva, densa e colorida, as formas se arredondariam e os seios se entumesceriam. Mas tal encanto seria passageiro, pois a *bela ilusão* costumava durar pouco tempo.¹⁹³

Noronha Feital denominou a velhice após a menopausa como período *triste ou crítico*, variando nas mulheres de acordo com fatores como o temperamento, educação e modo de vida, entre outros. A menopausa seria o período em que a mulher deixaria de existir apenas para propagar a espécie, pois com o término da menstruação perderia a capacidade de conceber, passando a viver só para si.¹⁹⁴ Descreveu de forma extremamente negativa as mudanças físicas que acompanhariam o estado físico e moral após a menopausa, em um processo que ele definiu como *revolução*. É importante registrar que o médico criticou as mulheres que desejavam parecer mais jovens, o que as tornaria *ridículas perante a sociedade* conforme o seguinte texto:

¹⁹¹WALKER, op. cit., p. 163- 165.

¹⁹²CESAR, J. P. do R. Discurso biográfico dos acadêmicos falecidos Dr. José Olympio Soares Ribeiro e Dr. José Maria de Noronha Feital. Lido na sessão magna da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, na presença de S. M. o Imperador, em 29 de junho de 1874, pelo membro titular Dr. João Pinto do Rego Cesar. **Anais Brasilienses de Medicina**, ed. 7, 1874, p. 301-308.

¹⁹³CESAR, op. cit., p. 18.

¹⁹⁴FEITAL, J. M. de N. Profilaxia: meios próprios para dispor a economia da mulher a sofrer sem prejuízo as mudanças que ocasiona a cessação das regras. **Anais Brasilienses de Medicina**, Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 1853, p. 17.

E a gordura se amontoa, e o corpo duplica [...] e só deixa peles e sempre lá ficam as **carnes moles e flácidas**, a lentidão dos movimentos, a perda da atividade; e a **velhice marcando rugas se avezinha, caminhando com todo o seu grande séquito**. Não é, porém, só o físico da mulher que sofre mudança; seu estado moral compartilha da revolução. De ordinário a mulher esquece-se de todos os cuidados em que tanto se esmerava; larga os meneios de que se armava para atrair e **mais não pensa em chamar sobre si as vistas dos homens**. Apenas então cuida em guardar certa dignidade e reserva, e trocando o amor pelo respeito e amizade contenta-se em manter o sossego doméstico, ser o **refrigério do marido** [...]. Algumas encontram-se que então deixam a educação dos filhos e os cuidados da casa para ocupar-se da literatura ou política [...]. Não é raro também ver-se **umas outras que com arrebiques e cosméticos procuram ainda conservar formas gamenhas e destarte ocultar os estragos que o tempo há feito: mas essas ridículas presumidas assim tornam-se o objeto do escárnio público. Míseras que supõem enganar e que se enganam! A mão do Eterno que marcou-lhes o prazo e o atrativo dos prazeres não podem continuar a existir quando eles se tornam infrutíferos.**¹⁹⁵

Esse comentário destacado sobre as mulheres velhas poderia ser compreendido, também, a partir da teoria de Goffman. A descrição de características como as *carnes moles e flácidas, as rugas e a lentidão de movimentos* característicos logo após a menopausa pode ser compreendida como a exclusão das idosas e inserção apenas das jovens na perspectiva das pessoas *normais*. Igualmente à luz do raciocínio de Goffman, o discurso de Noronha Feital sobre a vida após a menopausa daria a dimensão dos estigmas vividos pelas mulheres, tanto do ponto de vista das *abominações do corpo* quanto das *culpas de caráter*, que, por sua vez, foram evidenciadas quando se referiu àquelas que se interessavam por política e literatura. Conforme foi tratado na Introdução desta tese, Goffman classificou os estigmatizados em duas perspectivas: desacreditados e desacreditáveis. Os primeiros seriam aqueles cujos defeitos poderiam ser percebidos no momento exato em que outras pessoas lhe dirigissem a atenção. Por possuírem características físicas marcantes desta fase da vida, as mulheres descritas por Noronha Feital foram claramente *desacreditadas*. E aquelas que ousassem reagir contra o estigma, usando artifícios para se passar por *normais*, seriam ainda mais estigmatizadas, consideradas *ridículas e dignas do escárnio público* porque utilizariam *rebiques e cosméticos*.

Em seu texto, Noronha Feital afirmou que a *fase crítica* da velhice poderia resultar delírios, histerias, síncope ou perda de sentidos, convulsões, entre outros problemas comuns às mulheres de temperamento nervoso. Tais situações seriam mais frequentes entre as que vivessem em cidades, apreciassem música e dança e frequentassem teatros e bailes. Essas seriam propensas à alternância entre estados alegres e tristes, passando da vivacidade à melancolia com grande rapidez. Quando chegassem à *época triste*, ou seja, à velhice, o conselho do médico para as mulheres de temperamento nervoso seria abandonar os bailes e perfumes, retirar-se das cidades para o campo, tomar banhos frios, fazer exercícios, ingerir alimentos de fácil digestão, abstendo-se da paixão

¹⁹⁵FEITAL, op. cit., p. 18-19, grifos meus.

amorosa. As de temperamento linfático, podendo ou não vir acompanhado de temperamento nervoso, seriam caracterizadas por cor branca, pele fina e pálida, cabelos loiros, olhos azuis e abundância de tecido adiposo. Estas estariam predispostas, *na idade crítica*, aos seguintes problemas: flores brancas (corrimentos vaginais) e hemorragias. O temperamento sanguíneo seria raro em mulheres das cidades, caracterizando-se por robustez, constituição forte, cabelos castanhos, olhos pardos ou pretos, tez corada, vivacidade nos movimentos e facilidade de compreensão. Com o fim da menstruação, estariam mais sujeitas à *excitação geral* do organismo ou de algum órgão específico, bem como inflamações, entre outros problemas. Na chegada da menopausa, o conselho a essas mulheres seria o uso de sanguessugas na vulva, passeios em locais sombreados, banhos mornos e bebidas ácidas. Por último, segundo o autor, ao temperamento bilioso corresponderia a cor morena, cabelos e olhos negros, digestão fácil, bom apetite e formas robustas. Algumas mulheres com esse temperamento poderiam tornar-se hipocondríacas e perversas, tendendo à vingança pelo *desgosto de já não poderem agradar*. Entre outros conselhos, o médico sugeriu que usassem sanguessugas no ânus, dieta de vegetais e que fossem viver no campo.¹⁹⁶ Ao tratar sobre tais questões relacionadas à saúde da mulher, Noronha Feital provavelmente leu a tradução de Littré do tratado *Das doenças das mulheres*, datado do século IV a.C. e que foi composto de três livros sobre o assunto.¹⁹⁷

Recapitulando o que foi tratado neste item, Noronha Feital optou por seguir à risca a teoria dos humores em sua explicação sobre a *bela ilusão*. Agiu assim provavelmente porque escreveu seu texto na época em que a fisiologia moderna ainda não tinha tanta relevância no Brasil. Ao estudar sobre a história da fisiologia experimental, Ana Vimieiro Gomes observou que foi a partir da década de 1870 e sobretudo na década seguinte que a fisiologia passou a ser vista como símbolo de modernidade e progresso no Brasil, sendo inserida na agenda científica e tendo seu ápice com o Laboratório de Fisiologia Experimental do Museu Nacional, em 1880.¹⁹⁸ A hipótese da autora se fortaleceria com a opinião de outros médicos do período. Pedro José Virciani, já mencionado anteriormente, criticou os livros dos fisiologistas por não serem esclarecedores sobre as causas do envelhecimento do homem, uma questão que em sua opinião seria muito difícil de resolver. Sobre tais livros, insistiu ainda que conteriam apenas asserções hipotéticas e vagas sobre o assunto.¹⁹⁹

O britânico Walker, por sua vez, criticou o humoralismo, tendo apontado inclusive dificuldades dos médicos daquela época com relação ao uso dessa antiga teoria em sua conduta. Um dos aspectos que parecem ter incomodado Alexander Walker com relação à teoria dos humores

¹⁹⁶FEITAL, op. cit., p. 20-21.

¹⁹⁷ HIPOCRATES. **Conhecer, amar, curar**: o juramento e outros textos, op. cit., p. 201-215.

¹⁹⁸GOMES, op. cit., p. 8.

¹⁹⁹VIRCIANI, op. cit., p. 8.

foi o fato de acreditar nos temperamentos como *abstrações de difícil percepção*. Os temperamentos, em sua opinião, poderiam ocorrer em diferentes combinações, de modo que uma pessoa poderia ter, por exemplo, ao mesmo tempo o tipo sanguíneo e bilioso, manifestando-se em diferentes graus. Assim, as numerosas matizes intermediárias de temperamento dificultariam uma classificação rigorosa. Seriam, em alguns casos, portanto, abstrações difíceis ou até impossíveis de serem percebidas.²⁰⁰

Ao comparar as ideias de Noronha Feital e Alexander Walker com base na teoria do médico polonês Ludwik Fleck, nota-se a presença de mudanças ocorridas entre dois *estilos de pensamento*.²⁰¹ Dessa forma, Alexander Walker deixou de explicar certos fenômenos relacionados à saúde por meio da teoria dos humores, passando a compreendê-los por meio da fisiologia moderna. Permaneceu, entretanto, o enfoque negativo atribuído às mulheres velhas no que se refere à estética.

A saúde da mulher deve ter sido um assunto caro aos médicos na década de 1850. Conforme Fabíola Rohden, naquela época houve grande ênfase à ideia de que seria a produção de óvulos a responsável pela ocorrência da menstruação. No entanto, foi somente no final do século XIX que a ciência avançou na compreensão do ciclo menstrual.²⁰² Sobre as bases de uma teoria ovular da menstruação, Ornella Moscucci foi mais além em suas pesquisas ao notar que, de todas as características femininas, a beleza da pelve era bastante valorizada como a característica responsável pela beleza feminina porque essa região serviria de invólucro dos órgãos procriadores e conteria, portanto, uma ideia divina de beleza e perfeição. Observou também que ao chegarem à menopausa as mulheres seriam consideradas menos morais e não tão belas porque ao perder suas funções sexuais teriam perdido a suavidade e a redondeza da forma feminina.²⁰³ As palavras de outro médico, o brasileiro Humberto Chaves de Gusmão (1892-1951), foram sugestivas nesse sentido, quando afirmou, em 1938, que as causas capazes de apressar a chegada da menopausa seriam *de ordem moral ou social*.²⁰⁴ Ele se referiu à menopausa como uma *tragédia biológica* porque esta seria a época em que o ovário, centro de toda a beleza feminina, perderia sua vitalidade, comprometendo a beleza e a formosura. Outros transtornos atribuídos a esse fenômeno seriam angústias, nervosismo, obesidade, entre outras manifestações.²⁰⁵ Com Humberto Gusmão, portanto, permaneceu a associação entre velhice e negatividade.

²⁰⁰WALKER, op. cit., p. 187, 188.

²⁰¹ Ludwik Fleck definiu *estilo de pensamento como disposição a uma percepção direcionada e um pensamento correspondente do percebido*. Conf. FLECK, L. op. cit., p. 198.

²⁰²ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001. p. 42, 49.

²⁰³MOSCUCCI, O. **The science of woman**: gynaecology and gender in England (1800-1929). Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 35.

²⁰⁴GUSMÃO, H. **Porque as mulheres envelhecem**. 3. ed. [s.l.]: Oficinas de José Magalhães, 1938. p. 135.

²⁰⁵GUSMÃO, op. cit., p. 133.

3 OS MODERNOS PROCESSOS REJUVENESCEDORES

Um dos assuntos abordados nesta tese consiste na forma como a busca pelo rejuvenescimento impulsionou as experiências do fisiologista francês Charles Edouard Brown-Séquard (1817-1894), em 1889, e ainda aquelas realizadas por seus seguidores. Importante observar que esses cientistas estavam desenvolvendo pesquisas sobre o funcionamento dos órgãos que contribuíram para o desenvolvimento da endocrinologia. Em 1901, Thomas Bell Aldrich (1861-1938) e Jokichi Takamine (1854-1922) isolaram pela primeira vez o hormônio adrenalina. No ano seguinte, os fisiologistas William Bayliss (1860-1924) e Ernst Starling (1866-1927) chegaram ao hormônio denominado secretina, que é transmitido pelo sangue até o pâncreas, estimulando-o a produzir o suco pancreático. Outro marco importante deu-se em 1904, quando a adrenalina, hormônio produzido pelas glândulas suprarrenais, foi sintetizada pelo químico alemão Friedrich Stoltz (1860-1936). De acordo com o historiador Roy Porter, a palavra hormônio passou a ser usada por volta de 1905. O hormônio sexual androsterona foi isolado em 1931 pelo médico berlinense Adolf Butenandt (1903-1995) e sintetizado três anos depois por Leopold Ruzicka (1887-1976). Em seguida, um grupo chefiado por Ernst Laqueur (1880-1947) conseguiu, em Amsterdã, extrair um hormônio puro dos testículos denominado testosterona. Já as pesquisas sobre os órgãos sexuais femininos, tendo como cobaias animais, tiveram início em 1923. Novas descobertas ocorreram até que no início da década de 1940 surgiu a progesterona, como uma variedade sintética.²⁰⁶

Entre 1935 e 1939, a indústria farmacêutica, no caso a estrangeira, avançou rapidamente nas terapias que posteriormente vieram a ser conhecidas como terapias de reposição hormonal. Ao fazer uma retrospectiva sobre as pesquisas da época, o endocrinologista inglês Richard Welbourn (1919-2005) observou que o principal hormônio ovariano (estradiol) foi introduzido em meados da década de 1930 juntamente com a progesterona. Ainda de acordo com Welbourn, outras substâncias sintéticas passaram a ser utilizadas não apenas para o rejuvenescimento, mas também para retardar o progresso de doenças como a osteoporose.²⁰⁷

3.1 A REPERCUSSÃO DO MÉTODO BROWN-SÉQUARD NO BRASIL

Desde o século XIX, autores brasileiros e franceses costumavam dividir a história da opoterapia ou organoterapia entre a velha e a moderna terapêutica. Na primeira estariam os tratamentos empregados desde os índus até os chineses, passando por gregos e latinos, atingindo,

²⁰⁶PORTER, R. **The greatest benefit to the mankind**: a medical history of humanity from Antiquity to the present. London: Fontana Press; Harper Collins Publisher, 1999. p. 562-569.

²⁰⁷WELBOURN, op. cit., p. 484-510.

inclusive, os alquimistas do período medieval, bem como aqueles procedimentos realizados durante os séculos XVII e XVIII. Já a moderna terapêutica teve início no século XIX, com o chamado *período científico* da especialidade por meio do advento da medicina experimental. Conforme os fisiologistas franceses Paul Carnot (1869-1957) e A. Gilbert –frequentemente citados por médicos brasileiros do período –, os princípios da *secreção interna* teriam sido estabelecidos por Claude Bernard, em 1867. Mas foi com Brown-Séguard que teria se dado a opoterapia moderna porque ele concedeu à especialidade um novo corpo de doutrina, dando impulso aos tratamentos com substâncias orgânicas embora tenha retomado conhecimentos muito anteriores. O conceito de secreção interna dos autores da época era apresentado como *aquela vertida no interior do organismo*.²⁰⁸

A opoterapia seria o nome genérico que englobaria a terapêutica com produtos de origem animal. Esta se distinguiria da quimioterapia, voltada aos agentes químicos propriamente ditos; da fitoterapia, que usaria agentes vegetais; da bacteriologia, que privilegiava os agentes microbianos; e da dietética, com foco nos regimes alimentares.²⁰⁹ O fisiologista brasileiro Ulysses Paranhos definiu-a como um *método terapêutico que repousa no emprego de extratos e sucos orgânicos*.²¹⁰

A opoterapia foi um campo da medicina que ganhou destaque na imprensa leiga do Brasil durante o século XIX. Em 1889, jornais de várias localidades noticiaram que Brown-Séguard (1817-1894) havia desenvolvido um tratamento com base científica capaz de rejuvenescer as pessoas. Quase quarenta anos depois, ao fazer uma retrospectiva sobre alguns conceitos vigentes na época, o periódico *Vida Doméstica* lembraria que a palavra *rejuvenescimento* foi usada pela primeira vez em 1889 pelo próprio Brown-Séguard para designar um fenômeno observado e demonstrável por ele mesmo, qual seja, o seu rejuvenescimento após ter injetado em si mesmo, aos 72 anos de idade, extratos de glândulas sexuais de cães e porquinhos da Índia.²¹¹

Brown-Séguard nasceu em Porto Luís, um arquipélago pertencente à Grã-Bretanha. Na juventude, escreveu poesias, romances e textos para o teatro. Aos 20 anos, em 1838, mudou-se para Paris, onde passou a estudar medicina e formou-se aos 29 anos, tendo desenvolvido pesquisas na França, Estados Unidos e Inglaterra. Sua tese intitulou-se *Pesquisas e experimentos sobre fisiologia da medula espinhal*. Fundou os *Arquivos de fisiologia* com Jean Martin Charcot (1825-1893) e

²⁰⁸GILBERT, A.; CARNOT, P. **Médicaments animaux**: ophothérapie. Paris: Librairie J.-B. Baillière et fils, 1911. p. 2-11.

²⁰⁹Idem, op. cit., p. 12.

²¹⁰PARANHOS, op. cit., p. 366.

²¹¹CONCEITOS modernos. **Vida doméstica**, Rio de Janeiro, ed. 129, dez. 1928.

Alfred Vulpian (1826-1887) e assumiu a cadeira de Patologia Experimental da Faculdade de Medicina de Paris, tendo substituído Claude-Bernard (1813-1878), de quem foi aluno e seguidor.²¹²

Antes de tratar sobre as pesquisas de Brown-Séguard no campo do rejuvenescimento, uma curiosidade sobre a biografia desse médico merece ser destacada. Eu me refiro à sua relação de amizade com Pedro II. Quando perguntado por que não possuía diversas fotografias tiradas nos estúdios de Paris, como era moda à época, o fisiologista teria respondido que possuía apenas uma fotografia, tirada por um querido amigo seu, o imperador do Brasil.²¹³ Um estudo feito por pesquisadores brasileiros e ingleses deu mais informações sobre os laços de amizade entre Pedro II e Brown-Séguard, surgidos da relação entre médico e paciente. Eles trocaram correspondências entre 1876 e 1885 para tratar sobre a saúde da princesa Teresa Cristina (1822-1899), que sofria de dores nas pernas, nas regiões lombar e dorsal. Outro tema das cartas seria o interesse do imperador em incentivar estudos sobre a fisiologia do sistema nervoso.²¹⁴

Brown-Séguard sempre atribuiu a fraqueza comum nos idosos à diminuição do funcionamento dos testículos. Desde os tempos de estudante, ao pesquisar sobre as influências das glândulas sobre os centros nervosos, achava que seria possível injetar esperma nas veias de homens velhos para aumentar o vigor físico e mental. Depois de fazer experimentos em cobaias, decidiu aplicar em si mesmo, conforme já citei, e, por meio de injeções subcutâneas no braço, um líquido filtrado e obtido pela trituração de testículos de cães ou porquinhos-da-índia com água, sendo proveniente de três fontes: do sangue, das veias testiculares e do esperma do doador.²¹⁵ Quando expôs suas conclusões à Academia de Medicina de Paris, segundo um biógrafo, Brown-Séguard alcançou o auge de sua carreira.²¹⁶ Esta não foi a primeira vez que usou o próprio corpo em suas experiências. Certa vez engoliu pedaços de esponjas presas a um fio para que, ao retirá-los, obtivesse o próprio suco gástrico com a finalidade de estudar aquela secreção. Em outra ocasião, extraiu meio litro de seu sangue para injetar em um criminoso e assim pesquisar os efeitos do sangue arterial e venoso sobre os tecidos.²¹⁷

²¹²OTT, I. **Dr. Brown-Séguard**. October 1, 1896. p. 1-8. Disponível em: <https://archive.org/details/101485900.nlm.nih.gov>. Acesso em: 8 jan. 2020.

²¹³Idem, op. cit., p. 1-8.

²¹⁴TEIVE, H. A. G. *et al.* Letters from Dom Pedro II to professor Brown-Séguard: imperial correspondence and neurophysiology. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 70, n. 8, p. 633-636, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2012000800014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 jan. 2020.

²¹⁵LA METHODE Brown-Séguard. **Traité d'histothérapie**: la thérapeutique des tissus compendium des médications par les extraits d'organes animaux par le D'M BRA. Paris: J. Rothschild, 1895. p. 2-3. Disponível em: <https://archive.org/details/lamethodebrowns00bragoog/page/n>>. Acesso em: 9 jan. 2020.

²¹⁶SÁ, H. de. Necrologia: Brown-Séguard. **O Brasil-Médico**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 13-16, p. 19, 1894.

²¹⁷OTT, op. cit., p. 4.

A esse respeito é interessante notar que após analisar experimentos médicos realizados em seres humanos entre os séculos XVIII e XIX, o filósofo francês Grégoire Chamayou (1976) levantou diversas hipóteses sobre a autoexperimentação – método em que o autor da pesquisa testa em si mesmo seu experimento. Ao colocarem sua própria integridade em risco, os cientistas, acreditava ele, aumentariam a força de convencimento sobre seus pares.²¹⁸ Na Europa, ao tomar conhecimento das pesquisas de Brown-Séguard, a comunidade científica ficou dividida. Um fisiologista de nome M. Variot, por exemplo, aplicou as mesmas injeções em três homens e não afastou totalmente a possibilidade de uma autossugestão nos doentes.²¹⁹ Enquanto isso, grande parte da imprensa tratou o assunto com ironia. Em Londres, além de duvidar da eficácia do tratamento rejuvenescedor por meio da opoterapia, o *The Lancet* afirmou temer pela possibilidade de que tais experimentos prejudicassem ao invés de revitalizarem o organismo das pessoas acometidas pela *doença da velhice*.²²⁰ Outro jornal estrangeiro da época desqualificou Brown-Séguard, usando de sarcasmo ao afirmar que àquela altura o mundo estaria esclarecido demais para acreditar em *feitiçarias*.²²¹ Enquanto isso, em Portugal, o referido método foi praticado em dois pacientes com idades de 62 e 64 anos, e o animal escolhido foi um coelho.²²²

Assim como ocorreu na Europa, as experiências de Brown-Séguard dividiram opiniões entre os médicos brasileiros. A *Gazeta Médica da Bahia*, por exemplo, manifestou-se contrária à novidade, optando por publicar as críticas feitas a Brown-Séguard por *O Lancet* de 27 de julho de 1889, em que sob o título *Fatos e falácias*, desejou que nenhum indivíduo sujeito à *moléstia da velhice* se submetesse ao novo tratamento com injeções.²²³ Por outro lado, *O Brasil-Médico* optou pela neutralidade, limitando-se a transcrever a comunicação do cientista feita à Sociedade de Biologia de Paris, quando anunciou seu experimento.²²⁴

Entre o público letrado, as notícias sobre os avanços no campo do rejuvenescimento envolvendo as pesquisas de Brown-Séguard chegaram com tanta rapidez que, no mês seguinte, ou

²¹⁸OTT, op. cit., p. 146.

²¹⁹VARIOT, M. Trois expériences sur l'action physiologique du suc testiculaire injecté sous la peau, suivant la méthode de M. Brown-Séguard, par M. G. Variot. - **Comptes Rendus de la Société de Biologie**, ed. 26, v. 1, 29 jun. 1889. p. 451-454.

²²⁰FACTS and fallacies. London, 27 de julho de 1889. **The Lancet**, ed. 3439, v. 134, 27 jul. 1889, p.179. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673602298773>>. Acesso em: 6 ago. 2019.

²²¹BROWN-Séguard and the fountain of youth. **The Western Medical Reporter**, Chicago, v. 8, 11 ago. 1889, p. 189-190. Disponível em: <https://archive.org/details/BrownSequardAndTheFountainOfYouth1889/page/n1>. Acesso em: 27 jul. 2019.

²²²DO NOSSO CORRESPONDENTE de Portugal. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro (RJ), ed. 243, 31 ago. 1889, p. 2.

²²³FISIOLOGIA experimental: influência das injeções subcutâneas de um líquido testicular, segundo Brown-Séguard. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador (BA), ed. 7, 1889, p. 70-80.

²²⁴COSTA, C. Associações médicas estrangeiras. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 28-31, 1889, p. 222-223.

seja, em julho de 1889, o *Diário de Pernambuco* escreveu que *um grande acontecimento* estava alvoroçando o mundo científico porque havia sido descoberto o segredo do rejuvenescimento humano a partir da injeção de uma substância feita da trituração de *parcelas ainda palpitantes* de órgãos de cães misturadas em água destilada.²²⁵ Transcrições de jornais europeus sobre o assunto circularam em similares de várias localidades. Os leitores do Pará tiveram acesso a um artigo intitulado *A ciência e a velhice*, com trechos do periódico francês *Le Figaro*, que descrevia as transformações pelas quais supostamente passara o corpo do cientista Brown-Séguard durante a série de injeções, com sua voz ganhando firmeza, a fisionomia recuperando a energia e o olhar readquirindo o vigoroso brilho do passado. Após garantir que o tratamento remoçaria dez anos, o artigo terminou de forma efusiva: *Honra à ciência! Parabéns à velhice!*²²⁶ Já *O Liberal do Pará* divulgou trechos da fala do próprio Brown-Séguard na Academia de Medicina de Paris, intitulando a notícia a esse respeito como *a grande descoberta do século XIX*.²²⁷

Outra constatação envolvendo a repercussão da novidade científica foi uma forte tendência para que ela adquirisse ares jocosos. Conforme um periódico nordestino, o rejuvenescimento consistiria em *fazer dos homens velhos, homens novos, injetando nas veias da velhada o sangue de animais, tais como coelhos, bodes, raposas, etc.* Ainda mais: aqueles que recebessem sangue de coelho passariam a dormir de olhos abertos, enquanto os que recebessem sangue de bode, deixariam de dormir. Neste último caso, a novidade deveria ser recebida com cautela pelas mulheres, que passariam a suportar *crianças de 60 anos*. O mesmo jornal informou equivocadamente a procedência de Brown-Séguard, afirmando tratar-se de norte-americano.²²⁸ Outro jornal da região reproduziu um comentário cômico da imprensa portuguesa sobre o tratamento recém-divulgado por Brown-Séguard ao afirmar que provavelmente haveria uma diminuição das desavenças conjugais sempre que o método conseguisse suprir com energia os organismos cansados e com certas *deficiências lastimosas*.²²⁹ Aqui provavelmente se referia aos processos de anulação de casamento ou mesmo divórcio - situações comuns na França, conforme estudou o historiador francês Pierre Darmon (1939-).²³⁰

Um texto do jornalista português José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915) publicado na *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro, deu a dimensão de como deveriam ter sido ridicularizados

²²⁵REJUVENESCIMENTO humano. *Diário de Pernambuco*, Recife (PE), ed. 170, 31 jul. 1889, p. 2.

²²⁶A CIÊNCIA e a velhice. *A Reação. Órgão do Partido Liberal*. Cametá (PA), ed. 145, 22 set. 1889, p. 3.

²²⁷A GRANDE descoberta do século XIX. *O Liberal do Pará*. Belém (PA), ed. 152, 11 jul. 1889, p. 2.

²²⁸SEÇÃO especial. Cenas e fatos. *Gazeta do Natal: Órgão Conservador*. Natal (RN), ed. 141, 26 out. 1889, p. 4.

²²⁹REJUVENESCIMENTO. *Jornal de Recife*. Recife (PE), ed. 195, 30 ago. 1889, p. 1.

²³⁰DARMON, P. *O tribunal da impotência: virilidade e fracassos conjugais na antiga França*. Tradução Fátima Murad. Revisão técnica: Margareth Fago, Estella Bresciani. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

os homens brasileiros da alta sociedade que se deslocavam à Europa em busca do tratamento rejuvenescedor. Ao viajar a bordo de um navio em companhia de 200 passageiros do Brasil em trânsito do Rio de Janeiro para Bordeaux, na França, não lhe passou despercebida a presença de um *candidato aos cuidados clínicos do Dr. Brown-Séquard, que por misteriosas vacinas inocula no homem exausto o extrato concentrado do ardor másculo e erótico do coelho e do porco-da-índia*.²³¹ Ramalho Ortigão foi tema da tese de autoria de João Carlos Zan, que registrou a atuação do escritor como correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro por mais de quarenta anos na condição de cronista, repórter, necrólogo e autor de matérias opinativas no período entre 12 de julho de 1877 a 17 de outubro de 1915.²³² Interessava-se pelas questões médicas envolvendo o envelhecimento. A prova disso foi que, em 1926, traduziu para o português um livro do poeta e filósofo austríaco Ernest von Feuchersleben (1806-1849), autor de *Higiene da alma*, e que dispôs sobre a higiene moral como meio para conservar a saúde física e espiritual, defendendo a ideia de que a saúde consistiria na união do belo, do bom e do verdadeiro. Este último afirmou que o estado moral seria determinante para a beleza ou a feiura do rosto, sendo que as pessoas de *temperamento apaixonado* teriam muito mais rugas na velhice do que aquelas serenas. Isto se explicaria porque no decorrer da vida teriam contraído inúmeras vezes os músculos do rosto, formando vincos na pele por ações como choro, risos e movimentos de franzir a testa.²³³ Aqui é importante observar que outros autores já chamaram a atenção para a relação entre o sistema muscular do rosto e a beleza. Em uma obra traduzida para o português em 1877, os rapazes que tinham o hábito de franzir a testa foram advertidos deste mal costume e orientados a dormir usando uma substância a base de clara de ovos e álcool até que as rugas do rosto desaparecessem.²³⁴

Retorno a Brown-Séquard, ressaltando a grande quantidade de menções feitas com o objetivo de ridicularizar seu processo de rejuvenescimento. Este foi o caso do *Diário de Pernambuco*, que se inspirou no mito alemão de Fausto, explorado pelo escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) ao afirmar que, graças às injeções, *o velho Fausto tornar-se-ia moço, capaz de apaixonar todas as Margaridas do globo sem o pacto com Mefistófeles*.²³⁵ Por ocasião do falecimento do fisiologista, *O Economista* foi irônico em seu obituário: *Velhos dos quatro cantos do globo correram a Paris com o desejo de remoçarem, como na lenda alemã, mas*

²³¹ORTIGÃO, R. Páginas imperfeitas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro (RJ), ed. 278, 5 out. 1889, p. 1-2, 5 out. 1889.

²³²ZAN, J. C. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 122, 215, 237.

²³³FEUCHERSLEBEN, Barão de. **Higiene da alma**; versão portuguesa de Ramalho Ortigão, 10. ed. Lisboa: Livraria Editora, [1838] 1926, p. 19.

²³⁴DEBAY, op. cit., p. 62-63.

²³⁵VARIEDADES. **Diário de Pernambuco**. Recife (PE), ed. 203, 8 set. 1889, p. 2.

teriam sido logrados.²³⁶ É oportuno observar que se deu nessa época a publicação de *O retrato de Dorian Gray*, polêmico romance do irlandês Oscar Wilde (1854-1900) que se inspirou no pacto fáustico como saída para garantir juventude e beleza eterna ao personagem Dorian Gray enquanto a velhice e feiura se perpetuavam em uma pintura retratando sua imagem.²³⁷

Interessante, ainda, registrar que um jornal carioca fez referência ao tratamento rejuvenescedor de Brown-Séguard de forma maliciosa e com cunho sexual, tendo publicado os comentários de um correspondente de Portugal. De Lisboa, ele lamentou estar precisando das então famosas injeções porque lhe faltavam os *estimulantes fluminenses* que seriam as *inebriantes morenas, de olhos pretos e cabelos ondeantes* que teriam grande influência sobre o seu sistema nervoso.²³⁸ É fato que o procedimento ganhou tanta fama no Brasil que passou a servir como recurso de ironia em assuntos políticos. Ao criticar o governo imperial pela má distribuição de recursos, em texto sob o pseudônimo *Marcial*, um articulista provocou o parlamento: *Elejam-me e contem de certo que ei de dar-lhes uma injeção formidável para remoçá-los, tornando-os na flor dos anos e viço da mocidade [...]*.²³⁹ Com o passar do tempo, o uso de metáforas prova o quanto o assunto se difundiu. Em 1898, o jornalista Ramiro Barcellos criticou o estado precário de finanças do periódico *Imprensa*, que estaria precisando de uma injeção de sêrum de Brown-Séguard.²⁴⁰

Durante a década de 1890, tratamentos rejuvenescedores inspirados em Brown-Séguard puderam ser comprados em diferentes localidades do Brasil. Em julho de 1893, um médico francês chamado Georges Dupont, propagandista dos medicamentos patrocinados pela *Sociedade de Vulgarização Científica Internacional*, desembarcou em Recife para deixar com o gerente da Companhia de Drogas daquela localidade um medicamento chamado *vitaline sabourdy (método Brown-Séguard)*, que consistia *de suco testicular concentrado e esterilizado, que dá em todas as afecções caracterizadas pela fraqueza e debilidade maravilhosos sucessos*.²⁴¹ À frente de sua sociedade, Dupont percorreu diversos Estados do Brasil vendendo produtos farmacêuticos e higiênicos de origem francesa e presenteando jornalistas com amostras de medicamentos, pacotes de pós-perfumados e cartões de reclames provavelmente com a intenção de ter seus produtos

²³⁶BROWN-SÉQUARD". *O economista*, Lisboa (Portugal), ed. 3765, 4 abr. 1894, p. 2.

²³⁷WILDE, O. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução de Maria de Lurdes Sousa Ruivo. [s.l.]: Abril Controljornal, 2000. Sobre diferentes visões acerca do romance de Oscar Wilde, ver: TENÓRIO, P. G. *O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde*: um romance indicial, agostiniano e prefigural. Dissertação (Mestrado Teoria da Literatura) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

²³⁸GAMBETTA, R. Cartas lisbonenses. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 164, 22 jul. 1890, p. 1.

²³⁹MARCIAL. O empréstimo de 100.000.000 \$ e a corrupção eleitoral. *Diário de Pernambuco*. Recife (PE), ed. 203, 8 set. 1889, p. 1-2.

²⁴⁰BARCELLOS, R. Seção livre. Ao sr. Rui Barbosa. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 397, 20 dez. 1898, p. 2.

²⁴¹SOCIEDADE de vulgarização científica internacional. *Diário de Pernambuco*. Recife (PE), ed. 163, 21 jul. 1893, p. 2.

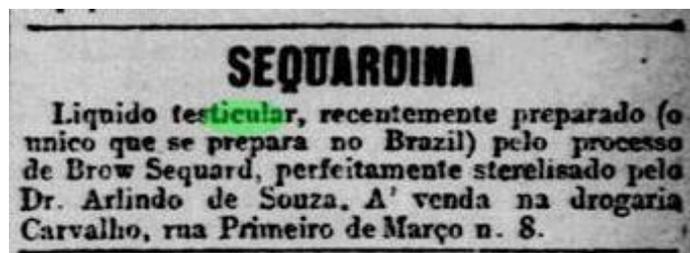
amplamente divulgados e adquiridos pelos leitores.²⁴² Na mesma década, anúncios ofereciam o tratamento feito à base de sêmen e sangue dos testículos de cobaias (Figuras 3 e 4).

Figura 3 - Anúncios oferecendo o tratamento com o método Brown-Séquard.



Fonte: GUTEMBERG: Órgão da Associação
Tipográfica Alagoana de Socorros
Mútuos. Maceió (AL), ed. 203, 13 set.
1894, p. 2.

Figura 4 - Anúncios oferecendo o tratamento com o método Brown-Séquard.



Fonte: Jornal do Comércio. Rio de Janeiro (RJ), ed. 32, 1 fev.
1896, p. 8

Com relação à opoterapia no Brasil, uma interessante dissertação de mestrado que tangenciou, embora não tenha abordado especificamente o tema do rejuvenescimento, foi a de autoria de Rodrigo Ramos Lima, a qual abordou a homossexualidade e a opoterapia como prática clínica e método terapêutico. O autor analisou as falas dos médicos a partir de 1931 com a fundação do Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro até o ano de 1951.²⁴³

²⁴²LE DOCTEUR Georges Dupont. **Jornal de Recife**. Recife (PE), ed. 275, 8 dez 1897, p. 2.

²⁴³LIMA, R. R. **Terra de ninguém ou a terra de todo mundo?: a opoterapia como recomendação para o tratamento de homossexuais detidos no Laboratório de Antropologia Criminal do Rio de Janeiro (1931-1951)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. p. 180-185, p. 15.

Pelo menos um médico brasileiro atestou sua proximidade com Brown-Séguar. A convivência foi fruto de uma polêmica viagem bastante criticada por *O Brasil Médico*, conforme será tratado na sequência deste capítulo.

3.2 A POLÊMICA VIAGEM DE ESTUDOS DE JOÃO MARCOLINO FRAGOSO

Em 1892, *O Brasil-Médico* publicou um texto em tom de denúncia, afirmando que João Marcolino Fragoso estaria viajando pela Europa para aprimorar seus conhecimentos em clínica terapêutica às custas do governo Floriano Peixoto (1891-1894). O autor do texto condenou a concessão do privilégio, alegando inclusive o recebimento por ele de salário mensal durante a tal viagem, embora não fosse funcionário público. Fragoso era recém-formado e obteve esse benefício a despeito dos professores das faculdades de medicina do Rio de Janeiro e Bahia, que naturalmente deveriam ser os primeiros a receber benesses por parte do governo republicano.²⁴⁴ Tendo assinado com o pseudônimo “S”, o autor do texto também censurou duramente a regalia como se o fato de custear a experiência de estudos no exterior tivesse o agravante de desmerecer o ensino das faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Em determinado trecho, assim escreveu:

Se o nosso bom governo tem para si que a terapêutica que se ensina neste Brasil não é pura, que necessita ser aperfeiçoada, depurada em uma viagem transatlântica, robustecida pela frequência dos hospitais europeus, por que não manda à Europa os respectivos professores das nossas duas faculdades?²⁴⁵

O texto de “S” foi republicado na Bahia, desta vez tendo revelado o nome completo do autor. Tratava-se do médico sanitaria Antônio Augusto de Azevedo Sodré (1864-1929).²⁴⁶ No início de 1893, o *Brasil-Médico* voltou a se pronunciar sobre o assunto. Desta vez republicou na íntegra um relatório de Fragoso dirigido ao Ministério do Interior, no qual este comprovou que esteve pessoalmente com Brown-Séguar em Paris para ter o conhecimento completo dos métodos de experimentação que se valiam das injeções orgânicas.²⁴⁷ Nesse documento, narrou que o fisiologista francês estaria aperfeiçoando seu tratamento por meio de um novo sistema para diminuir tanto as dores agudas e prolongadas durante as injeções, quanto os riscos de infecção. As principais modificações consistiam na diluição da substância e sua filtração por meio de equipamentos desenvolvidos por Arsène d'Arsonval (1851-1940), médico colaborador de Brown-Séguar. Além

²⁴⁴BOLETIM da Semana. Mais uma comissão à Europa. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 16-19, 1892, p. 136.

²⁴⁵Idem, op. cit., p. 136.

²⁴⁶MAIS UMA COMISSÃO à Europa. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador (BA), ed. 23, 1891, p. 475-476.

²⁴⁷FRAGOSO, J. M. Clínica médica: a propósito das injeções de Brown Séguar. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ano 7, n. 20, 22 maio 1893 p. 161-162.

de relatar questões técnicas sobre o método, rasgou elogios a Brown-Séguard e lamentou dois aspectos decorrentes da repercussão da terapia rejuvenescedora. Primeiramente as *jocosidades jornalísticas* que condenaram ao ridículo a tese do fisiologista francês por ter feito *velhos decrepitos* estremecerem em delírios juvenis; e, em segundo lugar, a excessiva quantidade de adeptos que acabaram levando a terapia ao descrédito pela exploração de alguns médicos e farmacêuticos interessados apenas em lucrar com a venda do produto.²⁴⁸

A cópia do relatório de Fragoso foi entregue pelo Ministério do Interior a *O Brasil-Médico*. A prova disso foi o documento ter sido precedido de um texto agradecendo a gentileza do Ministério do Interior pelo envio.²⁴⁹ Ao que tudo indica a viagem ocorreu sem o conhecimento da classe médica. Esta não havia sido a primeira vez que o nome de João Marcolino Fragoso apareceu em tom ríspido nas páginas de *O Brasil-Médico*, demonstrando a existência de outras divergências. No ano anterior, em 1891, a revista informou que havia recebido um artigo seu, mas não iria publicá-lo por falta de espaço.²⁵⁰ Não encontrei razões para tal animosidade.

Quanto à viagem de João Marcolino Fragoso pela Europa com o intuito de conhecer a organização dos laboratórios de química terapêutica, a mesma se estendeu até outubro de 1893, de acordo com relatório do Ministério da Justiça.²⁵¹ A partir de 1898, ele se estabeleceu na cidade de Itu (SP), onde abriu consultório médico e passou a trabalhar como clínico e cirurgião.²⁵² Já Azevedo Sodré, que era professor substituto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e diretor da revista *Brasil Médico* – pouco tempo depois, ainda na gestão de Floriano Peixoto, se aproximou do governo federal, tendo assumido, entre outros cargos, o posto de secretário do Instituto Sanitário Federal (1892) e a chefia da Comissão Sanitária Federal (1894).²⁵³

Enquanto a terapia de Brown-Séguard continuou sendo praticada no Brasil, outros processos rejuvenescedores se difundiram.

3.3 ULYSSES PARANHOS: DO ELIXIR DA LONGA VIDA AO BIOINTER

Um médico brasileiro particularmente interessado na questão do rejuvenescimento foi o paulistano Ulysses de Freitas Paranhos (1885-1954). Proveniente de família influente – era

²⁴⁸FRAGOSO, op. cit.

²⁴⁹Idem, op. cit., p. 161.

²⁵⁰CRÔNICA e notícias. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4-7, 1891, p. 44.

²⁵¹PENSÕES e comissões em país estrangeiro. **Relatórios do Ministério da Justiça**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 1893, p. 216,

²⁵²ITU. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 12502, 5 maio 1898, p. 2.

²⁵³Sobre a biografia de Azevedo Sodré, ver: PIMENTEL, I. da S. **Azevedo Sodré**. [s.d.]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SODR%C3%89,%20Azevedo.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2021.

parente de José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), o Visconde de Rio Branco – logo após se formar em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1901, foi viver definitivamente em São Paulo. Conforme seu biógrafo Sinésio Rangel Pestana, Paranhos iniciou sua carreira como médico-adjunto na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Em 1904, esteve à frente da criação do Instituto Pasteur na mesma cidade e foi um dos fundadores do Laboratório Paulista de Biologia (LPB), em 1912.²⁵⁴

Como microbiologista, Ulysses Paranhos trabalhou durante três anos ao mesmo tempo no Instituto Pasteur e no LPB. Deste último foi demitido em 1915 por causa da concorrência feita pelo LPB a essa instituição. Na opinião de Luiz Antonio Teixeira, um dos motivos que levou o Instituto Pasteur de São Paulo a mergulhar em profunda crise foi a prosperidade da indústria farmacêutica nacional impulsionada pela dificuldade de importação de medicamentos em virtude da Primeira Guerra Mundial e também pela existência de profissionais altamente qualificados que passaram a investir na iniciativa privada.²⁵⁵

O LPB viria a ser o maior de toda a América Latina quando Paranhos entregou seu cargo de diretor ao médico italiano Antonio Carini (1852-1950) e seguiu para a Europa a fim de estudar, em 1924. Chegou a fazer um curso com Metchnikoff. No retorno, foi professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, livre-docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil e um dos fundadores da Universidade Livre de São Paulo. Durante a revolta de 1932, ocupou o cargo de diretor do Hospital do Brás, do Departamento de Assistência Social e da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha, em São Paulo. Escreveu *Manual de terapêutica clínica* (1923), *Discursos e conferências* (1913), *Ensaios* (1917) e *Ideias e comentários* (1926). Apresentou dezenas de trabalhos sobre microbiologia, terapêutica e clínica médica.²⁵⁶

Conforme mencionado anteriormente, Ulysses Paranhos tinha grande interesse na questão do rejuvenescimento. A prova disso foi ter enviado, em fevereiro de 1905, alguns frascos como cortesia à redação do *Diário Popular*, publicado em São Paulo, contendo uma substância denominada *elixir da longa vida*. Em sua estratégia de presentear os jornalistas esperando que experimentassem o produto e divulgassem seus benefícios aos leitores, Ulysses Paranhos obteve sucesso. Basta ver que uma breve matéria foi publicada diversas vezes, não apenas em São Paulo, mas em outras cidades do país, como Recife (PE). O texto assim se apresentava:

Elixir de longa vida: [...]. Recebemos do sr. Dr. Ulysses Paranhos, assistente do instituto Pasteur de São Paulo, uma ampola de cultura, em caldo glulosado do fermento búlgaro, aconselhado pelo célebre médico dr. Elias Metchnikoff, para

²⁵⁴PESTANA, S. R. Ulysses Paranhos. **O Estado de São Paulo**, ed. 24478, 24 fev. 1955, p. 8.

²⁵⁵TEIXEIRA, L. A. **Ciência e saúde na terra dos bandeirantes: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período de 1903-1916**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995. p. 144-155. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 30 dez. 2020.

²⁵⁶PESTANA, op. cit., p. 8.

evitar a velhice. A velhice, segundo Metchnikoff, é causada pelas intoxicações intestinais e pela macrofagia; a coalhada evita a primeira e deste modo retarda a chegada dos cabelos brancos e da série enorme de desgostos que acompanham a idade avançada [...].²⁵⁷

Os homens letrados que tiveram acesso à referida notícia, no início do século XX, devem ter se surpreendido com os avanços da ciência ao saber que o fermento criado pelo bacteriologista russo Elie Metchnikoff consistia apenas em um *pequeno micróbio somente visível ao microscópio*. Esse germe tinha a capacidade de secretar ácido láctico, produzindo a proteína denominada caseína, responsável pela formação do coalho. A matéria jornalística citada explicava ainda que se tratava de *um fermento búlgaro recebido pelo Instituto Pasteur de São Paulo diretamente da Europa, sendo aqui cultivado num caldo feito de açúcar de uva, levedo e outras substâncias*.²⁵⁸ Outro jornal afirmou que diversas pessoas da sociedade paulistana estariam fazendo uso do fermento búlgaro a fim de retardar a velhice e que a substância foi conseguida pelo Instituto Pasteur por intermédio de Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920).²⁵⁹ Poucos dias depois, apressando-se em lucrar com a novidade, a empresa de laticínios Irmãos Felippelli registrou na Junta Comercial do Rio de Janeiro a marca *Coalhada*.²⁶⁰ E não demorou até que o Instituto Pasteur também passasse a fabricar a substância em seu próprio laboratório, na cidade de São Paulo.²⁶¹

Os lucros obtidos com a venda do fermento búlgaro provavelmente eram usados para a manutenção do Instituto Pasteur, que havia sido inaugurado oficialmente em 1904. Organizado nos mesmos padrões de outros institutos, funcionava como instituição privada com objetivos filantrópicos e científicos, segundo destacou Luiz Antonio Teixeira. Atuava com foco na produção de imunobiológicos (vacinas e soros); no ensino da bacteriologia; e na pesquisa biomédica voltada à saúde pública. Os membros do Instituto tinham liberdade para fazer individualmente suas pesquisas nos laboratórios daquela instituição.²⁶²

O criador do fermento que levou o seu nome, Elie Metchnikoff, começou a investigar a velhice como fenômeno biológico, bem como a busca pelo prolongamento da vida a partir de 1897, de acordo com o pesquisador José Manuel Ribeira Casado. Recebeu o prêmio Nobel em 1908 juntamente com Paul Ehrlich após suas pesquisas sobre fagocitose e imunidade contra infecções. Trabalhou no Instituto Pasteur de Paris, de 1888 até sua morte.²⁶³ Metchnikoff

²⁵⁷ELIXIR da longa vida. **Jornal Pequeno**. Recife (PE), ed. 31, 8 fev. 1905, p. 1.

²⁵⁸Idem. p. 1. Ver também: “Elixir de longa vida”. **Jornal Pequeno**. Recife (PE), ed. 68, 24 mar. 1905, p. 1.

²⁵⁹FERMENTO búlgaro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo (SP), ed. 9544, 19 jan. 1905, p. 2.

²⁶⁰JUNTA COMERCIAL. **O Comércio de São Paulo**. São Paulo (SP), ed. 3937, 15 fev. 1905, p. 4.

²⁶¹FERMENTO búlgaro: coalhada. **O Comércio de São Paulo**. São Paulo (SP), ed. 4440, 5 set. 1905, p. 2.

²⁶²TEIXEIRA, op. cit., p. 180.

²⁶³RIBERA CASADO, J. M. Centenário de Elie Metchnikoff (1845-1916). **Educación Médica**, v. 18, n.2, p. 136-143, 2017. Disponível em:

comparava as sociedades de determinados insetos (abelhas e formigas) com os seres humanos. Enquanto os primeiros eram formados por seres estéreis (operárias), os segundos estariam divididos em dois períodos: o reprodutivo e o estéril, sendo que deste segundo fariam parte os idosos.²⁶⁴ Em sua teoria sobre a senectude, ele defendeu que a ação dos fagócitos seria determinante porque essas células eram capazes de destruir e devorar elementos nobres do corpo humano. No cérebro, por exemplo, os fagócitos atacariam as células nervosas, resultando em decadência. O bacteriologista definiu a fagocitose como sendo o processo em que *as células fagocitas seriam capazes de se movimentar e devorar todo tipo de matéria sólida.*²⁶⁵

Os cabelos brancos eram uma das questões mais intrigantes na fase da velhice, para Metchnikoff. Primeiro sinal de que a fase final da vida estaria se aproximando, esse fenômeno seria causado, conforme seu entendimento, porque os pigmentos que dão cor aos fios sofreriam fagocitose.²⁶⁶ Da mesma forma que justificou o motivo do embranquecimento dos cabelos, defendeu que a maior parte dos problemas decorrentes da velhice tinham origem em duas questões: uma delas seria a própria fagocitose; a outra, o intestino grosso, em virtude da grande quantidade de bactérias presentes nessa parte do sistema digestivo. Em sua opinião, uma *desarmonia da raça humana*, uma espécie de contrassenso, consistiria no fato de o organismo humano possuir um cérebro altamente desenvolvido e, ao mesmo tempo, um intestino grosso com condições favoráveis ao desenvolvimento de milhares de germes. Para resolver o problema, queria neutralizar os micróbios da putrefação presente nesse órgão por meio de um alimento que impediria o desenvolvimento de bactérias. Sua convicção se fortaleceu após analisar a longevidade de camponeses da Bulgária que se alimentavam dos laticínios compostos de micro-organismos capazes de produzir ácido láctico. Metchnikoff batizou de *lacto-bacillina* seus *micróbios curativos.*²⁶⁷ Como outros autores de sua época, acreditava que a velhice seria uma doença.²⁶⁸

Em sua pesquisa sobre a vida de Metchnikoff, José Manuel Ribera Casado destacou a influência darwinista no pensamento do cientista russo, já que ele atribuía a velhice à intoxicação crônica decorrente da presença de micróbios nos intestinos e, desta forma, o intestino grosso seria um componente orgânico residual no processo de seleção natural da espécie.²⁶⁹ Do ponto de vista estético, a velhice era vista de forma negativa pelo bacteriologista russo, o que ficou claro quando

<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1575181316301590?token=3667F983A3FE6CC0CAB85000901F4>
F. Acesso em: 20 set. 2020.

²⁶⁴METCHNIKOFF, 1903, p. 294-295.

²⁶⁵Idem, 1905, p. 236.

²⁶⁶A hipótese desse autor sobre essa questão foi desenvolvida em: METCHNIKOFF, É. On the process of hair turning white. **Proceedings of the Royal Society of London (1854-1905)**, v. 69, p. 156-156, 1901.

²⁶⁷METCHNIKOFF, 1905, p. 242-255.

²⁶⁸Idem, 1903, p. 390.

²⁶⁹RIBERA CASADO, op. cit., p. 136-143.

escreveu: *Na velhice, os corpos dos homens e das mulheres são geralmente feios e na extrema velhice é quase impossível ver algum traço da antiga beleza.*²⁷⁰ Em outro trecho, afirmou que com o passar dos anos, os homens e outros animais superiores sofreriam importantes modificações: *tornam-se fracos, o corpo encolhe, o cabelo embranquece e os dentes cariam* (sic).²⁷¹ Mesmo se referindo pejorativamente aos velhos, demonstrou otimismo ao vislumbrar ser possível, no futuro, modificar o aspecto melancólico e repulsivo da velhice, transformando-a em um processo suportável desde que os preceitos da medicina higienista fossem seguidos. Acreditava ainda na possibilidade de aumento na expectativa de vida para até 120 anos, afirmação feita por ele quando tinha 60 anos de idade.²⁷²

Com relação aos seguidores das ideias de Metchnikoff no Brasil, além do já mencionado Ulysses Paranhos, outro médico que se destacou foi o baiano Oswaldo Rodrigues de Oliveira (1888-1952), que nasceu em Entre Rios (BA) e se formou pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1911. Iniciou a vida profissional como médico da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e atuou na política durante toda a vida, no Estado de Santa Catarina.²⁷³ Logo no início de sua tese intitulada *Ensaio para a cura da velhice*, enfatizou diversos estereótipos ao retratar a figura de um ancião. Utilizou expressões como *pelos alvos desgrenhados, rugas múltiplas cortando a face esquelética, mãos trêmulas com veias e ossos desenhados e impotente coluna vertebral* para justificar o medo natural que as crianças sentiriam diante dos velhos.²⁷⁴ Ainda de acordo com Rodrigues de Oliveira, a ideia de que a velhice se tratava de uma doença não se justificaria apenas pela aparência física, mas também pelos *desordenados pensamentos incompletos* presentes nessa fase da vida. Citou, ainda, o médico húngaro Max Nordau (1849-1923) para quem o velho se resumiria em uma *desagradável imagem da decrepitude; moralmente um egoísta cego e espevitado, não podendo se ocupar nem de si mesmo; intelectualmente, um pensador enfraquecido e estreito cujo fundo é constituído pelos erros e velhos prejuízos, completamente avesso às novas ideias.*²⁷⁵

Como melhor forma de evitar a velhice, Rodrigues de Oliveira não se limitou a defender a ingestão da coalhada e a administração de purgativos. Foi ainda mais audacioso ao preconizar a

²⁷⁰METCHNIKOFF, 1905, p. 62.

²⁷¹Idem, op. cit., p. 229.

²⁷²Idem, op. cit., p. 262.

²⁷³MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Oswaldo de Oliveira**. 2020. Disponível em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/763-Oswaldo_de_Oliveira. Acesso em: 11 set. 2020.

²⁷⁴OLIVEIRA, O. R. de. **Ensaio para a cura da velhice**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, BA: Oficinas do Diário da Bahia, 30 out. 1911. p. 3. Disponível em: file:///Users/mariaalmeida/Downloads/Oliveira,%20Oswaldo%20Rodrigues%20de_1911.pdf Acesso em: 1 jun. 2020.

²⁷⁵Max Nordau apud OLIVEIRA, O. R. de. **Ensaio para a cura da velhice**, p. 3.

eliminação do intestino grosso. A este respeito, escreveu: *A cirurgia alevantada pelos aventureiros processos da assepsia moderna podia exercer na cirúrgica ablação do grosso intestino o melhor preservativo à saúde, à velhice e à vida enfim.*²⁷⁶ Em outro trecho explicou que a ablação total do intestino grosso seria conveniente em razão da inutilidade desse órgão. Por último, propôs que tal procedimento fosse realizado na infância e a essa medida deu o nome de *toilette infantil*. Sempre tangenciando as ideias de Metchnikoff, garantiu que o intestino grosso seria um órgão tão inútil quanto o apêndice, com o agravante de ser ali um local com enorme quantidade de micróbios.²⁷⁷

Outro médico da época que também teve várias obras publicadas em português e a exemplo de Metchnikoff advertia para a gravidade dos problemas intestinais foi o francês Victor Pauchet (1869-1936), que deu ao intestino grosso o epíteto de *cólon homicida*. Para ele, a constipação teria como consequência a pele flácida, as rugas da velhice e, conseqüentemente, a fealdade. Associou ainda o mal funcionamento dos intestinos a uma série de perturbações circulatórias, digestivas, nervosas e também alterações hormonais, pois em sua opinião as glândulas endócrinas estariam sujeitas a alteração em decorrência de intoxicações. Para saber se seus pacientes tinham bom funcionamento nos intestinos, Pauchet indicava a realização de um exame de raio-X, pois julgava que mesmo as pessoas que evacuavam todos os dias poderiam não defecar o suficiente. Para estimular os intestinos a funcionarem, aconselhava introduzir ao ânus um cone de madeira e mantê-lo por alguns minutos. Outras medidas úteis eram uma alimentação rica em fibras e exercícios físicos que agissem sobre os músculos do ventre.²⁷⁸

Houve médicos brasileiros bastante críticos ao bacteriologista russo. Este foi o caso de Clementino da Rocha Fraga (1880-1971), que se destacou com a medicina social, especialidade, ao que tudo indica, nova no país.²⁷⁹ Acusou Metchnikoff por ter cometido um duplo erro ao considerar a velhice como uma doença e a morte como o resultado acidental das desarmonias naturais. A esse respeito, escreveu: *Para mim, a velhice mantém seu lugar entre as idades fisiológicas e a senilidade é função dos tecidos patológicos.*²⁸⁰ Observações semelhantes foram feitas por Ulysses Paranhos, o mesmo que em 1905 havia sido propagandista do fermento búlgaro no Brasil com a imprensa, conforme acentuei nesta tese. Em 1923, ele reconheceu os exageros atribuídos a este produto, que por pouco não se transformou em *panaceia paracelsiana*, quando, na realidade, não seria tão

²⁷⁶OLIVEIRA, op. cit., p. 72

²⁷⁷ Idem, op. cit., p. 75-77.

²⁷⁸PAUCHET, V. **Conservai a mocidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929, p. 46-49.

²⁷⁹Ver, por exemplo: FRAGA, C. **Erros e preceitos de medicina social**: aspectos médicos e paramédicos da vida social: formação de hábitos sadios: conselhos e sugestões. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1936.

²⁸⁰FRAGA, C. Velhice e senilidade. In: FRAGA, C. **Clínica médica**: lições e notas. 2. ed. Rio de Janeiro: Papelaria Venus, 1924. v. 1, p. 17.

eficiente quanto se julgava.²⁸¹ Apesar desta última crítica, o fermento búlgaro continuou a ser produzido, inicialmente sob a direção técnica do Laboratório Clínico Silva Araújo e, anos depois, pelo Instituto Oswaldo Cruz, em ampolas e comprimidos.²⁸²

Com sua visão empreendedora, depois de desistir do fermento búlgaro, Ulysses Paranhos passou a apostar no rejuvenescimento por meio da produção de opoterápicos, que consistiriam em terapia com base de extratos e sucos orgânicos.²⁸³ Foi o caso do medicamento *Biointer*, distribuído pelo Laboratório Paulista de Biologia e que, conforme seu colega de profissão Ernesto Masi (?-1927), se resumiria em um extrato composto de glândulas sexuais masculinas também chamadas *glândulas da puberdade*. Vendidos em comprimidos e injeções, o *Biointer* foi mais uma novidade da época na tentativa de prolongar *os encantos e as belezas dessa primavera da vida que se chama mocidade*.²⁸⁴ No jornal *Correio Paulistano*, editado na cidade de São Paulo, esse medicamento foi indicado algumas vezes aos leitores que escreviam solicitando conselhos à seção *Consultório médico*. Todas as prescrições publicadas eram assinadas sob o pseudônimo de Dr. OX.²⁸⁵

Ulysses Paranhos era um fervoroso adepto dos estudos referentes ao rejuvenescimento. Em 1926, em uma palestra proferida a estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que visitavam o Laboratório Paulista de Medicina, destacou os estigmas da velhice:

Ser velho, eis o **sonho terrível e angustiante** que acompanha, como uma **sombra satânica**, o gênero humano que treme diante de sua própria imagem sulcada de rugas, sem dentes, com os cabelos prateados, vegetando na terra, e assistindo como um condenado sem indulto, o expirar lento das suas energias, das suas forças, que o abandonam em revoada para nunca mais voltarem. Diante desta **fobia da senectude**, o homem, em todos os tempos, procurou os meios de fazê-la recuar o mais possível, prolongando, deste modo, a sua mocidade, esta primavera da vida. [...] ²⁸⁶

Tais palavras se constituíram em mais uma prova de como os idosos eram marginalizados por suas características físicas e vitais. Expressões como *sonho terrível e angustiante*, *sombra satânica* e *fobia da senectude* foram diretamente associadas aos cabelos prateados, à falta de dentes e às rugas.

Apesar de sua grande influência, o cientista Metchnikoff foi duramente contestado por outro médico brasileiro para quem haveria, na Amazônia, uma fruta cujas propriedades rejuvenescedoras

²⁸¹ PARANHOS, op. cit., p. 177.

²⁸² BULGARO-ZYMASE. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1-26, 1920; “FERMENTO búlgaro do laboratório de fermentos.” **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), 1923, ed. 1-3, p. 40.

²⁸³ PARANHOS, op. cit., p. 366.

²⁸⁴ MASI, Ernesto. Rejuvenescimento. **Arquivos de Biologia**. São Paulo (SP), ed. 83-84, ano 7-8, p. 2063-2065, maio/jun. 1923.

²⁸⁵ Ver, por exemplo: DR. OX. Consultório médico: velho precoce. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 21060, 19 fev. 1922, p. 7. Ver também: “DR. OX”. Abrahão. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 21094, 27 mar. 1922, p. 5.

²⁸⁶ PARANHOS, U. O problema do rejuvenescimento. In: PARANHOS, U. **Ideias e comentários**. São Paulo: O Pensamento, 1926. p. 113.

seriam infinitamente superiores aos efeitos da coalhada. Eu me refiro a Luiz Pereira Barreto e a *Paullinia cupana*, planta medicinal já conhecida pelos europeus.

3.4 O GUARANÁ DE PEREIRA BARRETO

Natural de Rezende (RJ), Luiz Pereira Barreto (1840-1923) nasceu em uma família abastada de fazendeiros. Aos 15 anos mudou-se para a Europa, não tendo medido esforços para estudar medicina na Universidade de Bruxelas, na Bélgica. Retornou ao Brasil somente em 1865. Após revalidar o diploma obtido no exterior na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passou a atuar como clínico e cirurgião em Jacareí, pequena cidade situada no interior de São Paulo. Líder do Partido Republicano Paulista, ao longo da vida ocupou diversos cargos públicos, inclusive foi eleito senador por São Paulo em 1891.²⁸⁷ Entretanto, no que mais se notabilizou foi na divulgação do positivismo. Seu livro *As três filosofias*, em três volumes, tornaram-se um clássico no assunto. Importante lembrar que ainda se dedicou a variados assuntos, como a horticultura e os possíveis destinos do Brasil. Durante sua vida, dividiu-se entre as atividades médicas e empresariais no ramo agrícola com destaque para a cafeicultura e, principalmente, a viticultura.²⁸⁸

Meu interesse em Pereira Barreto deu-se porque ele desqualificou, publicamente, Metchnikoff e seu fermento búlgaro. Embora aceitasse a tese que privilegiava fagocitose e os malefícios do intestino grosso para a saúde, foi taxativo ao defender o guaraná como sendo mais eficiente que o fermento búlgaro no processo de desinfecção dos intestinos e ainda por promover o equilíbrio do corpo e prolongar as energias da mocidade. Escreveu: *Diante do guaraná, produto da Paullinia, toda a sapiente obra de Metchnikoff apresenta-se como uma pálida paródia.*²²⁰ Foi além, afirmando que o médico russo estaria trabalhando inutilmente no combate ao envelhecimento, tendo conseguido apenas colocar a ciência médica europeia em *evidente inferioridade relativamente à ciência dos gentios brasileiros.*²⁸⁹ Publicada inicialmente em *O Jornal*, da cidade de Santos, a crítica de Pereira Barreto logo se difundiu por outras localidades do Brasil. Em Recife, o *Diário de Pernambuco* noticiou a revelação do *micróbio da velhice* e seu combate por meio da coalhada, porém destacou:

A sabedoria indígena deu-nos o guaraná. A ciência oficial propõe-nos a coalhada. O guaraná está experimentado. A coalhada é apenas uma promessa. Penderemos de

²⁸⁷BEGLIOMINI, H. **Luiz Pereira Barreto**. São Paulo: Academia de Medicina de São Paulo [s.d.]. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/1/BIOGRAFIA-LUIZ-PEREIRA-BARRETO.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022. Sobre Pereira Barreto, ver BARROS, Roque Spencer M. de. **A evolução do pensamento de Pereira Barreto**. São Paulo: Ed. Guijalbo, 1967.

²⁸⁸LUIZ Pereira Barreto. **O Estado de São Paulo**. São Paulo (SP), 14 jan. 1923, p. 3.

²⁸⁹BEGLIOMINI, op. cit., p. 143-152.

preferência para o lado de Metchnikoff só porque o guaraná é presente de gentio sem pergaminho? Quem tiver juízo, é meu conselho: siga o bugre.²⁹⁰

Conforme Ângela Alonso, Pereira Barreto integrou uma *geração* constituída por militares, engenheiros e médicos, os quais, dotados de formação técnico-científica, eram fortemente críticos às instituições imperiais e às bases que o legitimavam. Ao destacar essas bases, a autora mencionou dois aspectos: o *liberalismo dos bacharéis e o indianismo romântico*.²⁹¹ Acredito que o caso de Pereira Barreto e sua exaltação ao conhecimento dos indígenas sobre o guaraná permitem relativizar tal afirmação, já que no episódio aqui descrito o médico usou seu discurso científico para defender com grande ênfase a figura dos *gentis sem pergaminho* como superiores a Metchnikoff. A verdade é que as concepções de Pereira Barreto obviamente foram se transformando no decorrer da vida. No episódio do guaraná, prevaleceu sua visão de médico e empresário.

A desqualificação do fermento proveniente da Europa como sendo um produto inferior ao guaraná dos indígenas brasileiros reforça a tese de Flávio Edler, no sentido de que havia médicos do período estudado que *reivindicavam uma concepção particularista, em termos territoriais, do conhecimento médico*.²⁹² Embora Edler estivesse se referindo às doenças tropicais, sua análise ajuda a entender, parcialmente, a lógica empresarial de Pereira Barreto, que também estava inserido naquela atmosfera de valorização de uma medicina nacional e na crença de que os médicos nacionais se sentiam mais aptos a determinar a terapêutica para as doenças que acometiam seus conterrâneos. Assim, apesar de Pereira Barreto aceitar as hipóteses do cientista russo sobre a etiologia do envelhecimento relacionada às bactérias presentes no intestino grosso, não adotou uma atitude de passividade à medicina europeia. Pelo contrário, interferiu nas ideias que circulavam pelo ambiente médico, julgando-se capaz de ditar um tratamento à base de produto genuinamente brasileiro. Quase três anos antes de sua morte, Pereira Barreto mudou sua residência para a cidade de São Paulo, abrindo um consultório médico no qual prometia a cura das hemorroidas.

Fruto do arbusto *Paulinia sorbilis*, o guaraná em pó e misturado à água era aconselhado no século XIX principalmente nas regiões rurais como medicamento contra diarreias, nevralgias e enxaquecas.²⁹³ Também chamado de *fruto da juventude*, essa planta natural da região amazônica foi originalmente cultivada pelos indígenas Mauê em um processo em que as sementes eram separadas da casca do fruto e depois deixadas em fermentação para, em seguida, serem socadas até

²⁹⁰S/t. **Diário de Pernambuco**. Recife (PE), ed. 89, 19 abr. 1905, p. 2, grifos meus.

²⁹¹ALONSO, A. O positivismo de Luís Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX, p. 2. **Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. [s.d.]. Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/alonsopositivismo.pdf> Acesso em 12 set. 2022.

²⁹²EDLER, F. C. **A medicina no Brasil Imperial**: clima, parasitas e patologia tropical. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 17, 262-263.

²⁹³CHERNOVIZ, P. L. N. **A grande farmacopeia brasileira**: formulário e guia médico. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 1999. v. 2, p. 48.

adquirirem consistência pastosa. O botânico Carl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868) dizia que a bebida feita a partir dessa planta era afrodisíaca, pois estimularia o apetite sexual.²⁹⁴ Possivelmente, um dos primeiros a utilizar o guaraná com finalidade medicinal na França teria sido Gavrelle, que foi médico de Pedro II e fez uso desse medicamento ainda na primeira metade do século XIX. Em seu relato sobre a planta, afirmou ter pedido ao farmacêutico M. Dechasselus que lhe trouxesse a substância diretamente do Brasil. Revelou ainda que esse farmacêutico, em 1840, dispunha de quantidade suficiente para abastecer interessados em prescrever a nova droga aos seus pacientes,²⁹⁵ o que me parece duvidoso.

O médico e escritor brasileiro Alexandre José de Mello Moraes (1816-1882) também destacou as qualidades afrodisíacas da planta, bem como sua utilidade no tratamento de disenterias, febres e enxaquecas.²⁹⁶ No exterior, o guaraná era considerado um medicamento raro e valioso para a cura de *dores de cabeça doentias*, tendo sido denominado *o remédio por excelência* por um fisiologista estadunidense de nome Douglas Morton, que afirmava ter se curado de uma terrível enxaqueca que lhe rendeu quatorze anos de sofrimento.²⁹⁷ Os mesmos benefícios foram apontados por W. Macdowall em artigo relatando a evolução de pacientes a quem prescreveu a substância no combate à dor de cabeça associada a diversas doenças.²⁹⁸ Em 1875, por meio de propaganda dirigida à classe médica, a empresa estadunidense *Parke, Davis e Co.* apresentou o seu *extrato preparado com o verdadeiro guaraná*, afirmando que se tratava de um novo remédio de origem brasileira utilizado por aborígenes. O anúncio ainda apresentou nomes de médicos europeus e estadunidenses que referendavam seu uso, destacando as vantagens dos princípios idênticos à cafeína.²⁹⁹

Faz-se importante ainda registrar que ao defender o guaraná, Pereira Barreto teve suas ideias atreladas à tentativa de impulsionar sua industrialização em terras brasileiras. A prova disso foi que

²⁹⁴FELIPPE, G. **No rastro de Afrodite**: plantas afrodisíacas e culinárias. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 221-222.

²⁹⁵GRAVELLE, M. N. A. Notice sur une nouvelle substance médicinale appelée Paullinia. Paris : [s.n.], 1840. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6148814t/f6.item.r=Notice%20sur%20une%20nouvelle%20substance%20m%C3%A9dicinale%20appel%C3%A9e%20Paullinia>. Acesso em: 14 set. 2022. Ver ainda: GUARANA de dechastelus, pharmacien-inventeur. [s,d.]. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox?projector=1>. Acesso em: 15 set. 2022.

²⁹⁶MORAES, A. J. de M. **Fitografia ou botânica brasileira aplicada à medicina, às artes e à indústria**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1881. p. 189-190.

²⁹⁷MORTON, D. Migraine from injury to the head. **The practitioner**: a journal of therapeutics and public health. Londres: Macmillan and Co., 1873, p. 100-102. Disponível em: <https://archive.org/details/practitioner111onduoft/page/102/mode/2up?q=guarana>. Acesso em: 28 dez. 2021.

²⁹⁸MACDOWALL, W. Notes on guaraná. **The practitioner**: a journal of therapeutics and public health. Londres: Macmillan and Co., 1873, p. 161-175.

²⁹⁹TO PHYSICIANS. **The Chicago Medical Journal**. J. Adams and Walter Hay Editors. Chicago: W.B. Keen, Cooke & Co Publishers, v. XXXII, p. 1-2, 1875. Disponível em: https://archive.org/details/sim_chicago-medical-journal-and-examiner_1875-01_32_1/page/2/mode/2up?q=guarana. Acesso em: 14 set. 2022.

as afirmações do médico sobre os efeitos rejuvenescedores da fruta foram citadas em um relatório em que pediu o envio de especialistas ao território do Acre para análise do terreno. Dessa forma, a opinião de Pereira Barreto como homem de ciência com formação médica no exterior foi usada para ratificar a futura viabilidade do empreendimento.³⁰⁰ O relatório foi assinado pelo engenheiro agrimensor suíço João Alberto Masô, que chegou a ocupar o cargo de delegado do Ministério da Agricultura no território do Acre. De acordo com a imprensa da época, Masô chegou ao Brasil em 1895. Mudou-se para o norte do Brasil, integrando uma equipe de 13 pessoas trazidas como auxiliares do prefeito do Acre, capitão Jesuíno de Albuquerque, em 1907.³⁰¹ No Brasil, o guaraná passou a ser exportado a partir de 1917, constando em documentos oficiais sob a rubrica de plantas medicinais. Em menos de 40 anos, a exportação passou de cerca de 9 quilos para uma tonelada e meia, em 1952. De 1923 a 1932, a Alemanha importava cerca de 80% do guaraná produzido no Brasil. De 1933 a 1942, sua participação caiu para 25%. Enquanto isso, os Estados Unidos, que de 1933 a 1936 praticamente ignoraram a planta, passaram a importar 98% da produção em 1942.³⁰²

O interesse do engenheiro Masô precisa ser compreendido no contexto da então recente anexação do Acre e dentro das políticas de Afonso Pena (1906-1909), que visavam à interiorização da autoridade governamental rumo ao extremo norte do Brasil. Aliás, foi neste período que se criou o Serviço de Proteção ao Índio, chefiado por Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958).³⁰³ Assim, o levantamento de recursos que possibilitassem a exploração de produtos naturais, objetivando a expansão agroindustrial e a delimitação do território nacional, se inseria em um projeto para descobrir a vocação de regiões mais isoladas a serem exploradas por meio da agricultura.³⁰⁴

A problemática da velhice não passou despercebida por Pereira Barreto, que deixou inclusive um relato revelador de si mesmo. Quando tinha 81 anos, conforme um biógrafo, descreveu a sensação de chegar ao fim da vida no seguinte trecho:

Atirado em vida, desarmado, sob um inóspito rochedo, o homem é um ente consciente, condenado sem apelo à morte. Todo o brilho das suas faculdades intelectuais e morais,

³⁰⁰MASÔ, J. A. O guaraná. **Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, RJ, p. 143-152, 1906.

³⁰¹Cf.: JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus (AM), ed. 927, 25 jan. 1907, p.1.

³⁰²A CULTURA do guaraná. Suplemento Comercial e Industrial. **O Estado de São Paulo**. São Paulo (SP), ed. 23888, março 1953, p. 9.

³⁰³Sobre a Comissão Rondon e relatos da viagem de um médico e cientista do Rio de Janeiro para a região Norte, em 1912, ver: LEONZO, N. Dois amantes da natureza. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso: dossiê 130 anos de nascimento de Virgílio Alves Corrêa Filho (1887-2017)**, Cuiabá, MT, n. 79, p. 130-151, 2017.

³⁰⁴Sobre o papel da ciência na Comissão Rondon e a importância do Ministério da Agricultura no povoamento daquela região, ver: SÁ, D. M. de; SÁ, M. R.; LIMA, N. T. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 3, p. 779-810, set./dez. 2008.

ostentado durante a mocidade e a idade viril, desaparece tristemente na escuridão da última fase de sua curta existência. **A velhice é uma imerecida humilhação** e a morte, uma trágica injustiça. Não temos para nos defender senão o fraco e o vacilante filete de luz que a natureza, por grande favor, concedeu ao nosso cérebro, e é só com essa precária e frágil arma que temos que sustentar a luta pela vida.³⁰⁵

É possível supor a existência de uma carga de estigma alimentada talvez por desgostos financeiros e políticos passados quando o médico descreveu a velhice como uma *imerecida humilhação*. Aumentava a percepção de sua condição o fato de estar lúcido, o que ficou evidente ao comentar sobre o *filete de luz* que ainda iluminava seu cérebro. Pereira Barreto foi encontrado morto em seu quarto na sua residência em São Paulo, na manhã de 11 de janeiro de 1923. Entre os necrológios publicados por jornais de todo o Brasil enaltecendo suas qualidades, o *Correio da Manhã* chamou a atenção por elogiar o aspecto físico do falecido, que embora tivesse mais de 80 anos, aparentava ter no máximo 70. Relembrou, ainda, célebres polêmicas sobre religião e política travadas entre Pereira Barreto e Eduardo Prado (1860-1901).³⁰⁶ Alguns anos após sua morte, em 1927, *O Estado de São Paulo* registrou que o antigo defensor da planta *Paullinia* foi responsável pela fórmula que originou o Guaraná Zantto, recomendado como tônico revitalizador por vários médicos.³⁰⁷

O caso de Pereira Barreto – defensor do guaraná como sendo superior ao leite coalhado no tratamento da velhice – poderia ser compreendido à luz dos estudos do filósofo francês Bruno Latour (1947-), que, por sua vez, se aprofundou nas relações entre sociedade, ciência e tecnologia. A forma como o engenheiro Masô utilizou o discurso de seu contemporâneo Pereira Barreto ilustrou a maneira como o conhecimento científico se encontrava permeado por meio de negociações e entrelaçamentos envolvendo diversos setores da sociedade. Na tentativa de emplacar a produção do guaraná, é possível notar, seguindo Latour, *as muitas negociações que os de fora precisam realizar para que os de dentro existam*.³⁰⁸

A exemplo do guaraná, possivelmente a preocupação em divulgar o potencial dos medicamentos nacionais foi uma tendência na década de 1920. O farmacêutico e tenente do exército Arlindo de Araújo Vianna (1899-1957) defendeu uma campanha em prol da indústria farmacêutica brasileira em pelo menos um artigo na imprensa especializada. Araújo Vianna, além de oficial do exército, foi engenheiro químico e farmacêutico. Formou-se químico industrial militar pelo Curso da Missão Francesa, ministrado em 1930; cursou a Escola de Engenharia Militar e a Escola

³⁰⁵apud BEGLIOMINI, op. cit., p. 143-152.

³⁰⁶UM BRASILEIRO ilustre. **O Estado de São Paulo**. São Paulo (SP), ed. 16059, 11 jan. 1923, p. 3.

³⁰⁷O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo (SP), ed. 17795, 11 dez 1927, p. 12.

³⁰⁸LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução Ivone Benedetti. São Paulo: Unesp, 2011. p. 248.

Militar de Química.³⁰⁹ Criticou os médicos e, de modo geral, todo o povo brasileiro por desconfiar da qualidade dos remédios nacionais – desde as tinturas vegetais, extratos fluidos e compostos orgânicos, passando por todo o tipo de injeções, soros e produtos opoterápicos e biológicos que vinham sofrendo com a *concorrência de similares importados*. Enalteceu as excelentes condições de fabricação desses produtos, com o uso de aparelhos importados e sob afiscalização da Saúde Pública. Esse farmacêutico denunciou, ainda, que os europeus vinham ao Brasil e coletavam plantas medicinais, levavam esses produtos para a Europa e os empacotavam, revendendo-os aos brasileiros. Em sua avaliação, essa atividade prejudicava nossa economia, pois os consumidores nacionais pagavam caro para obtê-los, além de correrem o risco de consumirem produtos malconservados.³¹⁰

3.5 IRABUSSU ROCHA, AUGUSTO LEITE E OUTROS ADEPTOS DO MÉTODO DE STEINACH

Em 1921, quando era interno no serviço de cirurgia na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, o então estudante de medicina Irabussu Rocha vivenciou uma situação que provavelmente foi a mais empolgante de toda sua vida acadêmica. Ele afirmou ter acompanhado a primeira cirurgia de rejuvenescimento realizada no Brasil pelo método Steinach, que havia sido desenvolvido pelo fisiologista austríaco Eugen Steinach (1861-1944), considerado um dos pioneiros da endocrinologia e que pertenceu à mesma geração que Brown-Séquard. O maior indício do entusiasmo de Irabussu Rocha foi ter escolhido esse assunto como tema de sua tese, defendida em 1923.³¹¹

A cirurgia assistida por Irabussu aconteceu em 27 de maio de 1921 e foi feita pelo cirurgião Frederico Falk, que, por sua vez, ocupava a 1ª cadeira de Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul.³¹² O paciente era o imigrante J. P., viúvo e natural da Polônia, de 61 anos, mecânico e branco, residente em Porto Alegre, que procurou a Santa Casa por desconforto decorrente de um estreitamento na uretra. Diagnosticado com hidrocele – doença

³⁰⁹Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/AESq%20Arlindo%20Viana.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

³¹⁰VIANNA, A. A nacionalização dos nossos produtos farmacêuticos. **Arquivos de Biologia**, ano 12, n. 138, p. 95, abr. 1928.

³¹¹ROCHA, I. **O rejuvenescimento do homem pela operação de Steinach**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, BA: Tipografia Popular, 30 out. 1923. Prefácio.

³¹²Conf. Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Disponível em: <http://academiademedicinars.com.br/cadeiras/jacy-carneiro-monteiro/>. Acesso em: 15 dez. 2021. Ainda conforme outra pesquisa, Frederico Falk foi citado como alemão ou descendente de imigrantes alemães. Conf. CORREA, S. M. de S. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online], v. 17, n. 1, p. 165-184, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000100011>. Acesso em 15 dez. 2021.

causadora de alterações nos testículos e que exigia tratamento cirúrgico – a reação do doente no momento em que soube sobre a necessidade de ser operado surpreendeu o cirurgião.³¹³ Segue um trecho do relato feito por Frederico Falk:

[...] o paciente, com grande surpresa minha, pediu-me que aproveitasse a ocasião para simultaneamente lhe fazer a operação de Steinach. Fazia uns cinco anos que não se sentia mais homem, mas o que mais o impressionava era uma certa inaptidão para o seu ofício, cansava depressa, tinha dispneia de esforço e era sobretudo bastante trêmulo, o que lhe dificultava a execução de trabalhos mais delicados.³¹⁴

Também chamada de vasectomia ou vasoligadura, a operação poderia consistir tanto no ligamento dos dois canais deferentes (condutos excretores do esperma) resultando na completa esterilização; como em apenas em um, conservando a fertilidade e garantindo o suposto rejuvenescimento em pacientes homens, conforme acreditava-se à época. A facilidade da cirurgia era o que mais encantava Irabussu Rocha. *Qualquer clínico, com o instrumental achado comumente em uma caixa de cirurgia de urgência, está habilitado a fazê-la*, comemorou o médico brasileiro seguidor das ideias de Steinach.³¹⁵

Com seu método de rejuvenescimento, Steinach ganhou notoriedade tanto na imprensa especializada quanto leiga, a partir da década de 1920, mas suas pesquisas tiveram início muito antes, em 1894. Inicialmente, transplantava glândula testicular de ratos jovens para senis, bem como de ovários, em ratos previamente castrados, que passaram a se comportar como fêmeas. Com o tempo, chegou à conclusão de que o melhor a fazer para promover o rejuvenescimento seria a ligadura do canal deferente – operação que já poderia ser realizada desde 1893.³¹⁶

Conforme Irabussu Rocha, o diferencial de Steinach em relação aos médicos que se dedicaram à essa cirurgia antes dele consistia nos cuidados prévios e no momento da cirurgia no sentido de preservar os *vasos sanguíneos e nervos muito tênues da região*. A novidade atraiu a atenção de profissionais de todo o mundo e, conforme a opinião de Irabussu Rocha, representou um incentivo especialmente para a Alemanha, que ainda sofria com os impactos da Primeira Guerra Mundial, afinal a operação resultaria na recuperação do vigor sexual.³¹⁷ De acordo com o historiador Sander Gilman, um dos pacientes a se submeter à referida cirurgia teria sido Sigmund Freud (1856-1939), mas não com a finalidade de recuperar o vigor sexual e sim na tentativa de amenizar os efeitos de um câncer na mandíbula. Ele teria sido operado pelo sistema Steinach com

³¹³FALK, F. Arquivos Riograndenses de Medicina, nº 5, 1922 apud ROCHA, op. cit., p. 78-79.

³¹⁴Idem, op. cit., p. 79.

³¹⁵ROCHA, op. cit., p. 9, 11, 25.

³¹⁶Idem, op. cit., p. 3-5.

³¹⁷Idem, op. cit., p. 8-9, 44.

um urologista chamado Viktor Blum.³¹⁸ A informação me parece carecer de mais pesquisas, tendo-se em vista biografias recentes do famoso paciente.

No Brasil, tudo indica que homens idosos de várias localidades se submeteram a essa cirurgia, conforme o relato de Irabussu. Ele revelou a troca de correspondências entre a equipe da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e médicos de outras regiões. Este foi o caso de Augusto Leite (1886-1978), chefe do serviço de cirurgia do Hospital Santa Izabel, em Aracaju (Sergipe escreveu a seguinte carta em 25 de agosto de 1923 sobre as operações por ele feitas utilizando o sistema de Steinach:

Há alguns dias que espero os operados residentes no interior, entre os quais um há de cerca de 80 anos, em que a operação de Steinach, contrariamente ao que acontece na velhice avançada, deu resultado surpreendente. Devo, entretanto, dizer-lhe que venho praticando essa pequenina intervenção cirúrgica que abriu à endocrinologia tão fecundo campo de observação desde o dia 7 de julho de 1922. Conto cinco velhos operados há mais de um ano e destes, posso dizer-lhe que antes que me cheguem os do interior, os tais que residem aqui em Aracaju, ainda desfrutam positivamente as vantagens do rejuvenescimento.³¹⁹

Augusto César Leite, autor da referida carta, nasceu em Riachuelo (SE) e formou-se em medicina em 1909 com a tese intitulada *Da contraindicação renal ao emprego salicilato de sódio*, defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.³²⁰ Sobre esse médico, o pesquisador Antonio Samarone levantou curiosas informações. Leite foi acusado, em 1918, de ter provocado a morte de seu paciente Ewerton Coelho, ao lhe prescrever doze injeções de cianeto de mercúrio para o tratamento da sífilis. Incomodado com seu possível erro, teria organizado uma espécie de tribunal de julgamento para si mesmo. Este ocorreu no interior da biblioteca pública de Aracaju e contou com a presença de médicos, autoridades e populares. Na ocasião, o médico foi informalmente absolvido das acusações.³²¹

Outra correspondência mencionada por Urabusso foi enviada por um médico de nome Joaquim Pinto, da 4ª Enfermaria do Hospital São Francisco de Assis, situada no Rio de Janeiro. A carta havia sido escrita em 27 de setembro de 1923, informando sobre um doente operado de hérnia por estar há quinze anos impotente. Atendendo ao desejo do paciente, a operação foi realizada.³²² É oportuno registrar que a carta mencionada foi recebida no ano seguinte à reinauguração do

³¹⁸GILMAN, op. cit., p. 297.

³¹⁹apud ROCHA, I. op. cit., p. 53, 54.

³²⁰GOMES, P. A. Dr. Augusto Leite na medicina de Sergipe. In: **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**. Disponível em: <https://academiasergipanamedicina.com.br/dicionariomedico/augusto.php>. Acesso em: 15 dez. 2021.

³²¹SAMARONE, A. **O erro médico que abalou Aracaju**. Disponível em: <http://blogdesamarone.blogspot.com/2020/12/o-erro-medico-que-abalou-aracaju.html>. Acesso em: 15 dez. 2021.

³²²apud ROCHA, op. cit., p. 54.

referido hospital. O prédio que o abrigou teve sua construção iniciada em 1876, mas até o ano de 1922 funcionou como Asilo de Mendicidade.³²³

De acordo com Irabussu Rocha, o exame da capacidade sexual constava de uma entrevista com o paciente, levando-se em conta seu depoimento. Para o sucesso deste quesito era preciso insistir *jeitosamente sobre a veracidade da informação obtida, atendendo ao natural orgulho do observado que neste ponto as mais das vezes nega a sua situação*. Conforme o pensamento médico da época, tal comportamento seria aceitável e compreensível. Afinal, o homem impotente era exposto ao ridículo, podendo chegar a um estado de profunda melancolia capaz de levá-lo ao suicídio. Segundo Irabussu Rocha, o testículo representaria no homem *o seu orgulho, a sua força e a sua capacidade como macho*.³²⁴ Nessa perspectiva, o rejuvenescimento seria como uma verdadeira *ressurreição do organismo*, garantindo a *restauração dos tecidos que perderam sua tonicidade, e o equilíbrio das funções em decadência*, ou seja, possibilitando que o idoso tivesse de volta a sensação de alegria e bem-estar características das pessoas jovens. Ainda de acordo com Irabussu Rocha, Steinach não queria fazer do sexagenário *um tipo em pleno ardor de suas dezoito primaveras*. Sua intenção seria *atenuar a velhice*.³²⁵

O biólogo austríaco Paul Kammerer (1880-1926) teceu comentários sobre as críticas impostas a Steinach, tanto por seus pares quanto por leigos influenciados por clérigos de diferentes religiões que combatiam a ideia do rejuvenescimento como um procedimento antinatural capaz de interferir na vontade de Deus. Para combater tais argumentos, Kammerer escreveu que a operação estimulava o processo natural de rejuvenescimento dos tecidos.³²⁶ No entanto, a cirurgia deveria ser prescrita apenas aos homens, pois por causa da anatomia uma intervenção desse tipo seria mais arriscada em pacientes do sexo feminino.³²⁷

Mas, se a cirurgia era vista como pouco recomendada, as mulheres seguiram outro caminho. Procuraram adquirir soluções injetáveis vendidas em farmácias. *Não haverá mais mulheres velhas* foi o título de um artigo publicado no Rio Grande do Sul que divulgou, em 1926, um tipo de procedimento que consistia em um ciclo de injeções de um soro desenvolvido por Steinach com a finalidade de restabelecer o ciclo menstrual após amenopausa. Inspirada, igualmente, em Brown-Séquard, a referida técnica prometia o fim das rugas. *A velha que quer rejuvenescer fecha-se em*

³²³Sobre a importância do Hospital São Francisco de Assis como lugar de memória que representa a história do Rio de Janeiro, ver: SOUZA, E. B. **Do asilo de mendicidade ao Hospital São Francisco de Assis: a cidade e a saúde (1876-1922)**. Dissertação (Mestrado em Ciências em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/826399.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

³²⁴ROCHA, op. cit., p. 20, 25.

³²⁵Idem, op. cit., p. 21-23.

³²⁶KAMMERER, P. **Rejuvenation and the prolongation of human efficiency**: experiences with the Steinach-operation on man and animals. New York: Boni and Liveright, 1923. p. 125-129.

³²⁷Idem, op. cit., p. 111.

*casa durante um certo tempo, podendo tratar-se ela mesma no segredo das paredes domésticas. E feito o tratamento... adeus rugas! [...].*³²⁸ O texto não mencionou o papel do farmacêutico na aplicação das injeções.

A demanda por conquistar a mocidade e a beleza estavam estampadas nos anúncios do comércio farmacêutico da década de 1920 (Figura 5), enquanto pesquisas sobre os órgãos sexuais femininos vinham sendo desenvolvidas conforme foi tratado no início deste capítulo. Uma propaganda da Bayer, que possuía um representante no Brasil, citou Steinach e Voronoff, afirmando que a conservação da mocidade e da beleza dependiam apenas da *força de vontade* no sentido de *suprir o organismo com fósforo e cálcio com o uso da gostosa Candiolina Bayer, afinal sem saúde não há mocidade nem beleza.*

Pela imprensa leiga, durante a mesma década, as novidades dos tratamentos rejuvenescedores provavelmente aguçavam a curiosidade dos leitores. *Agora só é velho quem quiser ser*³²⁹, afirmava uma publicidade dirigida aos homens a partir de 50 anos de idade. O escritor e ocultista Múcio Teixeira (1857-1926) vangloriou-se de sua profecia feita dois anos antes, quando teria previsto que em breve o homem poderia viver séculos. Em um longo texto, discorreu sobre o *elixir da juventude* e citou, para eventual comprovação, nomes de médicos e cientistas da época. Por fim, anunciou dispor de um *processo oculto* para fazer com que senhoras sexagenárias saíssem de seu *consultório* com aspecto de menos de trinta anos. Quanto aos homens velhos *que só se sentiam bem nos braços de Morfeu*, garantia ser capaz de colocá-los novamente no templo de Vênus.³³⁰

A busca pelo rejuvenescimento mobilizou cientistas da América Latina que discutiram sobre o assunto em palestras e conferências realizadas em diversos países. Em maio de 1921, o médico Aloysio Castro (1881-1959) participou, em Montevideú, no Uruguai, da conferência *Ensaio Operatórios de Rejuvenescimento do Homem e Terapêutica da Distrofia Genitoglandular*.³³¹ Na mesma viagem, esteve em Buenos Aires, onde palestrou sobre o rejuvenescimento orgânico.³³² Aloysio de Castro formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1903), onde também atuou como professor e diretor, entre 1915 e 1925. Entre diversos cargos por ele ocupados, cito os seguintes: membro da Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade da Liga das Nações; professor honorário das Faculdades de Medicina de Montevideú e

³²⁸NÃO HAVERÁ MAIS MULHERES velhas... **A Federação**, Porto Alegre, RS, ed. 148, 1 jul. 1926, p. 3.

³²⁹AGORA só é velho quem quer ser. **Pequeno Jornal**. Recife (PE), ed. 49, 2 mar. 1921, p. 1.

³³⁰ERGONTE, B. Profecias de Múcio Teixeira para o ano de 1920. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 7612, 1 jan. 1920, p. 5.

³³¹DO URUGUAI. **O País**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 13355, p. 2, 14 maio 1921.

³³²O DR. ALOYSIO DE CASTRO EM BUENOS AIRES. **O País**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 13358, p. 3, 17 maio 1921.

Buenos Aires e, ainda, membro correspondente da Academia de Medicina de Paris e da Academia de Ciências de Lisboa.³³³

Figura 5 - Anúncio do comércio farmacêutico da década de 1920

**Quantas pessoas conheceis que parecem ser
mais idosas do que realmente o são ?**

Todos os dias vemos pessoas envelhecendo prematuramente. Os primeiros signaes da idade, as rugas, chegam incidiosamente, porém como não nos sentimos doentes, não prestamos atenção alguma ao estado geral da nossa saude.

Muito bem, segundo se tem demonstrado, inquestionavelmente, assim que começa a diminuição da secreção refietem-se no rosto, melhor que em qualquer outra parte do corpo, os primeiros signaes da decadencia:—as rugas. Estas são por assim dizer o thermometro que marca com precisão maravilhosa o estado das nossas secreções internas, e se cre lógo que cumpre combatel-as com cremes e pomadas.

O unico remedio racional consiste, pois, em supprir a falta ou deficiencia dessas secreções, por meio das mesmas glandulas secretorias; eis, a utilidade do HORMOTONE que é preparado exclusivamente com glandulas de secreções internas, sendo um tonico natural que ajuda e enriquece a secreção das glandulas do nosso corpo, quando são deficientes.

HORMOTONE

está tambem indicado para o uso nos encomodos mais communs das mulheres e não deve faltar em nenhum lar. Outras informações de grande importancia acompanham cada frasco.

Representantes
ALMEIDA PRADO, IRMAO & CO.
Caixa Postal 1553
S. Paulo



Fonte: A CIGARRA (SP), ed. 151, 1921.

³³³CASTRO, A de. **Academia Nacional de Medicina**. Disponível em: <http://www.anm.org/conteudo-view.asp?id=148>. Acesso em: 20 jun. 2018.

O certo é que os tratamentos de rejuvenescimento se diversificaram. Autores mencionados no capítulo anterior, a exemplo de Lorand, continuaram a defender o tratamento da coalhada, ideal na fase da velhice em seu *estado crônico de autointoxicação*. Ao mesmo tempo, preconizaram o uso de extratos à base de ovários de porca indicado às mulheres com melancolia, demência precoce e todos os problemas decorrentes do desenvolvimento insuficiente dos ovários. Os extratos de rim de porco seriam muito úteis na velhice, enquanto preparados de tireoide serviriam para atenuar os sofrimentos de pacientes com arteriosclerose, nefrite e demais doenças frequentes na velhice.³³⁴ Apresentadas com grande repercussão nos jornais, as cirurgias de enxerto de glândulas extraídas de orangotangos e ovelhas se difundiram por meio do polêmico médico Serge Voronoff.

3.6 OS ENXERTOS DE VORONOFF

O médico russo radicado na França Serge Abrahamovitch Voronoff (1866-1951) foi provavelmente o cirurgião que ficou mais famoso no bojo dos tratamentos rejuvenescedores iniciados desde Brown-Séguard. No Brasil, seu nome circulou pela imprensa sobretudo na segunda metade da década de 1920 e início de 1930 por meio de grande quantidade de notícias, caricaturas e piadas. O assunto foi ainda tema de uma marchinha de carnaval de Lamartine Babo (1904-1963) e um romance satírico de Mendes Fradique³³⁵. O motivo de tamanha popularidade foram as cirurgias com a finalidade de rejuvenescimento feitas por meio de homoenxertos e heteroenxertos, sendo que, no segundo caso, implantou glândulas de tireoide, ovários e testículos de macacos em seres humanos. Conforme *O Brasil-Médico*, homoenxertos seriam procedimentos feitos entre indivíduos da mesma espécie envolvendo enxertos de glândulas, ossos e cartilagens. Os heteroenxertos, por sua vez, seriam realizados quando doador e receptor fossem indivíduos de espécies diferentes.³³⁶

Em um de seus livros, Voronoff relatou que esteve no Egito, entre 1896 e 1910. Ali clinicou e analisou o comportamento de indivíduos castrados – eunucos – cuja inteligência e memória, em sua opinião, seriam inferiores aos homens não castrados, fato que atribuiu à extirpação da glândula testicular.³³⁷ Voronoff começou a trabalhar com transplante de testículos em 1917. Assim, resvalou em uma problemática complexa que permeou o conjunto de seus estudos e que envolvia, para alguns, o comportamento humano na esfera sexual, impossível de ser discutido antes da ampla

³³⁴LORAND, 1911, p. 41, 220-223.

³³⁵FRADIQUE, M. **Dr. Voronoff**. Vitória, ES: Secretaria Municipal de Cultura, 2017 [1925]. Mendes Fradique era o pseudônimo do médico José Madeira de Freitas (1893-1944).

³³⁶SESSÃO em 29 de setembro de 1932. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 43, 1932, p. 910.

³³⁷VORONOFF, S. **Étude sur la vieillesse et le rajeunissement par la greffe**. Paris: Gaston Doin, 1926. p. 25- 26.

divulgação das teorias de Sigmund Freud (1856-1939), tanto no âmbito das ciências, propriamente ditas, como das humanidades.³³⁸

Em seus eventuais contatos com eclesiásticos para quem teria ministrado palestras e conferências, afirmou ter conhecimento de que as leis canônicas proibiam os homens castrados de se tornarem padres porque teriam perdido com o referido procedimento suas faculdades intelectuais.³³⁹ Em um de seus livros, Voronoff afirmou ter encontrado mais abertura e compreensão com os eclesiásticos do que entre os médicos. Durante palestra dirigida a padres e seminaristas do Instituto Católico de Toulouse para expor os benefícios dos enxertos, afirmou ter ouvido do reitor daquela entidade que o mundo eclesiástico sabia há séculos que a *maravilhosa fonte de vitalidade* se achava nas glândulas genitais. Revelou, ainda, ter realizado enxertos de testículos em pelo menos três padres franceses, sendo que um deles foi o segundo paciente por ele operado em sua carreira médica. Os padres que recorreram à cirurgia de rejuvenescimento com Voronoff estavam interessados, em sua opinião, em recuperar as forças físicas e intelectuais necessárias aos deveres de sua profissão. Também afirmou que foi por intermédio de religiosos que conseguiu ajuda para encontrar seus primeiros macacos e ter acesso às técnicas para capturar os animais sem lhes causar ferimentos.³⁴⁰

Em entrevista ao *Correio Paulistano*, o *sábio* lamentou o desprestígio de seu método rejuvenescedor com *homens de inteligência superior* na França, fato por ele atribuído ao preconceito. Ressaltou, entretanto, que jamais sofreu qualquer repúdio por parte da igreja naquele país.³⁴¹ Utilizando textos autobiográficos que afirmou terem sido escritos por Voronoff, o escritor italiano Enzo Barnabà (1944-) revelou ter sido por intermédio de um padre italiano que ele teria conseguido adquirir chimpanzés da espécie considerada ideal para suas operações rejuvenescedoras. Esses animais eram provenientes de uma aldeia nas florestas tropicais da colônia francesa de Conacri – que viria a ser a capital da Guiné francesa, na África ocidental, onde os animais eram capturados por nativos hábeis na colocação de armadilhas.³⁴²

Em sua formação como cirurgião, Voronoff foi bastante influenciado pelo fisiologista francês Alexis Carrel (1873-1943), que foi um de seus mentores. Este último, por sua vez, não foi o primeiro a se debruçar sobre o transplante de órgãos, mas trouxe acréscimos ao processo.

³³⁸Sobre este assunto, ver: STHOLZ, P. O. **Eunucs and castrati: a cultural history**. Tradução John A. Broadwin e Shelley L. Frisch. Princeton: Markos Wiener Publishers, 2001.

³³⁹VORONOFF, op. cit., p. 25-26.

³⁴⁰VORONOFF, S. **Du crétin au génie**. New York: Editions de la Maison Française, 1941. p. 277-282.

³⁴¹CRIADOR da grande esperança de prolongar-se a vida humana. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 23301, 24 jul. 1928, p. 7-8.

³⁴²BARNABÀ, E. **Il sogno dell'eterna giovinezza: vita e misteri di Serge Voronoff**. Formigine (Modena): Infinito edizioni, 2014. p. 84-85. Os textos que Barnabà afirmou ter analisado não estão disponibilizados na internet e não encontrei algum autor que teve acesso a esse material.

Obteve algum sucesso, mas a rejeição entre pacientes era frequente e os levavam à morte. Suas pesquisas avançaram quando se estabeleceu no Laboratório de Cirurgia Experimental do Instituto Rockefeller de Nova York. Lá se dedicou aos estudos sobre a sutura de vasos sanguíneos e o transplante de órgãos. Ao estudar a cicatrização, um de seus principais objetivos era desenvolver técnicas que possibilitassem *a vida latente e a vida manifesta dos tecidos e das vísceras fora do organismo*.

Em 1913, um ano após ter recebido o Prêmio Nobel de Medicina, Carrel escreveu que suas experiências deram continuidade às do fisiologista francês Paul Bert (1833-1886) e às de um médico de nome Harrisson que ensinava anatomia na Johns Hopkins University, em Baltimore, nos Estados Unidos. Detalhou suas pesquisas, afirmando que se iniciaram utilizando embriões de frango. Certa vez conseguiu manter um fragmento de coração de um embrião em estágio de vida ativa por mais de 100 dias. Admitiu que tais trabalhos intencionando impedir a morte dos tecidos eram difíceis e seus resultados, inconstantes.³⁴³ É oportuno registrar que no final do século XX, a figura de Carrel ressurgiu em uma polêmica nos campos político e científico. De acordo com o historiador argentino Andrés Horacio Reggiani (1959-), a questão teve início depois que produtores de televisão e editores de revistas se basearam em trabalhos de credibilidade científica duvidosa para afirmar de forma sensacionalista que Carrel teria sido funcionário do regime pró-nazista da França de Vichy como encarregado dos hospitais psiquiátricos, ocasião em que teria contribuído para exterminar milhares de pessoas. Diante disso, organizações antirracistas na França promoveram campanhas de conscientização exigindo a retirada do nome do cientista de ruas e prédios públicos, a exemplo da rua Alexis Carrel, na cidade de Paris, e da Faculdade de Medicina Alexis Carrel, localizada na Universidade de Lyon, na França.³⁴⁴ O episódio vivido na década de 1990 representou um convite à reflexão sobre as complexas relações entre memória, história e política.

Retorno ao início da década de 1920, quando as técnicas de enxerto de glândulas com finalidade rejuvenescedora tiveram grande repercussão principalmente na Áustria, França, Alemanha e Itália por causa do grande número de jovens mortos durante a Primeira Guerra Mundial. Na Grã-Bretanha e América, o interesse foi menor, na opinião do escritor David Hamilton (1933-2016). Este também sugeriu que muitos pacientes operados por Voronoff

³⁴³PORTER, op. cit., p. 615, 619. CARREL, A. Conference. **La Presse Medicale**. Paris, 30 set. 1913, p. 766-768. Disponível em: [biusante.parisdescartes.fr/histoire medica](http://biusante.parisdescartes.fr/histoire%20medica).

³⁴⁴REGGIANI, A. H. **God's eugenicist**. New York: Berghahn Books, 2006. p. 1-10.

podem ter relutado em admitir publicamente algum eventual efeito negativo da cirurgia porque foram influenciados em razão do alto custo desembolsado para o tratamento.³⁴⁵

Conforme será tratado ainda neste capítulo, Voronoff teve no Brasil a figura do médico Xavier de Almeida como um admirador de suas ideias e propagador dos enxertos por meio do livro *A luta contra a velhice*. De forma semelhante, o jornalista Hector Ghilini (1888-1950) atuou como seu defensor ao escrever sobre operações realizadas em dezenas de países de todo o mundo, inclusive na Argélia. Na colônia francesa, habitada principalmente por árabes e pelos chamados *pie d noir*, Voronoff conseguiu apoio de políticos locais para realizar cirurgias em um hospital. Ghilini descreveu com otimismo diversos casos de velhos argelinos que tiveram sua potência sexual supostamente aumentada após serem operados. Tais relatos permitem refletir sobre o grande número de pacientes que podem ter falecido durante tais procedimentos, dados os riscos de infecção e rejeição dos tecidos enxertados. Voronoff se serviu, de maneira flagrante, do colonialismo francês, devidamente estudado e condenado, na primeira década do século XX, pela filósofa francesa Simone Weil (1909-1943).³⁴⁶

Durante sua estadia na Argélia, Voronoff procurou testar novas espécies de macacos, além dos chimpanzés e *synocephales* por ele já utilizados. Em um interessante trecho de sua obra apologética, Ghilini, que se apresentou como amigo íntimo do cirurgião franco-russo, atribuiu a fama de Voronoff no mundo ocidental, onde por vezes era reconhecido como um *sábio*, à forte influência da medicina francesa. Alguns trechos da obra de Xavier de Almeida coincidem com a de Ghilini. Este último defendeu-o da acusação de ter lucrado com as cirurgias ao afirmar que *todas as operações para vulgarizar seu método foram sempre feitas gratuitamente*. Mencionou ainda o fato de que macacos eram enviados sem qualquer custo para médicos de diversos países a fim de que tivessem a oportunidade de realizar suas cirurgias.³⁴⁷ De acordo com Ilia Stambler, a contribuição de Voronoff não se deu tanto pela originalidade, mas sim pela quantidade de operações, ou seja, na forma como conseguiu popularizá-las,³⁴⁸ o que é de certa forma discutível. Importante citar o historiador da medicina britânico Roy Porter (1923-1988), que não deu quase nenhuma atenção à atuação de Voronoff, tendo se referido a ele como um entre outros que realizaram tais procedimentos na década de 1920.³⁴⁹

³⁴⁵BADENOCH, A. W. Review: Youth's a stuff will not endure. In: HAMILTON, David. **The monkey gland affair**. London: Chatto and Windus, 1986. Manifesto minha estranheza por esta resenha ser publicada em uma importante revista médica, pois o autor do livro não pertencia à área da História da Medicina.

³⁴⁶WEIL, S. **Contra o colonialismo**. Apresentação Valérie Gérard. Posfácio Maria Clara Lucchetti Biegemer. Tradução Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

³⁴⁷GHILINI, H. **Le secret du dr. Voronoff**. Paris: Eugène Fasquelle editeur, 1926.

³⁴⁸STAMBLER, I., op. cit., 297-305.

³⁴⁹PORTER, op. cit., p. 568.

Voronoff também operou, provavelmente, muitas mulheres com finalidade exclusivamente estética. De acordo com seus escritos, a primeira cirurgia de rejuvenescimento por enxerto de ovários de macacas ocorreu em novembro de 1923 e a paciente teria 68 anos.³⁵⁰ Ao tratar com minúcias dos benefícios da cirurgia, apontou o afinamento da cintura, a diminuição de rugas, bem como a vivacidade dos movimentos. Enfim, um profundo sentimento de alegria por sentir as forças vitais renovadas. Entretanto, foi forçado a admitir sua insatisfação com os resultados alcançados em suas primeiras pacientes.³⁵¹ A maioria delas tinha entre 45 e 55 anos, desejando se submeter ao enxerto para aparentarem ser mais jovens. Insistindo na descrição negativa das mulheres após a menopausa, o médico relatou o caso de uma paulista de 48 anos que pediu para ser operada após ter sido abandonada pelo marido, o qual, por sua vez, estaria descontente com sua aparência envelhecida. Descreveu-a como sendo *balofa* e tendo o contorno das bochechas exagerado. Destacou, ainda, que neste caso, a operação de rejuvenescimento, realizada em 15 de julho de 1924, em algum local da Europa, teria um *alto alcance moral* porque visava a estreitar os *laços sagrados da família*, possibilitando a reconquista do marido. Relatou, ainda, que a rica paciente perdera 16 quilos após ser operada:

Da massa informe surgia um ser encantador. À medida que a gordura desaparecia, os músculos tornavam-se mais firmes, o rosto adquiria uma expressão juvenil e os olhos, um brilho de felicidade. [...]. Passados dois anos, tornei a vê-la, quando ela me procurou, acompanhada por dois irmãos, um médico, com 61 anos e o outro fazendeiro com 57 anos, para serem também, por sua vez operados. A gordura tinha desaparecido completamente; ela tinha um andar leve, movimentos graciosos e podia, facilmente, passar por 35 anos e ela confessava os seus cinquenta. Quando lhe perguntei se havia tornado a encontrar a felicidade ao lado do seu marido, sorriu, sem nada me responder. [...].³⁵²

Ao final de seu longo relato sobre a misteriosa paciente, Voronoff afirmou que no futuro os esposos procederiam de modo mais acertado do que o esposo da paciente paulista. Em vez de repudiar suas esposas na velhice, optariam pela procura de um cirurgião para remoçá-las por meio da enxertia.³⁵³ Era este o futuro desejado por Voronoff. Ao comparar pacientes dos dois sexos, afirmou que, apesar do desejo de rejuvenescer, as mulheres temiam a operação mais do que os homens. Com relação às primeiras, observou ainda que a pior fase de suas vidas não seria propriamente a velhice, mas aquela que a precedia, marcada por sofrimentos cruéis e intermináveis.³⁵⁴

³⁵⁰VORONOFF, 1903, p.159-160.

³⁵¹Idem, 1942, p. 272.

³⁵²VORONOFF, S. La conquête de la vie apud ALMEIDA, X. de, op. cit., p. 177-178. O mesmo relato feito por Xavier de Almeida sobre o caso da paulistana consta em: VORONOFF, 1942, p. 281-282.

³⁵³Idem, 1942.

³⁵⁴Idem, op. cit., p. 271.

Como é possível observar, por exemplo, pela citação e pelos comentários anteriormente expostos, o cirurgião franco-russo propagava, de maneira geral, uma visão extremamente negativa da velhice para ambos os sexos, principalmente quanto à estética. Assim, enfatizou questões abjetas relacionadas à aparência, tais como peso corporal, pele ressecada, rugas e diminuição na quantidade de cabelos, passando também por outras questões, como fraqueza muscular, digestão lenta e memória fraca. Não desdenhou, ainda, de aspectos comportamentais, como o desânimo e o derrotismo. Tais distúrbios resultariam da diminuição progressiva das funções genitais. Entendia que a *natureza fez o homem para amar* e, portanto, a velhice só teria inconvenientes, tais como a sensação de amargura e o fracasso físico e mental que o velho procuraria inutilmente esconder. Foi ainda mais drástico: a velhice transformaria a pessoa em um ser inútil e dependente de outros. Seguindo o seu raciocínio, manter o vigor das glândulas genitais, que por sua vez estimulariam a fisiologia das células, seria a única forma eficaz de conservar a paixão ardente da juventude ou, em outras palavras, a alegria de viver.³⁵⁵ Depois de descrever todas as desvantagens da velhice, com rudes palavras, ainda completou:

Eu desenhei um quadro bem sombrio da velhice, mas **a senilidade é ainda muito pior. Ela é humilhante e degradante.** Portanto, se nada nos matar antes e se prosseguirmos de forma normal e lenta em direção ao fim natural, que ao (sic) meu ver não deveria ser antes do que 100 ou 120 anos, teremos que passar por estágios desagradáveis.³⁵⁶

Por ocasião das Jornadas Médicas, realizadas com a presença de profissionais da Europa e América, no período de 15 a 20 de julho de 1928 na cidade do Rio de Janeiro, Voronoff desembarcou no Brasil com uma equipe de auxiliares na qual se incluía seu irmão Georges. Na ocasião, ele realizou uma cirurgia rejuvenescedora que alcançou forte repercussão em jornais de todo o Brasil (Figura 6). O procedimento aconteceu no Hospital Evangélico, no interior de uma sala envidraçada voltada para uma arquibancada montada do lado externo com capacidade para cerca de 70 convidados, entre os quais muitos jornalistas. O paciente era um certo Feliciano de Moraes, fazendeiro de 62 anos, que decidiu se submeter ao enxerto de glândula sexual de macaco apesar da opinião contrária de seus familiares.³⁵⁷

O Hospital Evangélico foi o primeiro da congregação a ser inaugurado no Brasil, em 1887, unindo sob a mesma denominação membros de diversas religiões, como metodistas, congregacionais, batistas, episcopais, luteranos e presbiterianos no atendimento a associados e pessoas carentes, de acordo com informações do *site* de uma igreja metodista existente até os dias

³⁵⁵VORONOFF, op. cit., p. 41-45.

³⁵⁶Idem, op. cit., p. 49, grifos meus.

³⁵⁷MADEIRA DE FREITAS; CHATEAUBRIAND, Assis. “A conquista da vida”. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed.2957, 19 jul. 1928, p. 1.

atuais. Destaca-se, neste *site*, as atividades pioneiras ali desenvolvidas, inclusive a primeira transplantação de glândulas.³⁵⁸ Despertou minha atenção o fato da cirurgia de transplante de enxerto de Voronoff ter ocorrido no Hospital Evangélico em detrimento da Santa Casa. Possivelmente a escolha possa ser explicada por fatores como a existência de espaço adequado e, talvez, pelos conflitos com a igreja católica brasileira, que enxergava esse tipo de cirurgia como uma afronta ao credo do catolicismo. No caso, também caberia levar em conta o caráter sexual do procedimento.

Em carta aberta dirigida a um velho, o padre Alfredo Balthazar da Silveira discorreu sobre o assunto, comentando as experiências destinadas a enxertar *um pouco de vigor em homens de certa idade, atingidos de decadência e impotência senil*. Acrescentou que, em sua visão, os preceitos de Cornaro, no século XVI, seriam mais sensatos e eficazes para atenuar a velhice e a estes deveriam ser acrescentados os preceitos e conselhos da moral cristã. Deu ainda sua definição contraditória de velhice, como sendo *aquilo que todos temem (principalmente as mulheres) e todos desejam*.³⁵⁹

Um detalhe da vida pessoal de Voronoff que desagradava a igreja católica era o fato de ter se casado por três vezes. Em uma ruidosa separação, a demanda de um dos divórcios partiu de sua esposa, Louise Imanoff, alegando se sentir abandonada pelo marido. Diante do caso, o famoso cirurgião que prometia vigor físico, perene mocidade e ardente viver foi acusado pela imprensa como sendo a própria negação de sua teoria.³⁶⁰

A viagem de Voronoff ao Brasil também incluiu passagens por São Paulo e, posteriormente, Uruguai e Argentina. Enquanto esteve entre nós, foi alvo de sérias controvérsias levadas ao público pelos jornais. A exemplo do que ocorria na Europa, os médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro dividiram-se entre aqueles que apoiavam e os que condenavam o rejuvenescimento por meio de enxertos com glândulas de macacos. Fernando de Magalhães (1878-1944) chegou a renunciar ao cargo de presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro depois que aquela instituição aprovou por unanimidade que Voronoff fosse convidado a fazer uma conferência em sua sede,³⁶¹ o que efetivamente ocorreu.

³⁵⁸H.C. TUKER E O HOSPITAL EVANGÉLICO DO RIO DE JANEIRO (HERJ). [s.d.]. Disponível em: www.metodistavilaisabel.org.br. Acesso em: 13 set. 2022.

³⁵⁹SILVEIRA, A. B. da S. Cartas abertas. **A cruz**: órgão da paróquia de São João Batista. Rio de Janeiro (RJ), ed. 30, 23 jul 1933, p. 2.

³⁶⁰A FALÊNCIA de uma teoria. **A Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 684, 6 mar. 1928, p. 1.

³⁶¹VORONOFF e nossa ciência oficial. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10284, 18 jul. 1928, p. 3.

Figura 6 - Cirurgia de transplante de enxerto realizada por Voronoff no Hospital Evangélico, Rio de Janeiro.



Fonte: Na primeira imagem, Voronoff e o macaco deitado durante a retirada da glândula sexual a ser implantada no paciente. Na segunda, Voronoff ao lado do médico Castro Araújo, e o paciente Feliciano de Moraes, que recebeu o transplante. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2957, 19 jul. 1928, p. 1.

Entre muitos médicos críticos ao procedimento estava o neurologista romeno Georges Marinesco (1863-1938), o qual acusou o cirurgião russo de ser um *crasso desconhecedor de coisas da biologia*.³⁶² Em sua palestra, durante as Jornadas Médicas, Marinesco afirmou que a cirurgia de Voronoff sequer poderia ser considerada enxerto. E justificou: *para que haja enxerto é preciso que se reestabeleça a mesma inervação e vascularização*. Definindo-se como um burguês pacífico em passagem por um país estrangeiro, o neurologista foi irônico ao dizer que os benefícios da operação teriam efeitos tão passageiros quanto uma *chicotada num animal cansado*.³⁶³

De acordo com Pat Thane, os enxertos de extratos de glândulas de macacos em seres humanos estimularam a imaginação popular que há séculos buscava o rejuvenescimento.³⁶⁴ O certo

³⁶² MADEIRA DE FREITAS. Marinesco e Voronoff. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 3001, 8 set. 1928, p. 2.

³⁶³ A QUESTÃO do rejuvenescimento. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 220, 14 set. 1928, p. 2.

³⁶⁴ THANE, op. cit., p. 1092-1115.

é que a presença de Voronoff no Brasil durante a década de 1920 foi estudada por autores nacionais da atualidade. Ethel Cupershmid e Tarcísio Campos levantaram a hipótese de que haveria algum envolvimento dos transplantes realizados pelo médico de origem russa e a epidemiologia do HIV. Segundo eles, a Aids infectou grande variedade de primatas africanos e as espécies utilizadas por Voronoff em seus procedimentos cirúrgicos seriam provenientes de locais onde havia presença de espécies relacionadas a esse mal. Com base nessa interpretação, Cupershmid e Campos levantaram uma nova hipótese, a de que a transmissão do HIV para o ser humano poderia ter se iniciado por meio dos procedimentos feitos por Voronoff no início do século XX.³⁶⁵ Considerando, ainda, que os enxertos poderiam ocasionar reações de infecção e necrose, a historiadora e o médico tentaram explicar o *aparente sucesso* da técnica com base na ideia de que ele teria, de alguma forma, conseguido diminuir a ocorrência de efeitos agudos em seus pacientes. Nessa questão, conforme os mesmos autores, duas novas hipóteses poderiam ter contribuído. Primeiramente, muitas pessoas submetidas às cirurgias provavelmente não desenvolveram efeitos de rejeição aguda, mas sim crônica. Além disso, uma condição pode ter evitado graves consequências, qual seja, o fato de que *os testículos, assim como os olhos e o cérebro, são regiões imunologicamente privilegiadas, protegidas contra um ataque imune do próprio hospedeiro.*³⁶⁶ A sustentação da tese permanece em aberto.

Acredito que as hipóteses apresentadas pelos dois autores retromencionadas são complexas e pouco robustas, merecendo mais estudos. De acordo com o historiador inglês Eric Hobsbawn (1917-2012), um dos primeiros ensinamentos que o historiador profissional deve assimilar diz respeito ao cuidado com os anacronismos e com as diferenças entre coisas que à primeira vista podem parecer iguais. Para exemplificar, citou a monarquia britânica de 1797 e a de 1997. Referia-se, portanto, às transformações históricas que com toda clareza fazem do passado um guia totalmente inadequado para entender o presente por si só.³⁶⁷ Concordo plenamente com essas observações e penso que Cupershmidt e Campos foram anacrônicos.

Outro trabalho que tratou sobre a vinda de Voronoff ao Brasil optou por uma perspectiva foucaultiana do discurso médico e seu papel no controle social – abordagem que por muito tempo representou a principal tendência entre os historiadores da medicina no Brasil. Em seu mestrado, a autora Giulia Levai privilegiou aspectos do imaginário popular e da problemática racial, analisando o percurso de Voronoff como *um episódio expressivo da era do biopoder*. Ressaltou que uma das

³⁶⁵CUPERSCHMID, E. M.; CAMPOS, T. P. R. de. Dr. Voronoff's curious glandular xenotransplants. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 13, p. 737-760, July-Sept. 2007.

³⁶⁶JANEWAY (2002, p. 526-527) apud CUPERSCHMID, E. M.; CAMPOS, T. P. R. de. op. cit., p. 755.

³⁶⁷HOBSBAWN, E. **Sobre la historia**. Barcelona: Critica, 2002. p. 43.

intenções do médico russo com seus experimentos seria a criação de uma *raça superior*, ou seja, *uma nova raça de super-homens, dotados de qualidades físicas e intelectuais superiores*. Comentou ainda a respeito da acusação feita por alguns médicos quanto aos riscos da introdução de glândulas sexuais de símios em seres humanos, o que favoreceria a *degeneração da espécie*.³⁶⁸

Não havia unanimidade no sentido de considerar Voronoff como um integrante do movimento eugenista. O intelectual paraense José de Flexa Ribeiro (1883-1971), por exemplo, que foi professor na Escola Nacional de Belas Artes, foi bem claro quando afirmou que a obra de Voronoff era a *medicina da vida; mas a da eugenia seria a higiene dos indivíduos*.³⁶⁹ Há indícios de que os processos rejuvenescedores por enxertia eram malvistas pelos eugenistas. Ao defender a esterilização para a procriação de indivíduos incapazes, o psiquiatra eugenista Alberto Farani (1883-1937) colocou-se contrário e cético aos apelos estéticos atribuídos à operação de Steinach. A este respeito foi crítico aos médicos que por meio dessa cirurgia estariam prometendo a *indicação fantasista* de rejuvenescimento.³⁷⁰

Em alguns aspectos de sua obra, Voronoff não demonstrou qualquer preocupação com a eugenia, como quando afirmou: *O enxerto das glândulas é destinado, na realidade, a renovar todas as nossas energias e a conservar a vida na plenitude de suas manifestações físicas e intelectuais. Ele permite retardar o tempo da velhice e de recuar a morte para os últimos limites da vida humana*.³⁷¹ Durante entrevista ao *Correio Paulistano* ocorrida em 1928, quando foi questionado se seria possível promover a criação de super-homens por meio de seu processo rejuvenescedor, o médico franco-russo respondeu que seu processo não poderia *dar aos indivíduos qualidades e energias que não possuíam anteriormente*. Em sua opinião, a vantagem dos enxertos em determinadas crianças excepcionalmente dotadas de inteligência consistiria apenas em prevenção de *desequilíbrios decorrentes da atividade excepcional da inteligência*, o que ele acreditava ser comum nessas crianças. Como exemplo, citou o compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), que compunha sinfonias desde os seis anos de idade e morreu precocemente. Afirmou que nesses casos, as operações evitariam tais perigos porque as crianças *superiores* adquiriam força para suportar ou mesmo aumentar a vida de seu cérebro prodigioso.³⁷² Nos textos autobiográficos

³⁶⁸LEVAI, G. B. **Superanimal, infra-humano**: animalidade e gênero na leitura popular de práticas biomédicas na Primeira República. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. p. 16, 67-68, 131.

³⁶⁹FLEXA RIBEIRO. Voronoff ou eugenia? **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 23296, 18 jul. 1928, p. 3.

³⁷⁰FARANI, A. Como evitar as proles degeneradas? **Boletim de Eugenia: Revista para médicos e farmacêuticos**, Rio de Janeiro, ed. 34, out.1931, p. 3-7.

³⁷¹VORONOFF, 1941, p. 282-283.

³⁷²CRIADOR da grande esperança de prolongar-se a vida humana. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 23301, 24 jul. 1928, p. 7-8.

que Enzo Barnabà afirmou ter encontrado por intermédio de terceiros, a questão do super-homem foi apresentada no seguinte trecho:

Retoricamente perguntei ao colega que fez uma intervenção no Congresso Médico que ocorreu em Budapest, no ano de 1927: “Se criamos o super carneiro porque não podemos criar um super-homem que tenha características físicas e intelectuais bem superiores à nossa?” A eugenia estava em voga naqueles anos; a minha, porém - tenho que precisar – é distante daquela de natureza racista de Dartigues ou daquela outra mais censurável de Carrel, da qual falarei.³⁷³

Ao afirmar que *a eugenia estava em voga naqueles anos*, Voronoff deixou claro que estava fazendo uma análise retrospectiva de como teria sido sua relação com esse movimento. Discordo que a interpretação fundamentada na ideia de biopoder seja suficiente para compreender o polêmico cirurgião. Muito mais enriquecedora foi a análise de Roy Porter, que se contrapôs a duas formas de escrever a história da medicina, quais sejam, aquela tradicional e linear privilegiando os progressos científicos e outra que enxergaria a medicina como vilã e detentora de um poder capaz de disciplinar a sociedade, conforme propôs Foucault.³⁷⁴ Voronoff e seu processo rejuvenescedor por meio dos enxertos glandulares têm muito mais a dizer sobre os estigmas da velhice se for compreendido como um episódio dentro da incessante busca pela juventude, que, conforme foi tratado por Minois, é anseio da humanidade no Ocidente desde a Idade Antiga. A partir das experiências de Brown-Séquard, esse sonho passou a ser alimentado por meio da ciência. À luz da história da medicina de Roy Porter, prefiro compreender Voronoff com todas as incertezas e complexidades inerentes a seu tempo. Longe de ter sido poderoso, seu discurso foi inúmeras vezes ridicularizado. Sem qualquer demonstração de poder, sua luta foi no sentido de convencer a todos sobre a viabilidade do rejuvenescimento por meio dos enxertos glandulares.

3.6.1 Opiniões e leituras de um admirador de Voronoff no Brasil

Em meio à variedade de métodos rejuvenescedores propagados entre o final do século XIX e início do século XX, pelo menos um médico brasileiro decidiu publicar um livro sobre o assunto.³⁷⁵ Tratou-se de Francisco Xavier de Almeida Júnior (1877-1936), autor de *A luta contra a velhice*, que foi uma obra inteiramente dedicada aos processos rejuvenescedores com maior influência no Brasil.

³⁷³VORONOFF, S. Autobiografia. In: BARNABÀ, op. cit., p. 126-127.

³⁷⁴PORTER, R. The patient's view: doing medical history from below. **Theory and Society**, v. 14, n. 2, p. 175-198, 1985.

³⁷⁵ALMEIDA, X. **A luta contra a velhice**. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1928.

Natural de Goiás, Xavier de Almeida era proveniente de uma família influente. Seu irmão foi José Xavier de Almeida, presidente de Goiás entre 1901 e 1905. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atuou nas cidades de Barretos e Pitangueiras, no interior de São Paulo, como jornalista e político (prefeito e vereador). Posteriormente trabalhou como médico ligado à Cruzada contra a Lepra. Faleceu após meses de tratamento no Sanatório Pineu, em São Paulo.³⁷⁶

É curioso observar que quando escreveu *A luta contra a velhice*, Xavier de Almeida não atuava diretamente em questões ligadas ao rejuvenescimento, pelo menos não identifiquei qualquer referência feita a esse médico em publicações na imprensa especializada e leiga da época. Conforme um texto biográfico, que foi a única fonte por mim encontrada sobre a vida do autor, seu afastamento definitivo da política teria ocorrido em 1927, ou seja, um ano antes da publicação de seu livro. Possivelmente, a partir do fim da carreira política, ele se dedicou exclusivamente à prática da medicina, tendo se destacado posteriormente no combate à hanseníase.³⁷⁷ Com a saída da política, a iniciativa de escrever o referido livro pode ter sido uma motivação para se dedicar com mais intensidade à carreira médica.

Não foi coincidência o fato de Xavier de Almeida ter lançado sua obra em 1928, pois foi naquele ano que o cirurgião franco-russo Serge Samuel Voronoff esteve no Brasil para participar das Jornadas Médicas – um evento ocorrido no Rio de Janeiro e já comentado anteriormente, com a presença de médicos e jornalistas de vários países da América e Europa.³⁷⁸ Conforme foi tratado, Voronoff ganhou fama por difundir um tratamento rejuvenescedor inspirado na doutrina do fisiologista francês Adolph Brown-Séguard, de quem ele havia sido aluno no final do século XIX. Seu método incluiu operações de transplante de glândulas de testículos de macacos em seres humanos, um tipo de procedimento que na atualidade receberia o nome de xenotransplante.

Da mesma forma que Brown-Séguard, Voronoff tinha convicção na ação rejuvenescedora das glândulas testiculares. Por esse motivo, propôs o enxerto da glândula sexual de um organismo para outro como forma de propiciar o aumento da longevidade, das funções genitais e das forças físicas e intelectuais sem a necessidade das injeções preconizadas por seu mestre. Na impossibilidade de utilizar órgãos de doadores humanos jovens, decidiu recorrer a macacos. Ressalta-se, entretanto, que encontrou muita resistência e sofreu duras críticas de seus pares, inclusive no Brasil.

Na opinião de Xavier de Almeida, a terapêutica de Brown-Séguard poderia ser entendida como uma espécie de *vacina contra a velhice*. Esse teria sido o grande ponto de partida de tudo o

³⁷⁶Conf. JÚNIOR, J. X. de A. **Leituras e lembranças**. Goiânia, GO: Editora Irmãos Oriente, 1971. p. 211-214.

³⁷⁷JÚNIOR, op. cit., p. 214.

³⁷⁸AS JORNADAS médicas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10276, 8 jul 1928, p.2.

que haveria de mais promissor no campo dos *modernos processos de rejuvenescimento*. Apesar de acreditar na concepção de que a glândula sexual seria uma fonte de energia vital, o grande problema residiria na melhor forma de introduzir o produto da glândula no organismo. Para ele, o método de Brown-Séquard seria falho porque as injeções precisavam ser preparadas e aplicadas imediatamente, perdendo suas *virtudes* se precisassem ser levadas do laboratório para as prateleiras das farmácias. Entretanto, relativizou suas críticas ao afirmar que, apesar do insucesso do método, as injeções teriam um mérito: foram a origem do esperançoso caminho para o rejuvenescimento – a opoterapia.³⁷⁹

Em diversos trechos de seu livro, Xavier de Almeida manifestou-se abertamente como defensor do cirurgião franco-russo e dos enxertos e transplantes feitos a partir de glândulas de macacos. Em uma das passagens afirmou: *qualquer cirurgião pode fazer a operação do enxerto graças à generosidade do dr. Voronoff, que expôs com todas as minúcias a sua técnica, ilustrando-a e facilitando-a com fotografias*. Em outro trecho de *A luta contra a velhice* fez questão de reforçar sua admiração: *ele paga com imensa generosidade a guerra que lhe moveram; é nobre e digno; e verdadeiramente superior*.³⁸⁰

Um dos autores mais criticados por Xavier de Almeida foi o francês Pierre Mauriac, que, por sua vez, se opôs fortemente a Voronoff. Em 1926, este último afirmou ser impraticável o rejuvenescimento porque os humores e o sangue impossibilitariam reverter os efeitos da velhice e, conforme o organismo envelhecesse, o sangue adquiriria o poder de retardar a proliferação de novas células. Extremamente crítico, Mauriac chegou a caçoar publicamente de Voronoff quando escreveu que *a ciência do século XX daria à luz novos sátiros que embora não tivessem chifres nem orelhas peludas, seriam animados por um ardor verdadeiramente caprino em perseguir ninfas*. Qualificou ainda como negativo o alvoroço charlatanesco da imprensa em torno dessas experiências. Em sua opinião, seria ilusório acreditar no rejuvenescimento pela ação de uma única glândula. Sempre provocativo, duvidou que o médico franco-russo seria capaz de comprovar a eficácia dos seus enxertos como suficientes para restaurar a elasticidade de uma artéria obstruída, recuperar um rim ou coração exausto. E sobre os adeptos de Voronoff, a exemplo de Xavier de Almeida e de Hector Ghillini, zombou: *É inútil opor razões científicas àqueles que nem mesmo o bom senso consegue deter e que, diante de uma juventude fugidia, se cobrem com um certo ridículo*.³⁸¹

³⁷⁹ALMEIDA, X. 1928, p. 135; 143-148.

³⁸⁰Idem, op. cit., p. 173.

³⁸¹MAURIAC, op. cit., p. 77-95.

Em *A luta contra a velhice*, Xavier de Almeida contestou diversas opiniões de Mauriac. Para contra-argumentar a afirmação deste último de que o *velho amoroso seria uma deformidade da natureza*, citou dois expoentes da literatura ocidental: o francês Victor Hugo (1802- 1885) e o alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749- 1832).³⁸² O livro consistiu em uma espécie de manual para o bom envelhecimento voltado aos brasileiros e contendo uma retrospectiva sobre os principais tratamentos rejuvenescedores desde Brown-Séguar. Ao mesmo tempo em que tratou dos procedimentos mais invasivos, incluiu conselhos e orientações de higiene para prolongar a vida e combater a velhice, considerada por ele como uma *doença*. O conceito fundamental de velhice, segundo Xavier de Almeida, está expresso na seguinte citação:

A velhice é o enfraquecimento vital do organismo, representado pela diminuição da força muscular, da atividade física, da energia genital, da capacidade mental e da vivacidade do espírito e por outras modificações funcionais, que imprimem ao homem **uma feição característica que todos conhecem**.³⁸³

A expressão *feição característica que todos conhecem*, destacada na citação, usada para se referir às pessoas com idade avançada, poderia ser também analisada a partir da perspectiva de Goffman, reforçando nos velhos o papel de *desacreditados*, já que suas características e feições eram imediatamente reconhecidas pelas pessoas tidas como *normais*,³⁸⁴ conforme já afirmei.

Um debate presente no final do século XIX e início do século XX estava relacionado com a seguinte questão: A velhice é uma doença ou apenas uma fase da vida? Sobre esse assunto foi interessante a opinião do fisiologista francês Albert Dastre (1844-1917), que provavelmente teve muita influência entre os médicos brasileiros, já que a segunda edição de sua obra *La vie et la mort* foi publicada em português. O autor defendeu a velhice como doença crônica e, para comprovar sua tese, utilizou elementos de sua especialidade, a química fisiológica. Em sua opinião, o processo de envelhecimento aconteceria da seguinte forma: com o passar do tempo, a atrofia e degenerescência das células de órgãos como fígado, rins e cérebro causariam um endurecimento dos tecidos. A degenerescência dos órgãos, que Albert Dastre chamava de esclerose, por sua vez seria a causa de uma série de doenças crônicas. Os vasos sanguíneos, ao sofrerem com esta transformação, seriam suscetíveis à esclerose nas artérias (arteriosclerose) porque comprometeriam a elasticidade das paredes dos vasos, prejudicando a irrigação sanguínea dos órgãos. Seguindo o raciocínio desse autor, as transformações dos tecidos nos velhos consistiriam na atrofia dos membros, o que gerava um tecido conjuntivo que definiu como hipertrofiado: *é uma esclerose comparável a das doenças crônicas; é um estado patológico [...]. A velhice tal como a conhecemos*

³⁸²ALMEIDA, X., op. cit., p. 182.

³⁸³Idem, op. cit., p. 123. Grifos meus.

³⁸⁴GOFFMAN, E. op. cit., p. 14.

é uma doença crônica e não uma fase normal do ciclo da vida, resumiu. Lamentou a pequena quantidade de estudos nesse campo, ao comentar que haveria menos dados científicos sobre a velhice do homem comparativamente a de outros animais.³⁸⁵

Xavier de Almeida tinha predileção por autores estrangeiros que discutiam questões sobre a velhice e o rejuvenescimento de maneira otimista. Um de seus favoritos foi Jean Finot, tratado anteriormente nesta tese. Em sua primeira edição da obra *La philosophie de la longevité*, em 1900, Finot confessou ter muita esperança na equipe do Instituto Pasteur com relação aos avanços no campo do rejuvenescimento. Em suas palavras, algum tratamento deveria surgir, especialmente por causa da nova concepção da velhice como uma *doença especial*.³⁸⁶ Em sintonia com a expectativa de Finot, o Instituto Pasteur chegou a produzir um suposto *elixir da longa vida* à base de leite coalhado³⁸⁷ que mereceu a atenção de Xavier de Almeida e será tratado com mais detalhes no próximo capítulo.

Um aspecto interessante da obra de Finot, que o diferenciou de outros autores de seu tempo, foi a maneira como defendeu uma nova concepção de beleza para as mulheres. Em sua obra *Prolonguemos a vida*, previu que futuramente haveria a abolição do preconceito de idades e se referiu à *mulher do amanhã* como aquela que teria menos probabilidade de se casar e assim se sentiria mais propensa a encontrar no trabalho e no respeito do homem a compensação para alguns desgostos.³⁸⁸

Outro estrangeiro citado em *A luta contra a velhice* foi o médico italiano Giovanni Battista Ughetti (1852-1930), autor de um livro traduzido para o português e que foi mais comedido do que Xavier de Almeida nos elogios a Voronoff.³⁸⁹ Aparentemente conservador e adjetivado por Xavier de Almeida como *um espírito negativista*, Ughetti propunha a macrobiótica como meio de conservar a energia física e moral até a idade avançada. Em *Arte de não envelhecer*, contribuiu para propagar uma ideia pessimista da velhice ao comentar sobre *aqueles atributos morais e físicos que tornam a maior parte das vezes temida, penosa, odiada a senilidade*. Criticou, ainda, as pessoas de faixa etária avançada que recorriam a artifícios para disfarçar a idade ao afirmar que seria preferível *o velho curvo e encanecido que o retinto e embelecado. O primeiro é sempre estimado e venerado; o segundo é fastidioso e ridículo*. Ao fazer esse comentário, Ughetti se referia aos institutos de

³⁸⁵DARTRE, A. **A vida e a morte**. 2. ed. Paris e Lisboa: Aillaud e Bertrand; Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, [1903], p. 371-373. Jan. 2020.

³⁸⁶FINOT, J. **La philosophie de la longevité**. Paris: Schleicher Frères, 1900. p. 77-78, 92. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k62710621/f111.item.r=prolonger>. Acesso em: 9 jan. 2020.

³⁸⁷FERMENTO búlgaro. **O Estado de São Paulo**, ed. 9544, p. 2, 19 jan. 1905.

³⁸⁸FINOT, J. **Prolonguemos a vida**. Tradução Antonio Vidal. São Paulo: Empresa Editora O Pensamento, 1931. p. 87.

³⁸⁹UGHETTI, G. B. **Arte de não envelhecer**. Tradução Arlindo Varela. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925.

beleza e afins. Condenou duramente o uso de *tinturas, loções, cosméticos, pílulas orientais, máscaras, dentaduras, cintos, perucas*, entre outros artifícios para mascarar a velhice, fazendo com que as pessoas idosas se parecessem moças. Seus principais alvos de denúncia foram os charlatões que lucravam com a venda de remédios para o rejuvenescimento. Eis um exemplo: *Exercendo honestamente a profissão médica se ganha muito, mas muito menos que vendendo qualquer purgante sob o nome de elixir da longa vida*, afirmou.³⁹⁰

Um médico adepto dos procedimentos rejuvenescedores do período abordado por Xavier de Almeida foi o austríaco Arnold Lorand, que tratou a ação das glândulas no processo de velhice, com enfoque na tiroide, definindo-a como *um estado crônico de autointoxicação*.³⁹¹ Para Lorand, o uso de extratos à base de ovários de porca seriam indicados em mulheres com melancolia, demência precoce e todos os problemas decorrentes do desenvolvimento insuficiente dos ovários. Ainda os extratos de rim de porco seriam muito úteis na velhice, enquanto os preparados de tiroide seriam ideais para pacientes com arteriosclerose, nefrite e outras doenças frequentes na etapa que ele denominou triste fase da vida.³⁹²

Em seu livro, Xavier de Almeida destacou o francês Louis-Henri Goizet, autor de uma obra que enalteceu o nascimento da opoterapia por meio das injeções testiculares. Em *La vie prolongée au Moyen de la methode de Brown-Séguard*, Goizet ensinava como viver mais de 100 anos por meio desse tratamento, garantindo que a *vacina seguardiana* – expressão frequentemente atribuída ao método – era ao mesmo tempo um afrodisíaco e um regenerador da saúde. Xavier de Almeida parece ter se interessado pelos dois aspectos, tendo transcrito diversos trechos para convencer o leitor sobre os benefícios de influenciar positivamente as funções sexuais dos velhos, tornando essa fase da vida mais doce e suave.³⁹³ Goizet escreveu seu livro em 1891, ou seja, na época em que Brown-Séguard estava em seu auge. O médico francês explicou que esse método não poderia ser compreendido apenas como um afrodisíaco, mas como um tratamento que atuaria em todo o organismo e, nessas condições, as pessoas que fossem tratadas perceberiam também a melhora da função genital.³⁹⁴

Pelo ano em que sua obra foi publicada e considerando a forma como defendeu Voronoff, tudo leva a crer que Xavier de Almeida escreveu seu livro com o propósito de contribuir para protegê-lo dos ataques sofridos por parte dos médicos que o criticavam. O próprio nome da obra A

³⁹⁰UGHETTI, op. cit., p. 13, 16, 17, 64.

³⁹¹LORAND, 1933, p. 41.

³⁹²Idem, op. cit., p. 220, 221.

³⁹³ALMEIDA, X, op. cit., p. 143, 145-147.

³⁹⁴GOIZET, L.-H. **La vie prolongée au moyen de la méthode Brown-Séguard**. Paris: Libraire Marpon & Flammarion, 1891. p. 22.

luta contra a velhice deve ter sido escolhido com inspiração no cirurgião russo, pois trata-se do título de um dos capítulos de uma obra do cirurgião francês.³⁹⁵

Importante observar que a maior parte dos debates sobre a velhice aqui apresentados envolveu questões que interessavam diretamente aos idosos de condição econômica privilegiada, contudo, seu mentor Serge Voronoff dizia ter como alvo pacientes ricos e pobres. Com relação aos homens, as discussões envolveram problemáticas, tais como a delimitação da época na qual se iniciaria a velhice; a capacidade intelectual; enfim, o momento em que os idosos deveriam se retirar da vida profissional. Estas eram as principais.

Quanto às mulheres, os debates consistiram em críticas e piadas relacionadas ao aspecto físico, às tentativas de aparentar menos idade ao envolvimento com outras atividades fora do ambiente doméstico. Já os debates envolvendo homens e mulheres velhas de modo geral se referiram aos produtos para tingir cabelos brancos; às críticas de homens jovens que se relacionavam com mulheres idosas; aos suicídios como alternativa para não envelhecer; e ao interesse pela existência de supostos macróbios.

Apesar da grande quantidade de críticas às pessoas de idade avançada, as pesquisas que resultaram neste capítulo apresentaram duas exceções. Entre todos os médicos mencionados, Antonio Gonçalves de Lima Torres elogiou a aparência física das mulheres após a menopausa. Da mesma forma, o médico Pedro José Virციани foi o único a defender os idosos das críticas feitas pelos jovens. Esse cenário em que os velhos eram estigmatizados por sua aparência física representou um terreno propício para o nascimento dos tratamentos rejuvenescedores tratados a seguir.

3.6.2 Primeiras experiências

Em um domingo de 1928, o escritor Humberto de Campos registrou em seu diário algo que qualificou de triste: *estou com os dias contados*, escreveu com a *alma quase conformada*. Revelou que estava se submetendo a um tratamento de injeções de sais de bismuto e de mercúrio, além de ingerir hormônios para estimular a hipófise. Diante de sua piora, o médico Afonso Mac-Dowell (1881-1958) aconselhou-o a tentar o tratamento rejuvenescedor de Voronoff, que naquela semana estava hospedado no Rio de Janeiro para as Jornadas Médicas.³⁹⁶

Por aqueles dias, Afonso Mac-Dowell soube que o cirurgião havia feito uma *implantação de glândulas* em um ancião e ficou otimista com o sucesso deste caso. Conforme o registro do diário, o médico teria afirmado: *Se ele quisesse sacrificar um dos seus chimpanzés para fazer em*

³⁹⁵Refiro-me ao capítulo *Lutte contre la vieillesse*: VORONOFF, 1942, p. 49-68.

³⁹⁶DIÁRIO secreto de Humberto de Campos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 0025, 7 abr. 1951, p. 102.

você o enxerto da hipófise, seria, talvez, a sua felicidade. Mesmo relutando em tirar a vida de um animal para se beneficiar com uma partícula de seu cérebro, Humberto de Campos foi à Academia de Medicina procurar Belmiro Valverde (1884-1963), que era bastante próximo de ambos. Ele lhe prometeu falar com o médico ainda naquele dia. *Que surpresa, meu Deus, me reservará o dia de amanhã?*, questionou-se o autor do diário.³⁹⁷ Ao que tudo indica essa cirurgia não ocorreu. Uma última observação relevante com relação a Humberto de Campos foi o fato de que o trecho do diário que revelou seu interesse em ser operado por Voronoff foi publicado apenas na revista *O Cruzeiro*, que, em 1951, reproduziu semanalmente com exclusividade o conteúdo do *Diário secreto*. Por outro lado, o referido trecho foi omitido posteriormente no livro *Diário secreto de Humberto de Campos*, publicado em dois volumes, em 1954.³⁹⁸ Esta omissão pode ter ocorrido por vários motivos, dentre eles talvez o fato de que o processo de Voronoff já estava totalmente superado e desacreditado. Além disso, seu método foi muito explorado e vulgarizado pelos jornais, causando polêmicas.

O médico Belmiro Valverde, citado no diário como bastante próximo a Voronoff, formou-se em 1906 pela Faculdade de Medicina da Bahia, atuou como chefe do Serviço de Urologia da Policlínica do Rio de Janeiro e foi membro da Academia Nacional de Medicina. Opositor ao governo de Artur Bernardes (1922-1926), chegou a ser exilado na Europa e, posteriormente, em 1933, aderiu à Ação Integralista Brasileira.³⁹⁹

Além da forte ligação com Voronoff, que pode ser comprovada pelos jornais da época, Belmiro Valverde foi um cirurgião que se destacou internacionalmente no campo do rejuvenescimento por meio de enxertos com glândulas de macacos. A prova desse fato foi que, em 20 de dezembro de 1931, o cirurgião francês Louis Dartigues (1869-1940) fez uma comunicação à Sociedade Médica de Paris em nome de Belmiro Valverde. Nessa comunicação, Dartigues relatou o sucesso de um transplante de ovário e tireoide em uma brasileira de 30 anos que foi realizado por Valmiro Valverde em colaboração com outro cirurgião de nome Aquilles de Araújo. A operação teria ocorrido no Rio de Janeiro, em 16 de março de 1929.⁴⁰⁰ Após a partida de Voronoff, continuaram as ligações entre ele e Belmiro Valverde. Este último esteve no cais do porto para receber 17 macacos (12 machos e 5 fêmeas) enviados por Voronoff.⁴⁰¹ O médico brasileiro não

³⁹⁷DIÁRIO..., op. cit., p. 102.

³⁹⁸CAMPOS, H. de. **Diário secreto de Humberto de Campos**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954. v. 1-2.

³⁹⁹COUTINHO, A. **Belmiro de Lima Valverde**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/belmiro-de-lima-valverde>. Acesso em : 1 jan. 2021.

⁴⁰⁰VORONOFF, Les sources renouvelées de la vie, p. 278.

⁴⁰¹O 'EUBÉE' não trouxe imigrantes portugueses. **Correio da Manhã** (RJ), ed. 10459, 7 fev. 1929, p. 5. Ver também: CHARLATÃES, Charlatães. **A.B.C.** Rio de Janeiro (RJ), ed. 728, 16 fev. 1929, p. 22.

parecia tão interessado no enxerto de glândulas de macacos apenas para rejuvenescer as mulheres velhas nem somente para melhorar o desempenho sexual de ambos os sexos. Para ele, a cirurgia possibilitaria também mais uma forma de tratamento para muitas doenças e ainda a revitalização de idosos internados em hospícios e que viviam às custas da sociedade.⁴⁰² De acordo com ele, o Chile foi o país pioneiro na América do Sul a operar no sistema de Voronoff, seguido pela Argentina. No Brasil, ainda conforme o autor, os primeiros a realizar as cirurgias de rejuvenescimento pelo método de Voronoff foram, além do próprio Belmiro Valverde, os médicos Francisco de Castro Araújo (1889-1953), no Rio de Janeiro; Moura Azevedo, em São Paulo; e Edgard Tostes, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro.⁴⁰³

Pelo menos um documento histórico indicou que as ideias envolvendo xenotransplantes pelo método de Voronoff podem ter sido introduzidas no Brasil antes da década de 1920. Eu me refiro ao periódico carioca *Dom Quixote*, em que um certo *João das Moças* discorreu em tom jocoso sobre a possibilidade de ter o próprio estômago substituído por outro, de carneiro, o que poderia ser feito em um *instantinho* pelo polêmico Maurício Gudín (1883-1959).⁴⁰⁴ Médico e pesquisador reprovado no concurso de catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Gudín continuou interessado nesse tipo de procedimento. Em 1927, ele assistiu a uma cirurgia de enxerto de testículo de macaco cinocéfaló realizada em Paris por Dartigues com a colaboração de Voronoff. O paciente tinha 57 anos e desejou ser operado para aumentar o vigor físico, intelectual e recuperar a potência sexual.⁴⁰⁵

Enquanto esteve no Brasil, Voronoff deve ter recebido pedidos semelhantes ao do escritor Humberto de Campos, inclusive por parte de pessoas de posses. Segundo um jornal da época, fortunas teriam sido oferecidas em troca de uma cirurgia rejuvenescedora, mas, durante as Jornadas Médicas, Voronoff estaria ocupado apenas em demonstrar sua técnica a outros médicos.⁴⁰⁶ Ao pesquisar em documentos a respeito dos processos rejuvenescedores do início do século XX, os médicos ingleses Michael Kozminski e David Bloom também afirmaram que surgiram rumores de milionários, oferecendo altas quantias pelas cirurgias.⁴⁰⁷ Em sua obra *Conservai a mocidade*, o médico Victor Pauchet, mesmo defendendo o enxerto de glândulas de macaco, lamentou que o mesmo deveria ser refeito após dois a três anos e custasse tão caro, ao afirmar: *É tratamento de milionário*.⁴⁰⁸ A verdade é que foi assediado por uma *verdadeira legião de decrepitudes nacionais*

⁴⁰²VALVERDE, B. Conceitos científicos do mais elevado valor sobre a operação e a obra biológica de Voronoff. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 3005, 13 set.1928, p.2.

⁴⁰³Idem, op. cit., p. 2.

⁴⁰⁴JOÃO DAS MOÇAS. Crônica de Petrópolis. **D. Quixote**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 47, 1918.

⁴⁰⁵DARTIGUES, L. **Le renouvellement de l'organisme**: endocrinologie chirurgicale. Paris: Gaston, 1928. p. 173.

⁴⁰⁶INÚMEROS pedidos de operações a Voronoff. **Diário Nacional**. São Paulo (SP), ed. 320, 22 jul. 1928, p.1.

⁴⁰⁷STAMBLER, op. cit., p. 297-305.

⁴⁰⁸PAUCHET, Victor. **Conservai a mocidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929. p. 27.

e estrangeiras, recordou o médico psicanalista Gastão Pereira da Silva (1897-1987), que quando era estudante de medicina esteve pessoalmente com o cirurgião franco-russo, conforme o seguinte relato:

Em certo momento, vencendo uma natural timidez de acadêmico, arrisquei uma pergunta audaciosa: “- Professor, pode me explicar a razão de certos fracassos que o senhor tem tido em suas experiências?”. Voronoff não se perturbou e olhando para longe, sem encarar os circunstantes, respondeu num tom de voz onde não havia a mínima tonalidade de “blague”: - Nesses casos -, disse num francês encapelado – a culpa não é minha nem do meu paciente. Mas do macaco. Naturalmente que existem macacos fortes e fracos como os homens. E com ar de superioridade, concluiu: “- Tudo é saber escolher os macacos, proprietários e glândulas poderosas”. Nesse tempo, Voronoff, apesar do rumoroso sucesso de publicidade que alcançava, não passava de um caixeiro viajante de uma nova ciência.⁴⁰⁹

O aspecto mais interessante do referido relato foi ter sido feito por Pereira da Silva em 1945, ou seja, depois de 17 anos. Ao lembrar seu contato com o *renovador da velhice*, Pereira da Silva revelou o fascínio com que acompanhou as explicações e demonstrações de Voronoff quando ainda era um estudante de medicina.

Durante retrospectiva sobre o assunto em sessão na Academia Nacional de Medicina, em 1930, Belmiro Valverde afirmou ter realizado uma cirurgia em 1923. Na ocasião, mencionou seus pacientes bem como os médicos-auxiliares Roberto Freire, que será tratado com mais detalhes no próximo capítulo desta tese, e Aquilles de Araújo. O cidadão operado foi identificado como um *médico de 56 anos e que teria sofrido por dez anos de enfraquecimento, perda de memória, falta de apetite, insônia, fraqueza sexual extrema e pessimismo*. Submetido à operação pelo método de Voronoff em dezembro de 1923, teria modificado completamente sua vida e retomou a profissão. Belmiro Valverde mencionou outros pacientes, em sua maioria homens, sendo os demais operados após o ano de 1923.⁴¹⁰

Outro médico que realizou enxertos pouco tempo depois, isto é, em 1924, foi Reynaldo de Aragão, especialista em moléstias de senhoras, partos e vias urinárias, no Rio de Janeiro. Em anúncio divulgado pela imprensa, garantia ter pleno conhecimento das práticas de Voronoff, em Paris, e de Steinach, em Viena, tratando o senilismo pelos dois respectivos métodos.⁴¹¹ Durante sessão de 19 de agosto de 1924 na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, relatou ter feito algumas cirurgias pelo método de Voronoff, utilizando ovários de macaca e cabrita. Provavelmente, essas cirurgias foram realizadas com a intenção de curar doenças e não apenas com o propósito de rejuvenescimento estético. Um dos procedimentos foi feito na Casa de Saúde

⁴⁰⁹SILVA, G. P. da. Do cretino ao gênio. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 11887, p. 2, 18 mar. 1945.

⁴¹⁰ACADEMIA Nacional de Medicina. A sessão de ontem. **Jornal do Comércio** (RJ), ed. 176, 25 jul. 1930, p. 4-5.

⁴¹¹DR. REYNALDO de Aragão. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 49, 26 fev. 1924, p. 19.

Estellita Lins em uma mulher de 65 anos *muito enfraquecida* em sua memória, vista e audição, enquanto outra tinha 75 anos e decadência orgânica bem-acentuada.⁴¹²

Em uma ocasião, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o médico Rafael Pardellas (1897-1947) criticou Reynaldo Aragão por ter feito operação de rejuvenescimento em uma paciente *que sendo moça como é, não carecia da operação de rejuvenescimento e sim de um simples enxerto ovariano*. Outra acusação foi o fato de que o resultado dessa intervenção teria sido insatisfatório. Defendendo-se, Reynaldo Aragão respondeu que o procedimento realizado naquela jovem não havia sido com a finalidade de rejuvenescimento.⁴¹³ Em 1926, um jornal carioca publicou a fotografia do médico Castro de Araújo juntamente com a ilustração de um macaco para anunciar que um paciente do Rio de Janeiro teria recebido o enxerto da glândula tiroide do animal, por meio da técnica de Voronoff.⁴¹⁴ Aproveitando-se de sua fama, medicamentos foram apresentados como tendo uma eficácia supostamente superior ao enxerto. Foi o caso do *Vanadiol*, que, segundo a propaganda, *teria mais poder numa gota do que dez glândulas de macaco*.⁴¹⁵ Anúncios nos jornais divulgaram os tratamentos sem cirurgia, prometendo os mesmos efeitos rejuvenescedores atribuídos à técnica de Brown-Séguard e Voronoff (Figuras 7 e 8).

Figura 7 – Propaganda do remédio Vanadiol.



Fonte: *A Manhã* (RJ), ed. 457, 12 jun. 1927, p. 5.

⁴¹²SOCIEDADE de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Sessão de 19 de agosto de 1924. Enxertos ovarianos. *O Brasil-Médico*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2-10, 1924, p. 159

⁴¹³ASSOCIAÇÕES Científicas. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. *O Brasil-Médico*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2-11, Ano 1924, p. 171.

⁴¹⁴UMA OPERAÇÃO voronofiana entre nós. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 91, 18 abril 1926, p. 1.

⁴¹⁵VORONOFF no Rio de Janeiro. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10287, 21 jul. 1928, p. 5.

Figura 8 – Propaganda do tratamento antissenil com injeções de rejuvenescimento.



Fonte: *A Manhã* (RJ), ed. 481, 10 jul. 1927, p. 4.

Para Antônio Austregésilo (1876-1960), as cirurgias de Voronoff seriam a opção então vigente para a cura das neurastenias sexuais, associadas pelo autor à fraqueza e irritabilidade nervosa. Nessas duas ordens de sintomas, ainda de acordo com ele, surgiu assumindo papel preponderante o instinto sexual que se evidenciaria em *lascívias, transvios, erros contra a natureza e lubricidades estranhas, até, às vezes, chegar à insuficiência genital e à impotência*.⁴¹⁶ Entretanto, advertiu que os tratamentos de rejuvenescimento poderiam ser tentados em casos fora do alcance da terapêutica psíquica sempre que os *defeitos orgânicos* estivessem à mostra. Após observar um número cada vez maior de adeptos das práticas médicas europeias e americanas, acreditava que tais procedimentos ainda careciam de *resultado pragmático da biologia e da clínica*.⁴¹⁷ O fato é que os periódicos da década de 1920 indicaram a ocorrência de operações pela prática de Voronoff antes de sua vinda ao Brasil. Em *A Manhã* (RJ), por exemplo, um médico chamado Lemos Duarte, do Hospital Batista, por meio de um anúncio, prometia tratamento eficaz e indolor pelo processo Dr. Voronoff para a cura de impotência, possuindo, para esse fim, material necessário.⁴¹⁸ O propósito desses jornais provavelmente era alimentar o interesse pela questão, já que publicavam anúncios pagos.

A mesma tendência seguiu o escritor e jornalista Berilo Neves (1899-1974). Em um de seus contos, ao antever como seria a vida no século XXI, previu que a medicina evoluiria a ponto de aperfeiçoar o trabalho *do velho Voronoff e do ingênuo Steinach*. Assim, uma simples injeção hipodérmica à base de extrato estéril de glândulas de macaco seria capaz de impedir as pessoas de

⁴¹⁶AUSTREGÉSILO, A. *A neurastenia sexual e seu tratamento*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1928. p.65.

⁴¹⁷Idem, op. cit., p. 136-137.

⁴¹⁸IMPOTÊNCIA. *A Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 284, 26 nov. 1926, p. 6.

morrerem.⁴¹⁹ Em outro livro, o mesmo autor criou um personagem chamado Sérgio Livtinoff. Tratava-se de um cientista solteirão de 104 anos que viveria no século XXV, sendo apontado como o responsável por aperfeiçoar a obra de Voronoff. De acordo com o texto, um de seus pacientes o procurou para pedir que neutralizasse o enxerto que nele havia sido implantado, pois preferia morrer a suportar a ideia de continuar vivendo até a eternidade ao lado da esposa por quem não mais estava apaixonado.⁴²⁰ Em um de seus artigos, Berilo Neves fez outra cômica observação ao comentar que enquanto a eugenia se preocupava em fabricar belas crianças, a cirurgia plástica e os salões de beleza retocavam os *velhos assustadores*. Dessa forma, previu que, com o passar do tempo, os feios se reduziriam às pessoas que o desejassem ser ou àquelas que *não possuíssem alguns milhares de cruzeiros*. Mais uma vez antevendo o futuro, escreveu que, por volta do ano 2000, todas as pessoas seriam bonitas e sem rugas. Para achar alguém feio, seria preciso recorrer aos museus. *Nesse dia todos agradeceriam a Deus por não ter vivido no passado, com fealdades espetaculares, patológicas ou apenas risíveis.*⁴²¹

Para Sander Gilman, a higiene do corpo, do espírito e do estado estariam entrelaçadas. Nessa perspectiva, o surgimento da cirurgia estética teria adquirido, em sua opinião, o *status* de *intervenção eugênica* porque representaria uma alternativa capaz de melhorar o indivíduo, ou seja, por seu intermédio seria possível aperfeiçoar a aparência e garantir mais felicidade às pessoas desejosas por se enquadrarem nos padrões estéticos impostos pela sociedade. No século seguinte, *o alcance dessa felicidade por meio da cirurgia estaria colocado em termos de uma autonomia da mulher velha que optasse pela própria transformação.*⁴²²

3.6.3 A cirurgia de rejuvenescimento que acabou em queixa-crime

Em agosto de 1928, leitores de diversos jornais acompanharam os desdobramentos do primeiro homoenxerto pela técnica voronoffiana praticada no Brasil, que teria ocorrido no Rio de Janeiro.⁴²³ O caso teve destaque na imprensa não apenas pelo aspecto científico, mas também em decorrência das complicações jurídicas envolvendo o cirurgião Edgar Barroso Tostes.⁴²⁴ O paciente

⁴¹⁹NEVES, B. Uma manhã no ano 2000. **O século XXI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. p. 51.

⁴²⁰Idem. O professor Sergio Livtinoff. *In*: NEVES, B. **A mulher e o diabo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. p. 159-164.

⁴²¹Idem. Cirurgia plástica. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 11674, 12 ago. 1944, p. 3.

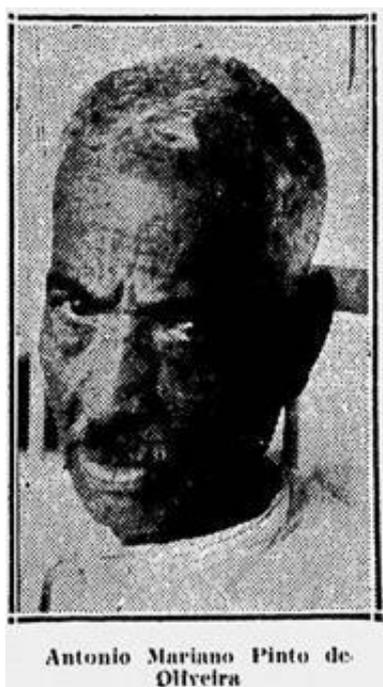
⁴²²GILMAN, S. **Making the body beautiful**: a cultural history of aesthetic surgery. Princeton: Princeton University Press, 1999. p. 17-19, 21.

⁴²³Aplicou o método Voronoff e vai ser processado. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 18, 5 ago. 1928, p. 3.

⁴²⁴O nome de Edgard Barroso Tostes constou como estudante do 4º ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, conf: EXAMES. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 8041, 8 março 1921, p. 4. Seu nome também constou como sendo médico do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira a partir de 1931, conf:

foi Antônio Mariano Pinto de Oliveira, de 80 anos (Figura 9), e o doador das glândulas testiculares foi um rapaz de 25 anos *de cor preta*, com *extraordinária robustez física*, e acometido de hemorragia interna causada por acidente de bonde. A cirurgia aconteceu no Hospital São João Batista, em Niterói (RJ), onde o idoso estava internado em tratamento de uma *úlcer*a no *calcanhar*.⁴²⁵

Figura 9 - A aplicação do método Voronoff, em Niterói.



Fonte: **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 029725, ago. 1928, p. 5.

Duas acusações pesaram contra o médico. A primeira foi abusar da *inconsciência senil do enxertado*, enquanto a segunda foi cometer crime contra o doador da *glândula genital*, que não se sabe se estaria ainda vivo quando ela foi retirada. Alegando ter procedido em *benefício da ciência*, Tostes explicou à imprensa como enxertou no ancião as glândulas testiculares do jovem que acabara de falecer. *Uma hora depois de haver expirado o doador, retirei-lhe a glândula e fiz o enxerto no octogenário, convenientemente anestesiado*. O autor da denúncia foi Manoel Chaves de Oliveira, filho do idoso. Ele apresentou queixa ao Ministério Público, porém, posteriormente, teria voltado ao juiz para desistir da acusação contra o médico.

COMENTÁRIOS. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 46, p. 1078. Por último, atuou no Corpo de Saúde da Aeronáutica, conf: Corpo de Saúde da Aeronáutica. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10, 7 mar. 1942, p. 18.

⁴²⁵APLICOU O MÉTODO Voronoff e vai ser processado. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 18, 5 ago. 1928, p. 3.

Entretanto, mesmo com a desistência apresentada, o juiz Oldemar Pacheco prosseguiu com o caso e intimou Edgard Tostes a prestar declarações.⁴²⁶ No meio médico, o caso dividiu opiniões. Leonídio Ribeiro (1893-1976), professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e discípulo de Afrânio Peixoto (1876-1947), afirmou não haver fundamentos para um processo de responsabilidade por parte da família do idoso, pois não haveria danos a serem reparados. Assinalou *trata-se de um indigente recolhido a um hospital onde o tratamento é gratuito e os médicos trabalham sem remuneração alguma, movidos apenas por intuítos humanitários e interesses científicos a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos*. Outro argumento apresentado foi o fato de a única intenção do médico era ser útil ao paciente, *um velho e portador de úlcera na perna*, que foi consultado e concordou com a operação, com pleno conhecimento de causa.⁴²⁷

Em sua defesa, Tostes garantiu ter feito a cirurgia dentro dos limites legais e cumprido com todos os quesitos da ética profissional. *A retirada dos órgãos de um cadáver para fins científicos não constitui mutilação*, explicou. Afirmou ainda que todas as conquistas médicas eram fruto da observação e experimentação. E completou: *É indiscutível também que a observação e a experimentação só podem ser feitas em doentes uma vez tendo o médico a certeza da inocuidade do método*. Ressaltou que o homoenxerto não consistia em experiência nova, negando qualquer deslize em sua conduta profissional.⁴²⁸

Ao *Jornal A Noite*, do Rio de Janeiro, Tostes declarou que diversos médicos no Brasil também teriam praticado cirurgias semelhantes a exemplo do cirurgião formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Francisco de Castro Araújo (1899–1953) e outro médico de nome Moura Azevedo, tendo revelado ainda que Belmiro Valverde, anteriormente citado nesta tese, havia acabado de organizar um *serviço* especialmente para operações desse gênero. Por outro lado, Tostes afirmava ser pioneiro na operação de homoenxerto. *Tive a felicidade de encontrar um caso de senilidade muito expressivo ao lado de um doador humano em magníficas condições para fornecer os elementos de que precisava para o enxerto*.⁴²⁹

Pelo menos dois periódicos pernambucanos divulgaram o caso. Um deles afirmou que Tostes havia sido processado por ter aplicado o *processo de rejuvenescimento do sábio Voronoff*

⁴²⁶APLICOU O MÉTODO..., op. cit., p. 3.

⁴²⁷A aplicação do método Voronoff, em Niteroi. **O Jornal. Rio de Janeiro** (RJ), ed. 2972, 5 ago.1928, p.5.

⁴²⁸TOSTES, E. O processo de rejuvenescimento. A retirada dos órgãos de um cadáver para fins científicos não constitui uma mutilação. **O Jornal. Rio de Janeiro** (RJ), ed. 2973, 7 ago. 1928, p. 5.

⁴²⁹O interessante problema do rejuvenescimento. **A Noite. Rio de Janeiro** (RJ), ed. 6106, 16 nov. 1928, p. 2.

em um octogenário sem prévia autorização da família, com o agravante de que o enxerto havia sido extraído do cadáver de um rapaz.⁴³⁰ Outro publicou a seguinte carta aberta ao médico:

RIO, 3 - O sr. Manoel Chaves de Oliveira, filho do sr. Antonio Mariano Pinto de Oliveira, falecido ontem em consequência da operação de rejuvenescimento a que se submeteu, apresentou queixa-crime contra o médico operador dr. Edgard Tostes, alegando que seu genitor foi operado sem o consentimento da família. Meu caro Tostes, lamento que essa operação primeira de rejuvenescimento que fez no pobre Oliveira causasse o falecimento do operado. A vida inteira terá você o tormento do remorso à sua beira! E em toda parte, meu Tostes, ouvirá: “- Malvado, fostes Vós o autor da morte do pobre Oliveira Pinto. Que tenhais na vida sorte não consinto! Não consinto! Felix.⁴³¹

Passados quatro meses após a cirurgia, O Malho divulgou uma reportagem de três páginas que provavelmente foi encomendada por Tostes, pois deu grande espaço às falas do médico e sequer mencionou a questão da queixa-crime. Com diversas fotos, a matéria jornalística informou que o octogenário estava vivo e havia remoçado, tendo retomado as funções sexuais enquanto sua esposa continuava velha, sentindo ciúmes dele por sua nova condição.⁴³² O repórter da referida revista visitou o operado Antonio Mariano Pinto de Oliveira em sua casa localizada em São Gonçalo e deu mais detalhes sobre o paciente idoso, que morava com a esposa chamada Margarida, filhas e netos. A revista divulgou uma imagem em que ele erguia uma cadeira para o alto com apenas uma das mãos, transmitindo a sensação de força. Em tom jocoso, a reportagem foi intitulada O Fausto que remoçou ao lado da Margarida que envelheceu. As falas atribuídas à esposa, por sua vez, passavam a ideia do vigor sexual do marido: “*Seu dotô*”, *esse velho veio sem vergonhado hospital que o senhor nem faz ideia!*... A revista divulgou frases atribuídas ao idoso relatando a recuperação da memória, audição e disposição física, reforçando sempre a retomada das funções sexuais, como no trecho a seguir: - Um milagre, uma coisa que eu nunca mais esperava aos oitenta anos! Tostes também deu declarações a O Malho enfatizando a potência sexual do paciente logo após a cirurgia, quando ainda estava na enfermaria. Eu não acreditei. Incumbi dois enfermeiros de o observarem. E, de fato, meus auxiliares tiveram ocasião de constatar a veracidade da sua informação, como eu próprio, no dia seguinte.⁴³³

Moura Azevedo Filho foi outro médico a se autointitular como pioneiro a fazer cirurgia para o rejuvenescimento por meio de homoenxerto, em São Paulo. Descreveu três homens operados por ele. Com 84 anos de idade, o primeiro morreu três meses após a operação, que ocorreu

⁴³⁰UM MÉDICO fluminense processado. **A Província**. Recife (PE), ed. 182, 5 ago. 1928, p. 3.

⁴³¹FELIX, G. **Jornal Pequeno**. Recife (PE), ed. 177, 4 ago. 1928, p. 1.

⁴³²VIDAL, B. O fausto que remoçou ao lado da margarida que envelheceu. **O Malho**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1371, 22 dez. 1928, p. 24-25, 49.

⁴³³Idem, op. cit., p. 24-25, 49.

na Santa Casa, tendo recebido as glândulas de um outro paciente, em circunstância curiosa, conforme o relato do médico:

Achava-me na Santa Casa, certa ocasião em 1926, quando a Assistência Policial para ali conduziu um indivíduo romeno com 33 anos, casado, que voluntariamente se havia castrado, pouco antes, em obediência a um rito religioso denominado *skoptzy*, em voga no seu país; o paciente trazia consigo o testículo, que momentos antes havia com uma navalha seccionado. Propuz-lhe reimplantação do órgão, mas o romeno a isso se opôs, declarando que havia feito a mutilação voluntariamente e que agiu conscientemente.⁴³⁴

Outros pacientes de Moura Azevedo teriam sido operados por heteroenxerto: um negociante de bebidas italiano de 70 anos desejava de *revigoração* e, por último, um homem de 71 anos. Os dois passaram pelo método do enxerto feito com o material de um bugio, que, conforme o médico, seria um dos espécimes mais desenvolvidos dos macacos brasileiros pertencente ao gênero *Alouata*.⁴³⁵ Outro homoenxerto pelo método de Voronoff teria sido realizado em agosto de 1928, em Belo Horizonte, MG, no Hospital de Sete Lagoas, onde um indígena foi internado com *um dos testículos esmigalhado* por uma chifrada. Feita a extirpação, o médico Agrippa Vasconcelos aproveitou a oportunidade para aplicar o processo da enxertia em um macróbio cujo nome não foi divulgado.⁴³⁶

Reafirmando o que já foi mencionado na introdução desta tese, as cirurgias de Voronoff e de seus adeptos foram caindo em descrédito cada vez maior até ficarem completamente obsoletas.

3.7 OS TRATAMENTOS REJUVENESCEDORES: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DA ENDOCRINOLOGIA

Um aspecto interessante a ser observado com relação aos médicos brasileiros mencionados nesta tese e que fizeram tratamentos rejuvenescedores por meio da opoterapia, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, foi que seus nomes não constaram no livro *História da endocrinologia no Brasil*.⁴³⁷ A ausência talvez se justifique em razão do enfoque dado à história desta especialidade sob o ponto de vista de seus avanços.

A omissão e a rejeição de alguns nomes de cientistas se deram, no Brasil, provavelmente a partir dos escritos do fisiologista Thales Martins (1896-1979), no início da década de 1950, e que abordou os avanços científicos com base em informações desconhecidas à época dos médicos tratados neste capítulo. Em 1951, ele escreveu um artigo para a primeira edição da revista dos

⁴³⁴VORONOFF chega hoje a São Paulo. **Diário Nacional**. São Paulo (SP), ed. 320, 22 jul. 1928, p. 1.

⁴³⁵Idem, op. cit., p. 1.

⁴³⁶Um Voronoff indígena. **A Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 817, 11 ago 1928, p. 2.

⁴³⁷PÓVOA, L. C. **História da endocrinologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2000. p. 254-284.

Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia se esforçando por apagar o nome de Brown-Séguard como pioneiro no campo da endocrinologia.⁴³⁸ Com forte atuação na então chamada endocrinologia experimental, Thales Martins trabalhou em Mangueiras (RJ), bem como no Instituto Butantã e na Escola Paulista de Medicina, estes localizados em São Paulo. Deu ênfase aos trabalhos no campo da fisiologia da reprodução.⁴³⁹ Em seu artigo publicado em 1951, Thales Martins qualificou como um *grosseiro erro de julgamento* o título de fundador da endocrinologia atribuído a Brown-Séguard, pois o francês teria elevado a *opoterapia supersticiosa* ao grau de ciência ao ter suas opiniões difundidas pela imprensa e pelo telégrafo. Sem poupar duras críticas a Brown-Séguard, escreveu ainda que sua influência deveria ser considerada *um desvio de direção*.⁴⁴⁰ Foi além. Explicou que o *líquido testicular* era um extrato o mais grosseiro possível porque *o testículo é órgão pobre em reservas de hormônio androgênico, praticamente insolúvel na água*, não tendo, portanto, o poder de rejuvenescer os velhos como pregava o cientista do final do século XIX.⁴⁴¹ Para Thales Martins, os verdadeiros pioneiros da opoterapia cirúrgica foram os médicos portugueses José Antonio Serrano (1851-1909) e Antonio Bettencourt Rodrigues (1864-1933), com a implantação da tireoide de carneiro em uma paciente com distúrbio na referida glândula.⁴⁴²

Em *História da endocrinologia no Brasil*, o médico Luiz Cesar Póvoa (1937-2012) endossou o ponto de vista de Thales Martins e explicou o fato de que os dois portugueses não obtiveram reconhecimento como fundadores da endocrinologia porque publicaram seus trabalhos em jornal de língua nativa.⁴⁴³ Do ponto de vista histórico, acredito ser importante reforçar que Brown-Séguard, em 1889, ainda não possuía os mesmos conhecimentos de que Thales Martins no ano de 1951, quando já era plena a convicção de que o *hormônio gonádico* não existia em *extrato* como acreditava o fisiologista francês, com seu *líquido testicular*. Portanto, para ele, Brown-Séguard em nada contribuíra para a construção da endocrinologia. Graças a novas hipóteses, no entanto, é preciso admitir que, a partir do médico francês, muitos outros passaram a se interessar por realizar outras experiências, fazendo avançar a opoterapia.

Não é possível condenar, à primeira vista, Thales Martins, pois agiu como uma espécie de memorialista envolvido com o seu tempo presente. Na frase feliz do historiador Ulpiano Bezerra

⁴³⁸MARTINS, T. Evolução do conceito de hormônio e opoterapia: exame crítico da influência de Brown-Séguard: trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia*, v. 1, fasc. 1, 1951. In: PÓVOA, op. cit., p. 254-284.

⁴³⁹VALLE, J. R. do. **Thales Martins**: pioneiro da endocrinologia experimental. 2001. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah%2Fiah.xis&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=304881&indexSearch=ID>. Acesso em: 30 dez. 2020.

⁴⁴⁰MARTINS, op. cit., p. 283.

⁴⁴¹Idem, op. cit., p. 266; 282.

⁴⁴²Idem, op. cit., p. 269.

⁴⁴³Idem, op. cit., p. 251.

de Menezes (1936-), *a elaboração da memória se dá no presente e para responder às solicitações do presente*.⁴⁴⁴ Vale ressaltar que Thales Martins precisa ser compreendido como um cientista que estava escrevendo um artigo para o primeiro número da revista dos *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia*, destinada à publicação de trabalhos realizados no Instituto de Endocrinologia da Santa Casa de São Paulo. Ainda mais: um dos médicos portugueses a quem Thales Martins desejou atribuir o pioneirismo na endocrinologia, o médico Antônio Bittencourt Rodrigues, mantinha uma relação muito forte com os médicos em São Paulo, pois foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia da mesma cidade, em 1895.⁴⁴⁵

Em recente artigo sobre os processos rejuvenescedores por meio de hormônio na primeira metade do século XX, os urologistas estadunidenses Michael Kozminski e David Bloom (1955-) afirmaram que a prática médica avançou guiada pela curiosidade humana, envolvendo tentativas resultantes em erros e sucessos. De acordo, ainda, com eles, os trabalhos de Brown-Séquard, Steinach e Voronoff deveriam ser compreendidos como um interessante capítulo na história da urologia, endocrinologia e cirurgia de transplante, apesar dos seus procedimentos operatórios de rejuvenescimento hormonal, anos mais tarde, terem se revelado como equivocados.⁴⁴⁶ A maioria desses médicos foi mencionado como atores nos caminhos que levaram à descoberta da testosterona. Ao escreverem sobre esse assunto, os urologistas ainda afirmaram que a fabricação de hormônios sintéticos em laboratório, por volta de 1935, foi a explicação determinante para que Voronoff e outros de sua época abandonassem suas pesquisas, pois as cirurgias de rejuvenescimento se tornaram obsoletas. Diante disso, o médico russo passou a trabalhar com enxertos de osso e pele, em hospitais militares.⁴⁴⁷

Nas décadas de 1930 e 1940, os periódicos continuaram sendo registros para ilustrar a forma como tais tratamentos foram se diversificando e de que forma o público era incentivado a conquistar a fonte da juventude.

⁴⁴⁴MENEZES, U. T. Bezerra de. A história, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. *Rev. Inst. Est. Bras.*, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267>

⁴⁴⁵MARTINS, op. cit., p. 271.

⁴⁴⁶KOZMINSKI, M. A.; BLOOM, D. A. A brief history of rejuvenation operations. *J Urol.*, v. 187, n. 3, p. 1130-1134, mar. 2012. Disponível em: <https://www.auajournals.org/doi/pdf/10.1016/j.juro.2011.10.134>. Acesso em: 25 nov. 2021. Ver também: MILLER, N. L.; FULMER, B. R. Injection, ligation and transplantation: the search for the glandular fountain of youth. *J Urol.*, v. 177, n. 6, p. 2000-2005, jun. 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17509279/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

⁴⁴⁷Idem, op. cit.

3.8 PÍLULA W-5, HEMOTERAPIA E SUPER RESPIRAÇÃO

De 1932 a 1939, circulou em diversos jornais do Brasil a propaganda das *maravilhosas drágeas W-5* (Figura 10) desenvolvidas pelo médico alemão de nome Joseph Kapp e que prometiam a *reconstrução da pele de dentro para fora*. O anúncio também informava que Kapp era considerado um dos precursores da cirurgia estética na Europa no início do século XX e teria criado as cápsulas para impedir o envelhecimento da pele por outro método que não fosse o bisturi. *Não lhe satisfaziam os efeitos conseguidos pelas operações cirúrgicas, efeitos realmente instáveis e que não correspondiam com os cuidados e o sacrifício exigidos pela operação*. Observo que os primeiros anúncios não continham informações sobre as substâncias que compunham o medicamento. Assim era o costume da época.

Figura 10 - Propaganda da drágea W-5 do dr. Kapp na segunda página do jornal carioca *A Noite*.



Fonte: *A Noite*, ed. 131, 5 out. 1932, p. 2.

Tudo indica que, em 1933, a venda do medicamento W-5 teve boa aceitação e ampliou-se. Tais drágeas pretensamente possuíam elementos capazes de impedir a formação de rugas e outros sinais de envelhecimento, inclusive combatendo os fundos sulcos que como *estigmas* assinalariam a face das mulheres. Eram comercializadas em cinco *consultórios* onde *as damas seriam atendidas por uma senhora* pronta a dar esclarecimentos sobre o produto. Os locais de venda ficavam em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Vitória. As consultas também poderiam ser feitas por carta e telefone.⁴⁴⁸ A pessoa que ingerisse as drágeas W-5, dizia o anúncio, começaria a rejuvenescer no segundo dia do tratamento. *A pele começaria a se alisar, os sulcos desapareceriam e a epiderme retomaria à juventude. Os bustos ficariam firmes e os seios, mais eretos*. Algumas propagandas usaram como apelo a rivalidade entre as mulheres velhas na disputa pelo rejuvenescimento.⁴⁴⁹

⁴⁴⁸A INEXORÁVEL ação do tempo. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 30, 8 jul. 1933.

⁴⁴⁹ESTE SEGREDO eu não o revelaria a uma rival... *Fon Fon*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 23, 10 jun. 1933, p. 16.

Passados dois anos, em 1935, as propagandas informaram que as drágeas W-5 continham hormônios para corrigir as desordens ovarianas, normalizando as funções endócrinas.⁴⁵⁰ Os anúncios circularam em diversas publicações até 1939, porém os consultórios mencionados anteriormente deixaram de ser informados e apenas um endereço foi apresentado para a venda desse medicamento, no Rio de Janeiro, sendo chamado de *Departamento de Produtos Científicos seção W-5*.⁴⁵¹ Em recente estudo sobre as representações da velhice nos anos de 1930, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o pesquisador Edivaldo Gois Júnior comentou sobre um *comércio ávido em explorar os desejos de consumo das pessoas velhas por meio de sedutoras propagandas*. O autor destacou ainda a intenção em legitimar *produtos duvidosos* por meio da apropriação dos discursos médicos. Em sua opinião, este seria o caso das drágeas W-5.⁴⁵² Qualquer tentativa de julgar como duvidosos os tratamentos rejuvenescedores – a exemplo das drágeas W-5 e outros produtos colocados à venda na época – provavelmente se afastaria de uma análise propriamente histórica sobre o assunto, pois teria que privilegiar a indústria farmacêutica como empreendimento particular ou direcionado ao público. Acredito que os médicos da época eram profissionais inseridos no complexo contexto das pesquisas que avançavam no campo da endocrinologia e nem sempre eram isentos. Por meio de seus discursos, eles não estariam tentando *legitimar produtos duvidosos* como afirmou o autor citado no parágrafo anterior. Aparentemente estavam trabalhando para atender a uma demanda pelo rejuvenescimento. No entanto, esse discurso também omitia interesses econômicos, ainda que, na aparência, contribuía para fortalecer certos estigmas com relação à velhice feminina. O propósito que eles usavam para camuflar suas realidades era alimentar o estigma com relação à velhice.

Entre os processos rejuvenescedores em moda na década de 1940, a hemoterapia foi noticiada pelos jornais como mais uma proposta de tratamento hormonal, partindo do princípio de que os hormônios agiriam por meio da circulação e de que o sangue deveria contê-los em estágio anterior à sua fixação no organismo.⁴⁵³ Esse procedimento vinha sendo desenvolvido desde o início da década de 1930 na Europa, enquanto no Brasil começou a partir de 1945. O criador da

⁴⁵⁰DEFENDA a frescura e a beleza da sua pele, por meio do w-5". **Fon Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 49, 7 dez. 1935, p. 5.

⁴⁵¹O REJUVENESCIMENTO da pele por via interna. **Fon Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 36, 9 set. 1939, p.8.

⁴⁵²GOIS JÚNIOR, E. A luta contra a morte: os corpos, modernidade brasileira e uma história da velhice, São Paulo e Rio de Janeiro, década de 1930. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 93-113, mar. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702020000100093&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2020.

⁴⁵³JAWORSKI, H. **Como tornar-se mais jovem**: combate aos estigmas da velhice, com injeções de sangue jovem. Tradução Silvino Pacheco. [s.l.]: [s.n.], 1948. p. 8.

hemoterapia foi o fisiologista peruano Helan Jaworski.⁴⁵⁴ De acordo com jornais brasileiros, Jaworski viveu durante a maior parte da vida na Europa e passou a ser perseguido pela Gestapo após ter feito um tratamento bem-sucedido no ex-primeiro ministro da Polônia Ignacy Jan Paderewski (1860-1941). Conseguiu fugir para a América do Sul em 1942, tendo se estabelecido inicialmente em Lima, no Peru, e após três anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se limitava a proferir palestras porque não poderia atuar como médico em virtude das leis brasileiras. Autor de doze livros, Jaworski gostava de afirmar que seu trabalho se dava no âmbito da filosofia biológica e histórica, tendo alguma relação com a homeopatia.⁴⁵⁵ Seu nome apareceu no anúncio de um curso de *Filosofia Sintética*, em que ele se apresentou como médico oriundo das faculdades de medicina das cidades de Paris, na França; Lwow, localizada na atual Ucrânia; Lima, no Peru; e Madri, na Espanha.⁴⁵⁶ Seu tratamento consistia em sucessivas injeções de cinco centímetros cúbicos de sangue de doadores jovens inicialmente em aplicações subcutâneas. Com o tempo, aperfeiçoou a técnica, passando a centrifugar os glóbulos vermelhos. A partir daí as injeções começaram a ser feitas por aplicação intravenosa de plasma jovem esterilizado na tentativa de evitar reações indesejáveis nos pacientes. A cada 12 aplicações, a pessoa velha remoçaria dois ou três anos, em média.⁴⁵⁷

Jaworski destacava as vantagens da hemoterapia para a melhoria das funções sexuais e taras da velhice e embora não curasse todas as doenças poderia restituir a juventude, beleza e força aos organismos cansados. Observou que a fealdade, a decrepitude e os estigmas da velhice seriam alguns aspectos que levariam homens e mulheres ao seu consultório. Para o sexo feminino, o resultado das injeções seria o rejuvenescimento da fisionomia e a frescura da tez, atenuação das rugas e endurecimento dos seios. Em sua opinião, esta seria uma grande vantagem já que *mulheres velhas e feias não retêm a felicidade em seu lar, afinal de contas a missão da mulher é agradar*.⁴⁵⁸

O médico peruano teve dois seguidores no Brasil. O primeiro foi Vicente Espíndola⁴⁵⁹, que se apresentou nos jornais entre 1945 e 1946 como ex-assistente de Helan Jaworski.⁴⁶⁰ O outro foi

⁴⁵⁴O médico peruano Helan Jaworski defendeu a tese *La regeneración del organismo por el plasma joven*, em 1943, pela Facultad de Medicina de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima. Conf.: CUEVA, R. G. G. Relación de tesis de doctorado de la Facultad Nacional Mayor de San Marcos (1900-1961). **Acta Herediana**, v. 59, n. 66. Octubre 2016. Disponível em: <https://revistas.upch.edu.pe/index.php/AH/article/view/3044>. Acesso em: 29 nov. 2022.

⁴⁵⁵REJUVENESCIMENTO com injeções de sangue jovem. **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 12039, 23 ago. 1945, p. 1-2.

⁴⁵⁶CURSO de Filosofia Sintética. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 15602, 12 set. 1945, p. 10.

⁴⁵⁷JAWORSKI, op. cit., p. 89, 90-93, 106.

⁴⁵⁸Idem, op. cit., p. 109, 119, 123, 127, 132.

⁴⁵⁹Vicente Cardoso Espíndola formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1914. Conf: **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 3, 1914, p. 27.

⁴⁶⁰Dr. Vicente Espíndola. **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 12042, 27 ago. 1945, p. 5

Silvino Pacheco de Araújo (1889-?), que frequentemente também apareceu nos jornais como Silvino Pacheco, atuou como médico e político, tendo sido prefeito (1915-1918) na cidade de Uberaba. Na década de 1930, seu nome apareceu como inventor da *fluxo-sedatina*, medicamento que, de acordo com a propaganda, visava ao rejuvenescimento da mulher porque funcionava como um *agente calmante e regulador das funções femininas*. Para chamar a atenção dos consumidores, autointitulava-se o Voronoff brasileiro.⁴⁶¹ A partir de 1947, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde abriu consultório e passou a executar o tratamento de Jaworski. No ano seguinte, traduziu para o português a obra do peruano cuja primeira edição havia sido publicada em 1930 e intitulada *Comment rajeunir*, tendo ainda uma versão em espanhol, em 1943.⁴⁶² Não ficou alheio aos estigmas da velhice, por exemplo, quando afirmou que o homem que se deixasse destruir pela ação do tempo seria *inútil para si mesmo, pesado à família e um trambolho para a sociedade*.⁴⁶³ Também não se calou diante da forma como os médicos que se dedicavam aos processos rejuvenescedores desde Brown-Séguard até os seus contemporâneos eram incriminados por especialistas de outras áreas. Silvino Pacheco questionou os motivos pelos quais tantos resultados positivos alcançados por Steinach, Dartigues e Voronoff permaneciam sendo ridicularizados. Denunciou ainda que *a medicina oficializada firmou os seus dogmas de tal forma que não admite inovação atrevida e audaciosa que abale esse dogmatismo*.⁴⁶⁴

Inicialmente, Silvino Pacheco disputou com Espíndola a primazia do tratamento da hemoterapia no Brasil, insistindo em ser o único médico autorizado a usar o procedimento de Jaworski no Brasil. Em pouco tempo, os anúncios de Espíndola deixaram de circular e permaneceram apenas as propagandas de Silvino Pacheco de Araújo, veiculadas pelo *Jornal A União e Correio da Manhã* (Figuras 11 e 12).⁴⁶⁵

Um tratamento curioso visando ao rejuvenescimento e à longevidade foi preconizado pelo francês Victor Pauchet. Denominado de *super-respiração*, resumia-se em variados exercícios respiratórios que deveriam ser feitos diariamente. Um dos movimentos aconselhados era soprar uma bola de borracha cem vezes por dia. Outro consistia em inspirar o ar pelo nariz, prendendo-o por cinquenta segundos e tentar aumentar gradativamente o tempo. A boa saúde seria o reflexo de quanto maior o tempo a pessoa conseguisse prender o ar nos pulmões antes de soltá-lo. Com o objetivo de aumentar a capacidade torácica e conservar a mocidade, o mesmo médico preconizou

⁴⁶¹VORONOFF. *O Sol*. Santos-Dumont (MG), ed. 186, 18 mar.1934, p. 3.

⁴⁶²Em 1943 publicou-se em Lima (Peru) a obra *Como rejuvenescer*, de autoria de Helan Jaworski. Conf: NIETO, C. A. **Vejez y sociedade: una aproximacion psicológica**. Disponível em: <http://repebis.upch.edu.pe/articulos/Geronto/v2n8/a3.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

⁴⁶³PACHECO, S. Prólogo do tradutor. In: JAWORSKI, op. cit., p. 7.

⁴⁶⁴Idem, p. 7-8.

⁴⁶⁵REVIGORAMENTO geral. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 16243, 16 out. 1947, p. 9.

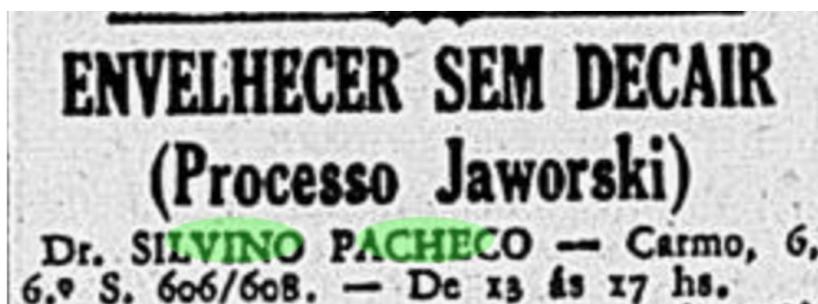
a vida ao ar livre como um poderoso elixir. Para a realização dos exercícios, Pauchet indicou a compra de um relógio com cronômetro para marcar os segundos e dois equipamentos específicos para *aprender a bem respirar*: o espiroscópio de Pescher e o espirômetro de Blum.⁴⁶⁶ Os conselhos de Pachet foram divulgados em publicações do início da década de 1930.⁴⁶⁷

Figura 11 - Propaganda de Silvino Pacheco de Araújo no *Jornal A União*.



Fonte: JORNAL A UNIÃO (Parafba), 28 mar. 1930, p. 7. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-auniao/dec-30/1930/marco/a-uniao-28-03-1930.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

Figura 12 - Propaganda de Silvino Pacheco de Araújo no *Correio da Manhã*.



Fonte: CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro (RJ), ed. 16277, 25 nov. 1947, p. 2.

⁴⁶⁶PAUCHET, *op. cit.*, p. 42, 43.

⁴⁶⁷ACCIOLY, S. Graça, saúde e beleza. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 11, 16 jan. 1932, p. 36. Ver também: *Idem*. Para as senhoras e senhorinhas. *Diário de Pernambuco*. Recife (PE), ed. 25, 31 jan. 1932, p. 7.

Conforme Sander Gilman, as reivindicações pelo rejuvenescimento basearam-se no conhecimento do funcionamento dos sistemas endócrinos a exemplo dos que foram tratados até aqui, mas só ganharam força com o desenvolvimento da cirurgia plástica.⁴⁶⁸

⁴⁶⁸GILMAN, op. cit., p. 295-296.

4 ESCULPINDO A CARNE VIVA

Enquanto Voronoff e seus seguidores prometiam o rejuvenescimento por meio de enxertos e tratamentos a base de opoterápicos, as cirurgias plásticas despontaram como alternativa mais direcionada ao universo feminino. Ao avaliar essas questões no calor dos acontecimentos, um jornalista afirmou, em 1925, ter a impressão de que se vivia na iminência da *mais grave revolução que teria convulsionado a humanidade*.⁴⁶⁹

As cirurgias plásticas com finalidade puramente estéticas somente puderam ser feitas com menor risco após a segunda metade do século XIX, quando Joseph Lister (1827-1912) propôs seu esquema de antisepsia. Outra condição necessária foi a possibilidade de anestesia sob inalação de éter, clorofórmio e outros gases, a partir de 1847. Conforme o pesquisador suíço Ulrich Trohler (1943-), um marco importante na história das cirurgias plásticas e reconstrutivas foram os autoenxertos de pele, ou seja, procedimentos feitos com a pele do próprio paciente. Estes foram descritos na Alemanha a partir de 1869, com o cirurgião J. L. Reverdin (1842-1929).⁴⁷⁰

De acordo com Paolo Santoni-Rugiu (1928-2009) e Philip Sykes, a primeira cirurgia com propósito exclusivamente estético aconteceu em 1906, nos Estados Unidos. Na ocasião, o cirurgião Charles Conrad Miller (1880-1950) publicou o primeiro de uma série de 29 artigos sobre suas cirurgias plásticas. O procedimento aconteceu em Chicago e consistiu em correção de pálpebras com a retirada de bolsas sob os olhos. A Conrad Miller também foi atribuído o pioneirismo no uso do termo *cirurgia estética*, em uma publicação científica lançada por ele em 1927 e intitulada *The Charles Conrad Miller`s review of plastic and esthetic surgery*.⁴⁷¹

Ao pesquisar sobre o assunto, Sander Gilman destacou que as cirurgias de correção das pálpebras já eram conhecidas desde a Antiguidade, tendo sido sugeridas por Aulus Cornelius Celsus (25 a.C. – 50 d.C.). Entretanto, naquela época, tais processos se justificavam porque o excesso de dobras da pele estaria prejudicando a visão do paciente ou então pela necessidade de reconstrução de pálpebra mutilada em decorrência de acidente ou punição. Já as operações realizadas por Charles Conrad Miller teriam como novidade o fato de sua finalidade ser exclusivamente estética.⁴⁷²

Médicos, memorialistas e historiadores costumam apontar a Primeira Guerra Mundial como um evento que contribuiu para impulsionar o início das cirurgias plásticas ou reconstrutivas. Esta

⁴⁶⁹CIRURGIA ESTÉTICA ou revolução social? **O País**. Rio de Janeiro (RJ), 10 dez. 1925, ed. 15026, p. 3.

⁴⁷⁰TROHLER, U. Surgery (Modern). In: BYNUM, F.; PORTER, R. **Companion Encyclopedia of the History of Medicine**. London and New York: Routledge, 1994. v. 2, p. 984-1028.

⁴⁷¹SANTONI-RUGIU, P.; SYKES, J. P. **A history of plastic surgery**. Berlin: Heidelberg; New York, 2007. p. 302.

⁴⁷²GILMAN, op. cit., p. 310.

também foi a opinião do historiador inglês Roger Cooter, que se aprofundou sobre a relação entre as guerras e a medicina. Contudo, Cooter posicionou-se contrário à tese do *progresso por derramamento de sangue* porque, em sua opinião, a ideia do *bem que vem do mal* seria uma forma reducionista de atribuir avanços ao campo da saúde.⁴⁷³ A importância da guerra para a cirurgia plástica também costumou ser reconhecida por alguns médicos brasileiros do período, como Egas Duarte (?-1928), que durante a década de 1920 atuou como cirurgião plástico no Rio de Janeiro com enfoque nas correções da face enrugada e seios caídos. Um dos pioneiros a atuar entre nós, Egas Duarte acreditava que a *cirurgia estética pura* seria um campo independente, tendo se separado da cirurgia plástica com finalidade reconstrutiva, desenvolvida no tempo da guerra. Em sua opinião, a cidade de Paris foi o ponto de origem dos processos de reparação estética para *extinção dos vestígios da idade* e o cirurgião francês Hippolyte Morestin (1869-1919) teria sido o idealizador das cirurgias puramente estéticas.⁴⁷⁴

A exemplo de Hippolyte Morestin, que influenciou Egas Duarte, diversos estrangeiros tiveram grande penetração no pensamento médico das primeiras gerações de cirurgiões plásticos no Brasil. Alguns dos mais mencionados nos periódicos por mim pesquisados foram o judeu alemão Jacques Joseph (1865-1934) e o inglês Harold Gillies (1882-1960). Os dois desenvolveram e aperfeiçoaram suas técnicas durante cirurgias de restauração da face de soldados feridos nos conflitos de trincheira, durante a Primeira Guerra Mundial.

Conforme as pesquisas de Paolo Santoni-Rugiu e Philip Sykes, Jacques Joseph começou a realizar cirurgias em 1886. Após ter trabalhado nas duas guerras mundiais, sua fama se estendeu em diversos ramos da cirurgia reconstrutiva, com enfoque para a rinoplastia (cirurgia plástica do nariz) – especialidade em que se destacou por ter criado uma técnica tão bem-sucedida que suas bases influenciaram cirurgiões até a atualidade. É importante observar que, em 1899, a palavra rinoplastia foi usada em referência à operação já pertencente ao domínio da medicina e tida como única possibilidade de restauração do nariz em caso de destruição decorrente de acidente ou doença. O procedimento consistia na retirada de um pedaço de pele da testa ou braço que era enxertado no nariz.⁴⁷⁵ Conforme o historiador inglês Dominik Wujastyk, os europeus teriam aprendido essa

⁴⁷³COOTER, R. War and modern medicine. In: BYNUM, W. F.; PORTER, R. (Edits.). **Companion Encyclopedia of the History of Medicine**. London and New York: Routledge, 1994. v. 2, p. 1536-1573.

⁴⁷⁴SOB O BISTURI mágico desaparecem os ultrajes do tempo. **A Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 00719, 15 abril 1928, p. 2.

⁴⁷⁵DEBAY, A. **Arte de conservar a beleza e a saúde e de corrigir os defeitos físicos**: teoria e prática científica. Tradução de A.A. Leal. Porto: Ernesto Chardron; Braga: Eugenio Chardron, 1877. p. 78-79.

técnica com os hindus, após médicos ingleses terem assistido à cirurgia de reconstrução de nariz decepado em um prisioneiro de guerra, em 1792.⁴⁷⁶

Volto a Jacques Joseph. Ele costumava ser procurado por médicos do continente americano interessados em se especializar na área. Na condição de estagiários, estes pagavam para assistir às operações, mas frequentemente não eram autorizados a fazer perguntas ao cirurgião.⁴⁷⁷ A grande inovação de Jacques Joseph foi ter desenvolvido uma técnica possibilitando que a rinoplastia fosse realizada pelo interior das narinas. Antes disso, a operação era feita externamente, resultando em uma incisão da testa à ponta do nariz, segundo explicou o médico baiano David Adler (1910-1993).⁴⁷⁸ Este último foi um dos idealizadores da Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica, entidade criada em 1940, na cidade de São Paulo.⁴⁷⁹ Em seu livro, Adler relatou ter estado pessoalmente com Jacques Joseph. Por meio dos comentários a seguir é possível constatar que, entre seus pares, o alemão era admirado a ponto de representar um mito:

Tivemos a oportunidade de conhecê-lo em 1945. Fomos o primeiro cirurgião estrangeiro a visitá-lo depois da libertação da França. Homem gigantesco, dotado de mãos enormes, chegava, no entanto, a causar pasmo a leveza e a precisão com que realizava trabalhos de tanta delicadeza. Operava com luvas chamadas “de autópsia” e era incrível que, com elas, seus dedos não perdessem a sensibilidade. Habitualmente sentava-se numa cadeira comum, talvez obrigado pela sua avantajada estatura, e usava métodos de anestesia praticamente superados... Pode causar surpresa saber-se que era esse o modo de trabalhar de uma das maiores celebridades da cirurgia plástica francesa.⁴⁸⁰

Entre os médicos da época circulava a curiosa lenda de que houve um tempo em que Jacques Joseph não admitia a presença de qualquer profissional durante suas operações. Um boato a esse respeito tratou de um suposto cirurgião americano que ousou se empregar como servente no hospital onde o alemão trabalhava. Disfarçado, seu objetivo seria conseguir entrar na sala de cirurgia a fim aprender a executar as famosas rinoplastias.⁴⁸¹

Da mesma forma que Jacques Joseph, o cirurgião inglês Harold Gillies, mencionado anteriormente, também influenciou muitos médicos brasileiros. Uma de suas peculiaridades teria sido a insistência no sentido de defender que todas as cirurgias plásticas deveriam ser registradas com desenhos e ilustrações. Essa medida pode ter sido decisiva para o planejamento e desenvolvimento de novos métodos, conforme Paolo Santoni-Rugiu e Philip Sykes.⁴⁸²

⁴⁷⁶Para mais informações sobre o “método hindu”, ver: WUJASTYK, D. Indian medicine. In: BYNUM, W. F.; PORTER, R. (Eds.). *Companion encyclopedia of the history of medicine*. London/New York, Routledge, 1977. v. 2, p. 755-778.

⁴⁷⁷SANTONI-RUGIU, op. cit., p. 302, 311-315.

⁴⁷⁸ADLER, David. *Você e a cirurgia plástica*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961, p. 31.

⁴⁷⁹LOEB, op. cit., p. 4.

⁴⁸⁰ADLER, op. cit., p. 33.

⁴⁸¹Idem, op. cit., p. 33.

⁴⁸²SANTONI-RUGIU, op. cit., p. 99.

Pelos periódicos brasileiros, os cirurgiões plásticos que ofereceram seus serviços em anúncios de jornais no período entre 1919 até meados da década de 1930 normalmente destacavam suas participações em cursos como os oferecidos por médicos que atuaram na guerra, a exemplo de Jacques Joseph e Harold Gillies, além de outros europeus e estadunidenses. Tudo indica que esta era uma estratégia com intenção de transmitir aos leitores a sensação de segurança e credibilidade necessárias para atrair uma clientela que viabilizaria a nascente especialidade dedicada à beleza. No início de carreira, entretanto, os primeiros cirurgiões que atuaram no Brasil não foram procurados apenas por pessoas interessadas em aparentar menos idade. A eles recorreram principalmente pacientes cujos rostos haviam se deformado após se submeterem a tratamentos malsucedidos com finalidade estética e rejuvenescedora. Eu me refiro às terríveis injeções de parafina e suas desastrosas consequências.

4.1 VÍTIMAS DA PARAFINA

O autoenxerto de pele, cirurgia feita com utilização de pele do corpo do próprio paciente, foi o primeiro processo usado na tentativa de restaurar rostos com alguma deformidade mais profunda em decorrência de doenças, acidentes, ferimentos ou outras intercorrências. Como alternativa a esse procedimento, as injeções de parafina surgiram no final do século XIX, tendo sido usadas inicialmente na Europa e depois na América. Substância identificada inicialmente pelo químico alemão Ludovic von Reichenbach (1788-1869), tratava-se de composto injetável de resíduos derivados de petróleo apresentado em duas variedades: líquida e dura. Começou a ser utilizada com fins médicos e estéticos pelo cirurgião austríaco Robert Gersuny (1844-1924), que, por sua vez, também foi precursor de injeções subcutâneas de vaselina para corrigir rugas e narizes, em 1899. Naquela época, muitos médicos passaram a adotar a parafina por acreditar que a substância seria neutra, insolúvel e permaneceria inserida em *bolsa fibrosa*, impedindo qualquer fusão ou mudança de posição no organismo.⁴⁸³

Conforme o *Correio Paulistano*, a injeção de parafina que era inicialmente utilizada na correção de deformidades faciais também servia para atenuar rugas.⁴⁸⁴ Em 1910, um texto de cinco páginas publicado em *Leitura para todos* trouxe informações sobre os benefícios do seu uso para *dar forma elegante a um nariz feio*. De acordo com o periódico, esse procedimento teria sido

⁴⁸³BULLETIN scientifique, annexes et bulletin des intérêts professionnels ont été numérisés et indexés séparément afin de faciliter leur consultation. Exemplaire numérisé: BIU Santé (Paris). Acesso em Bulletin des sciences pharmacologiques: organe scientifique et professionnel [Bulletin scientifique] 1902. Paris: [s.n.], 1902.

⁴⁸⁴DO MEU CANTO. *Correio Paulistano*. São Paulo (SP), ed. 19348, 22 maio 1917, p. 3.

aperfeiçoado graças a uma recente invenção. Tratava-se de uma seringa que funcionava sob pressão forte o suficiente a ponto de garantir que o material saísse pelo orifício da agulha em forma de fio, facilitando sua moldagem sob a pele. O novo equipamento foi apresentado como solução para superar a grande dificuldade do método, que até então exigia extrema habilidade no momento da aplicação. Antes da nova seringa, o maior obstáculo era manter a substância em consistência bem específica, permanecendo aquecida em temperatura ideal a fim de impedir que se solidificasse ou então ficasse em estado completamente líquido ao ser injetada. Como consequência destas e outras intercorrências, graves queimaduras foram ocasionadas, conforme explicou o texto.⁴⁸⁵

No ano seguinte, em 1911, a imprensa voltou a difundir o uso da parafina como recurso visando ao rejuvenescimento. O *Correio Paulistano* noticiou que esse processo daria viço aos seios flácidos em decorrência da idade avançada e da amamentação. Conforme o referido jornal, seria um ato cirúrgico *simples e indolor* que consistia em injeção de parafina aplicada na parte inferior do seio. Após endurecer, o material formaria um nódulo para servir de *arcabouço à camada gordurosa dos seios*, fazendo-os voltar à posição das *boas épocas da juventude*.⁴⁸⁶ Em 1917, *O Brasil-Médico* registrou a realização desse tratamento injetável no Brasil. Um deles, no Rio de Janeiro, foi feito com finalidade restauradora pelo médico de nome Castilho Marcondes. Ele afirmou ter usado a variedade dura para melhorar a estética do nariz de uma mulher com deformação nasal, possivelmente em decorrência de deformidades associadas à sífilis em estágio terciário. Julgava a injeção *isenta de perigos quando praticada com os cuidados de uma boa técnica*. Outro procedimento relatado na mesma publicação não deixou claro se a finalidade foi restauradora ou exclusivamente estética. Eu me refiro à correção nasal realizada pelo médico Edilberto Campos, que vinha aplicando o processo desde 1912 em mais de uma dúzia de pacientes, em parceria com seu colega Alvaro Tourinho.⁴⁸⁷ As próteses de parafina já haviam sido um dos serviços oferecidos por este último, em 1912. Ele garantiu ter frequentado as clínicas de especialistas de Berlim, Viena e Paris, onde adquiriu experiência.⁴⁸⁸

No início da década de 1920, um cirurgião plástico estadunidense de nome Arthur Bevan alertou para os riscos do *parafinoma*, descrito como lesão semelhante a um tumor em local próximo ao material injetado sob a pele. Esta seria uma reação dos tecidos em decorrência da introdução de

⁴⁸⁵PARA DAR FORMA elegante a um nariz feio. **Leitura para todos**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 56, ano 1910, p. 93-97.

⁴⁸⁶ATRAVÉS DAS REVISTAS. **Correio Paulistano**. São Paulo (SP), ed. 17304, 1 out. 1911, p. 1.

⁴⁸⁷SOCIEDADE de Medicina e Cirurgia. Deformação e obstrução do nariz. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 26, 1917, p. 220.

⁴⁸⁸OUVIDOS, nariz e garganta e prótese pela parafina. **O País**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10016, 17 jun. 1912, p. 8.

um corpo estranho no organismo.⁴⁸⁹ Enquanto isso, *O País* noticiou que as *rodas elegantes cariocas* estavam alvoroçadas porque um cirurgião estaria prestes a instalar seu *autêntico laboratório da beleza humana* a fim de transformar em belos todos os homens e mulheres feias. O *modelador da beleza*, que não teve seu nome revelado, aplicaria injeções de parafina. Prometeu corrigir narizes arrebitados que transmitiriam sensação de antipatia e arrogância e modificar as *famosas batatas* reveladoras da *ascendência aborígene*. Além disso, afirmou ser capaz de aumentar os olhos, arrancar as rugas com *pequenos golpes de pinça* e corrigir *angulosidades e sulcos da magreza*.⁴⁹⁰

Ao mesmo tempo em que a parafina era introduzida no Brasil, o *Jornal do Comércio* (RJ) publicou um artigo oriundo do exterior indicando que os processos rejuvenescedores causavam controvérsias entre os médicos. O mesmo texto ainda culpava aqueles profissionais que julgavam fúteis as questões estéticas e a arte dos cosméticos, entregando desta forma as mulheres aos institutos e negociantes de beleza que estariam exercendo ilegalmente a medicina e causando danos difíceis de reparar. Chamou de *fiasco* as injeções de parafina, garantindo que esse procedimento estaria em desuso.⁴⁹¹

Tudo indica que os preenchimentos de parafina ganharam popularidade com os filmes hollywoodianos. Em 1923, um jornal carioca noticiou que a atriz Fanny Ward, então com 60 anos de idade, voltava a aparentar 20 anos após se submeter simultaneamente a dois tipos de procedimentos: a cirurgia de Steinach e as injeções de parafina. *Agora seu marido também tem que rejuvenescer*, provocou o autor da nota.⁴⁹²

Na mesma época, um anúncio assinado por uma tal *Madame Cloty* oferecia gratuitamente um curioso tratamento de beleza em metade da face, destinado a preencher *papadas vazias e rostos chupados*. A oferta foi justificada porque o público não acreditava na possibilidade da retirada de rugas feita instantaneamente. Dessa forma, se ficasse satisfeita com o resultado, a cliente pagaria pela intervenção na outra metade do rosto.⁴⁹³ Chamado de *Instituto de Beleza Cloty Cutis Arnus*, esse estabelecimento foi inaugurado no começo da década de 1920 no Rio de Janeiro e se definia como uma casa diferenciada no ramo do rejuvenescimento, pois além de fornecer *processos e preparados, ali se ensinava as mulheres a fazerem a profilaxia da beleza com métodos científicos para readquirir e conservar a juventude*. Em seu anúncio, garantia não usar glicerina, vaselina,

⁴⁸⁹BEVAN, A. D. Paraffinoma of nose and left eyelid. In: BEVAN, A. D. *The surgical clinics of Chicago*. Filadélfia and London: W. B. Saunder Company, 1920. p. 529.

⁴⁹⁰NÃO HAVERÁ MAIS FEIOS. *O País*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 13442, 9 ago. 1921, p. 4.

⁴⁹¹CRÔNICA estrangeira. O jornal dos jornais. O tratamento de beleza. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 264, 24 set. 1922, p.5.

⁴⁹²CINEMAS e fitas. *O País*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 14157, 25 jul. 1923, p. 2.

⁴⁹³MASSAGENS. *O Jornal*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1283, 18 mar.1923, p. 13.

lanolina, parafina e nem produtos à base de mercúrio, que apenas serviriam *para subir os degraus da velhice*.⁴⁹⁴

Com o passar do tempo, o *Instituto Cloty* mudou várias vezes de endereço e em seus anúncios sempre afirmava não usar a *parafina que encaroça*. Na época em que atendia no Largo da Carioca, ofereceu aparelhos e preparados, *tudo quanto de mais moderno que existe para endurecer e aformosear as carnes*, eliminando rugas, papada caída e vazia, seios flácidos, rosto chupado e outros sinais característicos da velhice.⁴⁹⁵ Em 1923, instalado na Rua do Rosário, o mesmo instituto veio à público para esclarecer ter sofrido inquérito baseado em *denúncias falsas* de chantagistas que alegavam ser vítimas de deformidades após serem atendidas no Instituto.⁴⁹⁶

Aproveitando-se da popularidade de Voronoff, Madame Cloty usou o nome do sábio russo para se declarar superior a ele. Alegou que seu processo propiciava resultados perfeitos sem submeter o paciente aos riscos de uma cirurgia.⁴⁹⁷ No ano seguinte, novamente divulgou as injeções tônicas, sem mais explicações.⁴⁹⁸ A promessa era tentadora: desaparecer com rugas do rosto e seios flácidos no momento imediato à aplicação. Naquela época, o estabelecimento se localizava na rua do Ouvidor.⁴⁹⁹

Em 1925, foi a vez da *Vida Doméstica* anunciar os serviços de *Madame Cloty* e seu *procedimento científico* que consistia em *injeções tônicas*. Os efeitos teriam duração de oito a dezoito meses de um rejuvenescimento equivalente a vinte anos por meio da *nutrição do tecido gorduroso*. O mesmo anúncio mencionou um emagrecimento com perda diária de 600 gramas.⁵⁰⁰ Tudo indica que muitas mulheres tiveram seus rostos deformados com esse tipo de procedimento. Um pequeno texto publicado na época sugeriu a existência de reclamações:

Todos quantos falam combatendo essas injeções é só por espírito de maldade, devem compreender que se existisse perigo de inflamar encaroçar e prejudicassem a saúde e a estética do rosto, não mereceriam a aprovação da Saúde Pública. Existem senhoras da mais alta camada social do Rio e interior que estão prontas a dar suas assinaturas para provar como obtiveram ótimo resultado com estas injeções.⁵⁰¹

Outros institutos com tratamentos similares aos de Madame Cloty provavelmente sofreram forte pressão em decorrência de praticarem processos rejuvenescedores, suponho, sem orientação

⁴⁹⁴PARA AS SENHORAS lerem. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 08977, 7 out. 1923, p. 7.

⁴⁹⁵MASSAGENS INSTITUTO CLOTY. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 8774, 18 mar. 1923, p. 9.

⁴⁹⁶INSTITUTO DE BELEZA CLOTY. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 8937, 28 ago. 1923, p. 2.

⁴⁹⁷DR. VORONOFF no Rio. Cuty Cloty Armis. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 9070, 8 jan. 1924, p. 11.

⁴⁹⁸TIRE SUAS RUGAS. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 9330, 28 jun. 1925, p. 8.

⁴⁹⁹RUGAS! *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 9450, 15 nov. 1925, p. 12.

⁵⁰⁰CUTIS CLOTY rejuvenescer tonificando. *Vida doméstica*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 85, fev. 1925, s/p.

⁵⁰¹INJEÇÕES. *Fon-Fon*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 20, 16 maio 1925, p. 20.

médica. Isto ficou evidente porque os anúncios passaram a ser feitos não como propaganda, mas sim em defesa de supostos ataques e acusações sobre o uso da parafina injetável.⁵⁰²

Em 1925, João Montenegro, médico da Santa Casa de São Paulo, denunciou a correção de pequenos defeitos com injeções subcutâneas de parafina dura aquecida e outras substâncias moldáveis vendidas no mercado e introduzidas na medicina com finalidade estética. Chamando a atenção para a ocorrência de parafinomas, definiu-os como nódulos duros que surgiriam depois de dias ou até anos após as tais injeções.⁵⁰³ Na mesma linha que Montenegro, o médico João Prestes escreveu um artigo desqualificando as cirurgias estéticas e chamando de ignorantes as mulheres que recorriam a essa *mania de beleza* que seria uma *frágil barreira de mentira na ânsia de iludirem os homens e de se oporem aos estragos do tempo*. Referindo-se às influências das atrizes de cinema, defendeu a criação de uma lei proibindo preparados que entraram em moda nos Estados Unidos e também no Brasil. Recomendou mais cuidado às brasileiras e citou substâncias que considerava perigosas, tais como ácido carbólico, ácido salicílico, biclorato de mercúrio e sobretudo as injeções de parafina, que causavam sérias deformidades.⁵⁰⁴

O espanhol Santiago Ramon y Cajal – médico mencionado anteriormente e que aos 80 anos escreveu um livro sobre a velhice – também criticou a mania de imitar as estrelas cinematográficas. Para justificar seu ponto de vista, discorreu sobre mulheres maduras agindo feito cortesãs ao maquiar a *face murcha* para esconder a idade. Em sua opinião, as mulheres deveriam minimizar as questões estéticas, pois *não nos deve preocupar as rugas do rosto, mas sim as do cérebro*. Referindo-se às tais rugas metafóricas, afirmou que elas não apareceriam precocemente nos velhos ansiosos pela renovação. Ressaltou, ainda, a ação do sol no envelhecimento da pele, resultando em aspecto de cinquenta anos aos aldeões de trinta e sendo ainda mais prejudicial às mulheres que ajudavam aos pais no trabalho ao ar livre. Observou que no campo não haveria sequer uma mulher cuja face estivesse livre dos *inequívocos sinais de velhice*.⁵⁰⁵

Durante entrevista ao cirurgião Egas Duarte, o jornal *A Manhã* afirmou que os grandes consórcios cinematográficos enviaram à França os seus artistas para serem operados por um cirurgião plástico de nome Ramon Passot. Na clínica de Duarte, as operações estéticas mais frequentes eram de rugas da face, correção dos seios caídos a partir de 15 anos de idade e extinção de parafinomas produzidos pela prática de injeções empregadas para o tratamento de rugas da face.

⁵⁰² RUGAS!! Depressões!! **Fon-Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 28, 11 jul. 1925, p. 74.

⁵⁰³ MONTENEGRO, J. Parafinomas. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 9, 29 ago. 1925, vol.2, p. 109-113.

⁵⁰⁴ PRESTES, J. O especialista da beleza... **Pequeno Jornal**. Recife (PE), ed. 104, 7 maio 1927, p. 3-4.

⁵⁰⁵ RAMON Y CAJAL, S. **A vida aos oitenta anos**. Tradução Prof. Hélio Póvoa. Rio de Janeiro: Edições Científicas, 1946 [1932]. p. 18, 80, 82.

A este respeito, observou: *é um crime injetar parafina no corpo humano para qualquer feito estético ou terapêutico*. Ressaltou que a cirurgia estética seria um ramo da cirurgia plástica que havia tirado de campo as antigas práticas parafinadas com seus resultados *desastrados e duvidosos*.⁵⁰⁶

Outro cirurgião que se posicionou publicamente contrário à parafina e outros corpos estranhos como os implantes de marfim foi Renato Machado. Porém, considerou que não se poderia negar a uma pessoa o direito de curar um nariz torto, deformado, livrando-se de um defeito que não se poderia disfarçar.⁵⁰⁷ Na contramão de todos os médicos pesquisados, encontrei pelo menos um que se levantou em defesa da parafina. Leite de Castro preconizou seu uso quando houvesse pequena destruição de tecido, ou seja, quando não houvesse necessidade de enxerto cartilaginoso.⁵⁰⁸

Passados treze anos, quando a cirurgia plástica já havia se firmado como especialidade, dois especialistas relembrou com pesar das consequências dramáticas decorrentes das injeções de parafina por eles testemunhadas em grande quantidade de pacientes. Durante comunicação sobre o retrospecto da história da cirurgia plástica na América Latina, o brasileiro José Rebello Netto (?-1978) e o argentino Ernesto F. Malbec afirmaram que uma *legião dantesca das vítimas da parafina* sofreram com complicações, passando a procurar os cirurgiões plásticos na tentativa de operar os temidos *parafinomas*.⁵⁰⁹ Eles presenciaram ainda outras complicações que incluíam desde escaras ocasionadas por alta temperatura do líquido injetado até infecções, necroses, cegueira e morte por embolia pulmonar.⁵¹⁰ Segundo eles, os nódulos causados por irritação crônica associadas às injeções de parafina formavam tumores *muito mais inestéticos que a própria deformidade primitiva que se procurou corrigir*.⁵¹¹

Tudo leva a crer que as críticas e discussões em torno das injeções de parafina fortaleceram os argumentos dos médicos conservadores, ou seja, daqueles inconformados com as nascentes operações puramente estéticas. Ao condenar tais procedimentos, no entanto, os detratores das cirurgias plásticas também eram frequentemente confrontados com o perigo de abrir espaço cada vez maior aos institutos de beleza e suas perigosas injeções. Tais institutos, por sua vez, indiretamente contribuíram para impulsionar o nascimento da cirurgia plástica no Brasil, pois foram responsáveis por um aumento da quantidade de vítimas da parafina que recorreram aos cirurgiões

⁵⁰⁶SOB O BISTURI mágico desaparecem os ultrajes do tempo. **A Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 719, 15 abril 1928, p. 2.

⁵⁰⁷ACADEMIA NACIONAL de Medicina. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 231, 27 set. 1929, p. 4.

⁵⁰⁸LEITE DE CASTRO. Medicina e beleza. A cirurgia reparadora. **O País**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 16009, 19 ago. 1928, p. 11.

⁵⁰⁹REBELO NETTO; MALBEC, E. P. **Inclusões em cirurgia plástica**: tema oficial do Primeiro Congresso Latino-Americano de Cirurgia Plástica. Rio de Janeiro; São Paulo, jul. 1941. p. 180-187.

⁵¹⁰Idem, op. cit., p. 180-187.

⁵¹¹REBELO NETTO; MALBEC, op. cit., p. 181.

na tentativa de se livrarem de seus parafinomas. Essa hipótese se reforça com os relatos de médicos que viveram naquele período, como foi o caso de João Montenegro, Egas Duarte e, posteriormente, José Rebello Netto e o argentino Ernesto Malbec, além de outros citados anteriormente.

4.2 PRIMEIRAS CIRURGIAS PLÁSTICAS NO BRASIL

Retomo os fatos ocorridos a partir de 1919. Naquele ano, o primeiro médico brasileiro que afirmou publicamente ter experiência em cirurgia plástica se dirigiu às pessoas com *cicatrices viciosas na face* para oferecer seus serviços. Tudo leva a crer que entre as cicatrizes viciosas se enquadravam os parafinomas.

A possibilidade de que os idosos encobrissem os *danos da velhice* encantou tanto o médico português radicado no Brasil Antonio Maria Bittencourt Rodrigues que ele decidiu escrever uma carta sobre o assunto, enquanto estava em viagem de passeio pelo sul da França, em 1920. Otimista, comemorou o fato de que se as pessoas de idade avançada tivessem os cabelos bem tingidos e uma boa dentadura postiça e apenas possuíssem as *rugos como atestado de velhice*, o remédio para contornar o problema seria muito simples. De acordo com um trecho de sua carta, publicada em um jornal pernambucano:

[...] não tem mais, para alisar a pele, do que recorrerem aos bons ofícios de um destro e hábil cirurgião. Não há ruga, por mais vincada, que resista à artística intervenção de um bem afiado e fino bisturi. [...]; ligeiras excisões feitas na fronte, ao nível do couro cabeludo e junto às orelhas, e cujas cicatrizes lineares quase que nem de perto se percebem.⁵¹²

Quando essa carta foi publicada, a cirurgia plástica já era uma possibilidade no Brasil. De acordo com os anúncios presentes em periódicos pesquisados, as primeiras cirurgias plásticas com finalidade estética puderam ser feitas por aqui a partir de 1919, com o fim da Primeira Grande Guerra e o retorno ao país dos integrantes da Missão Médico-Militar organizada pelo governo Venceslau Brás (1914-1918). Essa Missão Médica consistiu no recrutamento de 98 médicos, em sua maioria civis, que organizaram um hospital para atender aos soldados feridos, no período entre setembro de 1918 e fevereiro de 1919, em Paris. Ao analisar a trajetória desses missionários em seu processo de mobilização e desmobilização, o historiador Cristiano Brum destacou que a experiência de participar da Primeira Guerra Mundial foi decisiva para a formação de uma *elite profissional*

⁵¹²VIDA Feminina. **Pequeno jornal**. Recife (PE), ed. 140, 19 jun. 1920, p. 2.

médica no Brasil porque, ao retornarem ao país, eles haviam adquirido intensa aprendizagem, resultando na introdução de novas técnicas e especialidades.⁵¹³

Provavelmente, o pioneiro na realização de cirurgias plásticas no Brasil foi o ex-missionário Roberto da Silva Freire (1890-1946). No mesmo ano em que retornou da Missão Médica, ele se dirigiu às pessoas com cicatrizes na face para oferecer seus serviços, conforme o anúncio apresentado na Figura 13.

Figura 13 – Propaganda do Dr. Roberto Freire.



Fonte: **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2858, 25 nov. 1919, p. 2.

Roberto da Silva Freire formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1912. Durante a Primeira Guerra Mundial serviu em Dijon, na França, entre 1914 e 1915, como chefe de clínica. Em seguida, ocupou a função de capitão-chefe da Enfermaria da Missão Médica Brasileira, tendo sido assistente do médico Fernand Lemaître (1880-1958), um dos precursores no campo da otorrinolaringologia e que durante a Primeira Guerra Mundial realizou cirurgias de reconstrução facial. Atuou ainda como chefe do Serviço de Cirurgia Plástica e de Recuperações do Hospital Brasileiro, em Paris. De volta ao Brasil, trabalhou como cirurgião na Santa Casa de Misericórdia, na Assistência Pública e foi diretor do Hospital do Pronto Socorro, no Rio de Janeiro.⁵¹⁴ Durante a década de 1920, Freire provavelmente continuou praticando cirurgias plásticas, pois um artigo de sua autoria intitulado *Sobre dois casos de cirurgia plástica* foi publicado na Revista Médico-Cirúrgica do Brasil, no Rio de Janeiro, em maio de 1924.⁵¹⁵ Em entrevista ao jornal *A Noite*, assumiu ter sido o primeiro médico a realizar cirurgia plástica no Brasil. Afirmou ainda que, na América Latina, esse tipo de cirurgia foi praticado inicialmente na Argentina e no Uruguai.⁵¹⁶

⁵¹³Sobre o grupo de médicos que foi à França durante a Primeira Guerra Mundial, ver: BRUM, C. E. de. **A (des)mobilização de médicos na Grande Guerra: o caso da Missão Médica Brasileira na França (1818-1819)**, 2018. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

⁵¹⁴NOTAS e informações. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 31, ano 1933, p. 559; Dr. Roberto da Silva Freire. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 33, 34, 35; 17, 24 e 31 ago. 1946, p. 287.

⁵¹⁵BIBLIOGRAFIA médica. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 168, 13 jul. 1924, p. 10.

⁵¹⁶EM BUSCA DA BELEZA eterna. **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 5819, 31 jan. 1928, p. 1.

Outro integrante da Missão Médica que provavelmente atuou como cirurgião plástico no Brasil foi Sebastião Cesar da Silva. Em 1922, ao defender as cirurgias puramente estéticas para disfarçar os sinais característicos da velhice, escreveu um artigo ressaltando os estigmas da idade avançada:

A idade também deforma os traços da fisionomia e as rugas da velhice adquirem em algumas pessoas o relevo de uma **verdadeira deformidade**, sobretudo **naquelas que não se conformam em envelhecer**. O triunfo da cirurgia plástica consiste justamente nas operações que visam reparar principalmente o ultrage dos anos.⁵¹⁷

Sebastião Cesar da Silva admitiu o risco de insucessos nas cirurgias plásticas. Porém, em sua opinião, a culpa nesses casos não seria do cirurgião, mas sim da *insuficiência de elasticidade e vitalidade dos tecidos dos pacientes*.⁵¹⁸ Outro pioneiro das cirurgias estéticas no Brasil foi Renato Brancante Machado (1890-1958), que também participou da Missão Médico-Militar acompanhando cirurgias de reconstrução plástica nos hospitais franceses. No Hospital Militar Brasileiro, Machado foi chefe do Serviço de Otorrinolaringologia.⁵¹⁹ Seus dados biográficos são os seguintes: formou-se em 1912 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1916, ocupou a cátedra de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (MG), onde trabalhou por quase dez anos.⁵²⁰ Quatro anos depois, atuou como colaborador efetivo em *O Brasil-Médico* e por diversas vezes se vangloriou de ter seu nome mencionado em uma conferência, em Paris, por restituir a estética do rosto de um soldado após retirar um estilhaço de sua face sem deixar cicatriz.⁵²¹ Após retornar ao Brasil, fez uma cirurgia para corrigir deformações estéticas decorrentes de uma úlcera no rosto de um trabalhador braçal.⁵²²

Importante ressaltar que nem todos os cirurgiões plásticos que atuaram na década de 1920 no Brasil foram integrantes da Missão Médica. Este foi o caso de Jayme Poggi de Figueiredo (1888-1962), que oferecia seus serviços como cirurgião plástico na correção de defeitos de rugas, nariz, boca e seios (Figura 14).⁵²³ No mesmo ano, se apresentou como tendo regressado da América do

⁵¹⁷SILVA, S. C. da. Cirurgia plástica do nariz e da face. **O Brasil-Médico**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 32, p. 96-97, 1922.

⁵¹⁸Idem, op. cit., p. 96-97.

⁵¹⁹ADLER, op. cit., p. 53.

⁵²⁰ALMEIDA, C. M. de. **Perfis biográficos dos patronos da Academia Mineira de Medicina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/cadeira-20-patrono-renato-bracante-machado/> Acesso em: 15 fev. 2022.

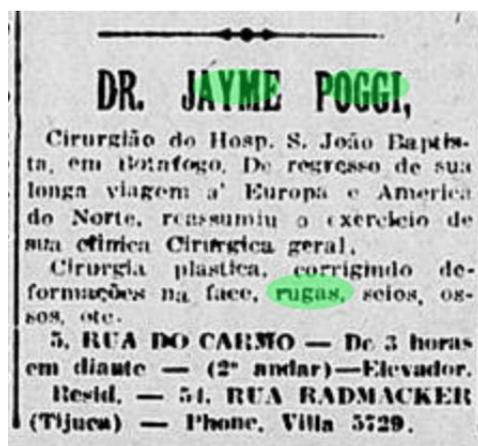
⁵²¹SOCIEDADE de Medicina e Cirurgia. Sobre uma nova técnica de extração de corpos estranhos da região profunda da face. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 34, ano 1919, p. 270.

⁵²²MACHADO, R.; ALEIXO, A. Um caso de leishmaniose mutilante. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2, 12 jan. 1918, p. 9-11.

⁵²³Dr. JAYME POGGI. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2955, 17 jul. 1928, p. 15.

Norte e oferecia seus serviços como cirurgião plástico com foco na correção de seios, ventre, nariz e orelhas.⁵²⁴

Figura 14 – Propaganda do Dr. Jayme Poggi de Figueiredo.



Fonte: **O Imparcial**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 6170, 17 jun. 1928, p. 8.

Mais um médico a atuar na década de 1920 e que não trabalhou como missionário na França foi Egas Duarte, mencionado anteriormente. Ele oferecia seus serviços nas correções da *face enrugada, seios caídos e outras imperfeições* para as quais, em sua opinião, não exigiria limite de idade nas pacientes interessadas em rejuvenescer. Para convencer suas clientes, afirmava que essas operações eram corriqueiras nos grandes centros para a promoção do embelezamento com segurança e eficácia.⁵²⁵ Em 1928, fez uma cirurgia de retirada de rugas em seu consultório, com a presença de um repórter de *A Manhã* (RJ). A paciente tinha 35 anos de idade. A reportagem foi divulgada em 15 de abril daquele ano, porém, esse médico viria a falecer tragicamente poucos meses depois, em 29 de julho de 1928.⁵²⁶ Em tom semelhante à maneira como as cirurgias de Voronoff foram noticiadas, ou seja, com efusividade, a cirurgia de Egas Duarte foi narrada da seguinte forma:

Terminadas as preliminares para o processo operatório, constantes de anestesia local e assepsia perfeita das regiões, teve início o ato operatório com uma incisão de dez centímetros dirigida de cima para baixo, nas regiões temporais, marginando o couro cabeludo. Em seguida foi feito o descolamento da camada democutânea até o ponto preciso para a correção das rugas. [...] Logo que foi terminado o processo reparador de um lado da face, notou-se a diferença de uma face para a outra ainda não operada. O efeito era surpreendente. A paciente remoçara de 15 anos, pelo menos. [...] Estávamos perplexos diante daquele homem simples, folgazão, que enquanto operava

⁵²⁴Dr. JAYME POGGI. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10330, 9 set. 1928, p. 5.

⁵²⁵JÁ TEMOS um novo ramo de cirurgia, o da estética. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10055, 25 out. 1927, p. 5.

⁵²⁶EGAS DUARTE. **Jornal Pequeno**. Recife (PE), ed. 197, 29 ago.1928, p. 4.

com uma virtuosidade absoluta, nos descrevia as várias fases, como se estivesse numa aula precisa de anatomia. O milagre rejuvenescedor era completo. A operação de estética da face não durara mais de 40 minutos, apesar do Dr. Egas ter-se demorado, propositadamente, satisfazendo, solícito a nossa irrequieta curiosidade:

- Dr, Fausto, oh! Perdão, Dr. Egas, que poder satânico ou divino é o seu?
- Nem satânico, nem divino. Apenas científico.⁵²⁷

No anúncio a seguir (Figura 15), Egas Duarte em sua entrevista.

Figura 15 – Entrevista de Egas Duarte no *Jornal A Manhã*.



Fonte: SOB O BISTURI mágico desaparecem os ultrajes do tempo. *A Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 719, 15 abril 1928, p. 2.

Muitos médicos frequentemente se preocupavam em definir cirurgia plástica, reparadora, estética e cosmética. Esta foi uma inquietação que permaneceu durante a década de 1930. Em uma entrevista, Egas Duarte tangenciou a questão ao afirmar que, inicialmente, as cirurgias mais comuns seriam aquelas reparadoras, como no caso de fendas labiais (lábio leporino) e, com o passar do tempo, os *narizes desgraciosos, os seios e a face* passaram a ser outros campos para a prática de operações. Ainda conforme o cirurgião brasileiro, na face estaria estampado para o público *o rótulo da competência do profissional*.⁵²⁸

Conforme a definição de Américo Gonçalves Valério (1898-?), a cirurgia plástica seria aquela que permitiria *retocar e esmerar a forma, apurando as linhas e reintegrando a função*. Já a cirurgia plástica estética se dividiria em duas: a pura e a cosmética. A cirurgia estética pura apenas

⁵²⁷SOB O BISTURI mágico desaparecem os ultrajes do tempo. *A Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 719, 15 abril 1928, p. 2.

⁵²⁸Idem, op. cit., p. 2.

aprimoraria, com destaque para o nariz, pálpebras, boca, orelhas e os seios. Já a cirurgia estética cosmética socorreria *a juventude que bruxoleia, a mocidade que se estingue, encobrendo rugas*.⁵²⁹ Ressalto que dois anos depois, o texto de Valério foi republicado com algumas modificações. O conceito da cirurgia plástica passou a ser o seguinte: *aquela que restaura malformações congênicas e adquiridas. Corta, retalha, desdobra, cose, desloca, enxerta, transplanta, retocando e esmerando a forma*. Já com relação à cirurgia plástica estética, o médico explicou que a mesma daria a um órgão ou região do corpo a sua forma normal e perfeita. Dessa forma, *o nariz, os lábios, boca, orelhas, seios, braços e pernas são burilados e aprimorados*. Por último, o conceito de cirurgia plástica cosmética se manteve, sendo aquela que viria em *socorro maternal da mocidade que bruxoleia*. Dando mais detalhes sobre a cirurgia plástica cosmética, escreveu:

As **implacáveis rugas da velhice**, as marcas rebeldes, os vincos e dobras renitentes, os defeitos que o tempo inclemente carimba, as curvas e as protuberâncias mais teimosas, os seios que descem, as espáduas que arqueiam, o dorso que verga – tudo isso é contornado, anulado, apurado e cinzelado pela cirurgia cosmética.⁵³⁰

As definições de Valério sobre os diferentes tipos de cirurgias plásticas se inseriram em um artigo conclamando os cirurgiões brasileiros a deixarem de imitar os europeus, rompendo com o que chamou de *tutela estrangeira*. Lamentou que os jovens médicos viveram por muito tempo *sugando as mamas científico-literárias da França* e que qualquer publicação brasileira precisaria de prefácio assinado por *um velho nome bolorento e bimbalhante ou de um medalhão balofo e intolerante*.⁵³¹ *Façamos coisa nossa*, exclamou. E naquilo que chamou de *coisa nossa*, mereceram destaques no texto as cirurgias plástica, estética e cosmética. Ao recomendar que criassem técnicas originais, valorizou os cirurgiões brasileiros e alertou para que não acreditassem em tudo o que viesse do exterior. Reclamou ainda de tantos trabalhos acadêmicos brasileiros esquecidos e jamais citados, fosse por desprezo ou em decorrência de interesses pessoais, embora tivessem maior valor do que os estrangeiros, considerando que apesar das más condições hospitalares, os cirurgiões brasileiros acompanhavam todos os progressos do mundo cirúrgico. Por tudo isso, defendeu a *maioridade cirúrgica*.⁵³²

De modo simplificado, provavelmente porque se dirigia a um grande público, o cirurgião plástico Antonio Pires Rebello definiu a cirurgia estética como *um novo ramo da medicina, perfeitamente caracterizada e cujo fim principal seria corrigir os defeitos físicos, dando ao ser*

⁵²⁹ENTREGA do prêmio medalha de ouro. VALÉRIO, Américo. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2, 1925, p. 25.

⁵³⁰VALÉRIO, A. As correntes modernistas em cirurgia. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4, 1927, p. 74, grifos meus.

⁵³¹Idem, op. cit., p. 69.

⁵³²Idem, op. cit., p. 74-75.

*humano um melhor aspecto.*⁵³³ Ainda com relação às questões conceituais, outros médicos da década de 1930 parecem ter sido mais rigorosos. Este foi o caso de um tal João Alfredo, para quem a cirurgia plástica dividia-se em dois ramos: *o estético, que procura corrigir erros da natureza e injúrias do tempo; e o reparador, encarregado de cuidar das destruições parciais ou totais de tecidos e órgãos.*⁵³⁴ Em outro momento, o mesmo João Alfredo definiu cirurgia estética como *aquela que cuida essencialmente da plástica pura, da beleza, enquanto reparadora seria aquela que se encarrega de reconstituir a morfologia normal, alterada [...] pelos múltiplos acidentes a que vivemos expostos.*⁵³⁵

Outra definição do mesmo período, feita por Guilherme Couto Esher, veio à luz da seguinte forma: cirurgia plástica seria *aquela destinada a corrigir deformidades adquiridas ou não, tais como lábios leporinos, narizes defeituosos e cicatrizes*, enquanto a cirurgia estética destinava-se a *corrigir os estados a que o tempo ou o hábito conduzem: rugas, pés de galinha, pele flácida, papada, etc.*⁵³⁶ Esher possuía uma clínica de beleza e cirurgia estética, sendo uma de suas especialidades a retirada de pelos do rosto por meio de eletrocoagulação.⁵³⁷ Para ele, as rugas eram consideradas ao mesmo tempo uma *moléstia curável* e um *mal social*:

As rugas constituem hoje um **mal social** para a portadora e pode-se mesmo dizer que são moléstia curável de um só modo, é verdade, mas perfeitamente curável. A cirurgia das rugas é a única terapêutica para esse mal, mas de resultados verdadeiramente assombrosos.⁵³⁸

Ainda quanto às definições de cirurgia plástica cosmética e cirurgia estética, é importante observar que estas variaram conforme o médico. A cirurgiã plástica cubana Maria Julia de Lara, por exemplo, defendia que as duas expressões seriam sinônimas.⁵³⁹ Uma das raras mulheres a se destacar como cirurgiã plástica, Lara também era formada em obstetrícia e ginecologia, cursou um semestre na Faculdade de Medicina de Paris e afirmou ter participado de aproximadamente 200 cirurgias estéticas ao lado da cirurgiã plástica francesa Suzanne Noel (1879-1954), em Paris.⁵⁴⁰ Em um livro de sua autoria com mais de 600 páginas sobre a beleza da mulheres, dedicou um capítulo a analisar o tipo visto como padrão de beleza para as mulheres crioulas, comparando-as com as

⁵³³DR. PIRES. Beleza e medicina. Que é a cirurgia estética? **O Malho**. Rio de Janeiro, RJ, ed. 117, p. 45, 29 ago. 1935.

⁵³⁴ALREDO, J. Comentários a respeito de alguns casos de cirurgia estética e reparadora. **Brasil-Médico**. Rio de Janeiro, RJ, ed. 3, 1934, p. 42.

⁵³⁵Idem, op. cit., p. 45.

⁵³⁶ESHER, G. C. Clínica de beleza: as rugas. **A Cigarra**. São Paulo, SP, ed. 3, p. 116, 1934.

⁵³⁷PELOS do rosto. **A Cigarra**. São Paulo, SP, ed. 2, 1934, p. 108.

⁵³⁸Idem, op. cit., p. 117.

⁵³⁹LARA, M. J. de. **Salud y belleza**. La Habana: La Propagandista, 1940. p. 96.

⁵⁴⁰Idem, op. cit., p. XVI.

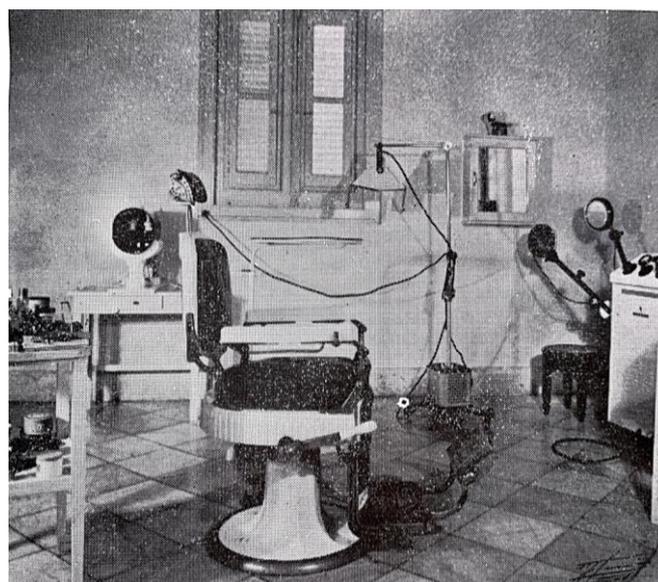
francesas.⁵⁴¹ A julgar pelas fotos de seu consultório em Havana, contidas no livro por ela escrito, sua clínica era luxuosa e possuía equipamentos sofisticados (Figuras 16 e 17).

Figura 16 - Clínica da Dra. Maria Julia de Lara em Havana.



Fonte: LARA, M. J. de. **Salud y belleza**. La Habana: La Propagandista, 1940.

Figura 17 – Instrumentos da Clínica da Dra. Maria Julia de Lara em Havana.



Fonte: LARA, M. J. de. **Salud y belleza**. La Habana: La Propagandista, 1940.

⁵⁴¹LARA, op. cit., 41-66.

De acordo com a escritora Kathryn Lynn Stoner, Maria Julia de Lara era adepta da eugenia e costumava escrever artigos sobre a beleza na imprensa cubana.⁵⁴² Em 1941, ela esteve presente no 1º Congresso Latino-Americano de Cirurgia Plástica, em São Paulo, quando proferiu palestra intitulada *As possibilidades da cirurgia plástica*.⁵⁴³ Aparentemente não tinha proximidade com os médicos brasileiros, já que seu nome não ganhou grande destaque nos periódicos. Em seu livro, não mencionou o nome de qualquer cirurgião brasileiro. Lara destacou o papel do cinema no impulso às operações estéticas, sendo que a maior contribuição do continente americano era proveniente dos Estados Unidos.⁵⁴⁴

Uma questão interessante abordada por médicos da época foi sobre os benefícios da cirurgia plástica para as pessoas com dificuldade de conseguir emprego. Roberto da Silva Freire, apontado anteriormente neste capítulo, defendeu as cirurgias plásticas estéticas como estratégia para aumentar as chances de obter um bom trabalho. Em sua opinião, muitas pessoas em pleno vigor físico e intelectual eram impedidas de exercer certas profissões por terem *defeitos físicos ou decadência estética*.⁵⁴⁵ Em entrevista concedida a um jornal carioca, afirmou:

Assim é o artista que perde contratos, o empregado no comércio que se vê afastado, dada a evolução da época atual, como teria acontecido a uma manequim que em Paris com a idade de 50 anos já teria sido despedida há muito se não fosse uma feliz operação estética que a deixou como aos 25 anos.⁵⁴⁶

Na ocasião, Freire ainda comentou que tais cirurgias foram bastante desejadas pelos homens que lutavam *desesperadamente contra os estragos dos anos*.⁵⁴⁷ A informação reforça a suspeita de que antes de serem em maior parte associadas às mulheres, as cirurgias plásticas estéticas faziam parte do universo masculino.

Em 1930, o médico Antonio Pires Rebello (1909-1977) chegou ao Brasil um ano após ter viajado à Europa para uma viagem de estudos. Vinha com o propósito de dedicar-se à cirurgia plástica, conforme comentou o médico David Adler.⁵⁴⁸ Seu quase homônimo José Rebello Netto (?-1978) igualmente viajou à Europa no mesmo ano, ou seja, em 1929, e no ano seguinte retornou ao Brasil, tendo criado uma Unidade de Cirurgia Plástica na Santa Casa de São Paulo para corrigir

⁵⁴²STONER, K. L. **Cuban and Cuban-American women: an annotated bibliography**. Wilmington, DE: SR Scholarly Resources Inc., 2000. p. 79. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Tn8s-vvxanoC&pg=PA78&lpg=PA78&dq=maria+julia+de+lara+Salud+y+belleza&source=bl&ots=FXyqO_9Ib9&sig=ACfU3U38_8Y75YJWJikd2gXw29RV2PXIXQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiAxoOizoL1AhWFC9QKHW3yBOUQ6AF6BAGMEAM#v=onepage&q=maria%20julia%20de%20lara%20Salud%20y%20belleza&f=false. Acesso em: 22 jan. 2022.

⁵⁴³CONGRESSOS e conferências. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 33, 16 ago. 1941, p. 571.

⁵⁴⁴LARA, op. cit., p. 98.

⁵⁴⁵EM BUSCA da beleza eterna. **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 5819, 31 jan. 1928, p. 1.

⁵⁴⁶Idem, op. cit., p. 1.

⁵⁴⁷Idem, op. cit., p. 1.

⁵⁴⁸ADLER, op. cit., p. 54.

lesões nasais causadas por leishmaniose, lábios leporinos e problemas decorrentes de outras doenças, tendo recebido o epíteto de *pai da cirurgia plástica brasileira*.⁵⁴⁹ Desde o início de sua atuação profissional, Antonio Pires dedicou-se às cirurgias plásticas cosméticas, diferentemente de José Rebello Netto, que por muito tempo atuou como médico legista e iniciou sua atuação nas cirurgias plásticas reparadoras.

4.3 ANTONIO PIRES REBELLO, *O FABRICANTE DE MULHERES BELAS*

Durante a maior parte de sua vida, o médico Antônio Pires Rebello (1909-1977) preferiu apresentar-se apenas como Dr. Pires. Essa assinatura constou em seus livros e artigos publicados em seções de beleza de diversos jornais e revistas, de 1930 até 1961. No mínimo é intrigante o fato de que não optou por usar seu sobrenome completo, considerando que em sua vida profissional investiu fortemente em propaganda e poderia aumentar sua popularidade se assumisse publicamente ser filho de José Pires Rebello (1877-1947), famoso político no início da era Vargas.

Formado em engenharia civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, seu pai, o piauiense José Pires Rebello foi construtor de estradas e ocupou diversos cargos públicos. Seu nome frequentemente apareceu em jornais do Rio de Janeiro como político de oposição, tendo sido deputado federal (1918-1923) e senador (1923 e 1935-1937). Entre outras iniciativas, atuou na campanha civilista em defesa de Rui Barbosa como candidato a presidente em 1910 e participou da chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930. Quase no final da vida, entretanto, passou à oposição, aderindo a um manifesto que pedia o fim do Estado Novo.⁵⁵⁰

Uma das hipóteses para que Antonio Pires tenha omitido seu sobrenome completo pode ter sido o posicionamento muito marcante de seu pai como homem público – situação que para um cirurgião poderia afastar potenciais clientes que discordassem de suas ideias. Assim, os nomes de Antonio Pires e seu pai frequentemente apareceram na imprensa durante as décadas de 1930 e 1940, mas sem ostentar parentesco. Houve, no entanto, exceções. Em 1929, os laços familiares foram expostos por meio de uma breve nota jornalística informando que o jovem filho do senador José Pires Rebello havia concluído simultaneamente os cursos de Medicina e Direito, na cidade do Rio de Janeiro. Ilustrada com a foto do médico vestindo beca aos 20 anos de idade, a notícia comprovou o parentesco.⁵⁵¹ A questão do sobrenome foi relevante, pois tive que me cercar de cuidados para

⁵⁴⁹LOEB, op. cit., p. 63, 69.

⁵⁵⁰FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionários**: José Pires Rebello. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rebello-jose-pires>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁵⁵¹S/a. S/t. **Beira Mar: Copacabana, Ipanema, Leme**. Rio de Janeiro (RJ), Ano VII, ed.151, 27 jan. 1929, p. 2.

evitar equívocos, garantindo que Dr. Pires e Dr. Pires Rebello eram a mesma pessoa. Tenho a convicção de que após o ano de 1932, o médico passou a se apresentar definitivamente como Dr. Pires.

No mesmo ano de sua formatura, viajou à Europa. Justificou sua presença em Paris, Viena e Berlim como uma maneira de conhecer os *modernos métodos para o embelezamento*.⁵⁵² De volta ao Brasil, abriu uma clínica na avenida Rio Branco, inaugurada oficialmente poucos meses após o retorno desta viagem de estudos. Inicialmente, seu plano era difundir a estética por meio da promoção de cursos para médicos, estudantes de medicina e formação de moças massagistas.⁵⁵³ Na propaganda, uma das raras vezes em que Antonio Pires apareceu na imprensa usando seu sobrenome completo, que o associava ao pai, famoso político durante a era Vargas (1930-1945) (Figura 18).

Figura 18 – Propaganda do Dr. Antônio Pires Rebello.



Fonte: **Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme** (RJ), ed. 231, 10 ago. 1930, p. 7.

No início de sua carreira, provavelmente almejava atender a um público de condição econômica privilegiada. A placa que ficava na porta do seu primeiro consultório trazia os dizeres “Clínica de beleza do Dr. Pires Rebello”. Logo na entrada, uma recepcionista marcava os horários, havendo três salas de espera: a primeira decorada em tons laranja, dourado e marrom, em motivos com figuras geométricas; a segunda, com arabescos. Um jornalista da época escreveu: *E senhoras e senhoritas diferentes de todas as outras, made in Pires Rebello... Chega-se a procurar a etiqueta, esquecida na fimbria dos vestidos*.⁵⁵⁴ Em 1931, foi chamado de *fabricante de mulheres belas* pela revista *Vida Doméstica*. Naquela ocasião, o cirurgião usou a palavra *necessidade*, ao comentar que a mulher necessitava da beleza da mesma forma que da *toilette*. Disse ainda que a ciência teria o dever de promover os *meios racionais de ir ao encontro dessa justa aspiração em manter o viço, o frescor e a graça* peculiares ao universo feminino.⁵⁵⁵

⁵⁵²BRANDÃO FILHO, Luiz (correspondente). A arte do embelezamento na Europa. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 3392, 8 dez. 1929, p. 2.

⁵⁵³A CLÍNICA do dr. Pires Rebello. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 10.876, 7 jun. 1930, p. 3.

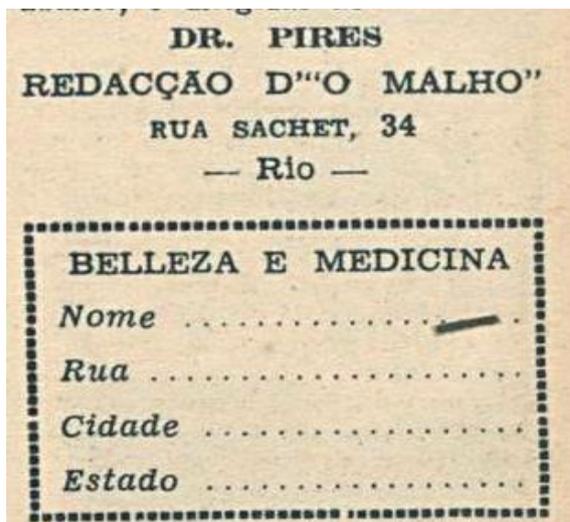
⁵⁵⁴VIDA... de todos descobre, no Rio, um fabricante de mulheres belas. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 159, junho 1931, s/p.

⁵⁵⁵Idem, op. cit.

Uma peculiaridade de Antonio Pires foi o forte investimento em publicidade. No Rio de Janeiro, participou de programas transmitidos pela Rádio Sociedade e Rádio Club do Brasil.⁵⁵⁶ De 1930 até 1961 – fosse escrevendo artigos, publicando anúncios ou em ambos os casos – marcou presença em periódicos como *Fon-Fon*, *A Casa*, *A Nação*, *Cinearte*, *Correio da Manhã*, *Excelsior*, *O jornal*, *O Cruzeiro*, *Para Todos*, *O Malho*, *Diário da Noite*, *Diário Carioca*, *Revista da Semana* e também em publicações de outros Estados, como *A Razão* (MT), *Diário de Pernambuco* (PE), *O Dia* (PR), *A Notícia* (SC), *A Gazeta* (SC), entre outros. Todo o conteúdo publicado na imprensa diária e assinado por Antonio Pires também estava inserido em seus livros voltados para o público feminino.

Nos jornais leigos, seus textos vinham acompanhados de um cupom (Figura 19), frequentemente ilustrado com a figura de um rosto feminino enrugado. As leitoras eram convidadas a preencher nome e endereço, enviando ao médico o referido cupom para receber gratuitamente pelos correios o livro *Como rejuvenescer 20 anos de idade em poucos minutos*. O anúncio que acompanhava os artigos do médico prometia um método novo, rápido e indolor para acabar com as rugas e papadas, além de melhorar a plástica dos seios sem necessidade de internação.⁵⁵⁷ Este método eram as cirurgias plásticas estéticas (Figura 20).

Figura 19 - Cupom para as leitoras sanarem suas dúvidas sobre cirurgias estéticas.



Fonte: *O Malho*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 5, 6 jul. 1933.

Figura 20 - Dr. Pires Rebello, um dos primeiros cirurgiões da beleza do Brasil, em pleno trabalho.



Nota: *Esculpindo a carne viva... Este é um dos aspectos mais emocionantes da medicina moderna.*

Fonte: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 25, ano 1933.

⁵⁵⁶DR. PIRES. *A arte de ser bela: regras e conselhos para os cuidados científicos de embelezamento*. Rio de Janeiro: Alba Oficinas Gráficas, [s.d.], p. 1.

⁵⁵⁷CIRURGIA estética das rugas. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4, 28 nov. 1931, p. 46.

Por seu evidente empenho em divulgar as cirurgias estéticas (Figura 21), torna-se difícil saber até que ponto Antonio Pires era honesto em seus escritos. Possivelmente exagerando, certa vez afirmou que seu arquivo pessoal aumentava em cerca de 100 cartas recebidas por dia, remetidas por mulheres interessadas em seus métodos rejuvenescedores.⁵⁵⁸ Em 1931, a *Vida Doméstica* afirmou que seis datilógrafas trabalhavam em seu consultório para responder às correspondências remetidas de todo o Brasil.⁵⁵⁹ Além de livros, ele remetia panfletos e cartões de visitas para suas clientes potenciais, entre outros materiais impressos. Em dois anos de clínica, afirmou ter aumentado a quantidade de clientes oriundas de Minas Gerais, São Paulo e outros Estados em busca de cirurgia para eliminar as rugas da testa, olhos, pescoço, seios, narizes, lábios e orelhas. Tudo contribuía para a realização de aproximadamente 30 cirurgias mensais, conforme o relato.⁵⁶⁰ Esta afirmação consta de seu livro *A arte de ser bela*, que embora não traga a data da edição, tudo indica ter sido publicado em 1933 por causa de uma evidência. O livro constou na listagem de obras do autor, em pelo menos duas ocasiões, como tendo sido publicado em agosto de 1933.⁵⁶¹

Figura 21 – Propaganda sobre cirurgia estética realizada pelo Dr. Pires Rebello.



Fonte: *A Noite*. Rio de Janeiro (RJ) ed. 7232, 12 jan. 1932, p. 6.

Quanto ao seu público-alvo, com o passar do tempo, começou a visar tanto as mulheres de famílias abastadas quanto aquelas das camadas médias da população, sendo que, no segundo caso, usava os mesmos argumentos mencionados por Roberto Freire, Suzanne Noel e outros médicos do período, no sentido de defender a aparência jovem e bela como pré-requisito para a conquista de uma vaga no mercado de trabalho. Dessa forma, escreveu que uma de suas clientes pertencia a uma *aristocrática e tradicional* família paulista e se operava todos os anos. No entanto, assegurou que

⁵⁵⁸OS MEIOS certos para adquirir beleza. **Beira-Mar**: Copacabana, Ipanema, Leblon. Rio de Janeiro (RJ), ed. 253, 1 fev. 1931, p. 7.

⁵⁵⁹VIDA... op. cit.

⁵⁶⁰DR. PIRES, op. cit., p. 107. Fortuitamente, tive acesso a materiais impressos (um fôlder e um cartão de visitas) ao adquirir um livro de autoria de Antonio Pires em um sebo.

⁵⁶¹Encontrei esta informação em: DR. PIRES: **Correção dos seios**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959. p. 6. Ver também em: DR. PIRES. **Guia da beleza**. 5. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1943. p. 4.

parte de suas pacientes trabalhavam como balconistas.⁵⁶² O ano de 1933 foi intenso na vida de Antonio Pires. A fim de dar consultas para mulheres interessadas em sua arte, esteve durante cinco dias em Curitiba, no mês de janeiro.⁵⁶³ Nesse mesmo ano, sempre se autointitulando membro da Sociedade Francesa de Cirurgia Estética com prática nos hospitais de Berlim, Paris e Viena, estreou como redator da seção *Beleza e Medicina* de *O Malho*.⁵⁶⁴

Ao que tudo indica, Antonio Pires nunca se casou. Seu nome não constou como participante de congressos e sociedades, por exemplo, a Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica, com sede em São Paulo e criada em 1940. Na velhice, abandonou a medicina para dedicar-se aos investimentos financeiros. O mesmo homem que por vinte anos esteve presente em diversos jornais do país assinando artigos sobre beleza e que escreveu pelo menos oito livros sobre o assunto, passou a figurar nas seções de economia dos periódicos. Isto ocorreu a partir de 1961. Nos registros das atas do Banco Americano de Crédito, por exemplo, foi bastante atuante, inclusive como membro efetivo do conselho fiscal⁵⁶⁵ ou mesmo ocupando a presidência em determinadas assembleias⁵⁶⁶. Esteve presente também na relação dos portadores de ações das tradicionais Lojas Americanas.⁵⁶⁷ Em 1972, o *fabricante de belas mulheres* ressurgiu na coluna social de um jornal do Rio de Janeiro como tendo sido *o pioneiro de cirurgia plástica e do aperfeiçoamento da beleza feminina*.⁵⁶⁸ Essa menção foi feita por ocasião de um jantar promovido por uma mulher frequentadora da alta sociedade carioca e que se apresentava como descendente de Ruy Barbosa – a baiana Zuleika de Vasconcellos.⁵⁶⁹ A última aparição de Antonio Pires com vida noticiada pela imprensa foi em 1976, quando ofereceu um jantar a amigos no Rio Othon Palace⁵⁷⁰, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Faleceu no ano seguinte, em 1977.⁵⁷¹

Ao pesquisar o conjunto da obra de Antonio Pires, um dos aspectos mais interessantes foi a possibilidade de compreender as diferentes visões por ele construídas com relação à cirurgia plástica, sobretudo no decorrer das décadas de 1930 e 1940. Seu posicionamento sobre as operações

⁵⁶²DR. PIRES, 1959, p. 96-97.

⁵⁶³CLÍNICA de beleza do Dr. Pires. **O Dia**. Curitiba (PR), ed. 2753, 3 jan. 1933, p. 5.

⁵⁶⁴DR. PIRES, **O Malho**, 6 jul. 1933, p. 35.

⁵⁶⁵BANCO Americano de Crédito S/A. Ata da assembleia geral ordinária de acionistas em 22 abril 1961. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 12340, 31 maio 1961, p. 4.

⁵⁶⁶ATA da Assembleia Geral Ordinária de Acionistas do Banco Americano de Crédito S/A realizada em 12/3/1963. **O Jornal** (RJ), ed. 12836, 4º caderno, 7 abr. 1963, p. 7.

⁵⁶⁷LOJAS Americanas S/A. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), 2º caderno, ed. 001751, 2 e 3 maio 1961, p. 14.

⁵⁶⁸SOCIAIS. A Bahia no Rio. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 15578, 15 jul. 1972, Atualidades, p. 5.

⁵⁶⁹ZULEIKA de Vasconcellos apareceu na coluna social de diversos jornais da década de 1970. Ver, por exemplo: Sociais. A Bahia no Rio. **O Jornal**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 15578, 15 julho de 1972, p. 5.

⁵⁷⁰NAZARETH Robert. **Jornal do Comércio** (RJ), 2º caderno, ed. 0013514 março 1976, p. 4.

⁵⁷¹ANÚNCIO de missa de sétimo dia a pedido de amigos. **Jornal do Brasil** (RJ), ed. 2, 10 abril 1977, 1º caderno, p. 38.

estéticas, os tratamentos hormonais e os dermatológicos no combate ao envelhecimento foram se modificando e deram a dimensão das dificuldades, inseguranças e desafios enfrentados na tentativa de se firmar nesta nova especialidade que estava nascendo no Rio de Janeiro.

O uso de equipamentos e aparelhos elétricos – e não propriamente a cirurgia plástica – foi sua primeira aposta para atender a demanda por rejuvenescimento entre as mulheres velhas. Em seu início de carreira, afirmou que para que as rugas desaparecessem, além do *processo cirúrgico* que já se praticava com o inconveniente de deixar cicatrizes, haveria um novo método que ele trouxera ao Brasil com excelentes resultados nas pessoas velhas. Sem entrar em detalhes, limitou-se a afirmar que consistia em aplicações feitas com aparelhos especiais.⁵⁷² Na ocasião, frisou que priorizaria os processos que não fossem cirúrgicos, demonstrando possível receio ou insegurança em praticar as operações estéticas. Durante a inauguração de sua primeira clínica, em 1930, explicou que os procedimentos cirúrgicos em uma clínica de beleza se restringiam às operações para a correção dos seios, rugas e narizes⁵⁷³:

Lançarei mão **em última hipótese**, somente ao emprego do bisturi, pois farei o possível para acabar ou pelo menos melhorar as deformidades por meio de processos que não sejam o cirúrgico, e entre eles usarei a eletricidade médica, cujos serviços prestados aos que se dedicam às questões de plástica, são verdadeiramente dignos de admiração.⁵⁷⁴

Seis meses depois, em entrevista concedida ao *Jornal Beira-Mar* – ocasião em que foi chamado de *o médico da aristocracia brasileira* – Antonio Pires mudou radicalmente de ideia. Foi assertivo ao insistir que a cirurgia estética era um dos procedimentos que mais mereceriam destaque em sua clínica:

A cirurgia estética das rugas rejuvenesce, em geral, dez a quinze anos. Não é uma questão de vaidade e sim de **necessidade**, submeter-se a uma intervenção plástica de tal natureza. Muitas profissões requerem fisionomias moças, donde se vê a grande vantagem da operação das rugas. Nada mais agradável do que, após alguns minutos, sair-se de um consultório médico mais moça dez a quinze anos. **Ninguém tem mais o direito de envelhecer.**⁵⁷⁵

Antonio Pires garantia dispor de todos os recursos científicos para transformar um rosto feio, em belo. Tais recursos eram as grandes novidades da época: raio-X, diatermia, eletrocoagulação, alta frequência, galvanização, paradisacção, neve carbônica, raios ultravioletas,

⁵⁷²ESFULÁPIO, em sua nova encarnação de Fausto... **Diário da Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 144, 25 mar. 1930, p. 1.

⁵⁷³S/a. Como a ciência ajuda a beleza das mulheres. **Beira Mar: Copacabana, Ipanema, Leme**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 226, 6 jul. 1930, p. 3.

⁵⁷⁴Idem.

⁵⁷⁵OS MEIOS certos para adquirir beleza. **Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leblon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 2531, fev. 1931, p. 7. Grifos meus.

banhos de luz e de parafina e massagens vibratórias, além de tratamentos para obesidade, doenças do couro cabeludo e as cirurgias estéticas das rugas.⁵⁷⁶

Com relação ao uso de raio-X, este foi um recurso frequente em clínicas e institutos de beleza daquela época, quando os graves riscos da exposição à radiação ainda eram desconhecidos. Ao abordar o tema, o químico Antônio Pereira comentou sobre o uso deste equipamento na eliminação de pelos do rosto, clareamento da pele, além do tratamento de rugas e verrugas.⁵⁷⁷ No Brasil, muitas mulheres podem ter se submetido à radiação em busca do rejuvenescimento. Em sua clínica, o médico João Paulo Vieira, da mesma forma que Pires, igualmente utilizava o raio-X em pacientes para variados tratamentos, quais sejam: suores fétidos, eczemas, seborreia, pruridos (coceiras) entre outros problemas, julgando segura a sua ação por acreditar no poder do equipamento para eliminar micróbios. Garantiu: *O tratamento radioterápico dá maravilhosos resultados.*⁵⁷⁸

Em 1935, Antonio Pires relativizou a questão do tratamento das rugas, ao escrever que algumas desapareceriam pela simples massagem manual, outras pela eletricidade e ainda haveria aquelas que somente a cirurgia eliminaria.⁵⁷⁹ Ele também mudou de opinião quando o assunto era a eliminação das temidas papadas ou *double-menton*, curiosamente denominados de *túmulo do amor* e definidas como um depósito de gordura que surge vagarosamente embaixo do queixo.⁵⁸⁰ Em 1943, defendeu massagens, tratamentos elétricos e loções, apontando a cirurgia como último recurso.⁵⁸¹

Uma questão cuja resposta se modificou com o passar do tempo dizia respeito à idade ideal para a primeira cirurgia plástica. Em *A arte de ser bela*, sustentou que não haveria idade fixa, cabendo somente ao médico julgar o momento ideal. Para comprovar que o procedimento também poderia ser feito em mulheres jovens, comentou sobre uma bailarina operada aos trinta anos que recuperou os admiradores que dela estavam se afastando em razão do início do aparecimento das rugas. Relatou também o caso de uma paciente sua de 22 anos que precisou se submeter à cirurgia por estar completamente enrugada em decorrência do emagrecimento; enquanto outra, na mesma

⁵⁷⁶OS MEIOS..., op. cit., p. 7.

⁵⁷⁷PEREIRA, A. M. R. **Estudo do impacto da descoberta dos raios-X e das suas aplicações médicas em Portugal**. Dissertação (Mestrado em Química) - Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. p. 29-30. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7932/1/ulfc102601_tm_Ant%c3%b3nio_Pereira.pdf. Acesso em: 31 dez. 2021.

⁵⁷⁸VIEIRA, J. P. **Estética da pele: conservação da pele e sua correção científica pelos agentes físicos**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1932. p. 136.

⁵⁷⁹DR. PIRES, **O Malho**, ed. 123, 10 out. 1935, p. 45.

⁵⁸⁰Idem, 1943, p. 51. Sobre as papadas serem chamadas de 'túmulos do amor', ver: RUGAS? **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 10682, 25 out. 1929, p. 11.

⁵⁸¹Idem, 1943, p. 51-52.

faixa etária, se operava sistematicamente todos os anos.⁵⁸² Na mesma época, Roberto Freire concordou com esse posicionamento ao afirmar que a idade avançada não era vista como a única causa das rugas. Tudo dependeria muito do indivíduo e suas vicissitudes, ou seja, as rugas poderiam acometer até mesmo pessoas de vinte anos de idade.⁵⁸³ Já em 1936, em tom bem mais ponderado, Antonio Pires reconsiderou suas afirmações do passado, ao recomendar que a idade ideal para a primeira plástica fosse a partir de 35 anos.⁵⁸⁴

Igualmente interessante foi a discussão sobre quantos anos remoceria uma operação. Em 1933, Antonio Pires escreveu que todas as pessoas, quer tivessem trinta, quarenta ou sessenta anos aparentariam a mesma idade após a cirurgia: dezoito anos. Esta regra só não se aplicaria em casos de pessoas cujos rostos fossem muito *mal conformados*. Revelou que apenas cinco pacientes suas não aparentaram 18 anos após a cirurgia, mas o resultado também foi satisfatório nesses casos.⁵⁸⁵ Em geral, o efeito da operação duraria de sete a dez anos, mas a paciente poderia ser operada antes deste prazo, caso desejasse. Se as recomendações para a conservação diária da pele fossem seguidas, o resultado duraria pelo resto da existência.⁵⁸⁶

É possível que as mulheres de 50 anos fossem as mais velhas a se submeterem às cirurgias estéticas, pelo menos foi o que sugeriu o repórter de *Vida Doméstica*, em 1931, relatando sua saída do consultório de Pires, após entrevista concedida à revista. O texto trouxe o seguinte trecho:

E mergulhamos de novo, saudosos, no prosaísmo da Avenida. Despencáramo-nos daquele paraíso, pelo elevador, junto com **uma quinquagenária** que, não podendo ser atendida nesse dia, ia reverter, no dia seguinte, à mocidade, por um decreto do jovem ditador da Beleza Científica.⁵⁸⁷

Ainda sobre a idade ideal para a realização da primeira cirurgia, conforme João Paulo Vieira, a das rugas deveria ser feita entre 40 e 45 anos, sendo desaconselhável após os 50 anos.⁵⁸⁸

Retorno a Antonio Pires, agora tratando sobre o nível de gravidade das cirurgias estéticas. Em *A arte de ser bela*, ele garantiu tratar-se de um procedimento *simples e frugal*, necessitando apenas de um exame de sangue e glicose para marcar o procedimento. Ao receber uma mulher interessada em se submeter a uma plástica para retirada das rugas, agia da seguinte maneira: *estudo cuidadosamente o caso, o modo pelo qual a pele deve ser levantada, a localização das rugas, conformação do rosto e mostro ao cliente por meio de um espelho o resultado aproximado que se*

⁵⁸²DR. PIRES, [s.d.], p. 94-96.

⁵⁸³EM BUSCA da beleza eterna... **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 5819, 31 jan. 1928, p. 1.

⁵⁸⁴DR. PIRES. **O Malho**, ed. 184, 10 dez. 1936, p. 49.

⁵⁸⁵Idem, 1933, p. 81.

⁵⁸⁶Idem, [s.d.], p. 96-99.

⁵⁸⁷VIDA... de todos descobre, no Rio, um fabricante de mulheres belas. **Vida doméstica**, Rio de Janeiro, RJ, junho 1931, ed. 159.

⁵⁸⁸VIEIRA, op. cit., p 115.

vai obter com a operação. De forma didática, dividia as operações em pequenas, médias e grandes. A primeira consistia na eliminação dos pés de galinha nos cantos dos olhos, levantamento das sobrancelhas e rugas nasolabiais. A média englobaria também a eliminação da papada e as grandes abrangeriam a correção total da face, pescoço e papada.⁵⁸⁹

A *O Malho*, Antonio Pires declarou que a cirurgia plástica era uma especialidade como outra qualquer, devendo ser praticada *sem segredos ou mistérios*. Assim seria possível dar um *corpo perfeito* aos que não tiveram a oportunidade de tê-lo. Narizes arqueados, compridos, achatados, narinas largas ou estreitas: tudo seria facilmente corrigido sem deixar cicatrizes. Isto também ocorreria aos ventres volumosos, bustos mal conformados e rugas do rosto.⁵⁹⁰ Com o intuito de comprovar a extrema simplicidade das intervenções, informou que estas tinham duração de 30 a 40 minutos. Tão logo liberadas no consultório, imediatamente após o término da cirurgia, a paciente poderia retomar suas atividades diárias.⁵⁹¹ Antonio Pires usava exemplos bem convincentes para dissuadir as clientes de seus receios. Afirmou que o procedimento era tão indolor que certa vez, após 20 minutos do término de uma cirurgia, sua paciente sequer havia notado que a intervenção fora feita. Em outro caso, discorreu sobre uma mulher vinda de outra cidade que saiu apressada do consultório logo após ser operada para não perder o próximo vapor.⁵⁹²

A anestesia era local e feita com uma solução de novocaína e adrenalina. De modo geral, *a infecção nunca é observada*, garantiu.⁵⁹³ A vantagem da anestesia local, conforme ele, seria o fato de que a paciente permanecia no *inteiro domínio dos seus atos*, podendo conversar ou mesmo fumar durante a cirurgia.⁵⁹⁴ Outra narrativa transmitiu a ideia de que se tratava de um procedimento simples e trivial, trazendo à tona o seguinte depoimento de uma cliente: *Por que não operar as rugas assiduamente, uma vez que a cirurgia estética dá menos trabalho e é muito mais rápida que uma tintura de cabelos?*⁵⁹⁵ Diversas situações foram apresentadas para ressaltar a simplicidade de uma cirurgia para a retirada de rugas:

Entre os que trabalham não houve até hoje um só que faltasse um único dia ao emprego. Lembro-me de um caso bem sugestivo: operei às primeiras horas da manhã uma senhora vendedora numa casa comercial; depois do almoço, tendo necessidade de fazer umas compras dirigi-me por mero acaso ao estabelecimento em que essa senhora se achava trabalhando e ela, muito contente, silenciosamente e com um

⁵⁸⁹DR. PIRES, [s.d.], p. 102-104. Ver ainda: Idem, 1933, p. 83-84.

⁵⁹⁰Idem. *O Malho*, ed. 52, 31 maio 1934, p. 45.

⁵⁹¹Idem, op. cit., 109.

⁵⁹²Idem, op. cit., p. 96- 97.

⁵⁹³Idem, 1934, p. 45.

⁵⁹⁴Idem, [s.d.], p. 103.

⁵⁹⁵Idem, op. cit., p. 97.

sorriso nos lábios, demonstrou-me mais uma vez que as operações de rugas não prejudicam em absoluto as ocupações diárias.⁵⁹⁶

Abusando de estratégias para aumentar seu poder de convencimento, argumentou que preferia realizar suas operações uma hora antes do almoço ou do jantar a fim de provocar a admiração dos familiares que, durante as refeições, desejavam desvendar o mistério de um rosto enrugado que deu lugar a uma fisionomia rejuvenescida.⁵⁹⁷ Relato muito parecido foi feito pelo médico francês Victor Pauchet, em seu livro *Conservai a mocidade*, ao afirmar de forma bem-humorada ter conhecido muitas mulheres que, sem avisar aos seus maridos, operaram-se pela manhã e apareceram para almoçar com a fisionomia tão rejuvenescida que *alguns deles perderam o apetite, enquanto outros tiveram indigestão*. Adepto desse tipo de intervenção, Pauchet citou as cirurgias para a retirada de rugas, o conserto das bochechas e aquela que fazia subir os seios. Um benefício seria a possibilidade de realizar tais operações com anestesia local. O único inconveniente seria a necessidade de renová-las a cada três anos.⁵⁹⁸

Um concorrente de Antonio Pires no Rio de Janeiro, Nery Machado, pela imprensa da cidade de Vitória (ES), foi ainda mais ousado. Suas cirurgias estéticas poderiam ser realizadas na residência do paciente. Isto seria possível porque ele tinha seu próprio cronômetro, bisturi elétrico, pinças cutâneas delicadas, agulhas muito finas e tesouras especiais. Em sua opinião, o segredo para o sucesso da operação domiciliar seria o *rigor matemático*: um milímetro a mais ou a menos poderia comprometer o resultado final. *As suturas devem ser meticulosas*.⁵⁹⁹

Com o passar dos anos, Antonio Pires tornou-se bem mais cauteloso. Em 1937, ao discorrer sobre a correção cirúrgica da *papada*, recomendou o máximo cuidado no período pós-operatório, sobretudo em relação à cicatriz, a fim de evitar que esta ficasse evidente. *Por esse motivo convém que a operada não faça muitos movimentos com a cabeça durante os primeiros dias após a intervenção*, alertou.⁶⁰⁰ Outros médicos demonstraram prudência ainda maior. Para Desidério Stapler – que em 1930 teria aparecido em anúncio oferecendo seus serviços para a retirada de gordura excessiva do ventre – as cirurgias plásticas não seriam assim tão simples. O mesmo médico se revelou espantado por constatar as mulheres da *boa sociedade* tão acabrunhadas com seus seios flácidos que se sujeitariam a uma operação *relativamente grande e com todas as suas*

⁵⁹⁶DR. PIRES, op. cit., p. 100-101.

⁵⁹⁷Idem, op. cit., p. 101.

⁵⁹⁸PAUCHET, op. cit., p. 71-72.

⁵⁹⁹MACHADO, N. O combate à velhice. **Diário da Manhã**. Vitória (ES), ed. 3033, 7 out. 1932, p. 2.

⁶⁰⁰DR. PIRES. **O Malho**, ed. 196, 4 mar. 1937, p. 47.

consequências e cicatrizes.⁶⁰¹ Preferiam incorrer em tamanho risco a se submeterem aos estigmas da velhice.

A importância atribuída ao tamanho dos seios era uma questão muito relevante, conforme Antonio Pires. Em seu *Guia da beleza*, ensinou as leitoras a conferirem se era *normal* o tamanho de suas mamas: *as mãos da própria pessoa, com os dedos bem abertos e as extremidades repousadas sobre os contornos dos seios devem cobri-los completamente*. Exigente, completou esclarecendo que estes deveriam ser rijos, firmes e bem proporcionados.⁶⁰² Para ele, a tristeza absoluta que uma mulher sentiria por não se achar elegante com seios caídos ou volumosos quase sempre seria acompanhada por ideias suicidas. Garantiu que a cirurgia plástica não prejudicaria, em absoluto, a função de amamentar.⁶⁰³ Temia que essa preocupação também fosse capaz de afastar potenciais candidatas aos procedimentos estéticos. Em 1943, recomendou o uso de *hormo vivos*, um remédio que se apresentava em duas versões e era vendido em farmácias para o *embelezamento científico* dos seios. O *hormo vivos* nº 1 deveria ser empregado em caso de atrofia ou falta de firmeza. O *hormo vivos* nº 2 era ideal para mulheres que queriam diminuir o volume das mamas.⁶⁰⁴ Ainda na década de 1940, outro remédio similar recebeu o nome de *Tratamento Okasa*. De acordo com a propaganda, este possuía em sua composição hormônios frescos e vivos, extratos de glândulas endócrinas e vitaminas essenciais para que a mulher conservasse a *feminilidade, juventude, saúde, atração e beleza tão desejadas em todos os períodos da vida*.⁶⁰⁵

Ao analisar textos escritos por médicos europeus da década de 1930, Gilman Sander observou que os seios pequenos estariam mais em moda. Em sua opinião, ter seios flácidos e grandes eram uma condição associada à maternidade e ao primitivismo que se opunham à ideia da *mulher moderna*, cujo ícone seria o corpo esportivo aprovado pela medicina higienista.⁶⁰⁶ Já para a feminista Naomi Wolf, o avanço no processo da industrialização foi o que incentivou as mulheres a se liberarem da maternidade, castidade e passividade, que, por sua vez, estariam atreladas à *mística feminina da domesticidade*. Nesse contexto, conforme a citada autora, o *mito da beleza* assumiu cada vez mais espaço e passou a controlar as mulheres.⁶⁰⁷

Antes da cirurgia plástica e dos hormônios, um tratamento usado para aumentar o volume das mamas consistia na aplicação de sanguessugas de diferentes tamanhos, sendo as maiores

⁶⁰¹STAPLER, D. Considerações acerca da cirurgia estética. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10, 1934, p. 165-166.

⁶⁰²DR. PIRES, 1943, p. 190.

⁶⁰³Idem, [s.d.], 90-91.

⁶⁰⁴Idem, op. cit., p. 205.

⁶⁰⁵A MULHER de Paris e Londres. **Jornal da Mulher**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1610, 25 abril 1946.

⁶⁰⁶GILMAN, op. cit., p. 230.

⁶⁰⁷WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barcellos. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. p. 26-27.

colocadas estrategicamente para que os seios ficassem mais largos na base. Já no caso de mulheres com peitos muito volumosos, a ciência condenava métodos para comprimi-los. O ideal seriam as pomadas e pílulas de iodureto de potássio.⁶⁰⁸

Ainda com relação ao discurso de Antonio Pires, é arriscado tentar classificar com rigidez suas opiniões em diferentes fases, com o passar do tempo. Em 1937, por exemplo, quando já vinha demonstrando ser mais moderado e conservador conforme foi aqui apresentado, reassumiu ideias que defendia anteriormente, ao afirmar que as rugas seriam o principal indício da velhice e seu aparecimento deveria ser imediatamente combatido pelas mulheres cultas e inteligentes por meio da cirurgia estética porque a mulher precisaria ter um rosto agradável para triunfar na vida. No mesmo ano, embora estivesse se preparando para dar maior ênfase aos tratamentos conservadores, continuou a se apresentar como cirurgião plástico, conforme comprova o anúncio da *Revista Fon-Fon*, ocasião em que ofereceu seus serviços de cirurgia de seios e rugas da face.⁶⁰⁹

Se por um lado, oscilou sua visão sobre as cirurgias estéticas com o passar do tempo, por outro, houve aspectos que permaneceram cristalizados em seu discurso durante toda a sua trajetória. Eu me refiro primeiramente à disseminação de forte estigma contra as mulheres velhas. No livro *A arte de ser bela*, as cirurgias estéticas de rugas e seios mereceram um capítulo intitulado *Velhice e fealdade*, no qual foram expostos de forma explícita tais estigmas vigentes contra as mulheres velhas.⁶¹⁰ Em segundo lugar, ele sempre manteve a prescrição de hormônios como recurso para a beleza e o emagrecimento. O uso de aparelhos com supostas propriedades estimuladoras do rejuvenescimento também esteve presente no decorrer de toda sua carreira. Por último, ele sempre defendeu a juventude e a beleza como condição para aumentar as chances de se conseguir um emprego e de atingir a felicidade.

Antonio Pires possivelmente se sentia muito seguro ao realizar tratamentos à base de eletricidade, cremes e loções, duchas e pulverizações. Em 1936, garantiu que a velhice não deveria mais amedrontar o belo sexo porque a medicina resolveria o *ambicionado problema da juventude*.⁶¹¹ Na ocasião, vendia aparelhos vibradores que possuíam diversos acessórios, como peças de borracha dos mais variados modelos e fácil manejo para as mulheres usarem em casa. Alguns eram movidos a eletricidade, acondicionados em caixas portáteis. *Os aparelhos de alta frequência são chamados de raios violeta, pela luminosidade especial dos eletrodos*, escreveu.⁶¹²

⁶⁰⁸DEBAY, op. cit., p. 242-243.

⁶⁰⁹CIRURGIA estética. **Fon Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 15, 10 abril 1937, p. 57.

⁶¹⁰DR. PIRES, [s.d.], p. 83-109.

⁶¹¹Idem, **O Malho**, ed. 156, 28 maio 1936, p. 49.

⁶¹²DR. PIRES, **O Malho**, ed. 210, 10 jun. 1937, p. 39.

Todos estavam inseridos no novo *mercado de cuidados de beleza*, que conforme Georges Vigarello, teria surgido no início do século XX, na Europa.⁶¹³

Alguns tratamentos semelhantes aos aplicados com aparelhos usados por Antonio Pires foram preconizados pelo já mencionado austríaco Lorand.⁶¹⁴ Para ele, o raio ultravioleta seria ótimo para diminuir o volume do ventre, a obesidade pronunciada, a calvície e os cabelos brancos – fatores que tornariam mais evidentes a idade avançada. Ele também defendia as aplicações de lâmpada de quartzo associadas aos extratos de tiroide, glândula sexual e banhos. Submetidas a tais tratamentos, mulheres que já tinham parado de menstruar há algum tempo voltavam a sangrar.⁶¹⁵

Em 1934, a *Vida Doméstica* apresentou uma novidade para seus leitores. Tratava-se de um tratamento rejuvenescedor feito com um aparelho comercialmente chamado *Ressurrex*, que emanaria *radium*, provocando a radioatividade das águas que supostamente permitiria a cura termal. O produto já era comercializado na Europa e uma de suas vantagens seria a possibilidade do uso em ambiente doméstico. Alegava-se que não ofereceria risco, podendo ser usado em banhos de imersão ou vapor com auxílio de um gerador. Conforme a propaganda, a irradiação secundária em doses muito fracas fortificaria as células, além de reestabelecer o funcionamento das glândulas endócrinas enfraquecidas e tonificar os músculos. Depois de um curto período de tempo, o resultado alcançado seria o tão sonhado rejuvenescimento.⁶¹⁶

Pelo menos até o final da década de 1950, a venda de aparelhos como vibradores, aparelhos de rolo e bola para a massagem facial e demais equipamentos fabricados com a intenção de rejuvenescer a mulher foram incentivados por Antonio Pires. Em um livro de sua autoria publicado em 1959, apresentou com detalhes o uso desses aparelhos aliados a cosméticos específicos para rejuvenescer os seios por meio de métodos caseiros que incluíam das massagens manuais à hidroterapia. Esta última consistia na aplicação de compressas com água fria ou quente, fricção com esponja e ducha com jato fino e forte por meio de um tubo de borracha ligado à torneira.⁶¹⁷

No final da década de 1950, muitos tratamentos fisioterápicos também foram associados ao uso de eletricidade. Alguns deles se destinavam ao rejuvenescimento dos seios: a ionização, que possibilitaria a penetração na pele de medicamentos por intermédio de corrente galvânica e eletrodos; a faradização, que dependia da corrente elétrica para promover a *ginástica passiva*; os aparelhos de alta frequência (raios violeta); as ventosas de vidro ou metal, que supostamente

⁶¹³VIGARELLO, op. cit., p. 139.

⁶¹⁴LORAND, 1933, p. 41.

⁶¹⁵Idem, op. cit., p. 226-227.

⁶¹⁶NOVIDADES terapêuticas. Uma nova utilização das maravilhosas propriedades do *radium*. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 198, set. 1934.

⁶¹⁷DR. PIRES, 1959, p. 79,-87.

produziriam aumento da circulação sanguínea; as aplicações de ultrassom; e os raios infravermelhos. Sempre atento às novidades da época, Antonio Pires não negligenciou as injeções de placenta humana e os tratamentos hormonais.⁶¹⁸

As cirurgias de retirada de gordura também eram realizadas na década de 1930 por Antonio Pires. Para ele, um ventre volumoso poderia ser operado facilmente, sendo possível dele retirar dois ou mais quilos de gordura de uma só vez.⁶¹⁹ Anos depois, no entanto, foi mais moderado e passou a defender como bastante eficaz contra a obesidade o tratamento com opoterápicos associado aos banhos de luz empregados no corpo todo ou em áreas específicas.⁶²⁰

Algumas dicas de beleza dadas por Antonio Pires eram bem acessíveis e serviam ao público feminino de todas as idades, como o conselho de friccionar o corpo após o banho de oito a 20 minutos até que a pele ficasse avermelhada a fim de conservar o vigor dos tecidos. Outro conselho sem distinção de idade seria a vitalização da pele por meio de um aparelho comercializado com o nome de *dermo vitalizador* (Figura 22). Tratava-se de um artefato usado para dar leves batidas em diferentes regiões da face com o propósito de evitar o surgimento de rugas e papadas.⁶²¹

Mulheres de todas as faixas etárias e diferentes condições sociais passaram a ser vistas como potenciais clientes por Antonio Pires. Para ganhar a fidelidade das mais jovens, alertava para as consequências desastrosas caso a massagem preventiva das rugas fosse feita por pessoas desconhecedoras da anatomia humana.⁶²² O mesmo afirmou outro cirurgião da época, João Paulo Vieira, que advertiu para o perigo das massagens feitas em institutos de beleza visando à retirada da formação de gordura na região do pescoço, as temidas papadas. Na opinião deste último, as massagens sem orientação médica poderiam distender os tecidos da pele, resultando em danos tão profundos que só seriam revertidos cirurgicamente.⁶²³

Ao contrário de quando defendeu que a cirurgia fosse feita em larga escala, citando, por exemplo, datilógrafas e balconistas, Antonio Pires passou a falar com mais prudência sobre a melhor forma de tratamento. Em 1937, escreveu que antes de aceitar fazer uma cirurgia plástica, investigava a condição social, profissão e outros aspectos inerentes à vida da paciente. Com exceção dos casos em que a *desgraça física* fosse patente, costumava refletir cuidadosamente se haveria mesmo a necessidade de operação. Tudo dependeria das circunstâncias, porém a cirurgia estética seria absolutamente necessária em certas profissões como as atrizes de teatro, que poderiam ter sua

⁶¹⁸DR. PIRES, op. cit., p. 84-93.

⁶¹⁹Idem. A ciência da beleza: cirurgia estética. **Diário de Pernambuco**, Recife, PE, ed. 288, 27 dez. 1934, p.4.

⁶²⁰Idem, **O Malho**, ed. 237, 16 dez. 1937, p. 40.

⁶²¹Idem, 1943, p. 7-80.

⁶²²DR. PIRES, **O Malho**, ed. 155, 21 maio 1936, p. 48.

⁶²³VIEIRA, op. cit., p. 116.

Figura 22 – Dermo vitalizador sugerido pelo Dr. Antonio Pires para evitar o surgimento de rugas e papadas.



1.º) Testa:
(usar a parte oval do
Dermo Vitalizador)

Fig. 1



2.º) Olhos e pálpebras:
(usar a parte oval do
Dermo Vitalizador)

Fig. 2



3.º) Face:
(usar a parte triangular do
Dermo Vitalizador)

Fig. 3



4.º) Pescoço e papada
(usar a parte triangular do
Dermo Vitalizador)

Fig. 4

carreira prejudicada por uma elevação da ponta do nariz, por exemplo. Na contramão do que costumava afirmar no início da década de 1930, criticou ainda os indivíduos com *mania da operação*, ao preveni-los de que nem sempre haveria necessidade de cirurgia. Em sua opinião, muitas vezes *palavras razoáveis* ditas pelo médico valeriam mais do que uma intervenção estética⁶²⁴.

Com o tempo, oscilou entre a ousadia e a prudência. Nos momentos em que demonstrou ser mais conservador, possivelmente estaria descrente ou até temeroso dos resultados decorrentes das operações plásticas em determinadas pacientes. Conforme foi demonstrado, em certas ocasiões pareceu privilegiar o uso de cosméticos e aparelhos eletrônicos. Porém, nunca deixou de acreditar nos tratamentos hormonais e nas cirurgias estéticas.

O rejuvenescimento visto como uma necessidade foi um aspecto bem evidente nos escritos de Antonio Pires. Ainda no ano de 1931, por ocasião de suas primeiras aparições na imprensa carioca, fez por duas vezes uso da palavra *necessidade* para se referir ao rejuvenescimento no âmbito do universo feminino.⁶²⁵ Em outra oportunidade, ao tentar persuadir as mulheres que temiam o bisturi, reafirmou a seguinte opinião:

Por mais frequentes que essas operações se tornaram nesses últimos anos, não deixam de assustar ainda muitas faceiras, que morrem de vontade de fazer subir a pele do pescoço destendida ou de fazer suprimir certas rugas do rosto, mas que não ousam.

É preciso compreender as novas **necessidades** de nosso meio social na atual civilização para ver que é natural essa corrente em favor da cirurgia estética que se nota em toda parte do mundo [...].

As operações de pura estética são inúmeras atualmente; por essa razão não é mais permitido viver-se com um nariz ridículo nem com grandes orelhas descoladas.⁶²⁶

Em tudo estava implícito o estigma contra as mulheres velhas pelo fato de serem enrugadas. Em 1933, publicou um artigo na imprensa paulistana oferecendo seus serviços como cirurgião plástico às idosas, garantindo que haveria meios de *fazer desaparecer por completo a velhice* pela operação plástica.⁶²⁷ Em outra ocasião, foi incisivo ao afirmar que conservar a beleza seria um dever, não um simples capricho: *é uma questão de asseio e quem não quiser cuidar do corpo pratica uma falta elementar de higiene*. Deixou claro que a fealdade pesaria de um modo definitivo sobre a vida e a felicidade das pessoas e que, ao contrário de antigamente, não seriam apenas os *ricos* os únicos a se preocuparem em aparentar juventude, pois muitas profissões exigiam fisionomias

⁶²⁴DR. PIRES, **O Malho**, ed. 219, 12 ago. 1937, p. 39.

⁶²⁵VIDA.... **Vida doméstica**, ed. 159, junho 1931. Seis meses depois, a ideia da “necessidade” apareceu presente no discurso do médico conf. Os meios certos para adquirir beleza. **Beira-Mar; Copacabana, Ipanema, Leblon**. Rio de Janeiro, RJ, ed. 253, 1 fev. 1931, p. 7.

⁶²⁶PRECEITOS de higiene. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 17, 8 abr. 1933.

⁶²⁷A CIÊNCIA da beleza. **Gazeta Popular**. São Paulo, SP, ed. 776, 11 ago. 1933, p. 3.

jovens e alegres, que eram inacessíveis aos feios.⁶²⁸ Assim, a felicidade estaria na própria beleza e a mulher enrugada, por sua vez, em todos os lugares onde estivesse, seria vencida inevitavelmente mesmo tendo outros predicados.⁶²⁹

Ainda com relação ao binômio opondo beleza e juventude à fealdade e velhice, os livros de autoria de Antonio Pires disseminaram fartamente uma série de estigmas relacionados às mulheres velhas. Ele partia do princípio de que a fealdade seria *o maior dos males existentes sobre a terra*, sendo a cirurgia estética a única forma de atenuar as *desgraças físicas*.⁶³⁰ Em *A arte de ser bela*, associou o surgimento das rugas ao fim da vida e ao fracasso:

Para a mulher, não há coisa pior do que a velhice. A ruga é o sinal de que se vai perdendo a mocidade e a prova indiscutível de que a formosura, o encanto, enfim a própria vida, já se vão passando.

A mulher não só para triunfar como também para viver precisa de um rosto agradável, sabido que a felicidade está na própria beleza e uma mulher feia, em todos os lugares onde estiver, será vencida inevitavelmente por outra mais formosa e mais jovem em quaisquer condições. É um verdadeiro combate e sempre a mulher sem atrativos perde [...].⁶³¹

Nesse trecho é interessante notar como as mulheres feias e as belas foram colocadas em situação de rivalidade ou combate, sendo que as vencedoras sempre seriam as segundas. A este respeito encontrei uma referência com comentário jocoso ao contrapor jovens e velhas, na qual se afirmava que a verdadeira amizade entre duas mulheres só ocorreria caso uma delas fosse feia ou velha.⁶³² Em seus escritos, Antonio Pires reforçou essa dicotomia e, principalmente, a ideia de rivalidade entre mulheres de diferentes faixas etárias, quando comentou sobre uma senhora livre das rugas que ele teria encontrado dançando alegremente e causando inveja pelo rosto rejuvenescido.⁶³³ Anos depois, realimentou tal convicção, ao afirmar que entre duas pessoas em igualdade de condições, venceria, em qualquer hipótese, sempre a mais bela.⁶³⁴

Em seu discurso, frequentemente justificou que a cirurgia estética não seria uma questão de vaidade nem futilidade, mas sim de sobrevivência.⁶³⁵ Premissa semelhante foi usada por David Adler, que atuou nessa época, ao escrever que o ato de *sair de casa para ganhar a vida criou a necessidade de parecer mais jovem e mais bem apresentada*.⁶³⁶ Esher seguiu o caminho dos dois, pois entendia que a cirurgia da retirada das rugas seria uma necessidade que já estava entrando nos

⁶²⁸DR. PIRES, **O Malho**, ed. 164, 23 jul. 1936, p. 48.

⁶²⁹Idem, **O Malho**, ed. 209, 3 jun. 1937, p. 39.

⁶³⁰Idem, op. cit., 85.

⁶³¹DR. PIRES, op. cit., p. 93.

⁶³²S/t. **Fon-Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 53, 30 dez. 1916.

⁶³³DR. PIRES, [s.d.], p. 96.

⁶³⁴Idem, **O Malho**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 190, 21 jan. 1937, p. 49.

⁶³⁵Idem, [s.d.], 85-86.

⁶³⁶ADLER, op. cit., p. 75.

domínios da *exigência social*. Diante do fato de que a competição seria uma situação muito frequente em pessoas de todas as classes sociais, sustentou que os dotes físicos e intelectuais seriam determinantes para a vitória. E afirmou: *Para que uma senhora vença na sociedade precisa ser jovem ou pelo menos aparentar juventude*.⁶³⁷ Interessante observar que este último diferiu de seus pares quando se referiu aos dotes intelectuais.

Uma informação duvidosa dada por Antonio Pires teria sido a de que de um total de mil pacientes por ele operadas no Brasil, 94% tinham na questão profissional o único motivo pela procura da cirurgia plástica. Comentou que 4% das clientes que optaram pela operação plástica eram senhoras casadas com homens que aparentavam ser mais jovens. Enquanto isso, nos 2% restantes nunca encontrou alguma mulher que optasse pela cirurgia estética *com o intuito de arranjar casamento ou coisa semelhante*.⁶³⁸ Tudo indica que fez este comentário para transmitir a impressão de que grande número de mulheres seriam adeptas das operações. Ao mesmo tempo, quis combater o preconceito que relacionaria a cirurgia estética à busca pelo casamento, o que provavelmente seria uma estratégia indigna perante a sociedade.

Por meio do discurso de outros médicos da geração de Antonio Pires foi possível identificar variadas formas de preconceito sofrido por mulheres desejosas da cirurgia plástica. *O medo de que os outros viessem a saber seria o mais difícil de ser vencido*, conforme Esher. No entanto, explicou que este seria facilmente dominado quando as mulheres soubessem que o próprio curativo é inteiramente encoberto pelos cabelos. Para encorajá-las, explicou que o medo dos preconceitos não deveria existir em uma época em que cada um para vencer deveria se apresentar com personalidade própria e independente.⁶³⁹ A mesma observação foi feita por David Adler, inconformado com o que chamou de *ridículo preconceito*. Em sua opinião, a operação das rugas deveria ser tão natural quanto colocar um pivô ou fazer uso de cremes e massagens.⁶⁴⁰ Roberto da Silva Freire lamentou que muitas de suas pacientes exigiam sigilo da cirurgia e com isso não permitiam a divulgação fotográfica. O receio era tão grande que algumas preferiam se operar na Europa ou nos Estados Unidos. Ao retornarem ao Brasil, atribuíam a aparência remoçada aos efeitos do clima e da viagem.⁶⁴¹ Já Antonio Pires divulgou fotografias de alguns pacientes, antes e após a cirurgia, utilizando tarjas nos olhos para ocultar suas identidades.⁶⁴²

⁶³⁷CLÍNICA de beleza: as rugas. **A Cigarra**. São Paulo, SP, ed. 3, 1934, p. 116-117.

⁶³⁸DR. PIRES, [s.d.], p. 100-101, 107-108.

⁶³⁹ESHER, G. C. Clínica de beleza: as rugas. **A Cigarra**. São Paulo, SP, ed. 3, 1934, p. 116, 117.

⁶⁴⁰ADLER, op. cit., p. 74-76.

⁶⁴¹EM BUSCA da beleza eterna... **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 5819, 31 jan. 1928, p. 1.

⁶⁴²DR. PIRES, op. cit., p. 118-123.

Reafirmo que Antonio Pires sempre associou a cirurgia estética ao sucesso profissional. Utilizando supostas estatísticas, ressaltou que 94% das mulheres operadas em seu consultório eram *datilógrafas, empregadas e auxiliares de casas comerciais, governantes, atrizes e modistas que estavam na iminência de perderem seus empregos caso o aspecto de seus rostos traísse a idade que realmente possuíam*. Registrou que quase 60% das mulheres tomaram a decisão de fazer cirurgia plástica por medo de perder o trabalho ou com a intenção de encontrar emprego.⁶⁴³ Interessante notar que não se reportou a um ofício que naquela época se firmava como bastante atraente para as mulheres, qual seja, o de professora, considerada uma profissão digna para aquelas com educação e algum *status*. Conforme June Hahner, desde o final do século XIX, houve no Brasil aumento significativo de professoras primárias, diretoras de escolas e também daquelas que atuavam no ensino das escolas normais.⁶⁴⁴ Acredito que a omissão dessa categoria por Antonio Pires se justificaria pelo fato de que o exercício do magistério não exigia a necessidade de uma boa aparência, ao contrário das trabalhadoras que ocupavam cargos em contato direto com o público.

Aqui é importante refletir sobre os motivos que levaram Antonio Pires, ao que tudo indica, a manipular as estatísticas anteriormente apresentadas. No início do século XX, as mulheres de camada social mais privilegiadas ainda eram educadas para ser boas mães e esposas, enquanto as mais humildes eram procuradas para os serviços domésticos. Ao pesquisar sobre a emancipação da mulher no Brasil, June Hahner observou que, por volta de 1930, as mulheres formavam claramente um dos maiores grupos de trabalhadoras em escritórios, repartições públicas e companhias telefônicas. Já as balconistas frequentemente mencionadas recorriam ao comércio varejista pensando tratar-se de alternativa mais atrativa do que as fábricas, porém todas tinham uma jornada de trabalho exaustiva. O certo era que os salários em empregos dos *setores médios* eram superiores aos da classe operária. Embora as ocupações em escritórios tenham dado às solteiras jovens alguma renda e liberdade social, raramente elas continuavam a trabalhar depois do casamento.⁶⁴⁵ *Lugar de mulher é em casa*. Essa espécie de mantra infelizmente ainda permanece até os dias atuais entre as mulheres das camadas mais privilegiadas. Desconheço estatística sobre o número de executivas que abandonam seus lucrativos empregos para se dedicarem à vida doméstica, mas frequentemente o assunto é tratado pela imprensa.⁶⁴⁶

⁶⁴³DR. PIRES. *O Malho*, ed. 188, 7 jan. 1937, p. 49.

⁶⁴⁴HAHNER, J. E. **Emancipação do sexo feminino**. A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Tradução Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 203-205.

⁶⁴⁵Idem, op. cit.

⁶⁴⁶Ver, por exemplo: LAVEMBEBE. **Mães que abrem mão da carreira para cuidar exclusivamente dos filhos**: cada vez mais uma tendência. 2022. Disponível em: <https://lavembebe.com.br/blog/maes-abrem-mao-da-carreira-para-cuidar-dos-filhos/#:~:text=A%20secret%C3%A1ria%20executiva%20Fernanda%2C%20de,quando%20engravidou%20do%20segundo%20filho>. Acesso em: 24 set. 2022.

Ao tratar sobre as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, Maria Izilda Matos e Andrea Borelli comentaram que a participação feminina no *setor terciário* teve início na década de 1920. Para elas, o crescimento do varejo ampliou a procura por balconistas, que tinham uma possibilidade de trabalho bem mais atraente que o fabril, embora com baixa remuneração. O mesmo teria ocorrido com as datilógrafas e secretárias atuantes nos escritórios, bem como com as operadoras de telégrafo, telefonia, contabilidade e guarda-livros, entre outros novos postos de trabalho que se abriram na época.⁶⁴⁷ A remuneração dessas mulheres era baixa, conforme as autoras. Então, como compreender a insistência de Antonio Pires em se referir a essas mulheres como suas pacientes?

Conforme um anúncio de 1933, um emprego de datilógrafa ofereceu ordenado inicial de 160\$000 e de 150\$000 para uma telefonista. No mesmo ano, uma datilógrafa que falasse corretamente o inglês receberia 350\$000 mensais.⁶⁴⁸ Outro anúncio do mesmo ano apontou ordenado mensal de 400\$000 para *moça ou senhora ativa e desembaraçada*. Conforme um jornal de 1936, o salário inicial de uma datilógrafa seria de 200\$000.⁶⁴⁹ Comparativamente, no mesmo ano, anúncios de cozinheira apresentaram ordenados de \$100 e \$150.⁶⁵⁰ À primeira vista, os apelos de Antonio Pires para atrair a clientela composta de mulheres de baixa renda eram viáveis. Entretanto, é preciso admitir que desconheço as formas de pagamento por ele estabelecidas. Talvez tenham prevalecido as cirurgias pagas mensalmente por meio de crédito em longo prazo, isto é, o pagamento por uma espécie de promissória. Este seria um mercado em expansão.

Vigarello pesquisou sobre preços de operações plásticas na Europa. A de nariz teria sido calculada em 4 mil francos, enquanto o salário de uma datilógrafa seria de 1.200 francos, em 1934. Ao comentar sobre esse tipo de procedimento na década de 1910, ressaltou as aspirações populares e o nascimento de uma demanda pela estética corporal. Provavelmente referindo-se ao fato de que a cirurgia estética só foi possível graças às cirurgias reparadoras iniciadas com a Primeira Guerra Mundial. Vigarello comentou ainda que *é de reparação de que ainda fala nos anos 1910*.⁶⁵¹ Na França, a Sociedade Científica de Cirurgia Reparadora, Plástica e Estética foi fundada em 1930.⁶⁵² No Brasil, a institucionalização da especialidade se deu dez anos depois, em 1940. Entretanto,

⁶⁴⁷MATOS, M.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSK, C.; PEDRO, J. (Orgs.); **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126-147.

⁶⁴⁸DATILÓGRAFA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 185, 6 ago. 1933, p. 42. Ver também: “Empregos diversos”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 245, 15 out. 1933, p. 2.

⁶⁴⁹DATILÓGRAFA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 203, 27 ago. 1933, p. 45. Ordenado 400\$000. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 240, 10 out. 1933, p. 31. Ver também: Anúncio datilógrafa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 226, 22 set. 1936, p. 32.

⁶⁵⁰ANÚNCIOS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 297, 15 dez. 1936, p. 2.

⁶⁵¹VIGARELLO, op. cit., p. 140.

⁶⁵²S/a. Notas e informações. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 22, 1930, p. 610.

juntamente com o nascimento das operações estéticas no Brasil, além do desafio inicial de popularizar este tipo de procedimento e convencer a clientela a vencer seus medos e inseguranças, uma série de outros problemas também precisaram ser enfrentados pelos médicos.

Uma última observação sobre Antonio Pires foi que encontrei apenas dois trabalhos publicados na atualidade mencionando seu nome e de forma superficial e contendo informações erradas. Em um deles, a pesquisadora Denise Bernuzzi de Sant`Anna, ao comentar sobre a atuação desse médico, levantou a hipótese de charlatanismo, ao afirmar: *charlatanismo ou não, as cirurgias aconselhadas por Pires incluíam um poderoso e sedutor argumento: os sofrimentos resultantes da falta de beleza não tinham mais razão de existir.*⁶⁵³ Os primeiros cirurgiões plásticos que se dedicaram à estética como foi o caso de Antonio Pires foram duramente criticados e até desmerecidos por médicos de outras especialidades que eram conservadores e se opuseram às cirurgias com finalidade de rejuvenescimento. Porém, acredito que o conceito de charlatanismo não se aplicaria a Antonio Pires. Conforme a historiadora Liane Maria Bertucci, os charlatães geralmente eram *homens e mulheres que se diziam ser possuidores de dons capazes de trazer a cura física e espiritual. Em certos casos, prometiam acabar com doenças incuráveis, bem como atuavam em outras questões como arranjar casamentos.* Ainda conforme a autora, rituais também poderiam estar ligados ao processo de cura dos charlatães, que eram considerados enganadores e por diversas vezes foram perseguidos pelos órgãos oficiais de saúde.⁶⁵⁴ Antonio Pires não se enquadrava absolutamente em nenhuma das definições aqui apresentadas.

Outro trabalho que citou o nome de Antonio Pires foi a tese de Livre Docência de Marta Rodrigues Maffei Moreira. A autora afirmou que este médico estabeleceu no Rio de Janeiro uma clínica sob o título de Academia Científica de Beleza, tendo se dedicado mais à dermatologia estética e realizado alguns procedimentos cirúrgicos.⁶⁵⁵ Para esta informação, a autora utilizou como fonte um texto disponibilizado pela Sociedade Brasileira de História da Medicina.⁶⁵⁶ Sobre a afirmação desta autora é importante observar dois aspectos. Primeiramente, a Academia Científica de Beleza não era de propriedade de Antonio Pires, mas tratou-se de um instituto de beleza pertencente à farmacêutica portuguesa Inácia Camila de Oliveira Campos, mais conhecida como

⁶⁵³SANT`ANNA, D. B. **História da beleza no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 2014. p. 87.

⁶⁵⁴BERTUCCI, L. Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, S. *et al.* (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Unicamp, 2003. p. 214-218.

⁶⁵⁵MOREIRA, M. R. M. **Cirurgia estética em menores**: capacidade e consentimento. 2016. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2016. Sobre outros trabalhos que mencionaram os mesmos erros sobre a vida de Dr. Pires, conf. MARTIRE JUNIOR, L. **História da cirurgia plástica brasileira**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://sbhm.webnode.com.br/products/historia-da-cirurgia-plastica>. Acesso em: 11 set. 2020. WOLFENSON, M. **Um século de cirurgia plástica no Brasil**. Porto Alegre: Imagens da Terra, 2005. LOEB, op. cit., p. 124.

⁶⁵⁶MARTIRE JUNIOR, op. cit.

madame Campos, mãe do cirurgião plástico Fausto Campos, que era concorrente de Antonio Pires.⁶⁵⁷ O anúncio a seguir é um entre diversos que apareceram nos jornais entre as décadas de 1920 e 1930 (Figura 23).

Figura 23 – Anúncio do instituto de beleza de Inácia Camila de Oliveira Campos.



Fonte: **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 133, abril 1929, s/p.

O segundo aspecto a ser observado é que, embora com o passar do tempo Antonio Pires tenha oscilado entre os procedimentos estéticos não invasivos e as cirurgias plásticas, é improvável que ele tenha realizado apenas *algumas cirurgias* conforme escreveu Marta Rodrigues Maffei Moreira. Há documentos que apontam o contrário. O médico David Adler, por exemplo, afirmou ter assistido a intervenções para a eliminação de rugas e de cicatrizes praticadas por Antonio Pires.⁶⁵⁸ Longe de ter feito apenas *algumas cirurgias*, há fotos do médico realizando tais procedimentos, bem como livros de sua autoria e propagandas em jornais locais em que ele se apresentava como cirurgião plástico, sobretudo no período entre 1930 e 1940. No livro *A arte de ser bela*, divulgou fotografias de pacientes antes e depois de suas cirurgias, bem como de imagens ilustrando procedimentos de anestesia, corte da pele e repuxamento (Figura 24).⁶⁵⁹

Possivelmente, o nome do Antonio Pires foi sendo esquecido e a ele foram atribuídas informações deturpadas como as mencionadas anteriormente por causa da publicação de obras a partir da década de 1970 e que se dedicaram a construir uma memória da cirurgia plástica no Brasil priorizando a atuação dos cirurgiões que se firmaram em São Paulo. Desta forma, a informação errada sobre Antonio Pires ter sido o proprietário da *Academia Científica de Beleza* provavelmente teve início quando Claudio Rebello e Talita Franco escreveram equivocadamente que ele *abriu na Avenida Rio Branco a Academia Científica de Beleza*.⁶⁶⁰ Os dois autores também se referiram a ele de forma jocosa ao afirmar que por muito tempo ele foi chamado de *o maluco da avenida*, em

⁶⁵⁷A ACADEMIA científica de beleza de Madame Campos. **Ilustração Brasileira** (FRA), ed. 203, março 1952, p. 230.

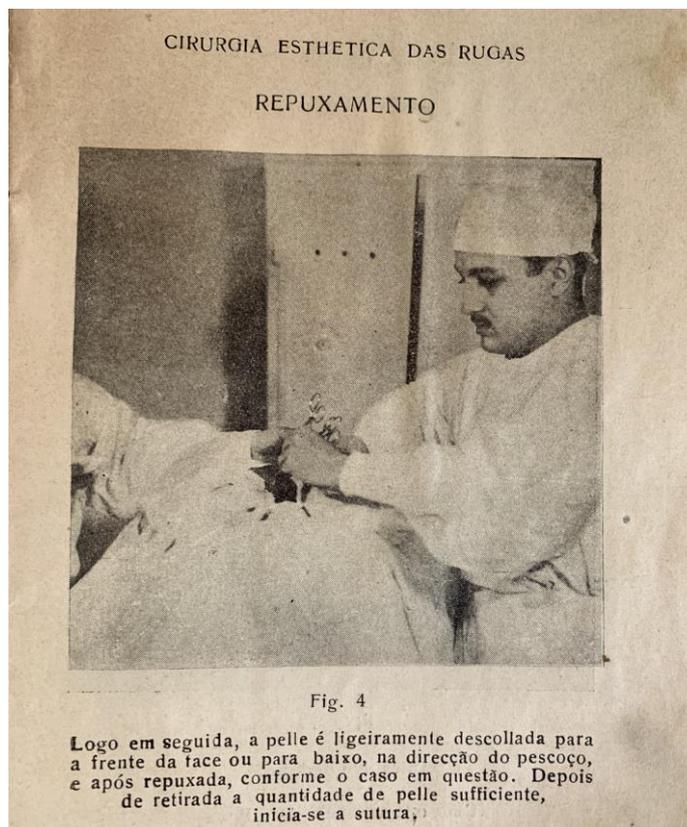
⁶⁵⁸ADLER, op. cit. p. 58.

⁶⁵⁹DR. PIRES, [s.d.], p. 111-123. Ver capítulo intitulado “Cirurgia estética das rugas (preparativos, anestesia, corte da pele, repuxamento, resultados)”.

⁶⁶⁰FRANCO, T.; REBELLO, C. **Cirurgia estética**. Rio de Janeiro; São Paulo: Atheneu: 1977. p. 6.

alusão a uma peça que então era estrelada pelo ator Procópio Ferreira.⁶⁶¹ Em minhas pesquisas nos periódicos, não consegui localizar nenhuma referência nesse sentido.

Figura 24 - Procedimento de repuxamento realizado pelo Dr. Antonio Pires.



Fonte: DR. PIRES. A arte de ser bela, [s.d.], p. 117.

4.4 JOSÉ REBELLO NETTO: DE MÉDICO LEGISTA A PAI DA CIRURGIA PLÁSTICA BRASILEIRA

José Rebello Netto defendeu sua tese intitulada *Cirurgia estética*, em 1915. De acordo com Talita Franco e Claudio Rebello, ele atuou como cirurgião geral até 1929 e a partir do ano seguinte passou a trabalhar como cirurgião plástico, precisamente quando retornou de uma viagem à Europa, na qual participou de cursos ministrados por Joseph.⁶⁶² Os dois autores omitiram da biografia sua atuação como médico legista. Em minhas pesquisas nos periódicos, não encontrei qualquer referência a José Rebello Netto em seu início de carreira como cirurgião geral, mas sim como médico legista. Na imprensa paulistana, encontrei seu nome pela primeira vez em 1916, quando foi

⁶⁶¹FRANCO, 1977, p. 6.

⁶⁶²Idem, op. cit., p. 5.

nomeado interinamente para exercer o cargo de médico legista no lugar de José Libero, que entrou de licença por dois meses, conforme nota publicada em *A Gazeta*.⁶⁶³

Entre 1916 e 1930, seu nome continuou aparecendo nos jornais em notícias referentes ao seu trabalho como médico legista, fazendo autópsias em cadáveres como o de uma mulher⁶⁶⁴, um suicida⁶⁶⁵ e de vítimas de um acidente de carro.⁶⁶⁶ José Rebello Netto também apareceu na imprensa médica da década de 1920 como médico legista que ocupava o cargo de segundo secretário na Sociedade de Medicina Legal e Criminologia.⁶⁶⁷ Em 1930, ainda ligado à medicina legal, apresentou seu trabalho intitulado *Defesa da propriedade e polícia científica* durante o 2º Congresso Latino-Americano de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em São Paulo.⁶⁶⁸

De acordo com a historiadora Nancy Stepan, a medicina legal foi uma especialidade muito propícia ao desenvolvimento da eugenia no Brasil. A relação entre crime e questões raciais e eugênicas estavam normalmente atreladas à mentalidade dos médicos e juristas que atuavam em faculdades de medicina onde se estabeleceram cátedras e institutos de medicina legal, a partir da década de 1920.⁶⁶⁹ Este pode ter sido o motivo para que Talita Franco e Claudio Rebello tenham omitido da biografia de José Rebello Netto sua atuação como médico legista.

Em abril de 1930, quando outros cirurgiões plásticos mencionados anteriormente já ofereciam seus serviços pelos jornais – a exemplo de Roberto da Silva Freire, Renato Brancarte Machado, Jayme Poggi, Egas Duarte, Antônio Pires e Sebastião César da Silva – o médico José Rebello Netto começou a trabalhar como cirurgião plástico em São Paulo, conforme seu próprio relato: *O meu Serviço na Santa Casa foi iniciado em 1930, no reinado de Schmidt Sarmento. Com a saída deste, assumiu o seu lugar o dr. Mário Ottoni de Rezende, com quem continuamos.*⁶⁷⁰ O Serviço de Otorrinolaringologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo passou a ser chefiado por Adolpho Schmidt Sarmento (1883-1939), em 1929.⁶⁷¹

⁶⁶³GABINETE Médico Legal. *A Gazeta*. São Paulo (SP), ed. 3273, 26 dez. 1916, p.3.

⁶⁶⁴Em Atibaia, uma mulher assassina outra a tiros de revólver. *A Gazeta*. São Paulo (SP), ed. 3350, 28 mar. 1917, p. 3.

⁶⁶⁵SUICÍDIO. *A Gazeta*. São Paulo (SP), ed. 3367, 18 abril 1917, p. 3.

⁶⁶⁶GRAVE desastre de automóvel. *A Gazeta*. São Paulo (SP), ed. 7900, 2 jun. 1932, p.8.

⁶⁶⁷NOTAS e Informações. Estado de S. Paulo. Sociedade de Medicina Legal e Criminologia. *O Brasil-Médico*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 48, 1927, p. 1270.

⁶⁶⁸2º CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA E MEDICINA LEGAL. *O Brasil-Médico*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 35, 1930, p. 987.

⁶⁶⁹STEPAN, N. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Tradução Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 60.

⁶⁷⁰REBELLO NETTO apud. LOEB, op. cit., p. 63.

⁶⁷¹Begliomini, H. *Adolpho Schmidt Sarmento*. São Paulo: Academia de Medicina de São Paulo. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/3/BIOGRAFIA-ADOLPHO-SCHMIDT-SARMENTO.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

De acordo com o pesquisador Raul Loeb, os *defeitos nasais* de leishmaniose e lábios leporinos eram os principais casos atendidos no Serviço onde atuava José Rebello Netto.⁶⁷² Tudo indica que até então o médico ainda não realizava cirurgias plásticas estéticas, embora um único anúncio de José Rebello Netto tenha sido publicado em 1932 (Figura 25).

Figura 25 – Anúncio de cirurgias plásticas estéticas realizadas por José Rebello Netto.



Fonte: INDICADOR Médico. Operadores. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo (SP), ed. 19.122, 22 mar. 1932, p. 10.

O Serviço de Cirurgia Plástica foi criado somente em 1938, no Pavilhão Conde Lara, na Santa Casa de São Paulo.⁶⁷³ Dessas informações é possível deduzir que José Rebello Netto não começou trabalhando com estética, mas sim com cirurgias plásticas restauradoras. Importante registrar que no ano anterior, em 1937, Antonio Pires havia comentado sobre aumento de médicos especialistas em cirurgia estética.⁶⁷⁴ A cidade de São Paulo provavelmente já começava a se destacar perante o Rio de Janeiro no campo da cirurgia plástica estética.

Somente em 1941, por ocasião do 1º Congresso Latino-Americano de Cirurgia Plástica, foi que o nome de José Rebello Netto passou a aparecer com mais intensidade na imprensa, desta vez ligado exclusivamente à cirurgia plástica. Na época, apresentou três trabalhos sendo um deles sobre cirurgia do lábio leporino, proteção do operador contra os gases anestésicos e uma bibliografia latino-americana de cirurgia plástica.⁶⁷⁵ Dois anos depois, em 1943, José Rebello Netto voltou a

⁶⁷²LOEB, op. cit., p. 63.

⁶⁷³Idem, op. cit., p. 63.

⁶⁷⁴DR. PIRES, *O Malho*, ed. 225, 23 set. 1937, p. 40.

⁶⁷⁵DR. J. REBELLO NETTO (SP). *O Brasil-Médico*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 33, 16 ago. 1941, p. 573.

apresentar um trabalho sobre tema relacionado à cirurgia plástica.⁶⁷⁶ Em 1951, deu uma entrevista opinando sobre a realização de uma operação plástica no campo da ortopedia.⁶⁷⁷

O fato de estar à frente da fundação da Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica e da criação da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica contribuiu para que José Rebello Netto ficasse reconhecido como o *pai da cirurgia plástica brasileira*. Claudio Rebelo e Talita Franco justificaram o título pelo *pioneirismo indiscutível* do médico.⁶⁷⁸ Já Moisés Wolfenson explicou o epíteto pela qualidade da tese defendida pelo médico em sua formatura, quando demonstrou *preocupação com a estética que demanda de qualquer prática cirúrgica*.⁶⁷⁹ Denise Bernuzzi de Sant'Anna foi outra autora a elogiar a tese de Rebello Netto, apresentada em 1915, afirmando que essa tese iniciou *uma nova fase da história dessa especialidade*:

Em 1915, a obra de José Rebello Neto, intitulada Cirurgia Estética, teve o mérito de iniciar uma nova fase na história dessa especialidade, na medida em que enfatizou a necessidade de o cirurgião não apenas corrigir e reparar, mas também se guiar pelo **senso artístico**. Essa posição expressa uma íntima relação entre correção, reparação, cura e embelezamento, presente em vários discursos dos cirurgiões plásticos atuais.⁶⁸⁰

Discordo da interpretação acima destacada. Tudo indica que a preocupação de José Rebello Netto em se guiar pelo *senso artístico* não era novidade para a época. Após ter analisado os textos de vários cirurgiões plásticos do período, acredito que este não foi um diferencial do referido médico, mas tratou-se de uma preocupação comumente destacada por outros mencionados nesta tese. Certa vez, ao comentar sobre seu aprendizado em cirurgia reparatória, plástica e estética, Antonio Pires escreveu: *Compreendi que a medicina e a cirurgia se prolongavam para além dos seus limites clássicos, através de um campo infinitamente delicado. Não só a cura, o lenitivo, mas a perfeição humana, já nos domínios da arte e da beleza*.⁶⁸¹ Ao priorizar a delicadeza, perfeição, arte e beleza, demonstrou que sua formação se deu nos mesmos princípios de valorização do *senso artístico* mencionado por José Rebello Netto em sua tese.

Longe de ser uma exceção ou diferencial atribuído a José Rebello Netto, o *senso artístico* foi o guia dos cirurgiões durante a Primeira Guerra Mundial e, com o passar do tempo possibilitou o nascimento das cirurgias plásticas estéticas, conforme o relato dos primeiros médicos que atuaram nesse segmento no Brasil. Para João Alfredo, por exemplo, a preocupação estética era marcante

⁶⁷⁶ANAIS DO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 29-30-31, 17, 24 e 31 jul. 1943, p. 321.

⁶⁷⁷OUSADA experiência que abrirá novas possibilidades à cirurgia plástica. **Jornal de Notícias**. São Paulo, SP, ed. 1465, 2 fev.1951, p. 4.

⁶⁷⁸FRANCO, T.; REBELLO, op. cit., p. 6.

⁶⁷⁹WOLFENSON, op. cit. LOEB, op. cit., p. 34.

⁶⁸⁰SANT'ANNA, op. cit., p. 167-168. Grifos meus.

⁶⁸¹VIDA... de todos descobre, no Rio, um fabricante de mulheres belas. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 159, jun. 1931.

entre os cirurgiões que atuaram na guerra e se dedicavam a *fazer incisões o menos desgraciosas possíveis, além de aperfeiçoar a arte dos enxertos para a reconstrução de rostos mutilados, procurando suavizar deformidades*.⁶⁸²

Apesar da relevância atribuída a José Rebello Netto por ter estado à frente da Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica e da criação da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, é necessário reconhecer o esforço de outros cirurgiões que antes dele já estavam praticando cirurgias plásticas cosméticas, principalmente no Rio de Janeiro. Em *Gênese e Desenvolvimento de um fato científico*, Ludwik Fleck definiu *coletivo de pensamento como a comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram em influência recíproca de pensamentos*.⁶⁸³ Como membro de um *coletivo de pensamento*, ao se guiar pelo senso artístico, José Rebello Netto estaria compartilhando ideias inseridas no *estilo de pensamento* da comunidade de cirurgiões plásticos que já vinham atuando na Europa. Em outras palavras, longe de um diferencial, acredito que seria natural que em sua tese sobre Cirurgia Estética, em 1915, ele demonstrasse preocupação com o senso artístico. Nas teses do final do século XIX e início do século XX, geralmente os médicos reuniam ideias de autores lidos durante a faculdade e, conforme foi comentado no decorrer deste capítulo, a cirurgia plástica era realizada desde os primórdios das práticas cirúrgicas de forma concomitante à cirurgia restauradora, por exemplo, na Índia.

4.5 ACUSAÇÕES, INSEGURANÇAS E OUTROS PERCALÇOS NA VIDA DOS PRIMEIROS CIRURGIÕES PLÁSTICOS BRASILEIROS

Um dos primeiros desafios dos pioneiros na realização de cirurgias estéticas no Brasil foi no sentido de proteger a clientela contra as investidas de profissionais estrangeiros interessados em atuar no Rio de Janeiro. Identifiquei um desses casos, envolvendo a famosa médica Suzanne Noel, duramente criticada pelo sindicato médico brasileiro, em 1929. De acordo com Paolo Santoni-Rugiu e Philip Sykes, a cirurgiã francesa Suzanne Noel (1879-1954) começou a atuar em 1908 juntamente com o francês Hippolyte Morestin. Ela trabalhou na Primeira Guerra Mundial, desenvolvendo com sucesso suas próprias técnicas para a restauração de soldados mutilados. Posteriormente, passou a se especializar em rejuvenescimento. Após fazer pesquisas com coelhos para aperfeiçoar sistemas de tração em diferentes partes do rosto por acreditar que a pele desse animal era semelhante à humana, consagrou-se por ter realizado uma plástica bem-sucedida na polêmica atriz

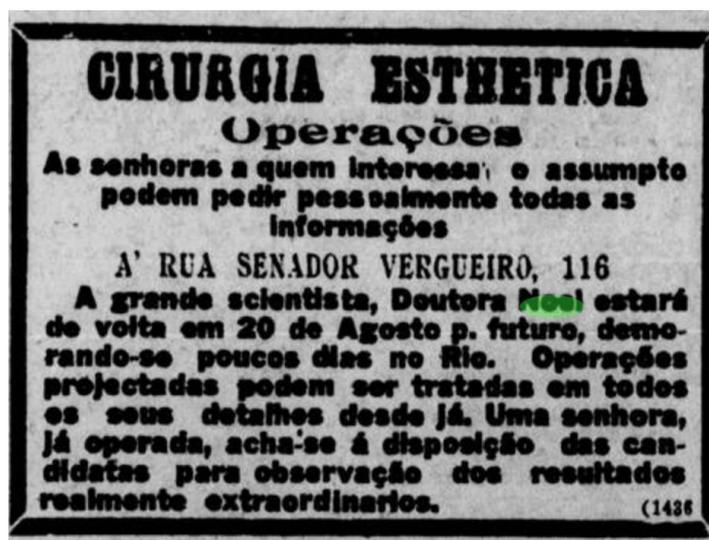
⁶⁸²JOÃO ALFREDO. Cirurgia estética: rinoplastia parcial. Comunicação lida na Associação Médica dos Hospitais do Recife em 4 ago. 1928. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 51, 1929, p. 1.564-1.567.

⁶⁸³FLECK, L., op. cit., p. 82.

francesa Sarah Bernhardt (1844-1923), que desempenhava, no teatro, papéis de mulheres jovens mesmo tendo na vida real idade avançada.⁶⁸⁴ Em sua pesquisa sobre a chamada *Belle Époque carioca* e a cultura do Rio de Janeiro durante a República Velha (1889-1930), Marcos Luiz Bretas destacou que, para a elite intelectual da época, assistir à Sarah Bernhardt era uma atividade cultural considerada obrigação, pois ela estava entre os maiores nomes do teatro europeu.⁶⁸⁵

Em sua estadia no Brasil, por ocasião das Jornadas Médicas mencionadas no capítulo anterior desta tese, Noel alcançou grande visibilidade na imprensa nacional por pertencer ao sexo feminino e ter viajado em companhia de Voronoff. Em várias ocasiões, apresentou-se ao lado do *sábio* durante o evento. Chegou a proferir palestra exclusiva para uma plateia feminina, aproveitando-se da ocasião para tentar conquistar a clientela de mulheres a serem operadas por ela no mês seguinte, quando retornaria ao Rio de Janeiro com este propósito, conforme comprova o anúncio a seguir (Figura 26).

Figura 26 - Anúncio de Suzanne Noel no Rio de Janeiro, RJ.



Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO (RJ), ed. 00187, 6 e 7 ago. 1928, p. 20.

Importante registrar que Noel garantia ter grande quantidade de homens entre seus pacientes. Ao ser questionada se as cirurgias estéticas estariam ao alcance somente dos ricos, foi ao encontro das ideias de Roberto Freire e respondeu negativamente, explicando que a maior parte dos que a elas recorriam seriam os trabalhadores pelo seguinte motivo: *não se dá trabalho a quem tiver*

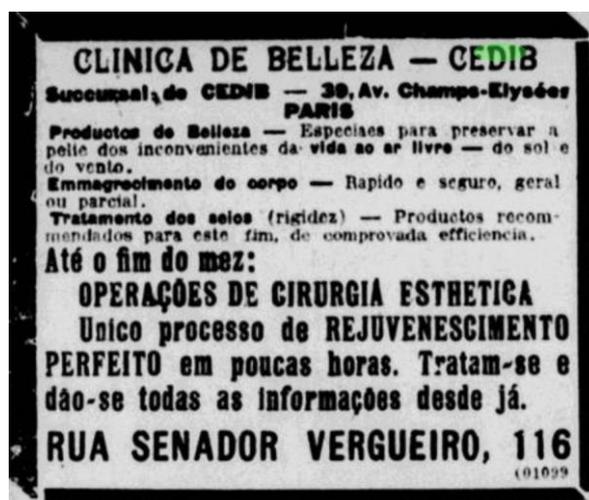
⁶⁸⁴SANTONI-RUGIU, op.cit., p. 326.

⁶⁸⁵BRETAS, M. L. Teatro e cidade no Rio de Janeiro. In: CARVALHO, J. M. de; NEVES, L. M. B. P. (Orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

*uma aparência velha.*⁶⁸⁶ Ao explicar o fenômeno com bom humor, o jornalista que a entrevistou apresentou duas hipóteses para justificar o interesse dos homens pelas cirurgias plásticas estéticas: provavelmente, desejavam agradar às mulheres ou então seriam trabalhadores que precisavam aparentar juventude: *Só os moços têm direito à vida*, concluiu o entrevistador.⁶⁸⁷

As investidas de Noel no sentido de atrair pacientes no Rio de Janeiro descontentou os cirurgiões plásticos daquela cidade a ponto de recorrerem ao Sindicato Médico Brasileiro na defesa de seu espaço de atuação. No ano seguinte à publicação do anúncio apresentado na Figura 27, ou seja, em 1929, a referida associação marcou uma reunião para tratar de acusação contra a Dra. Noel por tentar operar as brasileiras, atitude que ela provavelmente estaria tomando com a ajuda de um ou mais médicos de uma clínica de nome CEDIB.⁶⁸⁸

Figura 27 - Anúncio da Clínica de Beleza CEDIB.



Fonte: JORNAL DO COMERCIO. Rio de Janeiro (RJ), ed. 139, 12 jun. 1929, p. 24.

Em 1929, na ata de reunião do Conselho Deliberativo do Sindicato Médico Brasileiro constaram pedidos de *providências repressivas* para impedir a circulação de anúncios da referida Clínica.⁶⁸⁹ Desde o ano anterior, a referida clínica vinha investindo em publicidade na imprensa leiga, inicialmente se autointitulando como uma universidade de beleza que funcionaria como sucursal de um estabelecimento cuja sede se localizava em Paris (Figura 28).

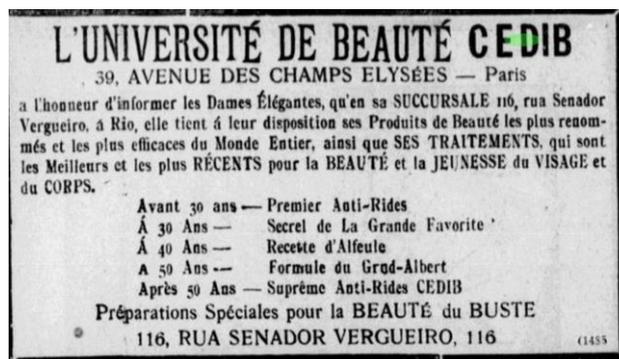
⁶⁸⁶O MODERNO ADÃO também se preocupa com questões de faceirice estética. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 39, 30 ago. 1928, p. 7.

⁶⁸⁷Idem, op. cit., p. 7.

⁶⁸⁸SINDICATO MÉDICO BRASILEIRO. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 43, 1929, p. 1316.

⁶⁸⁹NOTAS e Informações. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 30, 1929, p. 879.

Figura 28 - Publicidade na imprensa leiga da Dra. Suzanne Noel.



Fonte: **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 181, 7 jul. 1928, p. 22.

Conforme *O Brasil-Médico*, o Sindicato condenou a prática de alguns médicos responsáveis pelo apoio concedido aos estrangeiros não habilitados perante as leis brasileiras. Estariam desembarcando no Brasil apenas com intuítos interesseiros.⁶⁹⁰ Naquele mesmo ano, Noel esteve de fato novamente no Brasil, permanecendo alguns dias. Na ocasião, proferiu conferências sobre a cirurgia estética, que em sua opinião seria mais do que um meio de rejuvenescer, mas sim uma maneira de conquistar *segurança contra a miséria para os que trabalham e veem aproximar com terror a velhice*.⁶⁹¹

A responsável pela clínica CEDIB era uma mulher de nome Jacqueline. Descobri seu nome porque ela fez uma doação ao Asilo São Luiz para a velhice desamparada e na ocasião apresentou-se como diretora do Instituto CEDIB.⁶⁹² Naquele mesmo ano, o CEDIB anunciou ter recebido uma novidade: os banhos de parafina para tratamento dos seios.⁶⁹³ Esta não foi a única vez que Jacqueline esteve aliada ao campo das cirurgias plásticas. Conforme será tratado ainda neste capítulo, a mesma mulher também se associou a Antonio Pires, recomendando os serviços desse cirurgião pela imprensa. Passados dois anos após o litígio com o sindicato, o seguinte anúncio voltou a circular pela imprensa (Figura 29).

Conforme o anúncio (Figura 29), a clínica CEDIB contaria com um *distinto cirurgião brasileiro* que não revelou seu nome. Prometia a retirada das rugas em 20 minutos para promover um rejuvenescimento equivalente a dez anos. Em seu currículo, o misterioso médico ostentava sua formação com a famosa Suzanne Noel. Provavelmente omitiu seu nome na publicidade por causa

⁶⁹⁰SINDICATO MÉDICO BRASILEIRO. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 43, 1929, p. 1316.

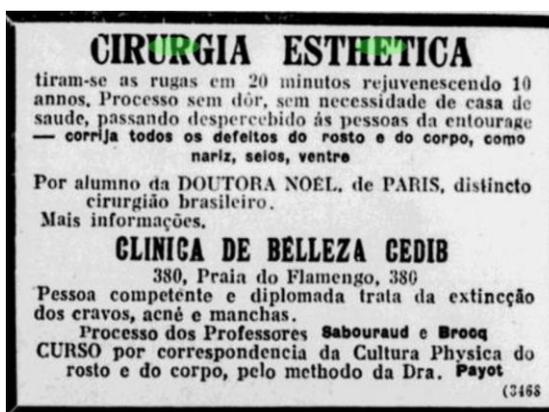
⁶⁹¹MADAME Noel. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10600, 21 jul. 1929, p. 5.

⁶⁹²DONATIVOS. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 311, 31 dez. 1929, p. 7.

⁶⁹³CLÍNICA de beleza CEDIB. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 311, 31 dez. 1929, p. 32.

da recente acusação por parte do Sindicato à médica francesa, chamada de *interesseira* por querer realizar cirurgias plásticas no Brasil, conforme foi mencionado.

Figura 29 – Retorno do anúncio da Dra. Suzanne Noel, em 1931.



Fonte: JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro (RJ), ed. 190, 11 ago. 1931, p. 18.

Na moda dos tratamentos rejuvenescedores, os charlatães também se apressaram em conquistar sua clientela. Ainda no mês de agosto de 1928, ao mesmo tempo em que se elogiava a atuação de Noel, o jornal carioca *A Manhã* anunciou o retorno ao Rio de Janeiro de um suposto professor francês chamado Isaac Bernet. De acordo com a notícia, o *especialista* teria alcançado fama por realizar uma *extirpação radical das rugas* em uma atriz francesa que havia sido a primeira mulher a se submeter a tal *experiência*. O procedimento teve uma hora e meia de duração por meio de técnica segura para a obtenção de efeitos rápidos e cicatrização quase imediata. Os resultados poderiam ser constatados após oito ou dez dias. *É assim que as mulheres obtêm, ao fim de sua existência, uma condição de tranquilidade – a de afastarem a velhice, na ilusão de vencer os anos ligeiros*, afirmou o jornal.⁶⁹⁴

Isaac Bernet, do qual nada foi possível apurar, surgiu, na imprensa carioca, como um *professor higienista da cútis recém-chegado ao Brasil* e que possuía mais de 15 anos de experiência nesse ramo em vários países da Europa e Estados Unidos. Seus tratamentos seriam capazes de deixar a pele das *excelentíssimas senhoras* tão lisa e perfeita como a de uma criança. Um desses procedimentos, feito com aparelhos, clarearia a pele tismada (escurecida ou manchada) por meio de pulverização com substância disponível em variadas tonalidades, conforme a tez. O *especialista* também tinha dois *discípulos* que o ajudavam em procedimentos de massagem no busto, braços,

⁶⁹⁴P. K. Mosaicos. *A Manhã*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 832, 29 ago. 1928, p. 3.

mãos e tratamento de unhas.⁶⁹⁵ A animosidade entre nacionais e estrangeiros, no campo da medicina, não era novidade, tendo surgido no início do Império brasileiro. Ao longo do século XIX, poucos aqui permaneceram e atuaram na profissão atribuída a Hipócrates.

Ainda no início da década de 1930, pelo menos mais dois médicos anunciaram seus serviços, indicando possível aumento na quantidade de pacientes e maior concorrência entre os cirurgiões plásticos do Rio de Janeiro. Um deles, Augusto Linhares, era proprietário da Clínica São José. Com anúncios divulgados entre 1932 e 1934, havia regressado de uma viagem à Europa, onde se aprimorou na otorrinolaringologia. Sua clínica ocupava todo o andar de um prédio na rua São José, no centro da cidade Rio de Janeiro. O espaço era dividido em salas de operação e consulta, além de apartamentos para os pacientes após as cirurgias estéticas e reparadoras.⁶⁹⁶

A temeridade dos primeiros cirurgiões plásticos com relação ao resultado de seus procedimentos ficou evidente pelo relato de David Adler sobre sua primeira paciente. A mulher o procurou com a intenção de retirar rugas, mas o médico recém-formado ainda não possuía o material cirúrgico necessário porque seu custo era elevado, totalizando o equivalente a Cr\$ 1.500. O valor da operação ficaria em Cr\$ 2.500. Relutante em comprar o equipamento diante da incerteza se a paciente compareceria ou não na data marcada para a cirurgia, acabou decidindo arcar com o investimento. Em seu livro, descreveu toda sua angústia após esta primeira intervenção cirúrgica, aumentada pelo fato de que a paciente não retornou no dia seguinte para a avaliação pós-cirúrgica no consultório como havia sido orientada, tendo reaparecido somente depois de três dias. O que aconteceu a seguir foi ainda mais surpreendente:

Quando as cogitações haviam atingido o auge, pairando já nos limites de uma morte repentina, quando cirurgião e assistente já a haviam até procurado nos obituários dos jornais, surge a cliente com o rosto intumescido, totalmente desfigurada. A inesquecível cliente havia simplesmente ido dar um passeio a Teresópolis, num carro aberto. A poeira tinha feito um trabalho soberbo naquela sutura.⁶⁹⁷

Embora Adler não tenha mencionado a data em que se deu esse fato, é possível supor que tenha sido na mesma época em que seu nome começou a surgir em anúncios conforme a Figura 30.

Além da concorrência que aumentava dia a dia, outro desafio enfrentado pelos cirurgiões plásticos pioneiros no Brasil foi o preconceito por parte de especialistas de outras áreas. Logo no início de sua vida profissional, Antonio Pires deu pistas sobre o provável constrangimento vivido pelos médicos desse campo de atuação, ao afirmar que *o médico que por vergonha ou receio de quebrar a linha profissional, deixasse a mulher ao seu desespero seria dar margem a que ela*

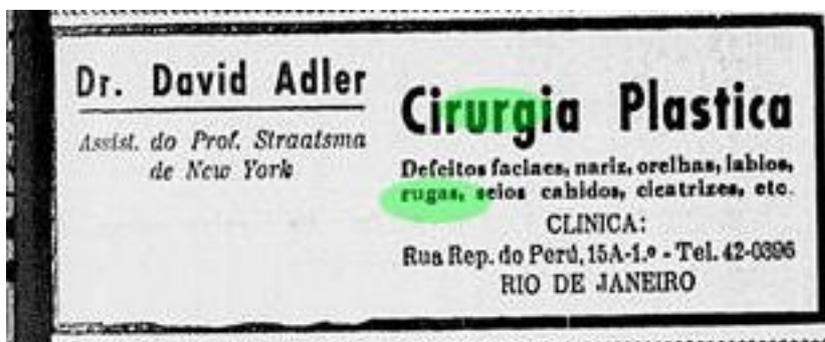
⁶⁹⁵ ÀS EXMAS SENHORAS. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 149, 21 jun. 1924, p. 11.

⁶⁹⁶ CLÍNICA SÃO JOSÉ. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 172, jul. 1932; ed. 196, jul. 1934.

⁶⁹⁷ ADLER, D. **Você e a cirurgia plástica**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961, p. 61-62. O médico deu o preço em cruzeiros e não em mil-reis porque fez esta afirmação no início da década de 1960.

*buscasse profanos irresponsáveis que poderiam sacrificar a sua saúde para lhes dar uma ilusão de beleza.*⁶⁹⁸

Figura 30 – Propaganda do Dr. David Adler.



Fonte: **A Noite**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 9089, 2 jun. 1937, p. 5.

O autor de *A arte de ser bela* procurou legitimar as cirurgias estéticas, o que pressupõe que, naquela época, esse tipo de procedimento não tinha o mesmo *status* de outras áreas da medicina. Em determinado ponto, recorreu à antiga associação entre velhice e doença, frequente no século XIX, ao escrever que rostos envelhecidos seriam um dos exemplos de verdadeiras moléstias que poderiam ser solucionadas da mesma forma que uma apendicite ou sinusite.⁶⁹⁹ Era mais uma tentativa de sobreviver naquele mundo onde predominava, por vezes, um forte corporativismo.

Outro médico do período que também retirava gordura excessiva do ventre por meio de cirurgia foi o especialista em moléstias de senhoras, Desidério Stapler.⁷⁰⁰ De origem romena, ele chegou ao Brasil antes de 1900. Estudou medicina em Viena, na Áustria, e, antes de atuar como cirurgião estético, trabalhou como ginecologista.⁷⁰¹ Sobre os títulos que proclamava ter, foi duramente contestado por Antonio Leão Veloso, que o acusou de ter mentido a esse respeito.⁷⁰² Da mesma forma que os cirurgiões plásticos, Stapler se pronunciou contra os ataques e julgamentos proferidos por médicos de outras especialidades. Em 1934, ao afirmar ser há 18 anos cirurgião-chefe da Beneficência Portuguesa de São Paulo e ter comandado hospitais na Europa e Estados Unidos, reclamou da hostilidade por parte de grande quantidade de membros da classe médica contra o novo ramo da cirurgia estética e reparadora.⁷⁰³ Para ele, todos deveriam conhecer melhor esse novo ramo

⁶⁹⁸VIDA... de todos descobre, no Rio, um fabricante de mulheres belas. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 159, junho 1931. Grifos meus.

⁶⁹⁹DR. PIRES, [s.d.], 86.

⁷⁰⁰Dr. DESIDÉRIO Stapler. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 224, 18 set. 1930, p. 31.

⁷⁰¹A MODERNA cirurgia estética. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 222, 16 set. 1930, p. 8.

⁷⁰²LEÃO VELOSO, Antônio. Assim é demais... **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10975, 1 out. 1930, p. 4.

⁷⁰³STAPLER, Desiderio. Considerações acerca da cirurgia estética. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10, 1934, p. 164-166.

das cirurgias antes de criticá-lo. Um *defeito físico*, em sua opinião, seria pior do que uma doença porque o que diferenciava a pessoa com defeito de um doente é que aquele não tem esperança de cura e estaria condenado ao desespero por saber que nunca poderia livrar-se do seu defeito. Somente a cirurgia estética e reparadora viria ao encontro desses *desesperados, sofredores morais* que se considerariam socialmente como se fossem *entes de segunda categoria*. Mudar essa situação caberia aos próprios cirurgiões plásticos, únicos capazes de socorrer esses *esquecidos da natureza*.⁷⁰⁴

Para ilustrar o preconceito sofrido pelos cirurgiões estéticos, Stapler comentou o caso de uma paciente a quem havia indicado cirurgia estética, mas que teria resolvido se consultar com dois outros médicos - um ortopedista e um otorrinolaringologista - que se declararam contrários à operação estética. *Nenhum médico deve dar a sua opinião sobre operações que desconhece – ao menos por honestidade profissional*, acusou Stapler. Por fim, apelou aos colegas pedindo mais empatia e solidariedade com pacientes que tinham *defeitos físicos*. O ideal seria imaginar-se no lugar destas pessoas antes de desaconselhar uma operação. Assim, longe de uma concessão à vaidade, a cirurgia estética seria uma *ação humanitária* por trazer alívio às pessoas que estariam sofrendo. Para ele, diversos *defeitos* não seriam propriamente doenças, mas sim *moléstias porque molestariam suas portadoras*.⁷⁰⁵ Stapler trabalhava em São Paulo e começou a fazer cirurgias plásticas na mesma época que Antonio Pires. Em 1930, ele costumava viajar ao Rio de Janeiro para atender suas clientes, conforme o anúncio apresentado na Figura 31.

Figura 31 – Anúncio do Dr. Desidério Stapler.



Fonte: DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ), ed. 100, 19 set. 1930, p. 7.

Com relação a Antonio Pires, os ataques e julgamentos por parte de outros médicos poderiam ser ainda maiores em virtude de sua estratégia de investir fortemente em publicidade nos

⁷⁰⁴STAPLER, op. cit., p. 164

⁷⁰⁵Idem, op. cit., p. 165-166.

jornais diários, programas de rádio e na publicação de livros para o público feminino, enquanto outros cirurgiões estéticos se limitavam a divulgar discretos anúncios. Ao agir desta forma, acredito que Antonio Pires se distanciou da comunidade científica em que se inseriam os médicos. Desaprovando os reclames, publicações e livros de caráter comercial, os médicos brasileiros seguiam a conduta da Sociedade Científica de Cirurgia Reparadora, Plástica e Estética da França, que, por sua vez, alertava para abusos e riscos de charlatanismo nesse tipo de procedimento. Demonstrando preocupação com os reclames da cirurgia estética na imprensa leiga e até mesmo no rádio feitas no Brasil – e em uma crítica aparentemente dirigida a Antonio Pires – certa vez o respeitado *O Brasil-Médico* condenou profissionais que não produziam *publicações sérias*, ou seja, aquelas *submetidas à sanção da discussão, como seria o dever em todas as sociedades científicas e onde não entrariam senão depois de exame dos trabalhos científicos exigidos pelos estatutos*.⁷⁰⁶ Ao escrever livros sem valor científico, de caráter tendencioso e comercial, ele era, portanto, mal visto.

Outro indício de que haveria ressalvas com sua conduta seria a ausência de textos de sua autoria em publicações médicas, como era o caso de *O Brasil Médico*. Mais um fato que me leva a crer que ele não se relacionava bem com outros cirurgiões estéticos de sua época, especialmente com aqueles de São Paulo, foi sua ausência em eventos importantes para a categoria. Ele não esteve na sessão de abertura da Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica, realizada em São Paulo, em 1941. Seu nome também não constou como participante do 1º Congresso Latino-Americano de Cirurgia Plástica, realizado nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em julho do mesmo ano.⁷⁰⁷

Foi possivelmente a partir da segunda metade da década de 1930 que os cirurgiões que clinicavam em São Paulo começaram a atuar de forma mais unida, ganhando mais visibilidade do que os cariocas. Um desses médicos foi o paulista Antonio Prudente Meirelles de Moraes (1906-1965), neto do primeiro presidente civil do Brasil Prudente de Moraes (1841-1902) e formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1928. Posteriormente, ele viria a ser um dos fundadores da Sociedade Latino-Americana de Cirurgia Plástica e da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, especializando-se na reconstrução de tecidos após tratamento de tumores malignos.⁷⁰⁸ O anúncio a seguir indica que antes de se dedicar a esta especialidade, ele também tentou se firmar na cirurgia cosmética, conforme o anúncio da Figura 32.

⁷⁰⁶S/a. Notas e informações. Rio de Janeiro. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 32, 1933, p. 578.

⁷⁰⁷LOEB, op. cit., p. 12, 13.

⁷⁰⁸Idem, op. cit., p. 25-26.

Figura 32 – Propaganda do Dr. Antonio Prudente Meirelles de Moraes concorrente do Dr. Pires, que atuava em São Paulo e também fazia propaganda nos periódicos cariocas.



Fonte: REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro (RJ), ed. 38, 1 set. 1934, p. 8.

Um cirurgião estético que por algum motivo foi mais bem-aceito por seus pares, apesar de também ter escrito um livro semelhante ao de autoria de Antonio Pires, foi o paulistano João Paulo Vieira, que teve publicada na imprensa especializada uma resenha de sua obra *Estética da pele*, em 1932. Nela se afirmava que, embora não consistisse em *verdadeiro trabalho científico*, poderia ser útil ao médico não especialista. A principal justificativa seria de que a leitura ajudaria a aconselhar as pacientes interessadas em restaurar seus *encantos tão pouco duráveis*, evitando que fossem vítimas de charlatães.⁷⁰⁹ No ano seguinte, João Alfredo proferiu palestra durante a conferência inaugural do Curso de extensão universitária dos livre-docentes da Faculdade de Medicina do Recife. Na ocasião, revelou certo pessimismo ao comentar sobre os riscos da profissão, tendo afirmado que somente com uma base segura de conhecimento seria possível evitar o fracasso certo do cirurgião. Quanto aos procedimentos rejuvenescedores, relatou ter realizado cirurgias de retirada de rugas e papadas, retesamento e diminuição de seios flácidos ou exagerados, dentre outros procedimentos.⁷¹⁰ Reafirmou o estigma que acompanhava as mulheres velhas, descrevendo a ocorrência de rugas da seguinte forma:

[...] implacáveis denunciadora de anos que se formam e que ao se insinuarem pelos ângulos externos das órbitas, no pé de galinha tão temido portador de aborrecimentos e tristezas, desaparecem sob uns rápidos golpes que restituem ao rosto que começava a ser desgracioso, a expressão de frescor que o abandonava. Seios que, esquecidos da forma e consistência que lhes são beleza e prestígio, se esparramam flácidos ou avantajam-se em dimensões indiscretas podem retornar ao aspecto antigo e dimensões naturais com um pouco de trabalho paciente.⁷¹¹

⁷⁰⁹R. e S. Bibliografia. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 40, 1932, p. 856.

⁷¹⁰JOÃO ALFREDO. Comentários a respeito de alguns casos de cirurgia estética e reparadora. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 3, 20 jan. 1934, p. 42-50.

⁷¹¹Idem., op. cit., p. 43.

Ainda com relação aos preconceitos que afetavam os cirurgiões estéticos na década de 1930, João Alfredo afirmou que apesar de ser *olhado com certa desconfiança, quando não julgado pouco merecedor de atenção*, o ramo da cirurgia plástica estética não poderia mais ser considerado como futilidade. Ainda mais: após discussões e combates, a cirurgia estética acabou vencendo e se impondo. Exemplificando o clima de lutas, citou um caso com forte repercussão à época e que será tratado com mais detalhes ainda neste capítulo, sobre Charles Dujarrier, cirurgião francês julgado e condenado após sua paciente ter a perna amputada em decorrência de cirurgia estética malsucedida para retirada de gordura.⁷¹² Nem mesmo este desastroso caso conseguira impedir os avanços da cirurgia plástica estética, comemorou João Alfredo. A prova disso, ressaltou, estaria na projeção de nomes de destaque que defendiam esse tipo de procedimento e, acima de tudo, *a sua necessidade nos tempos em que vivemos*. Entre os nomes consagrados, citou Renato Khel, Souza Mendes e José Rebello Netto, este que viria a ser conhecido como o *pai da cirurgia plástica brasileira*. De acordo com Khel, *a cirurgia estética se justificaria por conseguir tornar felizes indivíduos pesarosos, abatidos, desanimados, envelhecidos, em consequência de malformações perfeitamente removíveis*.⁷¹³ Atrelar a aparência da juventude à higiene, à eugenia e suas especificidades não foi uma exclusividade de João Alfredo. Antonio Pires ousou completá-lo, ao afirmar o seguinte:

Com os surtos vivos da higiene, com as legislações sobre atletismo, com a eugenia, com outras especificações tendentes a aperfeiçoar o indivíduo, no aspecto normal de sua apresentação, a ciência tornou-se, assim, uma orientadora primordial do apuramento e do cultivo da beleza como uma etapa nova para o progredimento das raças. [...]. Pelo que se tem visto, o prolongamento da mocidade, da perfeição das formas, não é uma exceção. É fato que se aprecia diariamente e que caracteriza a exatidão dos recursos científicos do nosso tempo.⁷¹⁴

Lembro que, para João Alfredo, se em outros tempos todas as inovações haviam sido tratadas com desconfiança, algo semelhante teria ocorrido com a cirurgia plástica facial. Entretanto, havia chegado o momento de aceitar sem tabus esse tipo de procedimento. Destacou ainda que somente ao cirurgião caberia a missão de corrigir os defeitos físicos provenientes dos *erros da natureza*.⁷¹⁵ A importância de seus argumentos pode ser comprovada pela erudição. Com ele foi possível retornar ao passado sobretudo no que dizia respeito ao período do nascimento das cirurgias plásticas estéticas. Após o término da Primeira Guerra Mundial, a cirurgia estética se tornara indispensável, ainda que atendendo pessoas abastadas em busca do

⁷¹²JOÃO ALFREDO, op. cit., p. 49.

⁷¹³KEHL, R. Apud JOÃO ALFREDO. Comentários a respeito de alguns casos de cirurgia estética e reparadora. **O Brasil-Médico** (RJ), ed. 3, 20 jan. 1934, p. 49.

⁷¹⁴DR. PIRES, **O Malho**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 194, 18 fev. 1937, p. 47.

⁷¹⁵JOÃO ALFREDO, op. cit., p. 50.

rejuvenescimento estético. *Seriam os raros raffinés em cujo espírito o rejuvenescimento estético, que lhes era acenado tentadoramente, surgia apenas como emoção nova a encher o tédio da vida.* Em seguida, a demanda surgiu por parte dos *menos favorecidos da fortuna*.⁷¹⁶

Seguindo a opinião de outros médicos contemporâneos, João Alfredo associou este fenômeno à concorrência por emprego nos grandes centros. O médico deixou clara sua opinião ao comentar que os primeiros a se arriscar foram os menos favorecidos pelo fato de que o físico seria fator preponderante de vitória. Foi graças aos mais necessitados e aos resultados dos procedimentos neles realizadas que a cirurgia estética conseguiu resistir à incredulidade e à desconfiança. A partir desse momento, não mais foi vista como uma cirurgia de exceção e sim corriqueira, representando um *papel social de inconfundível valor*. Superada esta má fase inicial, ganhou um novo *status*, expresso na seguinte frase: *tudo para aliviar os sofrimentos morais, influindo no espírito daqueles a quem beneficia, fazendo-lhes a vida menos amarga*. Restou-lhe reclamar do sigilo exigido pelos seus pacientes:

Muitas outras variedades tenho corrigido: rugas, papadas, seios exagerados, bolsas subpalpebrais, cicatrizes defeituosas, etc. Quase sempre, porém, essas operações têm sido praticadas em pessoas cuja posição social não me permite a posse de documentação comprobatória, razão pela qual a elas não me reporto.⁷¹⁷

De todos os problemas e desafios envolvendo os primeiros cirurgiões plásticos que atuaram no Brasil, sobretudo nas décadas de 1920 e 1930, um dos mais preocupantes e que continuou sendo debatido nas décadas seguintes foi com relação à responsabilidade do médico em casos de procedimentos malsucedidos que resultaram em danos à paciente. No Brasil, dois casos célebres vinham sendo discutidos no meio médico e apareceram também esporadicamente na imprensa leiga, a partir de 1929. O professor de Deontologia Médica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o médico legista Leonídio Ribeiro (1893-1976), por meio de pronunciamento feito na Academia Nacional de Medicina, narrou detalhadamente os dois casos, em 1932. O episódio mais famoso – e que havia sido mencionado por João Alfredo anteriormente – envolveu uma mulher francesa que recorreu ao cirurgião plástico Charles Dujarrier por considerar suas pernas muito grossas. Após a operação, uma das pernas da mulher precisou ser amputada na altura da coxa em decorrência de gangrena, sendo que o cirurgião que a operou foi condenado pela Suprema Corte de Paris a pagar uma indenização de 200 mil francos à vítima.

⁷¹⁶JOÃO ALFREDO, op. cit., p. 43.

⁷¹⁷Idem, op. cit., p. 43.

Outro caso contemporâneo ocorreu também na França conforme Leonídio Ribeiro. A protagonista era uma mulher com queimaduras graves decorrentes de tratamento com raio-X para a eliminação de pelos no rosto. O veredito resultou em multa de 5 mil francos a ser paga pelo radiologista responsável pelo tratamento. Leonídio Ribeiro mencionou ainda um terceiro caso, envolvendo um cirurgião que atendeu ao desejo de uma *mulher automobilista* e amputou-lhe os seios para aumentar sua sensação de liberdade ao dirigir. Para o discípulo de Afrânio Peixoto, a Academia Nacional de Medicina deveria começar a discutir a responsabilidade dos cirurgiões plásticos, pois questões desse tipo ainda não estavam previstas no Código de Deontologia do Sindicato Médico. Outro alerta desse médico foi com relação à falta de exigência de certificados de estágios aos cirurgiões interessados em atuar em procedimentos plásticos estéticos. Médicos jovens estariam, para ele, mais propensos a se lançarem nas arriscadas cirurgias plásticas estéticas.⁷¹⁸

Logo após ouvir o pronunciamento de Leonídio Ribeiro, o cirurgião pernambucano Antônio Benevides Barbosa Vianna (1889-1946), também presente naquela sessão da Academia Nacional de Medicina, acusou-o de ter mencionado os dois julgamentos em tribunais estrangeiros com a finalidade de *assustar* seus colegas. E discordou que o Código de Deontologia devesse tratar desse assunto, pois a cirurgia estética seria um procedimento médico como outro qualquer.⁷¹⁹

Em 1933, José Rebello Netto foi duramente acusado em *O Brasil-Médico* por ter se manifestado favoravelmente aos cirurgiões plásticos no âmbito da responsabilidade legal, em caso de cirurgias malsucedidas. As críticas foram feitas por meio de resenha de uma publicação de 24 páginas de autoria do médico e intitulada *Da cirurgia estética em face da responsabilidade legal*. Eis um trecho significativo:

Parece-nos que o autor é um tanto complacente com as vaidades estéticas e também um tanto condescendente com as facilidades do cirurgião em atender àquelas vaidades. Incluímos nestes casos, por exemplo, os “rejuvenescimentos” perante o espelho, dos estigmas fatais da velhice a que o médico de modo algum se deve prestar. A cirurgia estética é uma especialidade melindrosa para a reputação do profissional e só com mil restrições pode ser exercida.⁷²⁰

Em tom de desagravo, no ano seguinte à crítica feita por *O Brasil-Médico*, ou seja, em 1934, um texto foi publicado com elogios à tese de conclusão do curso de medicina defendida em 1915 por José Rebello Netto, tratando o trabalho como *erudita monografia* e seu autor,

⁷¹⁸ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. A responsabilidade em cirurgia estética. *O Jornal*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4143, 7 maio 1932, p. 1. Ver também: s/t. *Careta*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1254, 2 jul. 1932, p. 23.

⁷¹⁹Idem, op. cit., p. 23.

⁷²⁰BIBLIOGRAFIA. Da cirurgia estética em face da responsabilidade legal, pelo Dr. J. Rebello Netto. *O Brasil-médico*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 25, 1933, p. 454.

como um *cirurgião experimental*. O referido texto consistiu em um parecer apresentado à Sociedade de Medicina Legal e Criminologia e foi publicado mais de quinze anos após a escrita da referida tese.⁷²¹

Embora eu não tenha conseguido acesso ao folheto de 24 páginas mencionado na resenha, tudo indica que *O Brasil-Médico*, em detrimento de José Rebello Netto, aprovou muito mais a postura de cirurgiões como João Alfredo, que teve espaço nesse periódico para escrever um longo artigo já em parte descrito sobre as cirurgias estética e reparadora.⁷²² É importante notar ainda que *O Brasil-Médico*, tendo sido fundado por Antonio Augusto de Azevedo Sodré (1864-1929), era mais ligado aos profissionais do Rio de Janeiro e da Bahia do que àqueles estabelecidos em São Paulo. Em 1933, por exemplo, enquanto cinco médicos paulistas atuavam como colaboradores, os do Rio de Janeiro, como sempre, os suplantavam, pois eram em quarenta e cinco.⁷²³

A responsabilidade legal do cirurgião plástico voltou a ser um tema discutido em 1953 pelo professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o mineiro Arnaldo Amado Ferreira (1896-1975), que se dedicou ao ensino da deontologia com a publicação de três obras sobre o assunto.⁷²⁴ Em sua opinião, as cirurgias plásticas estéticas só deveriam ser feitas em pacientes cujo problema implicasse em *vexame, sofrimento, ridículo e perturbação* à saúde. Resumindo, o cirurgião não deveria operar visando à simples estética e vaidade, mas sim à terapêutica, sobretudo em casos que ameaçassem a saúde psíquica. O médico Arnaldo Amado Ferreira criticou cirurgiões plásticos que realizavam operações a partir de critérios impostos por seus pacientes, como no caso a seguir:

Flamínio Fávero e eu, em 1947, examinamos uma moça que procurou um cirurgião numa cidade do interior de nosso Estado para lhe diminuiu o tamanho dos seios, pois ela se julgava homem e eles, os seios, a incomodavam.⁷²⁵

Ao mencionar que o Código Penal de 1940 previa punição a médicos em decorrência de danos ao paciente ocorridos por imprudência, negligência e imperícia, Amado Ferreira sugeriu que os cirurgiões plásticos que fizessem procedimentos *para atender à simples vaidade dos interessados deveriam ser chamados à barra dos tribunais*.⁷²⁶

⁷²¹ALMEIDA JÚNIOR, A. Importância da cirurgia estética. **Revista da Faculdade de Direito de São Paulo**, v. 30, n. 3, 1934. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65350> Acesso em 12 out. 2019.

⁷²²JOÃO ALFREDO, op. cit., p. 42-50.

⁷²³COLABORADORES efetivos. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 7 jan. 1933, p. 1.

⁷²⁴Os livros de autoria de Arnaldo Amado Ferreira foram os seguintes: A importância do estudo da Deontologia Médica, Aspectos interessantes da responsabilidade legal; e Moral do médico.

⁷²⁵AMADO FERREIRA, A. Da responsabilidade legal e moral do médico. **Revista de Medicina**. Rio de Janeiro (RJ), v. 37, n. 207, ago. 1953, p. 144.

⁷²⁶Idem. op. cit., p. 144.

4.6 INSTITUTOS DE BELEZA

Publicado em língua portuguesa no ano de 1877, o livro *Arte de conservar a beleza e a saúde* teve um capítulo dedicado à cosmética, definida como a arte de *cultivar, desenvolver e conservar a beleza do corpo, combatendo os defeitos e disfarçando imperfeições naturais ou adquiridas*. Seu objetivo seria *encobrir a fealdade com agradável máscara*. Um interessante questionamento foi levantado pelo autor: Por que a cosmética até então ainda não havia se transformado em uma especialidade médica? *Já que hoje há médicos oculistas, dentistas, ortopedistas, etc., por que não há de haver médicos cosmetistas?* Uma das hipóteses para explicar a indiferença por parte dos médicos seria o fato de não considerarem dignos de si os estudos explorados por charlatães. Outra explicação, de ordem técnica, seria a falta de conhecimentos de química dos inventores e preparadores dos *segredos de toucador*.⁷²⁷ É fato que havia uma demanda de pessoas idosas interessadas em conservar até a idade avançada atributos desejados desde a Antiguidade e que se traduziriam na beleza do corpo e do rosto e da tez esbanjando frescura e flexibilidade típicas da juventude.

Em 1913, um jornal pernambucano publicou um texto afirmando que haveria uma classe de *doutores da beleza* formada por aqueles que *ainda que não façam nenhum bem procuram não fazer nenhum mal*. Este seria o exemplo de uma mulher com domicílio em Pernambuco, que ganharia mais de setenta contos de reis por ano, seduzindo sua clientela a ponto de todos acreditarem que ela possuiria um poder misterioso. Seu tratamento seria composto de substâncias inofensivas, auxiliado por *massagens que satisfazem a vaidade das clientes admiradas com os segredos da madame*.⁷²⁸

A divulgação de tratamentos rejuvenescedores nas décadas de 1920 e 1930 pode ter colaborado para impulsionar o surgimento de institutos de beleza, que seriam mais acessíveis às mulheres das camadas populares do que os processos cirúrgicos. É curioso notar que o próprio Antonio Pires, que por diversas vezes criticou esses institutos, chegou a se aliar a uma profissional de estética já mencionada nesta tese e conhecida como madame Jacqueline, revendedora de cremes para rugas e cosméticos. Essa mulher indicou o médico a uma leitora em resposta à sua correspondência. Afirmou conhecer Antonio Pires e recomendou-o calorosamente. *Ele já operou muitas das minhas clientes e amigas em suas condições com*

⁷²⁷DEBAY, op. cit., p. 309-310.

⁷²⁸A BELEZA das mulheres. **A Província**. Recife (PE), ed. 112, 27 abr. 1913, p. 9.

*resultado ótimo, ficando todas encantadas. Não tenha receio: é só uma pequena intervenção que não dói e não dura mais que meia hora.*⁷²⁹

Depois de ter investido fortemente em publicidade desde que ingressou na profissão – o que por si só já era malvisto por seus pares –, Antonio Pires foi ainda mais audacioso ao se aliar à madame Jaqueline, sendo beneficiado por sua indicação. É possível compreender essa atitude como se o médico estivesse se colocando em situação de igualdade ou até mesmo de submissão a ela. A atitude de ter o aval de uma mulher fora da comunidade médica, sugere que ele estaria transgredindo ou se afastando do estilo de pensamento compartilhado pelos médicos mais conceituados da época, que criticavam os institutos de beleza, associando-os à condição de charlatanismo. Esse fato também indica que as mulheres à frente dos institutos de beleza tinham mais prestígio e poder de convencimento do que os médicos.

Pelo Brasil, outras mulheres que se lançaram como empreendedoras na promissora área do embelezamento tentaram colar sua imagem aos médicos, provavelmente na tentativa de articular os institutos ao saber científico tão valorizado naquele contexto da eugenia. Em Manaus, uma mulher que se apresentava como madame Selda Potocha afirmava ser antiga assistente do Dr. Butcher, de Londres, e garantia que seus produtos de beleza restituiriam a juventude, conservando por muito tempo a beleza da pele.⁷³⁰

No período investigado para a elaboração desta tese, encontrei outras mulheres que estavam à frente de institutos de beleza e pareciam se esforçar pela associação com médicos. Este foi o caso de madame Hygino, que se apresentou conjuntamente com Dr. José Hygino no oferecimento de tratamentos para emagrecer e máscara de embelezamento a base de hormônios *novos e de franca atividade*, além da depilação sem dor, que provavelmente era feita com raio-X.⁷³¹ Entretanto, o anúncio em questão precisaria ser pesquisado com mais profundidade, pois não é possível afirmar com certeza se o homem que se apresentou como Dr. Hygino era, de fato, um médico. Da mesma forma, o caso de madame Selda de Manaus também precisaria de mais pesquisas. O mais importante é que nesses dois casos, as mulheres demonstraram interesse em legitimar seus tratamentos por meio da parceria com médicos, ou seja, com a validação da ciência.

A maioria dos médicos criticou os institutos de beleza, a exemplo de João Paulo Vieira, autor do livro *Estética da pele*, que aconselhou as mulheres a se absterem do uso de cremes e

⁷²⁹MADAME JACQUELINE. Conservemos a mocidade. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 55, 23 dez. 1939, p. 41.

⁷³⁰ETERNA mocidade. **Jornal do Comércio**. Manaus (AM), ed. 5660, 4 fev. 1920, p. 2.

⁷³¹MÁSCARA de hormônios. **Fon-Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 52, 26 dez 1936, p. 79. Ver também: Pelos do rosto. **Fon-Fon**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 44, 31 out. 1936, p. 56.

pós de arroz porque *a natureza não inventou os institutos de beleza*.⁷³² Já Leonídio Ribeiro acusou os institutos de serem centros disfarçados de charlatanismo e mencionou uma lei de fiscalização do exercício da medicina proibindo seu funcionamento.⁷³³ João Alfredo não chegou a condenar os institutos de beleza, mas refutou qualquer insinuação de que haveria por parte da cirurgia estética a preocupação de tomar o espaço que caberia a esses estabelecimentos. *A sua ação é outra, muito distante da pretensão de disputa com massagens e cremes*, afirmou.⁷³⁴

O médico Humberto Gusmão acusou os institutos de beleza de venderem cremes prejudiciais à saúde das mulheres e a preços muito elevados. *Melhor será que procurem um consultório médico onde a causa do mal será naturalmente descoberta*, aconselhou Humberto Gusmão, que, por sua vez, seguia as ideias de Voronoff e Steinach e creditava a causa da velhice ao mal funcionamento dos ovários. Em seu livro, o conselho mais repetido às mulheres preocupadas em se manterem jovens era o seguinte: *cuidem [...] de suas glândulas de secreção interna, principalmente dos ovários, que são os que mais amiúde sofrem de insuficiências*. Para ele, um ovário doente teria o agravante de causar distúrbios em outras glândulas.⁷³⁵

Longe de se manterem resignadas diante de tantas críticas, as mulheres à frente dos institutos de beleza podem ter resistido e se beneficiado sempre que uma cirurgia plástica fosse malsucedida. É o que sugere o texto a seguir, defendendo os institutos de beleza como melhores e mais inofensivos com suas pomadas e massagens do que as arriscadas cirurgias. Em determinado trecho, Voronoff foi qualificado com adjetivos pejorativos, tais como: *diabólico sábio russo, endemoniado cirurgião e feiticeiro*. Em outro momento, o texto relatou o encontro de uma mulher com sua amiga que havia sido operada das rugas:

Veio ao meu encontro, estendeu-me a mão sem sorrir, ela que dantes ria constantemente e perguntou-me:
 -Não se recorda de mim?
 -Oh! Sim – respondi – porém acho-a tão mudada!
 - Pareço mais moça?
 -Muito mais moça.
 Se não me conhecesse, que idade me daria?
 -Vinte e cinco a vinte e oito anos.
 Dizia isto sinceramente e fiquei esperando voltar ao rosto daquela minha amiga o seu bondoso sorriso habitual.
 Porém os lábios permaneceram-lhe imóveis e o rosto guardou a sua estranha impassibilidade.

⁷³²VIEIRA, J. P. **Estética da pele**: conservação da pele e sua correção científica pelos agentes físicos. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1932. p. 131.

⁷³³S/a. Associações científicas. Responsabilidade em cirurgia estética. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 23, 1932, p. 531.

⁷³⁴ALFREDO, J. Comentários a propósito de algumas causas de cirurgia estética e reparadora. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 3, 20 janeiro 1934, p.49.

⁷³⁵GUSMÃO, H. **Porque as mulheres envelhecem**. 3. ed. [s.l.]: Oficinas de José Magalhães, 1938. p. 23, 137.

Respondeu-me depois:

-Recorri a um cirurgião famoso, especialista nestas operações de rejuvenescimento. As rugas tinham-me desfigurado o rosto e isso era doloroso para mim que apenas tenho os cabelos brancos, mas conservo o rosto muito moço... Fiz-me operar há de haver um mês e há duas semanas que passeio a minha nova juventude, sem recear esta luz intensa que antes me obrigava a só sair de casa a hora diante do crepúsculo.

-Sofreu muito durante a operação?

-Bastante. Porém suportei esse sofrimento com prazer. Quando o doutor me tirou pedaços de pele, delicadamente para não me fazer demasiado dano, eu mesma lhe recomendava que procedesse com toda a energia necessária, sem preocupar-se com as minhas dores.

-Admirável, minha amiga! Não vejo, porém, vestígios sequer da operação.

-Estão muito bem dissimulados... Veja aqui detrás do pavilhão da orelha e aqui na testa, debaixo das primeiras madeixas de cabelo.

-Assombroso! E essa reparação é de caráter duradouro?

-Dez anos, aproximadamente. O necessário... Porém esse tempo mesmo com a condição de não fazer gesto algum com o rosto e de não rir nunca, nem sequer sorrir.⁷³⁶

Conforme já mencionado, Antonio Pires foi apontado erroneamente como tendo sido proprietário da *Academia Científica de Beleza*, que na verdade pertenceu à madame Campos. O nome completo de Madame Campos era Inácia Camila de Oliveira Campos (1875-1933 ou 1934?).⁷³⁷ Natural de Leiria, Portugal, ela foi uma das poucas mulheres a se formar em Farmácia pela Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra.⁷³⁸ Nas propagandas e entrevistas pela imprensa, Madame Campos afirmava ser diplomada em massagem médica e estética pela Escola Francesa de Ortopedia e Massagem da Universidade de Paris. Ela chegou ao Brasil em 1922, com seus dois filhos, Fausto e Eduardo, para participar da Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil (1922-1923), quando montou um estande para vender seus produtos.⁷³⁹ Seu nome apareceu frequentemente nas publicações femininas e nos jornais diários, entre as décadas de 1920 e 1930.

A *Academia Científica de Beleza* foi fundada no Rio de Janeiro, em 1924. Em Portugal já havia uma Academia Científica, em Lisboa, fundada em 1912, por ela e seu marido, o farmacêutico Eduardo Matheu de Campos. Quando madame Campos abriu a *Academia Científica de Beleza* no Rio de Janeiro, seu filho, Fausto Campos, ainda era estudante de

⁷³⁶S/a. As clínicas de rejuvenescimento e a beleza que não pode sorrir. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 74 (1), mar. 1924.

⁷³⁷A última aparição de Madame Campos com vida na imprensa carioca foi em março de 1933. Seu filho, o médico Fausto Campos, retornou de viagem a Portugal e passou a atuar como cirurgião estético na Academia Científica de Beleza, em 1934. Na ocasião, a notícia sobre a inauguração das novas instalações trouxe a informação de que Madame Campos havia morrido. Não encontrei, no entanto, nenhum anúncio fúnebre por ocasião de sua morte. Conf: A HORA da manicure. **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 180, mar. 1933; Ver também: AS NOVAS instalações da Academia de Madame Campos elevam bem alto a ciência brasileira. **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 197, ago. 1934.

⁷³⁸PITA, J. R. **A escola de farmácia de Coimbra (1902-1911)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009. p. 88.

⁷³⁹ESTÃO DE PARABÊNS as senhoras cariocas. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 118, jan. 1928.

Medicina, tendo ajudado a mãe no novo negócio.⁷⁴⁰ Nos primeiros anos de funcionamento, o empreendimento se limitava à venda de produtos de beleza e tratamentos com eletricidade.⁷⁴¹ Dois anos depois, uma filial do empreendimento foi aberta no Rio de Janeiro, passando a oferecer tratamentos com aparelhos que possivelmente viriam a fazer concorrência a Antonio Pires, quando ele abriu seu primeiro consultório. Além de tratar os cabelos, as mulheres podiam fazer massagens e usar aparelhos de vapor para tratar as rugas e provocar o *enrijecimento das carnes*. A propaganda ainda citou aparelhos franceses, alemães e americanos a base de raios vermelhos, azuis e ultravioletas. Os produtos eram revendidos em algumas capitais e no interior do Brasil.⁷⁴²

Em 1929, Madame Campos ampliou a gama de tratamentos, passando a usar argila vulcânica radioativa que garantia ser importada dos Baixos Karpathos, na Grécia. O aspecto mais interessante dessa propaganda é que, ao mesmo tempo em que o estabelecimento se autointitulava científico, o texto falava em um *meio mágico de embelezar e rejuvenescer*, tirando as rugas e levantando o rosto caído. Assim, ideias completamente antagônicas de magia e ciência apareceram atreladas para convencer as clientes.⁷⁴³

Conforme *O Malho*, o estabelecimento tinha estrutura para a realização de banhos de luz com raios vermelhos e azuis, aparelhos de procedência francesa, alemã e americana para diversos procedimentos, tais como massagem manual e elétrica, banho de vapor para o desaparecimento de rugas, além de produtos de estética e seção de cabeleireiros para realização de permanente e tinturas para cabelos de fabricação própria. De acordo com a propaganda, os produtos da Madame Campos eram comercializados nas capitais de diversos Estados e nas ilhas e colônias portuguesas (Moçambique, Angola, Madeira e Cabo Verde), África do Sul e Índia Portuguesa.⁷⁴⁴

Em 1927, Dr. Fausto Campos (1898- ?), filho de madame Campos, viajou do Brasil para a Europa a fim cuidar dos negócios da família e retornou definitivamente ao Brasil em 1930, quando se doutorou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ele também era formado em Farmácia. De 1931 a 1934 esteve na Europa para conhecer clínicas de cirurgia plástica, estética e reparadora e novamente de volta ao Brasil, quando Madame Campos já havia morrido, assumiu a direção da Clínica de Cirurgia Plástica e Fisioterapia anexa à Academia Científica

⁷⁴⁰A ACADEMIA científica de beleza de Madame Campos. **Ilustração Brasileira** (FRA), ed. 203, mar. 1952, p. 230.

⁷⁴¹SE JÁ É BONITA... pode sê-lo mais... **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 98, abril 1926, p. 11.

⁷⁴²ESTÃO DE PARABÉNS as senhoras cariocas. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 118, jan. 1928.

⁷⁴³A MÁSCARA de beleza radiolite. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 130, jan. 1929.

⁷⁴⁴ESTÃO DE PARABÉNS as senhoras cariocas. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 118, jan. 1928.

de Beleza de Madame Campos, que então mudou de endereço, passando a funcionar na Rua da Assembleia.⁷⁴⁵ A última vez em que o nome de Madame Campos apareceu na imprensa carioca foi em 1950, muito tempo após seu falecimento, em um anúncio de produtos de beleza e sem fazer qualquer referência ao tratamento de rugas, mas apenas como uma *maquiagem científica* que levava seu nome.⁷⁴⁶

Fausto Campos se apresentou na imprensa como *notável especialista em dermatologia, fisioterapia e cirurgia plástica* (Figura 33). Em matéria jornalística que acompanhava diversas fotos, mencionou os novos recursos de aparelhagem de sua clínica, com sala de esterilização e cirurgia estética”.⁷⁴⁷ Nessa época, o empreendimento passou a se chamar *Academia Científica de Beleza Madame Campos* e, conforme a propaganda, rivalizava *com os mais afamados da Europa e da América do Norte*. Contava com gabinete de massagem estética, salão para tratamento das mãos, gabinetes de tratamento dos cabelos, sala de esterilização da clínica e cirurgia estética e sala de operações, enfermeiros e enfermeiras, além de empregados de outras categorias (Figura 34). A notícia dizia ainda que Madame Campos (Figura 35) havia sido *a criadora em nosso meio de uma concepção e de métodos verdadeiramente hígidos de beleza sadia e forte*.⁷⁴⁸

A mesma revista em que Antonio Pires assinava seus artigos semanais também publicou uma matéria de página inteira sobre o evento de inauguração das novas instalações da *Academia Científica de Beleza Madame Campos*, com a presença do embaixador de Portugal no Brasil, Nobre de Mello (Figura 36). Em tom de retrospectiva, o autor da matéria jornalística afirmou com nostalgia que o primeiro endereço de Madame Campos havia sido uma pequena casa na rua Sete de Setembro, passando depois a ocupar o 1º andar da avenida Rio Branco, onde instalou sua Academia.⁷⁴⁹

⁷⁴⁵AS NOVAS instalações da Academia de Madame Campos elevam bem alto a ciência brasileira. **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 197, ago. 1934; A ACADEMIA científica de beleza de Madame Campos. **Ilustração Brasileira** (FRA), ed. 203, março 1952, p. 230

⁷⁴⁶PRODUTOS Mystik de Madame Campos. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 21 out. 1950, p. 52.

⁷⁴⁷S/t. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 197, agosto 1934, s/p.

⁷⁴⁸Idem. op. cit.

⁷⁴⁹A CLÍNICA do Dr. Fausto na Academia científica de beleza Madame Campos. **O Malho**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 61, 2 ago. 1934, p. 9.

Figura 33 – Propaganda do Dr. Fausto Campos.

CLINICA de ESTHETICA
da **ACADEMIA SCIENTIFICA de BELLEZA**
de **Mme. CAMPOS**

CIRURGIA ESTHETICA de todos os defeitos da face e do corpo: RUGAS, bochechas cahidas, bolsas dos olhos, pés de gallinha, papeira (double menton), etc. NARIZ em sella, em cavallette, etc. ORELHAS grandes e descoladas (afastadas). LABIOS GROSSOS. Correção plastica do VENTRE e dos SEIOS grandes e cahidos. Tratamento da OBESIDADE ou da MAGREZA; REJUVENESCIMENTO geral do organismo pela Hemoendocrinoterapia. EMBELLEZAMENTO DO ROSTO, tratamento das dermatoses inestheticas, das doenças da pelle e do couro cabelludo. Extracção radical dos PÊLOS (methodo pessoal). Instalação completa e moderna de PHYSIOTHERAPIA. Massagem medica e esthetica, "nerven massage" (massagem dos pontos nervosos).

D R . F A U S T O C A M P O S

Diplomado pelas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e de Paris. Ex-estagiario de diversos hospitaes e clinicas de esthetica das principaes capitaes da Europa. Ex-assistente do dr. Wissing da Polyclinica de "Nerven massage" da Charité de Berlim. Membre de la Société Scientifique Française de Chirurgie Réparatrice, Plastique et Esthétique de Paris.

Rua da Asembléa, 115-1.º — Rio de Janeiro — Tels. 2-4685 e 2-1184, das 15 ás 18 hs.

Fonte: CLÍNICA de estética da Academia científica de beleza de Mme. Campos. *Vida doméstica*. Rio de Janeiro (RJ), ed. 201, dezembro 1934.

Figura 34 – O médico Fausto e Eduardo Campos, filhos da Madame Campos, entre as funcionárias da Academia Científica de Beleza Madame Campos.



Fonte: O MALHO. Rio de Janeiro (RJ), ed. 61, 2 ago. 1934, p. 9.

Figura 35 – Madame Campos.



Fonte: MADAME Campos, proprietária da Academia Científica de Beleza. **Vida doméstica**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 118, jan. 1928.

Figura 36 - Festa de inauguração das novas instalações da Academia Científica de Beleza Madame Campos, com a presença do embaixador de Portugal no Brasil, Nobre de Mello.



No centro: o médico Fausto, Eduardo, Madame Campos e o embaixador de Portugal no Brasil ladeados pelos convidados na festa de inauguração das novas instalações da Academia Científica de Beleza Madame Campos, em 1934. **O Malho**. Rio de Janeiro (RJ), ed. 61, 2 ago. 1934, p. 9.

Durante a década de 1920, ao lado de tratamentos opoterápicos e cirurgias plásticas estéticas, os institutos de beleza se firmaram como alternativa para homens e mulheres que buscavam o rejuvenescimento para se livrarem dos estigmas da velhice. Conforme foi demonstrado neste capítulo, a cirurgia plástica estética encontrou forte resistência por parte de médicos de outras especialidades. Coube aos primeiros cirurgiões plásticos estéticos que atuaram no Brasil o desafio de justificar sua atuação dentro de padrões aceitos pela comunidade médica, ou seja, como procedimento necessário do ponto de vista terapêutico, sobretudo porque o estigma da velhice, da mesma forma que o estigma dos defeitos físicos, poderia representar uma ameaça à saúde psíquica.

Ao receber o título de *pai da cirurgia plástica brasileira*, em 1955, pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, José Rebello Netto certamente trouxe em seu trabalho a marca do esforço de outros colaboradores e médicos que o antecederam e cujas histórias permaneceram esquecidas nas páginas de jornais antigos, como foi o caso de Roberto da Silva Freire, Sebastião Cesar da Silva, Renato Brancante Machado e Antonio Pires, entre outros aqui mencionados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, procurei compreender de que maneira os idosos foram vistos pela sociedade entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, com relação às transformações do ponto de vista estético características dessa fase da vida. Encontrei indícios que permitem algumas respostas a essa pergunta estampados nas páginas dos livros e teses da época, bibliografia médica específica e jornais leigos. Ao começarem a aparentar sinais de velhice, as mulheres sofreram forte estigma evidenciado nos comentários destacando suas rugas, flacidez, manchas senis, “papadas” (também denominadas *túmulos do amor*), *beijos murchos*, cabelos brancos e, com menor prevalência nos documentos pesquisados, os seios caídos, costas arqueadas, pernas trêmulas e outras manifestações da fase final da vida. Essas últimas não foram detalhadas por exigirem pesquisas que, com certeza, ultrapassariam os objetivos inicialmente propostos e cabíveis em uma tese de Doutorado. Assim, enfatizei a face porque esta prevaleceu nos documentos, o que se justifica, talvez, por se tratar de uma época em que outras partes do corpo ainda eram tratadas com pudor.

O caráter negativo atribuído à velhice foi observado, conforme demonstrei, por Georges Minois em seu estudo sobre a velhice em diferentes sociedades, da Antiguidade ao Renascimento. No período aqui estudado, outras especificidades surgiram. Ao analisar a questão sob a teoria de Goffman, percebi que do final do século XIX até o final da década de 1930, a ciência médica criou possibilidades para que os velhos pudessem acobertar ou disfarçar, ainda que temporariamente, seus *defeitos*.

As artérias deixaram de ser o ponto central para classificar a idade das pessoas como preconizava o médico francês Henri Cazalis, para quem a idade de um homem deveria ser contada pelas condições de suas artérias. Os problemas relacionados à última fase da vida passaram a ser atribuídos ao mau funcionamento das glândulas. A tese do fisiologista francês Charles Edouard Brown-Séquard, referente ao pretense poder das glândulas sexuais de animais para promover o rejuvenescimento dos seres humanos, teve grande repercussão no Brasil. Cabe ressaltar que outros médicos estrangeiros que se interessaram pelo rejuvenescimento foram abordados nesta pesquisa, como o bacteriologista russo Elie Metchnikoff, que atribuiu todos os males da velhice aos micróbios presentes nos intestinos; o cirurgião russo Serge Abrahamovitch Voronoff e suas tentativas de rejuvenescimento pelo enxerto de glândulas de determinadas espécies de macacos em seres humanos, feitos sobretudo na década de 1920; o fisiologista austríaco Eugen Steinach e as operações semelhantes à vasectomia, entre outros. Esses médicos me interessaram porque tiveram seguidores no Brasil e um dos meus desafios foi identificar,

nas entrelinhas de seus escritos, tudo o que se relacionasse aos seus pacientes e os estigmas por eles sofridos.

Quanto à opoterapia, ressaltai seu surgimento como um campo que na época foi visto como promissor tanto para tratar certas sintomatologias quanto para atender a demanda pelo rejuvenescimento em si. A partir dela, uma série de procedimentos cirúrgicos e tratamentos foram desenvolvidos, sendo que no primeiro momento a preocupação foi atender a necessidade dos homens idosos ansiosos por recuperar a virilidade. Ocorridos no bojo do nascimento das especialidades médicas tratadas por George Weisz, os procedimentos rejuvenescedores não foram aceitos de maneira consensual e em hipótese alguma devem ser compreendidos como um acúmulo de avanços. Esta foi uma história marcada por controvérsias e tensos debates no campo da medicina para atender a um dos mais antigos e impossíveis anseios do ser humano, que é a busca pela eterna juventude. Ao reforçarem a valorização de padrões estéticos inatingíveis, tais procedimentos contribuíram para fortalecer na sociedade o sentimento negativo com relação às características físicas dos idosos. As décadas de 1920 e 1930 foram por excelência um período importante para reforçar os estigmas contra os velhos e, na mesma proporção, para propiciar a consolidação de empreendimentos que podem ter encontrado no medo de envelhecer um terreno fértil para seu desenvolvimento.

Inicialmente influenciados por fisiologistas europeus e depois pelos estadunidenses, os médicos pioneiros nos procedimentos cirúrgicos e tratamentos rejuvenescedores no Brasil estiveram longe de se limitar a reproduzir práticas adotadas no exterior sem qualquer crítica. Por aqui essas intervenções tiveram suas especificidades a partir de características e interesses locais, principalmente no âmbito do comércio exportador e dos representantes de empresas exportadoras. O médico positivista Luís Pereira Barreto, em associação ao engenheiro João Alberto Masô, exaltou um elixir indígena à base de guaraná para substituir um produto europeu tido como elixir da juventude feito à base de coalhada e vendido pelo Instituto Pasteur, ao qual se referiu pejorativamente como muito inferior ao nacional. Outro caso rastreado diz respeito ao médico Belmiro Valverde, citado em um livro do cirurgião russo Serge Voronoff e mencionado pela Sociedade Médica de Paris por sua técnica pretensamente bem-sucedida de transplante de ovários e tiroide em uma paciente brasileira, utilizando os órgãos de uma determinada espécie de macaca. Seguindo a perspectiva de Michael A. Kozminski e David Bloom, acredito que a atuação dos profissionais brasileiros no campo do rejuvenescimento não deveria ser negada ou subestimada somente por suas teorias terem sido, ao longo do tempo, superadas como muitas outras.

Do anúncio das dolorosas injeções testiculares de Brown-Séguard, ocorrido em 1889, até as *maravilhosas drágeas W-5* contendo hormônio sintetizado em laboratório, divulgadas pelos jornais até 1939, muitas discussões e polêmicas vieram à tona. Uma permanência, entretanto, se manteve com o passar do tempo e continua viva nos dias atuais. Refiro-me à forte associação entre velhice e fealdade em contraposição à fusão entre juventude e beleza. O fato é que diversos estigmas marcaram a velhice desde os tempos de Hipócrates, quando essa fase era pejorativamente chamada de *inverno da vida*. Tudo indica que essa permanência alimentou o desenvolvimento de intervenções mais sofisticadas e invasivas.

Em sua maior parte, as informações apresentadas nesta tese se referiram aos idosos de condição social privilegiada. As pessoas humildes, quando apareceram nos documentos, foram identificadas em situação de cobaias. Este foi, por exemplo, o caso do octagenário Antonio Mariano Pinto de Oliveira, hospitalizado no Hospital São João Batista, em Niterói, RJ, para o tratamento de uma úlcera no calcanhar e que acabou submetido a um homoenxerto pela técnica voronofiana. Nesse caso, ocorrido em 1928, o médico Edgard Barroso Tostes decidiu pela cirurgia de rejuvenescimento porque deu entrada naquela unidade de saúde um jovem atropelado por um bonde, de quem foram retiradas as glândulas sexuais masculinas usadas no procedimento.

O nascimento das cirurgias plásticas teve início no Brasil após o término da Primeira Guerra Mundial, com o retorno de cirurgiões que fizeram parte da Missão Médica estabelecida em Paris e que atuaram no atendimento aos soldados mutilados. É fato que a opoterapia e a cirurgia plástica se aliaram, em um primeiro momento, pois houve cirurgiões que inicialmente realizaram os dois tipos de tratamento em seus pacientes.

Ao que tudo indica, as cirurgias plásticas estéticas surgiram em socorro às mulheres de condição social privilegiada, que podem ter visto nesse procedimento uma possibilidade de resistir contra os estigmas que rondavam seus corpos. O advento das injeções de parafina e as terríveis cicatrizes (parafinomas) decorrentes dessa prática representam um tema inédito identificado nesta pesquisa como fator que impulsionou a cirurgia plástica no Brasil. Destaco ainda o fato de que a busca por tratamentos rejuvenescedores era vista socialmente como atitude reprovável, conforme identifiquei nos discursos médicos que garantiam a possibilidade de fazer a cirurgia plástica *em segredo* graças à técnica que permitia manter as cicatrizes escondidas atrás das orelhas. Poucas pessoas assumiram publicamente serem adeptas de tais práticas apesar da determinação dos cirurgiões plásticos em dissuadir as mulheres do sentimento de vergonha por buscarem o rejuvenescimento. Nesse sentido, é fundamental observar as considerações de

Goffman. A cirurgia plástica não garantiria à pessoa estigmatizada um *status* completamente *normal*.

Esta pesquisa possibilitou-me contato com os primeiros cirurgiões plásticos que atuaram no Brasil antes que José Rebello Neto, considerado o *pai da cirurgia plástica brasileira*, fundasse as bases para a institucionalização da especialidade no início da década de 1940. Tenho a convicção de que Roberto da Silva Freire foi o médico que pela primeira vez ofereceu seus serviços em anúncios de jornal para corrigir defeitos da face, em 1919. Poucos anos depois, Sebastião Cesar da Silva, em 1922, defendeu a cirurgia plástica estética para disfarçar os sinais característicos da velhice. Outro nome com destaque na época e jamais estudado com profundidade foi Jaime Poggi de Figueiredo. Ele realizou uma cirurgia plástica de retirada de rugas em uma paciente de 35 anos na presença de um repórter do jornal carioca *A Manhã*, em 1927. Poucos cirurgiões atuavam no Brasil, mas era evidente a acirrada concorrência entre eles. Identifiquei um conflito entre profissionais nacionais e estrangeiros na disputa por pacientes. Refiro-me à ação eficiente do Sindicato Médico Brasileiro em recorrer a meios legais para impedir que a cirurgiã plástica francesa Suzanne Noel disputasse com seus colegas brasileiros a clientela feminina do Rio de Janeiro.

Entrei em contato com a trajetória profissional de um cirurgião plástico brasileiro pouco conhecido: Antonio Pires Rebello (1909-1977). Por intermédio desse médico foi possível identificar os percalços e dificuldades vividos pelos profissionais daquele tempo. Eram criticados por seus pares, que viam as cirurgias plásticas como procedimentos perigosos e fúteis representando uma espécie de transgressão à chamada medicina clássica, no âmbito teórico e prático. Mais do que outros cirurgiões plásticos de seu tempo, ele foi incansável em seu esforço por popularizar o rejuvenescimento entre mulheres de todas as camadas sociais, principalmente aquelas que buscavam uma aparência bela em virtude de sua ocupação profissional. Já no início da década de 1930, dizia que retirar rugas era tão simples que as pacientes poderiam até mesmo fumar enquanto eram operadas. Defendeu que esta deveria ser uma cirurgia de rotina por ser mais rápida e simples que uma aplicação de tintura nos cabelos. Consegui, ainda, corrigir informações sobre a trajetória profissional desse médico, a quem se confere erroneamente ter sido o proprietário do Instituto Científico de Beleza dirigido pela empresária portuguesa Madame Campos. A ele pelo menos dois autores da atualidade atribuíram a realização de apenas algumas cirurgias plásticas, apesar da existência de documentos indicando que realizou grande quantidade de procedimentos no Rio de Janeiro a partir da década de 1930. Minhas pesquisas permitem levantar a hipótese de que as cirurgias plásticas estéticas no Brasil podem ter começado a se popularizar no início da década de 1930 graças a diferentes estratégias

utilizadas por Antonio Pires, tais como sua participação em programas radiofônicos, farta quantidade de artigos em jornais, livros direcionados ao público feminino e correspondências trocadas com mulheres de diferentes regiões do Brasil. O forte investimento em publicidade também pode ter sido a explicação para ele ter sido colocado à margem da comunidade científica.

Cabe lembrar que o culto da aparência física não se tornou, ao longo do século XX, uma exclusividade dos velhos. No Brasil, por exemplo, a baiana Maria Martha Hacker Rocha (1932-2020) perdeu, segundo a invenção de um polêmico jornalista da época, o título de Miss Universo 1954 por ter, no quadril, *duas polegadas a mais*. Contudo, o corpo *violão* de nossa miss passou a ser desejado por muitas mulheres. Martha Rocha, como ficou conhecida, morreu pobre e esquecida em um asilo para idosos localizado na cidade de Niterói, RJ. Ficaram, apenas, para alguns que viveram naquela época, uma memória visual de um corpo feminino perfeito. O certo é que os padrões de beleza nunca foram permanentes e o poder encarregou-se de atender às demandas do público de diferentes idades e classes sociais. Por serem movediços e vinculados às especificidades sociais e culturais, exigem estudos que extrapolam esta tese. É fato que, com todas as suas controvérsias e polêmicas, o anseio pelo rejuvenescimento e os estigmas que rondam a velhice ainda são realidade na vida dos idosos. O Brasil é um dos campeões mundiais em quantidade de cirurgias plásticas, com cerca de 1,5 milhão de procedimentos ao ano.

Vive-se hoje em um contexto científico pluralista e, sobretudo, perigoso, que Vigarello denominou *território do risco*, aqui entendido, no campo da história da medicina, como a conjunção de uma eclética e suposta visão de ciência dominante, mesclada e dependente de sucessivos experimentos reais nem sempre dignos de consenso. Confesso que levei em conta, desde a fase das primeiras leituras sobre a longevidade, a advertência do renomado historiador da medicina francês Mirko Grmek (1924-2000) no sentido de tentar impedir que esta minha contribuição para a história das ciências seja vista apenas como um acúmulo de opiniões verdadeiras ou mesmo falsas. Finalmente, com ele também aprendi que, sem a constatação, a verificação e o estudo de determinados detalhes, não é possível elaborar algo de criativo e promissor no domínio das ciências. Assim optei por caminhar, com prazer e ousadia, ao longo desta tese. Simplesmente, plantei sementes a partir das ideias de Goffman...

FONTES

1 Obras básicas

- ALMEIDA, Xavier de. **A luta contra a velhice**. São Paulo: Irmãos Ferraz, 1928.
- BARNABÀ, E. **Il sogno dell'eterna giovinezza: vita e misteri di Serge Voronoff**. Formigine (Modena): Infinito edizioni, 2014.
- CAMPOS, H. de. **Diário secreto de Humberto de Campos**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954. v. 1-2.
- DARTIGUES, L. **Le Renouveau de l'organisme: endocrinologie chirurgicale**. Paris: Gaston, 1928.
- DARTRE, A. A vida e a morte. 2. ed. Paris e Lisboa: Aillaud e Bertrand; Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, [1903].
- DEBAY, A. **Arte de conservar a beleza e a saúde e de corrigir os defeitos físicos: teoria e prática científica**. Tradução de A.A. Leal. Porto: Ernesto Chardron; Braga: Eugenio Chardron, 1877.
- DR. PIRES. **A arte de ser bela**. Rio de Janeiro: Alba, [s.d.].
- DR. PIRES. **Correção dos seios**. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959.
- DR. PIRES. **Guia da beleza**. 5. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1943.
- DR. PIRES. **Tratamento da pele**. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.
- FEUCHERSLEBEN, Barão de. **Hygiene da alma**; versão portuguesa de Ramalho Ortigão, 10. ed. Lisboa: Livraria editora, 1926.
- FINOT, J. **La philosophie de la longévité**. Paris: Félix Alcan, 1900.
- FINOT, J. **Prolonguemos a vida**. Tradução Antonio Vidal. São Paulo: Empresa Editora O Pensamento, 1931.
- GHILINI, Hector. **Le secret du dr. Voronoff**. Paris: Eugène Fasquelle editeur, 1926.
- GUSMÃO, H. **Porque as mulheres envelhecem**. 3. ed. [s.l.]: Oficinas de José Magalhães, 1938.
- HIPOCRATES. Conhecer, amar, curar. O juramento e outros textos. Tradução de Dunia Marinho Silva. São Paulo: Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda., 2002.
- KAMMERER, P.. **Rejuvenation and the prolongation of human efficiency: experiences with the Steinach-operation on man and animals**. New York: Boni and Liveright, 1923.
- LA METHODE Brown-Séguard. **Traité d'histothérapie: la thérapeutique des tissus compendium des médications par les extraits d'organes animaux par le D'M BRA**. Paris: J. Rothschild, 1895. Disponível em: <https://archive.org/details/lamethodebrowns00bragoog/page/n7>. Acesso em: 9 jan. 2020.
- LARA, M. J. de. **Salud y belleza**. La Habana (Cuba): Casa Editora Propagandista, 1940.
- LORAND, A. **Arte de prolongar a mocidade e a vida**. Tradução Dr. José Bacelar. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves, 1933. p. 41.
- LORAND, A. **La vieillesse: moyens de la prevenir et de la combattre**. Edition Française par le D'Bory. Paris: Libraire J-B. Baillièere et fils, 1911.

- MANTEGAZZA, P. **Elogio da velhice**; versão do original do italiano por Arlindo Varela. 2. ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925.
- MANTEGAZZA, P. **O problema do casamento**: arte de escolher esposa e arte de escolher marido. Tradução Cândido de Figueiredo. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925 [1894].
- MARTINS, T. Evolução do conceito de hormônio e opoterapia: exame crítico da influência de Brown-Séguard: trabalho pioneiro dos portugueses Bettencourt Rodrigues e Serrano. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia*, v. 1, fasc. 1, 1951. In: PÓVOA, Luiz Cesar. **História da endocrinologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2000.
- MAURIAC, Pierre. **Aux Confins de la médecine**. Paris: Bernard Grasset, 1926
- METCHNIKOFF, É. On the process of hair turning white. **Proceedings of the Royal Society of London (1854-1905)**, v. 69, p. 156–156, 1901.
- MENEZES, U. T. Bezerra de. A história, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267>. Acesso em: 14 nov. 2020
- METCHNIKOFF, É. **Études sur la nature humaine**: essai de philosophie optimiste. Paris: Masson & Cie Éditeurs, 1903.
- METCHNIKOFF, É. **The nature of man**: studies in optimistic philosophy. Tradução P. Charmers Mitchell. New York and London: G. P. Putnam's sons, 1905. Disponível em: <https://archive.org/stream/naturemanstudie00mitcgoog#page/n10/mode/2up/search/phagocytos>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- MINOIS, G. **History of old age**. Translated by Sarah Hanbury Tenison. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- MINOIS, G. **História do suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Unesp, 2018.
- PARANHOS, U. **Elementos da terapêutica médica**. São Paulo: O pensamento, 1923.
- PARANHOS, U. O problema do rejuvenescimento. In: PARANHOS, U. **Ideias e comentários**. São Paulo: O Pensamento, 1926.
- PAUCHET, V. **Conservai a mocidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.
- PÓVOA, L. C. **História da endocrinologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2000.
- RAMON Y CAJAL, Santiago. **A vida aos oitenta anos**. Tradução Hélión Póvoa. Rio de Janeiro: Edições Científica, 1946.
- RIBERA CASADO, J. M. Centenário de Elie Metchnikoff (1845-1916). **Educación Médica**, v. 18, n. 2, p. 136-143, 2017. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1575181316301590?token=3667F983A3FE6CC0CAB85000901F4FD5D012EC78F48AA6717C7EC4D0AB3A08160F40E55E80592DC1DCEE80C59FA61AE5>. Acesso em: 25 out. 2019.
- UGHETTI, G. B. **Arte de não envelhecer**. Tradução Arlindo Varela. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925.
- VIEIRA, J. P. **Estética da pele**: conservação da pele e sua correção científica pelos agentes físicos. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1932.
- VORONOFF, S. Autobiografia. In: BARNABÀ, E. **Il sogno dell'eterna giovinezza**: vita e misteri di Serge Voronoff. Formigine (Modena): Infinito edizioni, 2014.

VORONOFF, S. **Du crétin au Génie**. New York: Editions de la Maison Française, 1941.

VORONOFF, S. **Étude sur la vieillesse et le rajeunissement par la greffe**. Paris: Gaston Doin, 1926.

VORONOFF, S. **Les sources renouvelées de la vie: lutte contre la vieillesse**. New York: Brentano's, 1942.

WALKER, Alexander. **Beauty**. Illustrated chiefly by an analysis and classification of beauty in woman. New York: Henry G. Langley, 1845. Disponível em: <https://archive.org/details/beautyillustrate00walk/page/n9/mode/2up?q=wrinkles>.

2 Dissertações e teses

JARDIM, David Gomes. **Algumas considerações sobre a higiene dos escravos**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ): Tip. Universal de Laemmert, 13 dez 1847. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/849/1/273549.pdf>.

OLIVEIRA, Oswaldo Rodrigues de. **Ensaio para a cura da velhice**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, BA: Oficinas do Diário da Bahia, 30 out. 1911, p. 3. Disponível em: <http://www.bgm.fameb.ufba.br/teses-historicas-da-faculdade-de-medicina-da-bahia>. Acesso em: 1 jun. 2020.

PANO, J. C. de O. S. **Dissertação sobre as idades em geral e a velhice do homem em particular**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1841. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/688/1/272472.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

ROCHA, I. **O rejuvenescimento do homem pela operação de Steinach**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, BA: Tipografia Popular, 30 out. 1923.

SILVEIRA RODRIGUES, M. da. **Algumas considerações sobre a energia e tenacidade vitais dos corpos organizados, e principalmente do homem**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada a 15 dez. 1848. Niterói, RJ: Tip. Niteroiense de MG/S. Rego, 1848.

TORRES, A. G. de L. **Breves considerações sobre o físico e o moral da mulher nas diferentes fases da sua vida**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira, 1848.

VALLE, L. V. D'A. **Mulher e matrimônio medicamente considerados**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 15 dez. 1847.

VIRCIANI, Pedro José. **Dissertação sobre a higiene da velhice**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ): Tip. Imparcial de Francisco de Paula Brito, 19 dez. 1845.

3 Anais e Academias

Anais Brasilienses de Medicina. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 1853, p. 17; ed. 7, 1874, p. 301-308.

4 Periódicos pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional

A cigarra. São Paulo (SP): ed. 2, 1934, p. 108; ed. 3, 1934, p. 116; ed. 151, 1921, [n.p.]

A Constituição: Órgão do Partido Conservador. Belém (PA), ed. 96, 1881, p. 2.

A Cruz: órgão da paróquia de São João Batista. Rio de Janeiro (RJ), ed. 30, 23 jul. 1933, p. 2.

A Federação. Porto Alegre (RS), ed. 148, 1 jul. 1926, p. 3.

A Gazeta. ed. 3273, 26 dez. 1916, p.3; ed. 3350, 28 mar. 1917, p. 3; ed. 3367, 18 abril 1917, p. 3; ed. 7900, 2 jun. 1932, p.8

A Manhã. Rio de Janeiro (RJ), ed. 284, 26 nov. 1926, p. 6; ed. 457, 12 jun. 1927, p. 5; ed. 481, 10 jul. 1927, p. 4; ed. 684, 6 mar.1928, p. 1; ed. 719, 15 abril 1928, p. 2; ed. 817, 11 ago. 1928, p. 2; ed. 832, 29 ago. 1928, p. 3;

A Noite. Rio de Janeiro (RJ), ed. 131, 5 out. 1932; ed. 5819, 31 jan. 1928, p. 1; ed. 6106, 16 nov. 1928, p. 2; ed. 7232, 12 jan. 1932, p. 6; ed. 9089, 2 jun. 1937, p. 5; ed. 11674, 12 ago. 1944, p. 3; ed. 11887, 18 mar. 1945, p. 2; ed. 12039, 23 ago. 1945, p. 1-2; ed. 12042, 27 ago. 1945, p. 5; ed. 2858, 25 nov. 1919, p. 2; ed. 10791, 25 fev. 1942, p. 2.

A Província: órgão do Partido Liberal. Recife (PE), ed. 112, 27 abr. 1913, p. 9; ed. 182, 5 ago. 1928, p. 3.

A.B.C. Rio de Janeiro (RJ), ed. 728, 16 fev. 1929, p. 22.

A Reação. Órgão do Partido Liberal. Cametá (PA), ed. 145, 22 set. 1889, p. 3.

Arquivos de Biologia. São Paulo (SP), ed. 83-84, ano 7-8, maio/jun. 1923, p. 2063-2065; ano 12, n. 138, abr. 192,8 p. 95.

Beira Mar: Copacabana, Ipanema, Leme. Rio de Janeiro (RJ), ed. 00151, 27 jan. 1929, p. 2; ed. 226, 6 jul. 1930, p. 3; ed. 231, 10 ago. 1930, p. 7; ed. 253, 1 fev. 1931, p. 7; ed. 2531, fev. 1931, p. 7.

Boletim de Eugenia: Revista para médicos e farmacêuticos. Rio de Janeiro (RJ), ed. 34, out. 1931, p. 3-7.

Brasil-Médico. Rio de Janeiro, RJ, ed. 3, p. 42, 1934

Cidade do Rio (RJ). Rio de Janeiro, ed. 397, 20 dez. 1898, p. 2; ed. 164, 22 jul. 1890, p. 1.

Comptes Rendus de la Société de Biologie. Paris (FR), ed. 26, v. 1, 29 jun. 1889, p. 451-454.

Correio da Manhã (RJ) ed. 7612, 1 jan.1920, p. 5; ed. 8041, 8 março 1921, p. 4; ed. 8774, 18 mar. 1923, p. 9; ed. 8937, 28 ago. 1923, p. 2; ed. 08977, 7 out. 1923, p. 7; ed. 9070, 8 jan. 1924, p. 11; ed. 9330, 28 jun. 1925, p. 8; ed. 9450, 15 nov. 1925, p. 12; ed 10055, 25 out. 1927, p. 5; ed. 10276, 8 jul 1928, p.2; ed. 10284, 18 jul. 1928, p. 3; ed. 10287, 21 jul. 1928, p. 5; ed. 10330, 9 set. 1928, p. 5; ed. 10459, 7 fev. 1929, p. 5; ed. 10600, 21 jul. 1929, p. 5; ed. 10682, 25 out. 1929, p. 11; ed. 10876, 7 jun. 1930, p. 3; ed. 10975, 1 out. 1930, p. 4; ed. 15602, 12 set. 1945, p. 10; ed. 16243, 16 out. 1947, p. 9;

Correio Mercantil e Instrutivo, Político, Universal. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4, 4 jan. 1860, p. 4; ed. 29, 29 jan. 1868, p. 2.

Correio Oficial de Minas. Ouro Preto (MG), ed. 217, 10 fev. 1859, p. 4.

Correio Paulistano. São Paulo (SP), ed. 10134, 19 jun. 1890, p. 1; ed. 12502, 5 maio 1898, p. 2; ed. 17304, 1 out. 1911, p. 1; ed. 19348, 22 maio 1917, p. 3; ed. 21060, 19 fev. 1922, p. 7; ed. 21094, 27 mar. 1922, p. 5; ed. 23296, 18 jul. 1928, p. 3; ed. 23301, 24 jul. 1928, p. 7-8; ed. 28244, 4 maio 1948, p. 4.

D. Quixote. Rio de Janeiro (RJ), ed. 47, 1918.

Diário Carioca. Rio de Janeiro (RJ), ed. 18, 5 ago. 1928, p. 3; ed. 39, 30 ago. 1928, p. 7

Diário da Noite. Rio de Janeiro (RJ), ed. 144, 25 mar. 1930, p. 1.

Diário de Notícias (RJ), ed. 100, 19 set. 1930, p. 7.

Diário da Paraíba. Paraíba do Norte (PB), ed. 110, 20 maio 1885, p. 2.

Diário de Pernambuco. Recife (PE), ed. 32, 8 fev. 1844, p. 4; p. 7; ed. 163, 21 jul. 1893, p. 2; ed. 170, 31 jul. 1889, p. 2; ed. 203, 8 set. 1889, p. 1-2; ed. 89, 19 abr. 1905, p. 2; ed. 25, 31 jan. 1932; ed. 288, 27 dez. 1934, p. 4.

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), ed. 18, 20 jan. 1877; p. 2; ed. 222, 27 ago. 1867, p. 4.

Diário Nacional. São Paulo (SP), ed. 320, 22 jul. 1928, p.1.

Fon-Fon. Rio de Janeiro (RJ), ed. 15, 10 abril 1937, p. 57; ed. 23, 10 jun. 1933, p. 16; ed. 36, 9 set. 1939, p. 8; ed. 49, 7 dez. 1935, p. 5; ed. 20, 16 maio 1925, p. 20; ed. 28, 11 jul. 1925, p. 74; ed. 44, 31 out. 1936, p. 56; ed. 52, 26 dez 1936, p. 79; ed. 53, 30 dez. 1916

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro (RJ), ed. 91, 18 abril 1926, p. 1; ed. 243, 31 ago. 1889, p. 2; ed. 278, 5 out. 1889, p. 1-2.

Gazeta do Natal. Órgão Conservador. Natal (RN), ed. 141, 26 out. 1889, p. 4.

Gazeta Médica da Bahia. Salvador (BA), ed. 7, 1889, p. 70-80; ed. 23, 1891, p. 475-476.

Gazeta Popular. São Paulo (SP), ed. 776, 11 ago. 1933, p. 3.

Gutenberg: Órgão da Associação Tipográfica Alagoana de Socorros Mútuos. Maceió (AL), ed. 203, 13 set. 1894, p. 2.

Ilustração Brasileira (FRA), ed. 203, março 1952, p. 230;

Jornal da Mulher. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1610, 25 abril 1946

Jornal da Tarde. São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ). ed. 238, 5 ago. 1870, p. 1.

Jornal das Moças: Revista feminina. Rio de Janeiro (RJ); ed. 257, 20 maio 1920; ed. 294, 1921; ed. 350, 2 mar. 1922; ed. 414, 24 maio 1923, p. 19; ed. 520, 4 jun. 1925; ed. 521, 11 jun. 1925; ed. 527, 23 jul. 1925; ed. 653, 22 dez. 1927; ed. 661, 16 fev. 1928; ed. 665, 15 mar. 1928; ed. 710, 24 jan. 1929; ed. 724, 2 maio 1929; ed. 735, 18 jul. 1929; ed. 735, 18 jul. 1929; ed. 800, 16 out. 1930; ed. 827, 23 mar. 1931; ed. 867, 28 jan. 1932; ed. 873, 10 mar. 1932; ed. 874, 17 mar. 1932,

Jornal de Notícias: São Paulo (SP), ed. 1465, 2 fev. 1951, p. 4.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro (SP), ed. 2, 1º caderno, 10 abr. 1977, p. 38; ed. 49, 26 fev. 1924, p. 19; ed. 149, 21 jun. 1924, p. 11; ed. 151, 31 maio 1892, p. 2; ed. 168, 13 jul. 1924, p. 10; ed. 185, 6 ago. 1933, p. 42; ed. 203, 27 ago. 1933, p. 45; ed. 222, 16 set. 1930, p. 8; ed. 224, 18 set. 1930, p. 31; ed. 226, 22 set. 1936, p. 32; ed. 240, 10 out. 1933, p. 31; ed. 245, 15 out. 1933, p. 2; ed. 297, 15 dez. 1936, p. 2

Jornal do Comércio. Manaus (AM), ed. 927, 25 jan. 1907, p. 1; ed. 5660, 4 fev. 1920, p. 2

Jornal do Comercio. Rio de Janeiro (RJ), ed. 7, 10 jan. 1834, p. 2; ed. 70, 12 mar. 1862, p. 3; ed. 346, 12 mar. 1866, p. 3; ed. 337, 4 dez. 1867, p. 1; ed. 72, 13 mar. 1875, p. 3; ed. 32, 1 fev. 1896, p. 8; ed. 264, 24 set. 1922, p. 5; ed. 181, 7 jul. 1928, p. 22; ed. 141, 14 jun. 1928, p. 23; ed. 220, 14 set. 1928, p. 2; ed. 139, 12 jun. 1929, p. 24; ed. 231, 27 set. 1929, p. 4; ed. 176, 25 jul. 1930, p. 4-5; ed. 00187, 6 e 7 ago. 1928, p. 20; ed. 190, 11 ago. 1931, p. 18; ed. 001751, 2 e 3 maio 1961, p. 14; ed. 0013514 março 1976, p. 4; ed. 311, 31 dez. 1929, p. 7.

Jornal do Recife (PE), ed. 242, 24 out. 1870, p. 1; ed. 195, 30 ago. 1889, p. 1; ed. 275, n. 1, 8 dez. 1897, p. 2; ed. 328, 28 nov. 1915, p. 2; ed. 71, 28 mar. 1875, p. 1.

Jornal Pequeno. Recife (PE), ed. 31, 8 fev. 1905, p. 1; ed. 68, 24 mar. 1905; ed. 49, 2 mar. 1921, p. 1; ed. 177, 4 ago. 1928, p. 1; 29 ago. 1928. ed. 197, 29 ago. 1928, p. 4.

LA PRESSE MEDICALE. Paris, 30 set. 1913, p. 766-768. Disponível em: [biusante.parisdescartes.fr/histoire medica](http://biusante.parisdescartes.fr/histoire%20medica). Acesso em: 8 jan. 2020.

Leitura para todos. Rio de Janeiro (RJ): ed. 56, 1910, p. 93-97.

O Atheneu Pernambucano: periódico científico e literário (PE), ed. 2, ago. 1856, p. 38.

O Brasil-Médico. Rio de Janeiro (RJ), ed. 28-31, 1889, p. 222-223; ed. 4-7, 1891, p. 44; v. 17-19, 1892, p. 136; ed. 20, maio 1893, p. 161-162; ed. 13-16, 1894, p. 119; ed. 16-19, 1892, p. 136; ed. 3, 1914, p. 27; ed. 26, 1917, p. 220; ed. 2, 12 jan. 1918, p. 9-11; ed. 34, 1919, p. 270; ed. 1-26, 1920; ed. 32, 1922, p. 96-97; ed. 1-3, 1923, p. 40; ed. 2-10, 1924; p. 159; ed. 2-11, 1924, p. 171; ed. 2, 1925, p. 25; ed. 9, 29 ago. 1925, p. 109-113; ed. 4, 1927, p. 74; ed. 35, 1930, p. 987, 1932, p. 910; ed. 31, 1933, p. 55; ed. 10, 1934, p. 165-166; ed. 33, 16 ago. 1941, p. 571; ed. 10, 7 mar. 1942, p. 18; ed. 17, 24 e 31 a ed. 30, 1929, p. 879; ago 1946, ed. 33, 34, 35, 17, 24 e 31 ago. 1946, p. 287; ed. 46, p. 1078; ed. 22, 1930, p. 610; ed. 48, 1927, p. 1270; ed. 35, 1930, p. 987; ed. 33, 16 ago. 1941, p. 573; ed. 29-30-31, 17, 24 e 31 jul. 1943, p. 321; ed. 51, 1929, p. 1.564-1.567; ed. 43, 1929, p. 1316; ed. 32, 1933, p. 578; ed. 40, 1932, p. 856; ed. 3, 20 jan. 1934, p. 42-50; ed. 25, 1933, p. 454; ed. 1, 7 jan. 1933, p. 1; ed. 23, 1932, p. 531; ed. 3, 20 janeiro 1934, p. 49;

O Comércio de São Paulo. São Paulo (SP): ed. 3937, 15 fev. 1905, p. 4; ed. 4440, 5 set. 1905, p. 2;

O Cruzeiro. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 21 out. 1950, p. 52; ed. 202, 22 jul. 1878, p. 3; ed. 4, 28 nov. 1931, p. 46; ed. 25, 7 abril 1951, p. 102; ed. 11, 16 jan. 1932, p. 36.

O Dia. Curitiba (PR), 3 jan. 1933, ed. 2753, p. 5.

O Domingo. São Luís (MA), ed. 40, 18 out. 1873, p. 1.

O economista (Lisboa, Portugal), ed. 3765, 4 abr. 1894, p. 2, 4.

O Estado de São Paulo. São Paulo (SP), ed. 9544, 19 jan. 1905, p. 2; ed. 16059, 11 jan. 1923, p. 3; 14 jan. 1923; ed. 17795, 11 dez 1927, p. 12; ed. 19122, 22 mar. 1932, p. 10; ed. 24478, 24 fev. 1955, p. 8; ed. 23888, Suplemento Comercial e Industrial, março 1953, p. 9;

O FAROL. Rio de Janeiro (RJ), ed. 309, 29 dez. 1911, p. 1.

O IMPARCIAL. Rio de Janeiro (RJ), ed. 479, 23 abr. 1914, p. 2; ed. 6170, 17 jun. 1928, p. 8.

O Jornal. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1283, 18 mar. 1923, p. 13; ed. 2955, 17 jul. 1928, p. 15; ed. 2957, 19 jul. 1928, p. 1; ed. 2972, 5 ago. 1928, p. 5; ed. 2973, 7 ago. 1928, p. 5; ed. 3001, 8 set. 1928, p. 2; ed. 3005, 13 set. 1928, p. 2; ed. 3392, 8 dez. 1929, p. 2; ed. 12340, 31 maio 1961, p. 4; ed. 12836, 7 abril 1963, p. 7; ed. 14163, 28 nov. 1967, p. 11; ed. 15578, 15 jul. 1972, p. 5; ed. 4143, 7 maio 1932, p. 1.

O Liberal do Pará. Belém (PA), ed. 153, 11 jul. 1889, p. 2; ed. 152, 11 jul. 1889, p. 2.

O Liberal Pernambucano. Recife (PE), ed. 776, 12 maio 1855, p. 3.

O Malho. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1371, 22 dez. 1928, p. 24, 25, 49; ed. 0005, 6 jul. 1933, p. 35; ed. 52, 31 maio 1934, p. 45; ed. 117, 29 ago. 1935, p. 45; ed. 123, 10 out. 1935, p. 45; ed. 128, 14 nov. 1935, p. 45; ed. 155, 21 maio 1936, p. 48; ed. 156, 28 maio 1936, p. 49; ed. 164, 23 jul. 1936, p. 48; ed. 184, 10 dez. 1936, p. 49; ed. 188, 7 jan. 1937, p. 49; ed. 194, 18 fev. 1937, p. 47; ed. 196, 4 mar. 1937, p. 47; ed. 209, 3 jun. 1937, p. 39; ed. 210, 10 jun. 1937, p. 39; ed. 219, 12 ago. 1937, p. 39; ed. 225, 23 set. 1937, p. 40; ed. 237, 16 dez. 1937, p. 40; ed. 61, 2 ago. 1934, p. 9

O País. Rio de Janeiro (RJ), ed. 4465, 23 dez. 1896, p. 1; ed. 9934, 18 dez. 1911, p. 3; 17 jun. 1912, p. 8; ed. 13355, 14 maio 1921, p. 2; ed. 13358, 17 maio 1921, p. 3; ed. 10016, ed. 13442, 9 ago. 1921, p. 4; ed. 14157, 25 jul. 1923, p. 2; ed. 15026, 10 dez. 1925, p. 3; ed. 16009, 19 ago. 1928, p. 11.

O Paiz. São Luís (MA). ed. 6, 14 jan. 1864, p. 4.

O Sol. Santos-Dumont (MG): ed. 186, 18 mar. 1934, p. 3.

Opinião Liberal. Rio de Janeiro (RJ), ed. 20, 28 maio 1870, p. 1.

Pacotilha. São Luís (MA): ed. 215, 11 set. 1894, p. 3; ed. 109, 11 maio 1914, p. 1.

Pequeno Jornal. Recife (PE), ed. 31, 8 fev. 1905, p. 1; ed. 140, 19 jun. 1920, p. 2; ed. 49, 2 mar. 1921, p. 1; ed. 104, 7 maio 1927, p. 3-4;

Publicador Maranhense. São Luís (MA), ed. 31, 2 nov. 1842, p. 1.

Relatórios do Ministério da Justiça. Rio de Janeiro (RJ), ed. 1, 1893, p. 216.

Revista da Semana. Rio de Janeiro (RJ), ed. 17, 8 abril 1933; ed. 186, 8 jul. 1933; ed. 38, 1 set. 1934, p. 8; ed. 55, 23 dez. 1939, p. 41;

Revista de Medicina. Rio de Janeiro (RJ), v. 37, n. 207, ago. 1953, p. 144.

Revista Médica Brasileira. Rio de Janeiro (RJ), ed. 6; v. 11, 1841, p. 613-616.

Revista Popular. Rio de Janeiro (RJ), ed. 10, 26 mar./10 jun. 1861, p. 223-229; ed. 14, abr./jun. 1862, p. 27.

The Chicago Medical Journal. J. Adams and Walter Hay Editors. Chicago: W.B. Keen, Cooke & Co Publishers, v. XXXII, p. 1, 1875. Disponível em:

https://archive.org/details/sim_chicago-medical-journal-and-examiner_1875-01_32_1/page/2/mode/2up?q=guarana. Acesso em: 14 set. 2022.

The Lancet (London), 27 jul. 1889, v. 134; ed. 3439, v. 134, 27 jul. 1889, p.179.

The practitioner: a jornal of therapeutics and public health. Londres: Macmillan and Co., 1873, p. 100- 102; 1873, p. 161-175.

The Western Medical Reporter (Chicago): v. 8, 11 ago. 1889, p. 189-190.

Vida doméstica. Rio de Janeiro (RJ), ed. 74 (1), mar. 1924; ed. 85, fev. 1925; ed. 98, abril 1926, p. 11; ed. 118, jan. 1928; ed. 129, dez. 1928; ed. 130, jan. 1929; ed. 159, jun. 1931; ed. 172, jul. 1932; ed. 180, mar. 1933; ed. 196, jul. 1934; ed. 197, ago. 1934; ed. 198, set. 1934;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA SUL-RIO-GRANDENSE DE MEDICINA. Disponível em: <http://academiademedicinars.com.br/cadeiras/jacy-carneiro-monteiro/>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- ADLER, D. **Você e a cirurgia plástica**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.
- ALMEIDA, C. M. de. **Perfis biográficos dos patronos da Academia Mineira de Medicina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/cadeira-20-patrono-renato-bracante-machado/>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- ALMEIDA JÚNIOR, A. Importância da cirurgia estética. **Revista da Faculdade de Direito de São Paulo**, v. 30, n. 3, 1934. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65350>. Acesso em: 12 out. 2019.
- ALMEIDA, N. M. A. de. **Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação feminina (1932-1945)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018
- ALONSO, A. O positivismo de Luís Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, [s,d.]. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/alonsopositivismo.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.
- ONU. **Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável**. Nações Unidas Brasil, 15 dez. 2020. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento-saudavel>. Acesso em 25 nov. 2021.
- AUSTREGÉSILO, A. **A neurastenia sexual e seu tratamento**. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1928.
- BADENOCH, A. W. Review: youth`s a stuff will not endure. *In*: HAMILTON, David. **The monkey gland affair**. London: Chatto and Windus, 1986.
- BALZAC, Honoré. **O elixir da longa vida**. Tradução e revisão: Departamento Editorial de Globus Editora. São Paulo: Globus, 2011.
- BARBOSA DE OLIVEIRA, Albino José. **Memórias de um magistrado do Império**; revistas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Baía, Porto Alegre: Brasiliense Biblioteca Pedagógica Brasileira; Companhia Editora Nacional, 1943.
- BARNABÀ, Enzo. **Il sogno dell`eterna giovinezza: vita e misteri di Serge Voronoff**. Formigine (Modena): Infinito edizioni, 2014.
- BAPTISTA, R. **Estatuto da pessoa idosa: lei é rebatizada para garantir inclusão**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/25/estatuto-da-pessoa-idosa-lei-e-rebatizada-para-garantir-inclusao>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- BARROS, Roque Spencer M. de. **A evolução do pensamento de Pereira Barreto**. São Paulo: Ed. Guijalbo, 1967.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Tradução Maria H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Begliomini, H. **Luiz Pereira Barreto**. São Paulo: Academia de Medicina de São Paulo. Disponível em: <https://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/1/BIOGRAFIA-LUIZ-PEREIRA-BARRETO.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

Bertucci, L. Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney *et al.* (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Unicamp, 2003.

BEVAN, A. D. Paraffinoma of nose and left eyelid. In: _____. **The surgical clinics of Chicago**. Filadelfia and London: W. B. Saunder Company, 1920.

BOBBIO, N. **O tempo de memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1977.

BORBA, B. L. de. **Práticas corporais de mulheres em revista**: representações de saúde e beleza no Jornal Moças (décadas de 1940 e 1950). Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre, “Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno” In: GASTALDO, Edison (org.). **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Entrevista a Anne-Marie Métailié. Tradução Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BRASÍLIO, Liza Aparecido. Um olhar sócio-histórico sobre a beleza: das amarras à alteridade. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Araraquara, 2007.

BRETAS, M. L. Teatro e cidade no Rio de Janeiro. In: CARVALHO, J. M. de; NEVES, L. M. B. P. (Orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos**: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Mulheres velhas: elas começam a aparecer. In: PINSK, C. B.; PEDRO, J. M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRUM, C. E. de. **A (des)mobilização de médicos na Grande Guerra**: o caso da Missão Médica Brasileira na França (1818-1819), 2018. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

BULLETIN scientifique, annexes et bulletin des intérêts professionnels ont été numérisés et indexés séparément afin de faciliter leur consultation. Exemplaire numérisé: BIU Santé (Paris). Acesso em Bulletin des sciences pharmacologiques: organe scientifique et professionnel [Bulletin scientifique]1902. Paris: [s.n.], 1902.

BUTLER, R. N. Age-ism: another form of bigotry. **The Gerontologist**, v. 9, n. 4, Part 1, p. 243–246, Winter, 1969. Disponível em: https://doi.org/10.1093/geront/9.4_Part_1.243. Acesso em: 29 dez. 2021.

CAIRUS, H. F.; RIBEIRO, J. R.; WILSON, A. **Textos hipocráticos**: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CARADÉC, V. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

- CABRAL, U. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021**. Disponível em: <http://www.agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- CASTRO, Aloysio de. **Academia Nacional de Medicina**. Disponível em: <https://www.anm.org.br/aloyisio-de-castro/>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- CASTRO, M. C.; GURZENDA, S.; TURRA, C. M. *et al.* Redução da expectativa de vida no Brasil após COVID-19. **Nat Med.**, v. 27, n. 9, p. 1629–1635, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41591-021-01437-z>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- CHALLAYE, F. **L`art et la beauté**. Paris: Fernand Nathan, 1929.
- CHAMAYOU, Grégoire. **Les corps vils: experimenter sur les êtres humains aux XVIII^e et XIX^e siècles**. Paris: Éditions La Découverte, 2008.
- CHERNOVIZ, P. L. N. **A grande farmacopeia brasileira: formulário e guia médico**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 1999. v. 2.
- CHERNOVIZ, P. L. N. **Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias**. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. v. 2, p. 173.
- CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer e a amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- CONDÉ, Mauro L. Paradigmas versus Estilo de Pensamento na História da Ciência. In: Figueiredo, Betânia G; CONDÉ, Mauro L (Orgs). **Ciência, História e Teoria**. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2005.
- COOTER, R. War and modern medicine. In: BYNUM, W. F.; PORTER, R. (Edits) **Companion Encyclopedia of the History of Medicine**. London and New York: Routledge, 1994. v. 2.
- CORREA, S. M. de S. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online], v. 17, n. 1, p. 165-184, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000100011>. Acesso em 15 dez. 2021.
- COUTINHO, A. **Belmiro de Lima Valverde**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/belmiro-de-lima-valverde>. Acesso em: 1 jan. 2021.
- CRELIER, Cristiane. Expectativa de vida dos brasileiros aumenta 3 meses e chega a 76,6 anos em 2019. Agência IBGE Notícias, 1 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- CUEVA, Róger Guerra García Cueva. Relación de tesis de doctorado de la Facultad Nacional Mayor de San Marcos (1900-1961). **Acta Herediana**, v. 59, n. 66. Outubro 2016. Disponível em: <https://revistas.upch.edu.pe/index.php/AH/article/view/3044>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- CUPERSCHMID, E. M.; CAMPOS, T. P. R. de. Dr. Voronoff's curios glandular xenoimplants. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 13, p. 737-760, July-Sept. 2007.
- D'HORTA, I. Gastrofía. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, RJ, 10. ed., p. 223-229, 10 mar.–10 jun. 1861

- DARMON, P. **O tribunal da impotência**: virilidade e fracassos conjugais na antiga França. Tradução Fátima Murad. Revisão técnica: Margareth Fago, Estella Bresciani. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DIEESE. Quem são os idosos brasileiros, **Boletim Especial**, n. 1, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial01.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- DIFERENÇA entre palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/v%C3%A9ia/v%C3%A9io/>. Acesso em: 1 set. 2022.
- DINES, A. **Morte no paraíso**: a tragédia de Stefan Zweig. 4. ed., ampl. Rio de Janeiro: ROCCO, 2012.
- DURKHEIM, É. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ECO, H. (Org.). **História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ECO, H. (Org.). **História da feiura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- EDLER, F. C. **A medicina no Brasil Imperial**: clima, parasitas e patologia tropical. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- ELIAS, N. **A solidão dos morimbundos**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FEITAL, J. M. de N. A experiência em medicina. **Revista Médica Brasileira**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 6, v. 11, p. 613-616, 1841.
- FELIPPE, G. **No rastro de Afrodite**: plantas afrodisíacas e culinárias. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionários**: José Pires Rebello. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rebelo-jose-pires>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- FILIZZOLA, M. **A velhice no Brasil**: etarismo e civilização. Rio de Janeiro (RJ): [s.n.], 1972.
- FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Tradução Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FRADIQUE, M. **Dr. Voronoff**. Vitória, ES: Secretaria Municipal de Cultura, 2017 [1925].
- FRAGA, C. **Erros e preceitos de medicina social**: aspectos médicos e paramédicos da vida social: formação de hábitos sadios: conselhos e sugestões. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1936.
- FRAGA, C. Velhice e senilidade. *In*: FRAGA, C. **Clínica médica**: lições e notas. 2. ed. Rio de Janeiro: Papelaria Venus, 1924. v. 1.
- FRAGOSO, João Marcolino. Clínica médica: a propósito das injeções de Brown Séquard. **O Brasil-Médico**. Rio de Janeiro (RJ), ano 7, n. 20, 22 maio 1893 p. 161-162.

- FRANCO, S. G. The aesthetics of degeneration and expressions of the alienated: readings from Júlio Dantas at the Rilhafoles Hospital. **Hist. cienc. Saúde -Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 727-744, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702017000300727&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.
- FRANCO, T.; REBELLO, C. **Cirurgia estética**. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Atheneu, 1977.
- FREYRE, G. **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GRMEK, M. **Claude Bernard et la méthode expérimentale**. Paris: Payot, 1991.
- GILBERT, A.; CARNOT, P. **Médicaments animaux: opotherapie**. Paris: Librairie J.-B. Baillière et fils, 1911.
- GILMAN, S. **Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery**. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- GIMAN, S. **Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery**. Princeton University Press, 1999, p. 22-24.
- GOETHE, J. W. G. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Tradução e organização: Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- GOIS JÚNIOR, E. A luta contra a morte: os corpos, modernidade brasileira e uma história da velhice, São Paulo e Rio de Janeiro, década de 1930. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 93-113, mar. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702020000100093&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 ago. 2020.
- GOIZET, L.-H. **La vie prolongée au moyen de la méthode Brown-Séguard**. Paris: Libraire Marpon & Flammarion, 1891.
- GOMES, A. C. V. **Uma ciência moderna e imperial: a fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.
- GOMES, P. A. Dr. Augusto Leite na medicina de Sergipe. *In: Dicionário biográfico de médicos de Sergipe*. Disponível em: <https://academiasergipanameicina.com.br/dicionariomedico/augusto.php>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- GRAVELLE, M. N. A. **Notice sur une nouvelle substance médicale appelée Paullinia**. Paris: [s.n.], 1840. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6148814t/f6.item.r=Notice%20sur%20une%20nouvelle%20substance%20m%C3%A9dicinale%20appel%C3%A9e%20Paullinia>. Acesso em: 14 set. 2022.
- GUARANA de dechastelus, pharmacien-inventeur. [s.d.]. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox?projector=1> Acesso em: 15 set. 2022.
- GUSMÃO, H. **Porque as mulheres envelhecem** 3. ed. [s.l.]: Oficinas de José Magalhães, 1938.
- H.C. TUKER E O HOSPITAL EVANGÉLICO DO RIO DE JANEIRO (HERJ). [s.d.]. Disponível em: www.metodistavilaisabel.org.br. Acesso em: 13 set. 2022.

- HAHNER, J. E. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940. Tradução Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- HOBSBAWN, E. **Sobre la historia**. Barcelona: Critica, 2002.
- JABLONKA, I. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas ciências sociais. Tradução Verónica Galíndez. Brasília: Editora UnB, 2020.
- JAWORSKI, H. **Como tornar-se mais jovem**: combate aos estigmas da velhice, com injeções de sangue jovem. Tradução Silvino Pacheco. [s.l.]: [s.n.], 1948.
- JÚNIOR, José Xavier de Almeida. **Leituras e lembranças**. Goiânia (GO): Editora Irmãos Oriente, 1971
- KAFKA, F. **Diários**: 1909-1923. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021.
- KOZMINSKI, M. A.; BLOOM, D. A. A brief history of rejuvenation operations. **J Urol.**, v. 187, n. 3, p. 1130-1134, mar. 2012.
- LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução Ivone Benedetti. São Paulo: Unesp, 2011.
- LAVEMBEBE. **Mães que abrem mão da carreira para cuidar exclusivamente dos filhos**: cada vez mais uma tendência. 2022. Disponível em: <https://lavembebe.com.br/blog/maes-abrem-mao-da-carreira-para-cuidar-dos-filhos/#:~:text=A%20secret%C3%A1ria%20executiva%20Fernanda%2C%20de,quando%20e%20gravidou%20do%20segundo%20filho>. Acesso em: 24 set. 2022.
- LEONZO, N. Dois amantes da natureza. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**: dossiê 130 anos de nascimento de Virgílio Alves Corrêa Filho (1887-2017), Cuiabá, MT, n. 79, p. 130-151, 2017.
- LEONZO, N. O casamento e a moral doméstica. In: PERARO, M.; BORGES, F. (Orgs.). **Mulheres e famílias no Brasil**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005.
- LEVAI, G. B. **Superanimal, infra-humano**: animalidade e gênero na leitura popular de práticas biomédicas na Primeira República. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/321622>. Acesso em: 1 dez. 2020.
- LIMA, R. R. **Terra de ninguém ou a terra de todo mundo?**: a opoterapia como recomendação para o tratamento de homossexuais detidos no Laboratório de Antropologia Criminal do Rio de Janeiro (1931-1951). 2016. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.
- LOEB, R. **História da cirurgia plástica brasileira**, São Paulo: MEDSI, 1993.
- LOPES, A. D.; LICHTENSTEIN, A. William Osler. **Rev. Med.**, São Paulo, v. 86, n. 3, p. 185-188, jul./set. 2007. Disponível em: http://medicina.fm.usp.br/gdc/docs/revistadc_118_185-88.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.
- LUCCOCK, J. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Tradução Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.
- LUCIANO. **Diálogo dos mortos**. Organização e tradução de Henrique G. Marachco. São Paulo: Edusp, 2008.

LOWY, I. “Ludwik Fleck and the history of science today”. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, I(1): 7-18, jul.-oct., 1994.

MARTIRE JUNIOR, L. **História da cirurgia plástica brasileira**. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://sbhm.webnode.com.br/products/historia-da-cirurgia-plastica>. Acesso em: 11 set. 2020.

MASÔ, J. A. O guaraná. **Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, p. 143-152, 1906.

MATOS, M.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSK, C.; PEDRO, J. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 126-147.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Osvaldo de Oliveira**. 2020. Disponível em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/763-Osvaldo_de_Oliveira. Acesso em: 11 set. 2020.

METCHNIKOFF, É. **Études sur la nature humaine**: essai de philosophie optimiste. Paris: Masson & Cie Éditeurs, 1903.

METCHNIKOFF, É. **The nature of man**: studies in optimistic philosophy. Tradução P. Charmers Mitchell. New York and London: G. P. Putnam's sons, 1905.

METCHNIKOFF, É. On the process of hair turning white. **Proceedings of the Royal Society of London (1854-1905)**, v. 69, p. 156–156, 1901. Disponível em: <https://archive.org/stream/philtrans04652358/04652358>. Acesso em: 25 out. 2019.

MONTAIGNE, M. de. **Ensaio**. Tradução e notas de Sérgio Millet. Revisão técnica e notas adicionais de Edson Querubini. Apresentação de André Scoralick. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 347-349. Edição integral.

MORAES, A. J. de M. **Fitografia ou botânica brasileira aplicada à medicina, às artes e à indústria**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1881.

MORANDO, E.M.G.; SCHMITT, J. C., FERREIRA, M. E. C.; MÁRMORA, C. H. C. O conceito de estigma de Goffman aplicado à velhice. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. **Revista INFAD de Psicologia**, Badajoz: INFAD, v. 12, n. 2, p. 21-32, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3498/349857778002/349857778002.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023

MOREIRA, M. R. M. **Cirurgia estética em menores**: capacidade e consentimento. 2016. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2016. Disponível em: <http://sbhm.webnode.com.br/products/historia-da-cirurgia-plastica>. Acesso em: 11 set. 2020.

MORTON, D. Migraine from injury to the head. **The practitioner**: a journal of therapeutics and public health. Londres: Macmillan and Co., 1873. p. 100-102. Disponível em: <https://archive.org/details/practitioner11londonoft/page/102/mode/2up?q=guarana>. Acesso em: 28 dez. 2021.

MOSCUCCI, O. **The science of woman**: gynaecology and gender in England (1800-1929). Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MILLER, N.L.; FULMER, B. R. Injection, ligation and transplantation: the search for the glandular fountain of youth. **J Urol.**, v. 177, n. 6, p. 2000-2005, jun. 2007.

NEVES, B. **A mulher e o diabo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

- NEVES, B. **O século XXI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- NEVES, B. Cirurgia plástica. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 11674, p. 3, 12 ago. 1944.
- NIETO, C. A. **Vejez y sociedade**: una aproximacion psicológica. 1984. Trabalho apresentado en el Curso Básico de Gerontología y Geriatria organizado por el Colegio Médico del Perú y la Sociedad de Gerontología y Geriatria del Perú, en 1984. Disponível em: <http://repebis.upch.edu.pe/articulos/Geronto/v2n8/a3.pdf> Acesso em: 29 nov. 2022.
- O DR. ALOYSIO DE CASTRO EM BUENOS AIRES. **O País**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 13358, p. 3, 17 maio 1921.
- OFICIAL A. de la F-N. V. Uma campanha global para combater o preconceito de idade. **Bull World Health Organ**, v. 96, n. 4, p. 295-296. 1 abr. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29695887/>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- OTT, I. **Dr. Brown-Séguard**. October 1, 1896. p. 1-8. Disponível em: <https://archive.org/details/101485900.nlm.nih.gov>. Acesso em: 8 jan. 2020.
- PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1988.
- PEREIRA, A. M. R. **Estudo do impacto da descoberta dos raios-X e das suas aplicações médicas em Portugal**, Dissertação (Mestrado em Química) - Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. p. 29-30.
- PIMENTEL, I. da S. **Azevedo Sodré**. [s.d.]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SODR%C3%89,%20Azevedo.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- PITA, João Rui. **A escola de Farmácia de Coimbra (1902-1911)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.
- PITKIN, W. B. **A vida começa aos quarenta**. Tradução Érico Veríssimo. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.
- POLI NETO, P.; CAPONI, S. N. C. **A medicalização da beleza**. set./dez. 2007. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-32832007000300012&Ing=en&nrm=iso. Acesso em: 20 dez. 2020.
- PORTER, R. **The greatest benefit to mankind**: a medical history of humanity from Antiquity to the present. London: Fontana Press; Harper Collins Publisher, 1999.
- PORTER, R. The patient`s view: doing medical history from below. **Theory and Society**, v. 14, n. 2, p. 175-198, 1985.
- PREITE SOBRINHO, W. **Brasileiro com mais de 50 tem mais medo de ficar feio que pobre, diz estudo**. Disponível em: <https://www.ilocomotiva.com.br/single-post/2019/04/25/UOL-Brasileiro-com-mais-de-50-tem-mais-medo-de-ficar-feio-que-pobre-diz-estudo>. Acesso em: 27 fev. 2020.
- REBELO NETTO; MALBEC, E. P. **Inclusões em cirurgia plástica**: tema oficial do Primeiro Congresso Latino-Americano de Cirurgia Plástica. Rio de Janeiro, São Paulo, julho de 1941. p. 180-187.
- REGGIANI, Andrés Horacio. **God`s eugenicist**. New York: Berghahn Books, 2006.

RELAÇÃO dos vereadores que fizeram parte da Câmara Municipal de Cabo Frio:1830-2020. Disponível em: https://cabofrio.legislativomunicipal.com/arquivos/25341/EX-VEREADORES__2019_0000001.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

ODRIGUES, N. **O óbvio ululante**: as primeiras confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROTTERDAM, E. **Elogio da loucura**: encomium moriae. Tradução Paulo M. Oliveira. Versão para eBookLibris. Fonte digital: Atena. 1511.

SÁ, D. M. de; SÁ, M. R.; LIMA, N. T. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 3, p. 779-810, set./dez. 2008.

SÁ, H. de. Necrologia: Brown-Séguard. **O Brasil-Médico**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 13-16, p. 19, 1894.

SAMARONE, A. **O erro médico que abalou Aracaju**. Disponível em: <http://blogdesamarone.blogspot.com/2020/12/o-erro-medico-que-abalou-aracaju.html>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SANT'ANNA, D. B. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTONI-RUGIU, P.; SYKES, J. P. **A history of plastic surgery**. Berlin, Heidelberg New York, 2007.

SCHÄFER, L.; SCHNELLE, T. Introdução: fundamentação da perspectiva sociológica de Ludwik Fleck na teoria da ciência. In: FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**: introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento. Tradução Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

SILVA, G. P. da. Do cretino ao gênio. **A Noite**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 11887, p. 2, 18 mar. 1945.

SILVA, S. C. da. Cirurgia plástica do nariz e da face. **O Brasil-Médico**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 32, p. 96-97, 1922.

SILVA, M. R. N. Em foco a galeria dos condenados da casa de correção: diferentes modos de ver. **L'Ordinaire des Amériques** [Online], n. 219, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/orca/2266>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SOUZA, E. B. **Do asilo de mendicidade ao Hospital São Francisco de Assis**: a cidade e a saúde (1876-1922). Dissertação (Mestrado em Ciências em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/826399.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021

STAMBLER, I. The Unexpected outcomes of anti-aging, rejuvenation, and life extension studies: an origin of modern therapies. **Rejuvenation Research**, v. 17, n. 3, p. 297-305, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ilia-Stambler/publication/260193384_The_Unexpected_Outcomes_of_Anti-Aging_Rejuvenation_and_Life_Extension_Studies_An_Origin_of_Modern_Therapies/links/58d3a7cdaca2723c0a78fdf7/The-Unexpected-Outcomes-of-Anti-Aging-Rejuvenation-and-Life-Extension-Studies-An-Origin-of-Modern-Therapies.pdf . Acesso em: 23 jul. 2022.

STEIN, T. **Véio da Havan**. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/veio-da-havan/>. Acesso em: 1 set. 2022.

STEPAN, N. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Tradução Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STHOLZ, P. O. **Eunucs and crastrati**: a cultural history. Tradução John A. Broadwin e Shelley L. Frisch. Princeton: Markos Wiener Publishers, 2001.

STONER K. L. **Cuban and Cuban-American women**: na annotated bibliography. Wilmington, DE: SR Scholarly Resources Inc., 2000. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Tn8s-vvxanoC&pg=PA78&lpg=PA78&dq=maria+julia+de+lara+Salud+y+belleza&source=bl&ots=FXyqO_9Ib9&sig=ACfU3U38_8Y75YJWJikd2gXw29RV2PXIXQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiAxoOizoL1AhWFC9QKHW3yBOUQ6AF6BAgMEAM#v=onepage&q=maria%20julia%20de%20lara%20Salud%20y%20belleza&f=false.

TANSEY, E. M. The physiological tradicion. *In*: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 1.

TEIVE, Hélio A. G. et al. Letters from Dom Pedro II to professor Brown-Séguard: imperial correspondence and neurophysiology. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 70, n. 8, p. 633-636, ago. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2012000800014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 jan. 2020.

TEIXEIRA, L. A. **Ciência e saúde na terra dos bandeirantes**: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período de 1903-1916. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

TENÓRIO, P. G. **O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde**: um romance indicial, agostiniano e prefigural. Dissertação (Mestrado Teoria da Literatura) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

THANE, P. Geriatrics. *In*: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 2.

THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica da história. *In*: THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALLE, J. R. do. **Thales Martins**: pioneiro da endocrinologia experimental. 2001. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah%2Fiah.xis&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=304881&indexSearch=ID>. Acesso em: 30 dez. 2020.

VELOSO, A. **Envelhecimento da população brasileira abre oportunidade para a indústria de cosméticos**. 2016. Disponível em: <https://www.brazilbeautynews.com/envelhecimento-da-populacao-brasileira-abre,1591>. Acesso em: 30 dez. 2020.

VIANNA, A. A nacionalização dos nossos produtos farmacêuticos. **Arquivos de Biologia**, ano 12, n. 138, p. 95, abr. 1928.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, Georges; HOLT, “Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX.” *In*: **História do Corpo** – volume 2; tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen, 4. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. p. 393-478.

VIGARELLO, Georges. *Le sain et le malsain. Santé et mieux-être depuis le Moyen âge*. Paris:Éditions du Seuil, 1993.

WEATHERALL, M. Drug therapies. In: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 2.

WEIL, S. **Contra o colonialismo**. Apresentação Valérie Gérard. Posfácio Maria Clara Lucchetti Biegemer. Tradução Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

WELBOURN, R. B. Endocrine diseases. In: BYNUN, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 1.

WEISZ, George. The emergence of medical specialization in the nineteenth century. In: **Bulletin of the history of medicine**, v. 77, n. 3, p. 536-575, 2003.

WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de Maria de Lurdes Sousa Ruivo. [s.l.]: Abril Controljornal, 2000.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barcellos. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

WOLFENSON, M. **Um século de cirurgia plástica no Brasil**. Porto Alegre: Imagens da Terra, 2005.

WUJASTYK, D. Indian medicine. In: BYNUM, W. F.; PORTER, R. (Eds.). **Companion encyclopedia of the history of medicine**. London/New York, Routledge, 1977. v. 2.

ZAN, J. C. **Ramalho Ortigão e o Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.